ANITA GARIBALDI - A GUERREIRA DAS REPÚBLICAS

SUMÁRIO

INDICE . . . . pg

PREFACIO . . . . pg

APRESENTAÇÃO . . . . .pg

CAPITULO I - AS ORIGENS FAMILIARES . . . . pg

CAPITULO II - O LOCAL E A DATA DE NASCIMENTO DE ANINHA . . . . pg

CAPITULO III - JOVEM, ANINHA ADQUIRIU CONSCIENCIA REPUBLICANA . . . . pg

CAPITULO IV - ANINHA CASOU-SE COM O SAPATEIRO MANUEL DUARTE DE AGUIAR . . . . pg

CAPITULO V - ANTES DA INVASÃO, ANINHA FOI ABANDONADA PELO MARIDO . . . . pg

CAPITULO VI - ANINHA ASSISTIU A INVASÃO DE LAGUNA . . . . pg

CAPITULO VII - NO ENCONTRO DE ANINHA COM GARIBALDI, NASCEU A ANITA . . . . pg

CAPITULO VIII - REVELOU-SE A CORAGEM DA GUEREIRA REPUBLICANA . . . . pg

CAPITULO IX - DERROTADA, ANITA ABANDONOU LAGUNA DEFINITIVAMENTE . . . . pg

CAPITULO X - EM CURITIBANOS ANITA FOI PRESA E FUGIU . . . . pg

CAPITULO XI - GRAVIDA, NO RS ANITA PARTICIPOU DE MARCHAS E BATALHAS . . . . pg

CAPITULO XII - ANITA CONCEBEU, E PARA NÃO SER PRESA FUGIU COM O FILHO . . . . pg

CAPITULO XIII - MORTE POR FOME E FRIO NA "PICADA DAS ANTAS". ANITA SAIU DO BRASIL . . . . pg

CAPITULO XIV - ANITA NO

URUGUAI . . . . pg

CAPITULO XV - ANITA PARTIU PARA ITALIA . . . . .pg

CAPITULO XVI - ANITA CHEGOU A GENOVA, NA ITALIA . . . . pg

CAPITULO XVII - ANITA REENCONTROU-SE COM GARIBALDI EM NIZZA, ITALIA . . . . pg

CAPITULOXVIII- ANITA E GARIBALDI RECUSARAM-SE DEPOR ARMAS. ACOMPANHADOS POR 4700 LEGIONARIOS RETIRARAM-SE DE ROMA . . . . pg

CAPITULO XIX - DOENTE, ANITA RECUSOU SEPARAR-SE DE GARIBALDI . . . . pg

CAPITULO XX - ANITA FALECEU. FOI SEPULTADA SETE VEZES . . . . pg

TRANSCRIÇÃO DO PROCESSO QUE RECONHECEU A NATURALIDADE LAGUNENSE E A NACIONALIDADE BRASILEIRA DE ANITA GARIBALDI, COM AUTORIZAÇÃO PARA O REGISTO DE NASCIMENTO TARDIO . . . . pg

EPÍLOGO . . . . pg

CRONOLOGIA . . . . pg

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . pg

PREFÁCIO

(TEXTO DO PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

GILMAR KANESEL)

ANITA GARIBALDI - A GUERREIRA DAS REPÚBLICAS

INDICE

PREFACIO . . . . .pg

APRESENTAÇÃO . . . . .pg

CAPITULO I - AS ORIGENS FAMILIARES . . . . pg
- De Laguna partiu a colonização do sul do Brasil . . . . pg
- Os pais e avós de Anita. . . . . pg
- Bento Ribeiro da Silva, o pai, era tropeiro. . . . .
- Os pais conheceram-se no Poço Grande do Rio Tubarão e casaram-se em Lages . pg

CAPITULO II - O LOCAL E A DATA DE NASCIMENTO DE ANINHA . . . . pg
- Aninha teve nove irmãos . . . .

. . . . pg
- 178 anos após, Laguna registrou o nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro . . pg

CAPITULO III - JOVEM, ANINHA, ADQUIRIU CONSCIÊNCIA REPUBLICANA . . . . . pg
- Em Morrinhos uma vida sadia e livre . . . . pg
- O pai faleceu quando era menina moça . . . . pg
- As pregações do tio Antônio, o ativista republicano . . . . pg
- A Regência da Monarquia criou insatisfações no Sul . . . . .pg
- Perseguido pela Monarquia, o tio de Aninha teve sua casa incendiada . . . . pg
- A primeira carta de Aninha . . . . pg

CAPITULO IV - ANINHA CASOU-SE COM O SAPATEIRO MANUEL DUARTE DE AGUIAR. . . . . pg
- Esbelta e indômita, Aninha atraiu a atenção masculina . . . . pg
- Aninha foi coagida a casar-se . . . . .pg
- No Rio Grande do Sul eclodiu a Revolução Farroupilha . . . . pg
- O desastroso casamento com Manuel Duarte de Aguiar . . . . .pg

CAPITULO V - ANTES DA INVASÃO ANINHA FOI ABANDONADA PELO MARIDO . pg
- Anos antes da invasão Laguna conspirou contra a Monarquia . . . . pg.
- Em 1836, a guarda lagunense recusou-se combater os republicanos . . . . pg
- O marido alistou-se no Exército Imperial, abandonando Aninha . . . . pg

CAPITULO VI - ANINHA ASSISTIU A INVASÃO DE LAGUNA . . . . pg
- Antes de Garibaldi chegar, Laguna foi assediada pelos republicanos lageanos . . . . pg
- Giuseppe Garibaldi . . . . pg
- A travessia do Seival por terra, puxado por cem juntas de boi . . . . pg
- Garibaldi naufragou próximo a foz do rio Mampituba . . . . pg

- Apenas com o Seival, Garibaldi surpreendeu e tomou Laguna . . . . pg
- Laguna festejou a chegada dos Republicanos Riograndenses

CAPITULO VII - NO ENCONTRO DE ANINHA COM GARIBALDI, NASCEU A ANITA . . . . pg
- O infeliz matrimônio preparou Aninha para uma grande paixão . . . . pg
- Aninha foi ao *Te Deum* para conhecer os chefes farroupilhas . . . . pg
- Laguna proclamou a independência do Estado Catarinense . . . . pg
- Garibaldi preparou a defesa de Laguna . . . . pg
- Garibaldi encontrou-se com Aninha. Transformou-se em Anita . . . . pg

CAPITULO VIII - REVELOU-SE A CORAGEM DA GUEREIRA REPUBLICANA - . . . . pg
- Duas Repúblicas dependiam do Porto de Laguna . . . . pg
- O relacionamento tornou-se público . . . . pg
- Anita embarcou em corso para romper o bloqueio do Porto . . . . .pg
- A bordo, Anita fez exercícios de tiro e preparou-se para as batalhas . . . . pg
- Aconteceram os primeiros confrontos navais . . . . pg
- Na enseada de Imbituba, o batismo de fogo . . . . pg
- Um tiro de canhão atingiu Anita . . . . .pg
- Vitoriosos, Anita e os republicanos retornaram à Laguna . . . . pg

CAPITULO IX - DERROTADA, ANITA ABANDONOU LAGUNA DEFINITIVAMENTE. . pg
- Preparou-se a reação do Império contra a República Catarinense . . . . .pg
- Chefe Militar e Governo Civil não se entenderam na República Juliana . . . . pg
- Contrariado, Garibaldi comandou o saque à Imaruí . . . . pg
- Espiões do Império acusaram Anita e Garibaldi . . . . pg
- Republicanos previram que deveriam abandonar Laguna . . . . pg
- A batalha naval de 15 de

novembro . . . . pg
- Na fuzilaria, Anita salvou as munições republicanas. Garibaldi ateiou fogo nos navios pg
- Derrotados Anita e os republicanos abandonaram Laguna. . . . . pg

CAPITULO X - EM CURITIBANOS ANITA FOI PRESA E FUGIU . . . . .pg
- Os republicanos dividiram seu exército . . . . .pg
- 500 farrapos republicanos derrotaram 2.000 monarquistas na batalha de Santa Vitória. pg
- Anita passou o natal de 1839 em Lages . . . . .pg
- Um tiro arrancou- lhe mecha de cabelo. Anita foi presa em Curitibanos . . . . pg
- Anita procurou o corpo de Garibaldi entre os mortos . . . . .pg
- Anita burlou a vigilância e fugiu . . . . pg
- Anita refugiou-se em Lages e reencontrou Garibaldi . . . . .pg

CAPITULO XI - GRAVIDA, NO RS, ANITA PARTICIPOU DE MARCHAS E BATALHAS . pg
- Anita ouviu as pregações Republicanas de Luighi Rossetti. . . . . pg
- Grávida, Anita quis lutar na batalha do Taquari, mas foi impedida por Bento Gonçalves pg
- "Ide e dizei como os livres pagam suas dívidas". . . . . pg

CAPITULO XII - ANITA CONCEBEU, E PARA NÃO SER PRESA FUGIU COM O FILHO pg
- Nasceu o filho Menotti . . . . pg
- Semi-vestida, com o recém nascido no colo, Anita fugiu a cavalo, para não ser presa . pg
- O confidente e amigo Luighi Rosseti preferiu morrer lutando a entregar sua espada . . pg

CAPITULO XIII - MORTE POR FOME E FRIO NA "PICADA DAS ANTAS" - ANITA SAÍU DO BRASIL . . . . pg
- Perdidos na floresta, morreram mulheres e crianças . . . . .pg
- Anita e os Republicanos chegaram em São Gabriel . . . . .pg
- Anita melhorou seus conhecimentos . . . . pg

- Garibaldi, Anita e Menotti partiram para o Uruguai levando 900 bois . . . . pg

CAPITULO XIV - ANITA NO URUGUAI . . . . pg
- O Uruguai lutava por sua República . . . . pg
- Garibaldi desentendeu-se com autoridades brasileiras . . . . pg
- Anita surpreendeu nos assuntos políticos . . . . pg
- O casamento de Anita com Garibaldi . . . . pg
- A magnitude de Garibaldi fez sua família penar . . . . pg
- Mãe e esposa... ciumenta ! . . . . pg
- No Uruguai nasceram três filhos . . . . pg
- A filha Rosita morreu em seus braços . . . . pg

CAPITULO XV - ANITA PARTIU PARA ITALIA . . . . pg
- A prudência de Anita. . . . . pg
- Anita impôs condição para partir de Montevidéu . . . . pg
- O único e verdadeiro retrato de Anita . . . . pg

CAPITULO XVI - ANITA CHEGOU A GENOVA, NA ITALIA . . . . pg
- A chegada de Anita foi notícia de jornal . . . . pg
- A inteligência de Anita surpreendeu os italianos . . . . pg
- Anita discursou em italiano para uma multidão . . . . pg
- Anita e os filhos conheceram a mãe de Garibaldi. . . . . pg
- Altiva e prudente, Anita não aceitou oferta do rei Carlos Alberto . . . . pg

CAPITULO XVII - ANITA REENCONTROU-SE COM GARIBALDI EM NIZZA, ITALIA. . .pg
- Garibaldi partiu para a Itália sem saber como seria recebido . . . . pg
- Em Nizza, Anita aprimorou-se . . . . pg

- Garibaldi pregou a unificação italiana . . . . .pg
- Anita participou da batalha de Luino. . . . . pg
- Proclamada a República Romana . . . . .pg
- Anita tornou-se amiga do padre republicano Ugo Bassi . . . . pg
- Anita rompeu o cerco e entrou em Roma para lutar pela República Romana. . . . . pg

CAPITULO XVIII - ANITA E GARIBALDI RECUSARAM-SE A DEPOR AS ARMAS
ACOMPANHADOS POR 4.700 LEGIONÁRIOS, RETIRARAM-SE DE ROMA . . . . . . pg
- Anita combateu em Roma . . . . .pg
- A retirada de Roma . . . . .pg
- Mesmo grávida e doente, Anita cavalgou e lutou contra os austríacos . . . . pg

CAPITULO XIX - DOENTE, ANITA RECUSOU SEPARAR-SE DE GARIBALDI . . . . .pg
- Garibaldi dissolveu sua Legião, mas recusou-se embainhar a espada. . . . . .pg
- Bastante doente, Anita insistiu acompanhar Garibaldi. . . . . pg
- Anita ditou sua última carta . . . . pg
- Companheiros foram presos e fuzilados . . . . .pg
- As últimas horas de vida de Anita . . . . pg
- "Não, não ela não está morta" . . . . pg

CAPITULO XX - ANITA FALECEU. FOI SEPULTADA SETE VEZES . . . . .pg
- No primeiro sepultamento foi arrastada por uma corda amarrada no pescoço . . . . . . .pg
- Segundo sepultamento de Anita . . . . pg
- Terceiro sepultamento de Anita . . . . pg
- Quarto sepultamento de Anita . . . . pg
- Quinto sepultamento de Anita . . . . pg
- Sexto sepultamento de Anita . . . .

. . . . pg
- Sétimo sepultamento de Anita . . . . pg

TRANSCRIÇÃO DO PROCESSO QUE RECONHECEU A NATURALIDADE LAGUNENSE E A NACIONALIDADE BRASILEIRA DE ANITA GARIBALDI, COM AUTORIZAÇÃO PARA O REGISTO DE NASCIMENTO TARDIO . . . . pg
- Transcrição da Petição Inicial . . . . pg
- Transcrição do Parecer do Ministério Público . . . . pg
- Transcrição da Sentença . . . . pg

EPÍLOGO . . . . pg

CRONOLOGIA . . . . pg

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS . . . . pg

DEDICAÇÃO

Esta obra é dedicada à minha companheira Ivete e ao meu filho Lucas, pois foram suas paciência, compreensão e espírito de renúncia que incentivaram-me a escreve-la, auxiliando-me decididamente durante o longo período de coleta de dados , pesquisa e transcrição.

AGRADECIMENTOS ...

Embora sejam os autores que escrevem as obras, suas publicações somente são possíveis graças ao trabalho de uma equipe. Neste caso, o conjunto de pessoas que despretenciosamente colaboraram, foi significativo. Impele-me consignar seus nomes para perpetuar meu sentimento de profunda gratidão.
Antes, porém, um registro especial de gratidão deve ser creditado ao deputado Gilmar Knasel, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, ao Reitor da UDESC, Dr. Raiumundo Zumblick e ao Diretor da IOESC- Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, Sr. Eduardo _________, que compreendendo a importância de resgatar-se a memória da maior Heroína brasileira, envidaram todos os esforços possíveis para que esta publicação fosse realizada.
Igual pleito de gratidão consigno ao Desembargador Carlos Prudêncio; à Prof. Ada Coelho Mignoni; à Sonia Arruda - funcionária da Assembléia Legislativa; ao Dr. Vilmar Sutil da Rosa - advogado em Laguna; à jornalista Paula Trevisam; ao artística plástico Artur Cook; ao advogado Dr. Alexandre Heleodoro; ao advogado Dr. Maurício D.M.Zanotelli; ao museólogo de Lages Danilo Tiago

de Castro; ao professor e diretor do Colégio JK de Curitibanos Prof. Gualdino Busato; ao ex-vice-ministro italiano Prof. Giovanni Meo Zilio; ao funcionário do Consiglio Regionale del Veneto, com sede em Veneza - Italia, Mário Costantini; ao acadêmico da Universidade de Trento - Italia Lorival Belle; ao artísta plástico Luiz Lauro Pereira; ao capitão da Marinha brasileira Luiz Carlos Mello de Oliveira; ao fotógrafo de Imbituba Luciano Correia; ao jornalista e proprietário do Jornal Imbituba News Giuliano Albuquerque; à jornalista Marcia Cristina S. Oliveira; ao artísta plástico Willy Zumblick; ao artista plástico Cláudio Carpes (*in memorian);* ao fotógrafo e proprietário da Foto Bacha, de Laguna Karin Bacha, à Prof. Maria Paula Marques Martins e ao museólogo de Laguna Antonio Carlos Marega.

O Autor.

ANITA GARIBALDI - A GUERREIRA DAS REPÚBLICAS

Capitulo I - AS ORIGENS FAMILIARES

DE LAGUNA PARTIU A COLONIZAÇÃO DO SUL DO BRASIL

Foram os bandeirantes portugueses que iniciaram a ocupação do Sul do Brasil, durante o processo de consolidação da conquista do território e de expansão das divisas acordadas pelo Tratado de Tordesilhas e dos demais que se seguiram, firmados que foram pelos então reinos de Portugal e Espanha. A partir de Laguna, organizaram-se diversas expedições visando a ocupação meridional do território sulista, em nome da Coroa Portuguesa. Laguna era o último povoado do Sul. Daí sua importância estratégica para ocupar o território do atual estado do Rio Grande do Sul, ameaçado que estava pela colonização espanhola, que iniciava adentra-lo pela bacia do Prata.

Para tomar posse e colonizar a região depois conhecida como Colônia de S. Pedro e parte da Colônia do Sacramento, centenas de lagunenses, na maioria das vezes acompanhados de suas esposas e familiares, participaram destas expedições, o que fez com que, em diversos momentos da sua história, Laguna ficasse com uma população reduzida a crianças, idosos e poucas mulheres. Famílias tradicionais, cujos membros e sucessores foram posteriormente os responsáveis pela construção da história e epopéia

riograndense como os Peixoto, Amaral, Silva, Almeida, Pinto, Ribeiro, Antunes, Magalhães, Pereira, Silveira, Andrade, Abreu, Salvador, Souza, Cabral, Melo, Dias, Azevedo, Bento, Ribeiro, e muitas outras, partiram do antigo povoado de Santo Antônio dos Anjos da Laguna para o início da construção da epopéia sulista. A ocupação sulista, a partir do povoado de Laguna, tinha o claro propósito de plantar novos centros populacionais nos imensos espaços vazios, que se alongavam de Laguna aos domínio espanhóis platenses, como forma de cumprir o desejo de Lisboa de garantir a posse da ainda inabitada área. Este vasto território era rico em gado e cavalares, cujas matrizes haviam sido trazidas e ali soltas para criarem-se alçadas pela Casa de Castela e pelos jesuítas das reduções missionárias que estabeleceram-se na região banhada pelo Rio Uruguai. Foi no início do século de 1700 que os primeiros lagunenses estabeleceram-se em Viamão, onde formaram as primeiras estâncias sem arramados, dali fazendo incursões até às proximidades de Maldonado, no Uruguai de hoje, para recolherem o abundante gado xucro existente nas pradarias que encontraram. Ao peso de muitas vidas, enfrentaram com sucesso os primitivos proprietários da terra, os índios charruas e os minuanos, que anos antes já haviam repelido tentativas de ocupação que foram realizadas pelo Governador do Paraguai, na época sede dos domínios de Castela, que compreendia a vasta área entre Buenos Aires e o Peru.

A epopéia lagunense, ainda não conhecida e devidamente difundida pela maioria dos livros e currículos escolares, é reconhecida por expoentes pesquisadores e nativistas riograndenses, que são unânimes em reconhecer que o tipo gaúcho foi fecundado com o sêmen da coragem lagunense e gestado no ventre do espírito libertário dos índios charruas, carijós e minuanos. A expressão contida na bandeira do atual Município de Laguna, traz uma inscrição latina que traduz toda a gloriosa epopéia de seu pioneiro povo, afirmativa de que para o sul levou o Brasil: "Ad Meridiem Brasiliam Duxi".

FOTO 00: BANDEIRANTE PORTUGUES - INDIO MINUANO - GAUCHO

Quer seja pelas dificuldades geográficas da então possessão portuguesa, quer pelas enormes distâncias de seu vasto território, ou ainda pelos precários e quase inexistentes meios de comunicação, as estruturas governamentais eram raras. Para exemplificar e ter-se melhor compreensão desta obra, deve ser recordado que no início do século passado, época destes fatos, não existiam os cartórios de registro civil, nos moldes que estão implantados hoje. Tal função era feita exclusivamente pela Igreja Católica, que lavravam em registros próprios os atos da vida civil, em forma de fatos religiosos, de cada uma de suas respectivas paróquias.

Diversas foram as pesquisas feitas para desvendar as origens dos pais de Ana Maria de Jesus Ribeiro, depois conhecida como Anita Garibaldi, todas, porém sem muito sucesso, tendo em vista a distância de tempo ocorrida entre o início e o final destes cinco séculos de nossa história, associado ainda pela precariedade e quase inexistência dos registros públicos da estrutura organizacional das capitanias hereditárias e do vice-reinado brasileiro.

OS PAIS E AVÓS DE ANITA

Assim, embora alguns historiadores e pesquisadores tenham tentado, não foi possível até o presente momento encontrar as origens familiares mais distantes de Bento Ribeiro da Silva, o pai de Anita. Sobre ele descobriu-se apenas que era brasileiro, natural de S. José dos Pinhais, no Paraná, e que era filho de Manoel Colaço e de Angela Maria.

Melhor sorte foi obtida quando foram pesquisadas as origens da mãe de Anita, D. Maria Antonia de Jesus Antunes, restando comprovado ser filha de Salvador Antunes e de Quitéria Maria de Souza. Os Antunes haviam migrado de S. Paulo, onde nasceu Salvador, tendo fixado residência em S. José dos Pinhais em data desconhecida. Quitéria Maria de Souza era filha de Antonio Jose de Souza, originário da Ilha de S. Miguel, nos Açores - Portugal.

Segundo registrado pelo historiador Amádio Vetoretti, (1), em 1803 as plantações de Salvador Antunes, localizadas nas margens do Rio Tubarão, teriam sido atacadas por índios. Em 1807, o mesmo Salvador Antunes teria recebido uma sesmaria de terras, por doação, naquelas cercanias. Seu registro de óbito consta que faleceu em 05.10.l830, em Laguna. Por dedução lógica, tais fatos levam o autor a acreditar que Bento Ribeiro da Silva conheceu Maria Antonia de Jesus Antunes nas cercanias de onde encontra-se a cidade de Tubarão, levando-a para esposar em Lages.

A origem da cidade de Tubarão está ligada a construção de uma estrada que ligava a Vila de Lages à Vila de Laguna. Talvez porque a tivesse encontrado no caminho da Laguna/Lages, durante suas tropeadas, ou talvez porque a conheceu em Lages, após para lá ter migrado, a verdade é que Bento Ribeiro da Silva, em 13.06.l815, na "Freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages", casou-se com Maria Antônia de Jesus Antunes, natural da então Vila da Laguna, que após o casamento, ficou sendo conhecida pela alcunha de "Maria Bento".

BENTO RIBEIRO DA SILVA, O PAI, ERA TROPEIRO

Pode-se afirmar que, quer seja pelos sobrenomes de seus antepassados, quer seja pela conhecida origem lusa de sua mãe, Anita era descendente de portugueses que já estavam radicados desde muitos anos no Brasil.

Bento Ribeiro do Silva, por ser bastante alto, corpulento e por demonstrar grande disposição e habilidade para as lidas com tropeadas de gado, ficou conhecido em todos os caminhos de tropas como "Chico Bentão" ou, simplesmente, "Bentão". Pelas dificuldades de comunicação da época, e dado a natureza de seu trabalho como tropeiro, que cruzava por estradas diferentes e distantes, tornou-se uma espécie de porta-voz, trazendo e levando notícias sobre as novidades políticas, narrando os acontecimentos de uma região para a outra. Assim, também ficou conhecido como sendo um "politiqueiro" (2) .

Naquela época, os campos de Viamão, localizados no Rio grande do Sul, produziam muito gado, e necessitavam transporta-los por estradas, que nada mais eram do que grandes picadas, cujo destino final eram Sorocaba e S. Paulo. Também o Planalto Serrano tinha sua economia alicerçada na criação bovina, cujas tropas eram conduzidas aos mesmos mercados. Após chegarem aos centros consumidores, os animais eram abatidos e sua carne era transformada em charque, destinado a alimentar a força do trabalho escravo existente nos canaviais, engenhos e minas das províncias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Gerais.

As lideranças econômicas de Lages necessitavam de um porto mais próximo para receber o sal, tecidos, ferramentas e outros manufaturados que consumiam. Também necessitavam escoar suas produções de couro, sebo, charque, pinhão e outras mercadorias que produziam. Distante do litoral e verificando que Laguna oferecia maior proximidade portuária, a Câmara de Vereadores de Lages, no ano de 1773, patrocinou a abertura de uma nova estrada, um novo caminho para as tropas subirem e seus produtos descerem a serra.

Como o Sul era o grande produtor de gado, e o transporte era feito por estas rústicas estradas, a atividade gerou a profissão do "tropeiro", que pacientemente, de passo em passo, tinham a responsabilidade de conduzir e deslocar os rebanhos bovinos do sul para o norte, atravessando extensas regiões das províncias sulistas.

Muitas vezes os rebanhos eram abatidos, salgada sua carne e embarcada em cidades portuárias em direção ao norte. No sul do Brasil, no início do Século XIX, existia o Porto de Rio Grande, que liderava a produção e exportação de charque. O porto de Laguna também exportava charque, porém em menor quantidade, mas, por sua posição geográfica, era o segundo porto em importância de todo o Sul, daí decorrendo naturalmente que fosse transformada na principal cidade portuária da província de Santa Catarina. E era necessário, portanto, para lá conduzir mercadorias para serem embarcadas, cujo transporte também era feito em lombo de burros e em rudes carretas puxadas por juntas de bois. Da cidades portuárias retornavam com ferramentas agrícolas, tecidos, sal, manufaturados os mais diversos, oriundos dos grandes centros ou importados de outros países. Os tropeiros, assim, quando seguiam com tropas, voltavam com mercadorias, ou vice-versa.
Esta era a atividade econômica principal de Chico Bentão, que tropeava gado entre a região serrana, na vasta região que vai de Viamão (RS) até Sorocaba (SP), ali compreendido o litoral de Viamão (RS) à Laguna (SC) e o planalto serrano de Vacaria (RS) até S. José dos Pinhais (PR).

As dificuldades geográficas entre a serra e o litoral faziam os tropeiros demoravam-se por muitas semanas, e as vezes por meses para vencerem estas distâncias com suas tropas. Dado o caráter quase que nômade desta profissão, e embora não fosse uma prática comum, era encarado com naturalidade que alguns tropeiros levassem consigo suas esposas e filhos, que acabavam auxiliando durante as tropeadas, quer no manejo, zelo e condução do gado, quer nas lidas dos rápidos e improvisados acampamentos.

FOTO 01: MAPA DO CAMINHO DAS TROPAS

OS PAIS CONHECERAM-SE NO "POÇO GRANDE DO RIO TUBARÃO" E CASARAM-SE EM LAGES.

Em uma destas tropeadas, provavelmente quando passou conduzindo gado ou mercadorias pela localidade onde posteriormente erguer-se-ia a pujante cidade de Tubarão, Bentão conheceu Antonia, desposando-a. Embora estivesse próximo, o novo caminho das tropas não passava pela Vila de Laguna, e como residia em Lages, levou-a para esposar nesta cidade, onde celebraram bodas.

Por serem descendentes de famílias católicas praticantes, os atos religiosos do casal, tais como nascimentos, batizados, casamentos, crismas e óbitos foram registrados na igreja mais próxima de onde encontravam-se momentaneamente. Na época, em Santa Catarina existiam igrejas apenas em Lages, Laguna, Desterro e São Francisco. Casaram-se no dia 13 de junho de 1815, na Vila de Lages e além de seu casamento ter sido realizado sob as benções da Igreja Católica, o casal cumpriu com os sacramentos que os obrigava a efetuar os batismos de todos os seus filhos.

Após algum tempo de casados em Lages, definitivamente ou temporariamente, o casal transferiu-se para Laguna, fixando-se com a família na margem direita de um dos canais do delta que a época formava o Rio Tubarão, no local que era conhecido como Rincão de Morrinhos, um local com poucas casas, e provavelmente, próximo de onde a esposa Maria Benta tinha nascido, em terras de propriedade do pai desta. Por ali passavam os tropeiros, acompanhado o Rio Tubarão, para cruza-lo mais adiante, ora com seus rebanhos, ora com suas mercadorias. O Rincão dos Morrinhos, como era conhecido o hoje Bairro Anita Garibaldi da cidade de Tubarão, distava seis quilômetros da localidade do "Poço Grande" (3), que então pertencia a Laguna, de quem emancipou-se em 1870.

Como já referido, Bentão voltou a Lages muitas vezes, e é bem provável que algumas vezes tenha voltado com sua família, quer em tropeadas de gado, quer para rever parentes ou até para lá voltar a residir temporariamente. Além de seu casamento, lá registrou o nascimento de outros dois filhos. Outros seis foram batizados e registrados na Igreja de Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

Porém, não logrou-se encontrar o registro do batistério de duas filhas, Manoela e Ana Maria, que, se foram registradas, perdeu-se o histórico documento, onde, em seus respectivos batistérios, deveriam estar consignados seus locais e datas de nascimento, conforme veremos na sequência.

(1) A HISTORIA DE TUBARAO - pg. 59/60- AMADIO VETORETTI
(2) GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR.
(3) A HISTORIA DE TUBARÃO - AMADIO VETORETTI - pg. 15

Capítulo II - O LOCAL E A DATA DE NASCIMENTO DE ANINHA

ANINHA TEVE NOVE IRMÃOS

Os pais de Ana Maria de Jesus Ribeiro mantiveram-se unidos até que o varão faleceu. Desta união foram gerados dez filhos, entre eles a Heroína, terceira em ordem de nascimento.

Felicidade, a primogênita, foi batizada em Laguna, na "Igreja Matriz do Santo Antônio dos Anjos da Laguna", no dia 01.11.1816, embora tenha nascido em 04.07.1816, conforme consta nos assentos de seu batismo lavrado em livro ainda hoje existente nos arquivos da Mitra Diocesana de Tubarão, a quem está jurisdicionada, atualmente, a Igreja de Santo Antônio de Laguna.

Tendo sido procurado os registros de nascimento nas paroquias de Lages e de Laguna, referente as duas filhas seguintes do casal Manoela e Ana Maria, e não tendo sido localizados, descobriu-se que foi perdido o livro de assentos de batizados, crismas, casamentos e óbitos, não logrando-se encontra-lo nas diversas e incessantes buscas realizadas em dezenas de anos! Todos os livros de atos da igreja de Santo Antonio dos Anjos da Laguna onde foram registrados os atos religiosos encontram-se arquivados e em perfeitas condições, faltando tão somente o que compreende os registros do período compreendido entre 1820 a 1824, abrangendo o ano que Anita nasceu, resultando perdido, portanto, o provável registro de seu batismo.

Wolfwang Ludwig Rau em seu livro (4), explica e justifica com muita competência este fato: *"Não havendo no Brasil, a época abrangida por este trabalho, Registro Civil como conhecemos hoje em dia, os padres católicos ou melhor, os vigários das Paróquias, às vezes muito grandes em extensão territorial, tomavam a si a louvável e trabalhosa tarefa dos registros de batizado, de casamento e de óbito. Usavam uma sistemática padronizada e*

uma terminologia estável. A data do batismo era anotada, - a do nascimento propriamente, somente em casos esporádicos. Dado a falta de sacerdotes, às vezes o batismo era realizado muito depois da nascida a criança e até em lugares distantes pelo padre visitador. Este, possivelmente, registrasse o batismo como tendo sido feito na sede da paróquia, mais preocupado com a perfeição religiosa que com o rigor das circunscrições geográficas. Daí, encontrarmos registros de batizado, cuja Vila ou Freguesia não corresponde ao lugar do nascimento do cristão a que se refere; ou até citando, em registros de casamento, São Paulo ou Rio de Janeiro como lugares de origem, quando sabemos que eram de Santa Catarina, província subordinada temporariamente a um desses bispados. No decorrer de século e meio, alguns livros de registros se perderam. A umidade, o cupim e algum descuido destruíram muitos dados preciosos: não há sequência nos arquivos mantidos zelosamente pelas cúrias episcopais modernas, onde padres secretários, dedicados, se esforçam permanentemente para completá-los, lastimando, inclusive, que alguns livros de registros permaneçam em mãos de particulares anônimos, impossibilitando pesquisa histórica completa..."

Manoela, a segunda filha do casal, embora não tenha sido localizado seu batistério, o mesmo pesquisador esmiuçou os registros e confrontou diversos documentos da época, conseguindo convencer-se de que nasceu em Laguna, faltando-lhe definir, apenas, a data de nascimento, mas que, por dedução lógica, obtida pelas datas de nascimento da irmã mais velha e da mais nova, seu nascimento deve ter ocorrido entre os anos de 1817 a 1820.

Ana Maria de Jesus Ribeiro, nasceu em Laguna - SC, no dia 30 de gosto de 1821, depois ficou conhecida como Aninha e mais tarde, como Anita Garibaldi -“ A Heroina dos Dois Mundos".

Em 7 de dezembro de 1822 foi batizado o irmão de Anita Garibaldi, de nome Manoel, em Lages. Em 19 de setembro de 1824 , foi a vez do batismo da irmã de Anita Garibaldi, de nome Sissília, em Lages. No ano de 1825, em dia e mês desconhecido, nasceu o irmão, de nome Francisco, em Laguna. Em 10 de outubro de 1826 nasceu a irmã, de nome Bernardina em Laguna. Em 13 de junho de 1828, nasceu a irmã de Anita, de nome Antônia, em Laguna. Em 25 de abril de 1831, nasceu o irmão, de nome João, em Laguna. Em 26 de março de 1833, nasceu o irmão Salvador, em Laguna.

FOTO 02: ARVORE GENEALOGICA DE ANITA

178 ANOS APÓS, LAGUNA REGISTROU O NASCIMENTO DE ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO

Em virtude de não ter sido localizado o registro de batizado de Ana Maria de Jesus Ribeiro, diversos pesquisadores brasileiros divergiam sobre a data e local de nascimento. Enquanto maioria dos historiadores afirmem ter nascida em Laguna, outros a pretendiam como nascida em Imbituba, e outros ainda

em Lages, onde nasceram dois de seus nove irmãos. Como após retiraram-se de Santa Catarina, viveu com Garibaldi cerca 14 meses nas cidades de Viamão, S. Gabriel, Mostardas e outras do Rio Grande do Sul, onde nasceu-lhe o primeiro filho, existem publicações afirmando que Aninha era nascida em solo gaúcho. Também não faltaram publicações e afirmações de que teria nascido no Uruguai, pois foi em Montevidéu que casou-se oficialmente com Garibaldi e teve outros três filhos, ali viveu 6 anos e meio com Garibaldi. Também não faltaram afirmações de que Aninha era filha de um marinheiro italiano, que a trouxe ao Brasil ainda criança, quando estava em navio sob o comando de Garibaldi.

Para evitar a proliferação da deturpação do verdadeiro local e data de nascimento, associado ainda à necessidade de oficializar-se o fato histórico, que é admitido pela maioria dos mais importantes biógrafos e historiadores da epopéia garibaldina, e para encerrar a polêmica gestada pela imprensa e populares de cada uma das cidades que disputavam sua naturalidade, o autor, como advogado, após algumas viagens que efetuou ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Itália, reuniu algumas organizações comunitárias, filantrópicas, governamentais e manifestou-lhes a intenção de buscar o reconhecimento judicial e, portanto, oficial, sobre a localidade e a data de nascimento correta. Assim é que após algumas reuniões, foi contemplado com a disposição e confiança de diversas instituições que ingressaram com pedido para que a Justiça reconhecesse oficialmente a nacionalidade brasileira e a naturalidade lagunense de Ana Maria de Jesus Ribeiro, autorizando o seu registro tardio. Foram protagonistas ativos deste processo judicial as seguintes instituições: Câmara de Vereadores de Laguna, a UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina, a Loja Maçônica Republica Juliana, a Loja Maçônica Tordesilhas, a Loja Maçônica Fraternidade Lagunense No. 10, a Loja Maçônica Regeneração Lagunense, o Rotary Clube de Laguna República Juliana, o Rotary Clube de Laguna, o Lyons Clube de Laguna, a Associação das Mulheres Lagunenses, a Ordem dos Advogados do Brasil - Sub-secção de Laguna, a ACIT - Associação Comercial e Industrial de Laguna e o Sindicato do Comércio Varejista e Atacadista de Laguna,

Montado o processo, foi recebido pelo DD. Juiz de Direito Dr. Renato Muller Bratti, autuado e registrado no Forum da Comarca de Laguna sob número 040.98.000395-4. Distribuído por sorteio, coube ao Dr. Maurício Fabiano Mortari, da 1a. Vara Cívil, a instrução processual. Instruíram o pedido judicial diversas provas, tais como a certidão de casamento de Anita com Giuseppe Garibaldi, que aconteceu na Igreja de S. Bernardino**,** em Montevidéu, no Uruguai, onde constou Laguna como sendo a cidade de nascimento de Anita. Também foram juntadas parte das memórias escritas pelo próprio Garibaldi, onde afirma que *"aquela incomparável mulher, filha de honesta família, nasceu na localidade de Morrinhos, pertencente a cidade de Laguna, na Província de Santa Catarina, no Brasil..."* (5). Diversos outros documentos e trechos de obras escritas por Alexandre Dumas, Wolfgang Ludwig Rau, Lucio Lami, Henrique Boiteux, Ivan Boris, Mino Milani e outros autores foram juntados com o pedido inicial. Após as formalidades de estilo, o processo foi remetido ao Ministério Público, tendo o Promotor de Justiça Dr. Rui Vladimir Soares de Sousa exarado seu parecer favorável (6) Finalmente, em 05.12.1998, o DD. Juiz de Direito da 1ª Vara Civil, Dr. Maurício Fabiano Mortari, proferiu sentença favorável, reconhecendo a nacionalidade brasileira, a naturalidade lagunense e autorizando o registro de nascimento

tardio junto ao Cartório de Registro Civil da Comarca de Laguna de Ana Maria de Jesus Ribeiro, nascida em laguna no dia 30 de agosto de 1821, filha legítima de Bento Ribeiro da Silva e de Maria Antonia de Jesus Antunes, sendo avós paternos Manoel Colaço e Angela Maria da Silva, e avós maternos Salvador Antunes e Quitéria Maria de Souza (7). Judicialmente autorizados, as instituições autoras deste processo, acompanhadas pelos advogados Dr. Maurício Daniel Monçons Zanotelli, Dr. Vilmar Sutil da Rosa e o autor, em grande solenidade cívica acontecida em Laguna no dia 11.05.99, averbaram no Cartório de Registro Civil a referida sentença, de lá extraindo a certidão de nascimento registrada sob n. 17.514, fls. 185 do Livro de Registro de Nascimentos número 67-A, ficando definitivamente e oficialmente encerrada toda a celeuma sobre o local e a data de nascimento da Heroína.(8)

(4) ANITA GARRIBALDI, O PERFIL DE UMA HEROÍNA BRASILEIRA - WOLFWANG LUDWIG RAU - pg 39
(5) Ver texto desta petição inicial na integra na pg ____
(6) Ver parecer do Ministério Público transcrito na pg _____
(7) Ver sentença do Juiz De Direito da 1ª Vara Civil de Laguna transcrita na pg____
(8) Ver certidão de nascimento ao final desta obra, na pg____

Capítulo III- JOVEM, ANI NHA ADQUIRIU CONSCIÊNCIA REPUBLICANA

EM MORRINHOS, UMA VIDA SADIA E LIVRE

Com a família numerosa, Bentão necessitava dar-lhes residência fixa, o que aconteceu em Morrinhos, durante os últimos anos de sua existência, muito embora ele estivesse ausente do lar na maior parte do tempo, em virtude de suas prolongadas viagens. Em determinado período, tentou mudar sua profissão, dedicando-se a pesca, já que havia bom comércio para os pescados salgados. No entanto, esta foi apenas uma tentativa, com duração efêmera, pois não deu-se bem economicamente, mesmo porque toda sua vida havia sido

tropeiro, atividade esta, bem diversa.

Habitavam em uma rústica residência, de pau-a-pique, construída com os materiais que as pessoas mais humildes possuíam na época: barro e madeira fina e roliça trançada, com a cobertura de capim e o chão de terra batida. Ficava localizada próximo a antiga estrada que conduzia a Lages, junto ao local onde as tropas de gado, deviam cruzar um dos diversos braços sinuosos do antigo delta Rio Tubarão. Este braço, é hoje conhecido como Rio Seco, em virtude da dragagem do Rio Tubarão, que enxugou praticamente todo o antigo delta, deixando apenas um largo leito, por onde desliza atualmente.

A fixação da família facilitou para que passassem a possuir os animais indispensáveis a sua sobrevivência, de onde provinham os derivados para sua manutenção. Segundo consta pela tradição oral, também possuíram alguns cavalares, indispensáveis a atividade profissional do patriarca.

Logo que veio ao mundo, Ana Maria de Jesus Ribeiro foi carinhosamente alcunhada de "Aninha", talvez por ser franzina ao nascer. Mas a pequena Aninha cresceu rápido e sua fragilidade foi sendo gradativamente substituída por uma infância robusta, solidificada por uma vida livre e sadia, construída com a paixão que desenvolveu pelos animais e pelo seu convívio com estes, revelando-se, desde muito cedo, uma exímia amazona.

Em 11 de maio de 1831, quando Aninha contava com dez anos, sua irmã mais velha, Felicidade, contraiu matrimônio, e foi residir no Rio de Janeiro com seu esposo. Em virtude da numerosa prole, Aninha passou a desempenhar o papel de auxiliar principal da dona de casa, fazendo os serviços domésticos e cuidando dos irmãos, a despeito de ter uma irmã mais velha. Despertou-lhe, assim, desde sua mais tenra idade, um grande senso de responsabilidade.

PAI FALECEU QUANDO ERA MENINA-MOÇA

Como não existe ato lavrado que comprove oficialmente, deduz-se que Bento Ribeiro da Silva, o pai de Ana Maria de Jesus Ribeiro, faleceu entre os anos de 1833 a 1835, pois estas duas datas compreendem o nascimento de Salvador, seu último filho, e o casamento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, em cuja lavratura constou ser órfã de pai, como veremos na sequência .

Ao falecer, Chico Bento deixou desamparados a esposa e nove filhos menores, sendo a mais velha Manoela, seguida de Aninha, que contava com pouco mais de 12 anos de idade. A família ficou sem quaisquer recursos ou receitas que garantissem sua sobrevivência, o que motivou sua mãe e buscar trabalho em residência de famílias. É bem provável que antes de falecer, Chico Bento tenha vivido com sua família na localidade do Mirim, ao norte da então Vila de Laguna, às margens da Lagoa, onde o casal tinha diversos parentes. Ali teria dedicado-se às atividades de pesca.

Não existem registros, mas nesta localidade pode ter ocorrido a morte de Chico Bento. A quem diga que faleceu em Morrinhos. O que sabe-se com

certeza é que a família, após a morte do varão, procurou maior segurança, já que o local era muito pouco povoado, e havia constantes assédios às filhas mais velhas. A mãe providenciou, então, na mudança da família, transferindo sua residência de Morrinhos, hoje Bairro Anita Garibaldi, de Tubarão (ou do Mirim?), para a Carniça, localidade hoje conhecida como Campos Verdes, nos arredores de Laguna, de onde poderia facilmente, atravessando o Rio Tubarão, ir trabalhar nas ricas residências da fluorescente Vila de Laguna, provendo, assim, o sustento de seus filhos.

Assim foi que a mudança para a Carniça obedeceu a necessidade de buscar mercado de trabalho, mas o foi também por questões de segurança. Residindo na Carniça, com a mãe trabalhando nas residências de Laguna, de sua auxiliar na difícil tarefa de cuidar dos irmãos, preparar refeições e manutenção da modesta residência, Aninha foi guindada, pela força das circunstâncias, à responsável principal, aumentando ainda mais suas responsabilidades. À medida que crescia, também aumentava sua paixão e amor pela vida livre, junto aos animais e a beira dos canais e das praias que banhavam a Carniça de outrora, onde costumava banhar-se, a despeito do fato de que banho de mar era considerado um ato insano, socialmente proibido, ainda mais para uma menina-moça. Nada adiantou a repressão da mãe sobre os banhos de mar e o seu apego pela vida agreste e livre. Gestava-lhe a personalidade que era peculiar em seu falecido pai ...

AS PREGAÇÕES DO TIO ANTONIO, O ATIVISTA REPUBLICANO

Influenciada pelas novidades e histórias que durante as breves estadias lhe eram contadas pelo pai, que, em virtude de suas viagens, tinha um nível de conhecimento acima da média dos vizinhos de Morrinhos, Anita despertou, desde cedo, vivo interesse por tudo quanto lhe foi narrado por seu pai, cujos contos passou a agregar ao seu imaginário e enigmático mundo exterior.
Após o falecimento deste, Aninha e sua mãe foram visitadas diversas vezes pelo irmão de Bentão, conhecido como Antonio da Silva Ribeiro, que, por também ser tropeiro, em suas vindas a Laguna não deixava de visitar a cunhada e os sobrinhos, auxiliando na superação das dificuldades econômicas que os penavam, sempre que possível,.

Este Tio Antônio era um ativista político, precursor das ideais de igualdades sociais e da instituição do regime republicano, e de tempos que pregava mudanças através de uma revolução, como forma de dar um basta ao descaso do governo central do Rio de Janeiro, na época representada pela Regência do Padre Antônio Feijó, em virtude abdicação acontecida em 7 de abril de 1831, de D. Pedro I, em favor de seu filho menor D. Pedro II.

Por suas idéias contrárias à monarquia, foi cruelmente perseguido, tendo sido incendida sua casa em Lages pelos soldados imperiais, obrigando-o a refugiar-se nas cercanias da Vila de Laguna, conforme será relatado nos próximos capítulos. A perseguição que lhe foi desencadeada, ao invés de faze-lo cessar com a "agitação" de que era acusado, redobrou sua disposição contrária ao

Império. Por um longo período permaneceu no litoral, provavelmente como hóspede do irmão Chico Bento, pai de Aninha.

Sempre que tinha oportunidade, nas casas ou nas estradas, a luz de lampiões ou do sol, sempre que havia alguém disposto a ouvi-lo, Tio Antônio fazia a apologia das vantagens do regime republicano. Aninha foi sua mais constante e atenta ouvinte.

A REGÊNCIA DA MONARQUIA CRIOU INSATISFAÇÕES NO SUL

Após abdicação de D. Pedro I, o Governo Regencial Monárquico impôs pesada carga tributária à Região Sul, que incidia sobre o gado, charque, sebo, erva mate, trigo e outros produtos que eram ali produzidos em escala menor. Também tributou pesadamente as propriedades rurais. A arrecadação tributária, muitas vezes, era feita de forma arbitrária, sem que o Governo Imperial retribuísse com um mínimo de investimentos nas melhorias de condições do desenvolvimento da Região, que era, na época, o maior produtor rural do Império. A política fiscal do Rio de janeiro não era bem recebida no Sul. Em determinado período, o Governo Imperial, por omissão, tornou-se conivente com contrabandistas da América do Norte, que despejaram na Região Sul, grandes quantias de moedas de cobre, que eram falsas, o que gerou pânico nas cidades e nas campanhas (9) Houve quebra de muitos produtores de gado e de charqueadas. Para evitar a ruína da economia, o Governo Imperial mandou estampar outras moedas, mas logo em seguida as desvalorizou. Depois emitiu cédulas de papel, para substituir as falsas e as desvalorizadas. A cada emissão era seguida de mudança, que desvalorizava a moeda anterior, retirando o poder de compra da população. O Governo especulava com a própria moeda e locupletava-se com as desvalorizações que promovia. Os deputados mais conseqüentes denunciaram que o Império estava prestes a implodir pela falta de uma política financeira estável e confiável. Em resposta, em 1832, a Regência criou as Juntas de Tributos Diversos, instalando postos de arrecadação compulsórios nas divisas entres as províncias e fronteiras com os países do Prata, que estavam autorizados a arrecadarem os tributos em percentuais de mercadorias, na ausência de moeda aceita pelo Governo. O descontentamento dos produtores aumentou mais ainda, refletindo-o junto aos pequenos comerciantes e a população em geral. Todos amargavam o descaso que a Regência dedicava à Região Sul com sua política tributária e monetária.

Por tais fatores, instituições como a maçonaria, aliadas a correntes políticas majoritárias então existentes na Região Sul, clamavam pela mudança do regime centralista imperial, desejando substitui-lo por um modelo de maior autonomia administrativa às províncias, no estilo federativo, que alguns o queriam republicano e outros imperial. Havia ainda os que queriam a formação de uma confederação de províncias independentes, e neste projeto incluíam a Província Cisplatina, depois chamado de Uruguai, a quem, recentemente, o Governo Imperial havia reconhecido independência, e mais as províncias argentinas limítrofes com a então Província do Rio Grande do

Sul. Haviam também os que aspiravam o transforma-la em país independente, desvinculada completamente do Império Brasileiro.

PERSEGUIDO PELA MONARQUIA, O TIO DE ANINHA TEVE SUA CASA INCENDIADA

Portanto, neste período, o Sul ainda buscava sua identidade como uma região emergente, que ainda não havia formado sua nacionalidade, a despeito de estar vinculado politicamente e territorialmente ao Brasil, que resistia como a única nação americana a manter um regime monárquico.
Ao invés de aplacar estes ânimos de forma democrática, a Monarquia, representada pela Regência, tratou de extinguir estes sentimentos com o emprego da força e da violência, reprimindo e perseguindo os que pregavam as mudanças. Em 1829 foram criados tribunais militares especiais, que tinham por finalidade julgar rebeldes que se opunham ao regime monárquico e os desertores de suas tropas, colocando a Região Sul sob lei marcial (10)

A elite social sulista era formada pelos estancieiros produtores de gado e chaqueadores, sediadas, em ampla maioria, nas campanhas, de onde emergiriam os líderes da revolução que se avizinhava. Estes agentes revolucionários não dispunham de exércitos, e passaram, então, a incitar seus peões, escravos, dependentes e os errantes, a se rebelarem contra o sistema político vigente, formando uma nova consciência política na campanha, como forma de levar avante uma revolução que modificasse a estrutura política e administrativa centralizadora e despótica.

O pai de Aninha e seu tio Antônio, em virtude de suas andanças como condutores de tropas de gado, tratando diretamente com os criadores e produtores de charque, vivenciaram todos estes acontecimentos, passando a defenderem as propostas de mudança e transformação do regime imperialista para republicano. Deslocando-se de uma cidade para outra, tornaram-se, principalmente o Tio Antônio, em propagadores e fomentadores da revolta que se avizinhava. Apregoaram a esperança que o regime republicano poderia trazer ao povo mais humilde, caso ajudassem a combater e a destruir a monarquia.

Na então Vila de Lages, a repressão a estas idéias, estava a cargo do Coronel Manoel dos Santos Loreiro, do Exercito Imperial, que desencadeou perseguição a Antônio da Silva Ribeiro - tio de Aninha. Sua residência foi incendiada, obrigando-o a refugiar-se na litorânea Vila de Laguna com seus familiares, para escapar às truculências desta repressão, conforme já narrado.

Durante o tempo que esteve refugiado em Laguna, ou mesmo durante às suas posteriores visitas à cunhada e sobrinhos, após a morte de seu irmão, Antônio continuava com suas pregações. A atenta e curiosa Aninha interessou-se por tudo quanto foi dito pelo tio, alimentando desde tenra idade a sua vocação libertária e republicana.

Foram com estas pregações simples, que implantou-se em Aninha a semente do ideal pela defesa das igualdades sociais e pelo regime republicano, fatores estes que viriam a dota-la de uma fantástica coragem e um incomum espírito revolucionário, que poucos anos após iria germinar de forma fecunda, produzindo a guerreira corajosa que jamais foi gestada pela humanidade.

As notícias e os sentimento trazidos por seu Tio Antonio já não eram tão estranhos ao ambiente em que Aninha vivia, já que estes assuntos também eram trazidos regularmente pelos navios que atracavam no porto e pelos refugiados do Sul, que para a Vila de Laguna vinham fugindo das perseguições políticas e militares. Seguidamente estas conversas voltavam ao ambiente de sua residência, principalmente nas diversas vezes que seu Tio Antonio voltava de novas tropeadas, ou mesmo quando ali refugiou-se da repressão que o queria prender em virtude de suas idéias. Aparentemente, em Aninha, a pregação não produziu efeitos instantâneos, pois uma simples e humilde menina, ainda não alfabetizada, não tinha a consciência sobre a importância da semente que lhe estava sendo gradativamente plantada. Ainda não havia sido envolvida pelo turbilhão dos acontecimentos revolucionários que estavam prestes a arrebata-la.

FOTO 03: ANINHA OUVE PREGAÇÕES REPUBLICANAS DO TIO ANTONIO

A PRIMEIRA CARTA DE ANINHA

Felicidade, sua irmã mais velha, que após casada tinha ido residir no Rio de Janeiro, comunicava-se com a família através de correspondência, que a época levava meses e as vezes nem chegava ao seu destino. Estas correspondências deixavam Aninha entusiasmada, e o fato repetiu-se muitas vezes. Aninha, por não ser alfabetizada, valia-se de suas poucas amizades para poder escrever as respostas, limitando-se a ditá-las. Posteriormente, muitas foram as cartas escritas por Aninha, mesmo após quando passou a ser conhecida como Anita.. Ao que parece, mesmo depois de ter sido alfabetizada, quando adulta, Aninha continuou com o hábito de ditar, limitando-se a assina-las, algumas vezes. Tais cartas foram remetidas ora para sua irmã no Rio de Janeiro, ora para seu Tio Antônio, em Lages, e ora para sua mãe em Laguna. À alguns amigos dos Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Itália também foram escritas cartas. Muitas destas cartas foram recuperadas, e atualmente estão arquivadas e guardadas no *Museo del Rissorgimento*, em Roma, que funciona no último andar do monumento construído em homenagem ao Rei Vitor Emanuel.

Em carta que endereçou a sua irmã Felicidade, em janeiro de 1935, quando então contava com 13 anos de idade, Aninha demonstrava já estar despertando sua consciência que clamava por mudanças e narra o seu caracter da futura mulher altiva, independente e aguerrida:

"Laguna, janeiro de 1835. Minha Querida Irmã. ... Que grande invenção a escrita ! Também quero aprender a escrever. Um dia vou encontrar alguém que me ensine ... Imagine só que maravilha poder ser livre! Poder fazer o

que eu quiser! Por exemplo, ajudar meu tio a preparar a revolução. E não me diga que estou louca. Você se lembra das noites que passamos em casa, ouvindo as aventuras dele e dos amigos, perto do fogo? Quando os ouvia, eu tinha sensações estranhas, fortes, sentia que estávamos todos unidos, amigos para toda a vida. Desde então procurei entender o que é a liberdade de que eles falam. Acho que as pessoas deveriam escolher quem as governa e lutar para os pobres não sofrerem mais, para todos poderem ler e escrever e para os doentes não serem abandonados à morte. Tio Antônio está cada vez mais bravo. Desde que queimaram a casa dele, parece mesmo decidido a organizar a revolta, e você vai ver como ele vai conseguir. ... Nunca sei o que dizer aos rapazes. Eles parecem crianças. Ficam ali sem fazer nada, em grupinhos, rindo feito tontos. Eu tento evitá-los. ... Também tento evitar as comadres, principalmente aquelas fofoqueiras e carolas que não preciso dizer quem são. Se vejo algumas delas a tempo, mudo de caminho ou entro em algum jardim. Quando não dá, passo com o nariz empinado. A única coisa que elas fazem o dia inteiro é falar mal dos outros. As piores passam horas e horas na igreja e depois ficam o resto do tempo condenando todos ao inferno. Além do mais, para elas, eu nunca seria uma pessoa correta. Minha saía é muito curta, não ando na rua com os olhos baixos, não vou à missa, saio sozinha, faço caretas, rebolo. As línguas delas disparam sempre que me vêem. Nunca vou me esquecer daquela história do banho de mar. Lembra? Parece que ainda estou sentindo o calor pesado do começo da tarde, o suor grudando meus cabelos na nuca. Ainda vejo meu lindo vestidinho florido, que eu não queria estragar, a tua cara espantada quando, depois de termos molhado um pouco os pés, você me viu voltar até o seco, tirar a roupa, estendê-la cuidadosamente na areia e depois correr para as ondas aconchegantes, a delícia da água fria sobre a pele nua. Tudo parecia muito natural. De repente eu me havia transformado numa parte da espuma do mar, num peixe. Mas você se lembra do escândalo? Se pelo menos eu não tivesse tido a idéia de contar tudo quando voltamos e encontramos a mamãe e a comadre Marta na cozinha. Logo entendi que alguma coisa estava errada quando vi os olhos arregalados da mamãe e os lábios finos da comadre sibilando como uma cobra. Mas era tarde demais... Para variar, eu tinha dado um escândalo. Querida irmã, as sombras estão ficando mais longas e tenho que voltar para casa. Amanhã, Maria Rosário vai a Lajes fazer umas visitas, mas quando ela voltar vamos acabar estas notícias para você. Enquanto isso, penso em você e te beijo, Aninha. " (11)

(9) - AS RAIZES SOCIO ECONÔMICAS DA GUERRA DOS FARRAPOS - SPENCER LEITMAN - pg 142
(10)- RAIZES SOCIO ECONÔMICAS DA GUERRA DOS FARRAPOS - SPENCER LEITMAN.
(11)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI

Capítulo IV- ANINHA CASOU-SE COM O SAPATEIRO MANUEL

DUARTE DE AGUIAR

ESBELTA E INDÔMITA, ANINHA ATRAIU A ATENÇÃO MASCULINA

Conforme já relatado, após a morte do pai, a família, que já era pobre, ficou mais desamparada ainda, já que a numerosa prole não tinha como prover o seu sustento. Dedicou-se, então, a progenitora, mesmo residindo na Carniça, às atividades domésticas nas melhores residências de Laguna. Face ao caracter altivo e indômito de Aninha, a mesma passou a ser um sério problema para sua mãe, que na Vila ouvia os mais diversos comentários sobre sua filha.

Com estatura acima da média, Aninha tornou-se uma mocinha de corpo esbelto e muito atraente, com olhos e cabelos negros, além de uma pele morena viçosa, que passou a fascinar muitos jovens e adultos do local. *"Andar a moda do pai era o seu maior prazer e isso constituía um perigo para uma menina moça, cobiçada pelos homens nessas paragens quase que desertas. Mais de uma vez alguns atrevidos haviam pretendido barra-lhe o caminho, no propósito de dominá-la e seduzi-la pela força. Amazona ágil e decidida, saltava sempre a distância, livrando-se do cerco, chicoteando, sempre que podia, os seus rústicos conquistadores".*(12)

Em uma destas ocasiões, quando deveria ter aproximadamente 13 anos, ao voltar da praia, onde foi buscar siris, foi seguida por um homem, de nome João, que tentou seduzi-la, mas foi repelido. Tinha fechado o estreito caminho com um carro de bois. Aninha solicitou que o retirasse para que pudesse passar com seu cavalo, mas ele a tentou agarrar abruptamente, Aninha reagiu, e defendendo-se, deu com o chicote no vilão, escapulindo.

Revelando sua irresignação, tomou a iniciativa de comunicar o fato para a polícia. Este seu gesto, numa época em que a sociedade era totalmente patriarcal, o fato de uma mulher tomar a iniciativa de registrar queixa na polícia contra tentativa de sedução, era uma anormalidade, um escândalo ! Era, pois necessária muita coragem.

Para termos uma idéia do que representou este ato de Aninha, basta lembrar que apenas recentemente, foram criadas delegacias de polícia femininas, exatamente para estimular as mulheres, que sofrem agressões ou os constrangimentos das seduções, a denunciem estes atos delituosos. Mesmo assim, para vencer os preconceitos e implantar estas delegacias, o Governo atual teve que investir em grandes campanhas publicitárias, visando encorajar e oferecer segurança para que as mulheres de hoje, não fiquem caladas diante das agressões que são vítimas.

Ao dirigir-se à Polícia, Aninha o fez revoltada com estes assédios, já que o fato era uma repetição de fatos semelhantes, ocorridos em ocasiões anteriores com outros homens. Para colocar um ponto final a estes constrangimentos e evitar que lhe acontecesse o pior, buscou segurança, imaginando que poderia obter da autoridade policial a enérgica repreensão e punição ao autor do delito, perpetrado contra sua incolumidade física.

No entanto, os policiais que atenderam-na em sua comunicação, ao invés de darem acolhida em sua queixa, passaram a fazer ilações de que o fato não tinha importância, afirmando que Aninha já havia sido possuída por outros. Indagaram-lhe se não havia marcado encontro com o seu agressor, zombando de sua atitude altiva. Também passaram a insinuarem-se. Compreendendo que ali não conseguiria guarida para seu direito e reclamo, Aninha retirou-se ainda mais revoltada do que quando ali chegou.

Convém recordarmos que estamos narrando um fato ocorrido há mais de cento e cincoenta anos, quando os valores sociais eram decorrentes da sociedade patriarcal, consolidada sobre a autoridade militar e o direito da força, valores estes completamente diferentes da estrutura social de hoje, que se fundamenta na força do direito e em regras que asseguram as liberdades e igualdades democráticas. Entendidos os elementos e a estrutura do poder daquela época, podemos formar uma vaga idéia da coragem que a jovem Aninha demonstrou no simples fato de dirigir-se à polícia para denunciar a tentativa de violência sexual de que foi vítima.

Deturpado o fato pela Polícia, rapidamente chegou ao conhecimento da população local, que passou a repudiar o comportamento altivo e independente que Aninha levava, sendo alvo predileto das "comadres", que a viam como uma violadora das regras e costumes locais, pois a menina-moça, além de banhar-se no mar, o que não era permitido na época, cavalgava livremente, o que também não era comum por ser mulher. Além do mais, quase não relacionava-se em amizades com as de sua idade, preferindo a companhia de seus cavalos e animais ...

ANINHA FOI COAGIDA A CASAR-SE

Aconselhada por terceiros e pelo padre local, Maria Bento imaginou que poderia acabar com as maledicências sobre a filha, contratando-lhe casamento. Bonita, cheia de vida, com corpo exuberante, logo apareceu-lhe um noivo, intermediado que foi pelo Pároco. Tratava-se de Manoel Duarte de Aguiar, um sapateiro, pelo que sabe-se, nascido no Desterro. Conta-se que teria ficado impressionado pela vivacidade temperamental de Anita, completamente ao contrário de sua própria personalidade e comportamento, que era calado, arredio e vivia isolado, sendo sua principal preocupação, além de seu estabelecimento, as pescarias e os cães que o acompanhavam permanentemente.

Por ser recatado e reservado em seu comportamento social, Maria Bento, viu nele o genro ideal, que poderia, além de aplacar o indômito gênio de sua filha, acabar com as negativas conversas das "comadres". Com este casamento também viu a possibilidade da tão necessária segurança econômica, não apenas para Aninha, mas também para toda sua família.

Naquela época, mesmo na pequena Laguna, fervilhavam as notícias sobre as idéias de mudanças, que prognosticavam eminentes eclosões de movimentos

armados, única forma de efetuarem-se as transformações apregoadas pelos ventos libertários que vinham do Sul, influenciados pelos grandes movimentos que eclodiam na Europa.

Sobre as idéias de lutar para mudar a monarquia por uma república, ou conquistar autonomia e independência das províncias do Sul, a cidade de Laguna estava dividida entre os que apoiavam, representados por instituições como o clero, a maçonaria e o Partido Republicano, que tinha representantes na Câmara Municipal. Estes segmentos sociais acabaram por mobilizar a simpatia da quase totalidade da população civil. Contraria a qualquer tipo de mudança, encontrava-se uma minoria, que era representada pelos detentores do poder local, como os comandantes da guarnição militar, juiz de paz, funcionário da monarquia, polícia e um grupo de fornecedores e interessados em manter o status monárquico.

Pouco dado a conversas, Manoel Duarte era afeito ao seu trabalho, dedicando-se a produzir tamancos e fazer conserto de botas. Embora quieto e não ativista, declaradamente era legalista, isto é, defensor do sistema vigente, pela manutenção da monarquia centralizadora, não deixando-se envolver por qualquer tipo de movimento que colocasse em risco o regime e a unidade do Império do Brasil.

Com quase o dobro da idade da pretendida esposa, possuía ele estatura bastante alta, era magro, de pouca conversa e introvertido, o que fez Aninha resistir a idéia do casamento, opondo-se, inicialmente. Mas a resistência findou quando a convenceram-na de que esta união também oferecia uma vida mais digna à sua mãe e irmãos, que também passariam a serem amparados, pondo fim a vida de privações. Outros pretendentes surgiram, como por exemplo João Gonçalves Padilha, um sargento da milícia, que poucos anos mais tarde estaria presente no combate de Curitibanos, lutando contra Anita, ocasião em que foi presa.

NO RIO GRANDE DO SUL ECLODIU A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

O casamento foi realizado no dia 30 de agosto de 1835, exatamente no dia que Aninha comemorava 14 anos de idade, alguns dias antes de 20 de setembro do mesmo ano, quando eclodiu, no Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha.

De fato, no dia 20 de setembro de 1835, cansados do descaso do centralista regime monárquico, expressivos segmentos econômicos e políticos da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul levantaram-se em armas para bradar sua repulsa às ignomínias praticadas pelos representantes do Império na província, cujo poder local estava centralizado no Presidente da Província. Inicialmente, pretenderam os farroupilhas a revisão do sistema político-administrativo unitarista e centralizador, substituindo-o pelo regime republicano, o que permitiria maiores autonomias administrativas, calcado nas idéias federalistas defendidas pelos republicanos. Diversos jornais revezaram-se nesta pregação.

Tão logo assumiram o poder na província, os revoltosos riograndense pretenderam, entre outros objetivos, que ao menos a escolha do Presidente da Província recaísse sobre liderança política da região, e não como vinha sendo praticado. Pouco tempo antes havia sido indicado para dirigir a Província o Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, que assumiu o cargo sem o respaldo de diversas lideranças políticas e militares. Uma vez vitorioso e com o controle de Porto Alegre, poucos dias após, no dia 25 de setembro, o líder farroupilha Coronel da Bento Gonçalves da Silva, remeteu uma carta ao Regente do Império, cuja leitura dará ao atento leitor uma idéia bastante clara sobre o sentimento de revolta em relação ao Império, em virtude de suas omissões e ações despósticas:
"... Em nome do povo do Rio Grande depuz o governador Braga, e entreguei o governo ao seu substituto legal Marciano Pereira Ribeiro. E em nome do Rio Grande eu lhe digo que nesta Província extrema, afastada dos corrilhos e conveniências da Corte, dos rapapés e salamaleques, não toleraremos imposições humilhantes, nem insultos de qualquer espécie. 0 pampeiro destas paragens tempera o sangue rio-grandense de modo diferente do de certa gente que por aí há. Nós, rio-grandenses, preferimos a morte no campo áspero da batalha às humilhações nas salas blandiciosas do Paço do Rio de Janeiro. 0 Rio Grande é a sentinela do Brasil que olha vigilante para o Rio da Prata. Merece, pois, mais consideração e respeito. Não pode, nem deve ser oprimido por déspotas de fancaria. Exigimos que o governo imperial nos dê um governador de nossa confiança, que olhe pelos nossos interesses, pelo nosso progresso, pela nossa dignidade, ou nos separaremos do centro, e, com a espada na mão, saberemos MORRER COM HONRA OU VIVER COM LIBERDADE. É preciso que V.Exa. saiba, Sr. Regente, que é obra difícil, senão impossível, escravizar o Rio Grande, impondo-lhe governadores despóticos e tirânicos. Em nome do Rio Grande, como brasileiro, eu lhe digo, Sr. Regente, reflita bem antes de responder, porque da sua resposta depende talvez o sossego do Brasil. Dela resultará a satisfação dos justos desejos de um punhado de brasileiros que defendeu contra a voracidade espanhola uma nesga da Pátria; e dela também poderá resultar uma luta sangrenta, a ruína de uma província ou a formação de um novo Estado dentro do Brasil." (13)

FOTO 04 : PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA RIOGRANDENSE
FOTO 05: GUERREIRO FARROUPILHA

O DESASTROSO CASAMENTO COM MANUEL DUARTE DE AGUIAR

Os atos preparativos que antecederam a cerimônia de casamento e as comemorações, foram feitas na casa localizada ao lado esquerdo da Igreja Matriz de Laguna, prédio ainda hoje existente, transformado em museu, com o nome de Casa de Anita. Segundo SAUL ULYSSEIA, em sua obra COISAS VELHAS (1946), aponta àquele prédio como tendo sido o primeiro de alvenaria, que foi construído no então Campo do Manejo, depois Praça da Igreja. Diz o referido historiador: *"Pertencia a casa citada ao Sr. Anacleto Mendes Braga, solteiro, e que ali vivia com sua irmã, também solteira, dona*

Ana Mendes Braga. Viveram muito anos, falecendo já velhinhos; ele em 1901 e ela em 1904. Anacleto foi professor do curso primário, durante muitos anos. Ainda existem muitas pessoas que foram alunos do velho Anacleto, que era muito bondoso e paciente. Ele e a sua irmã criaram algumas meninas que deixaram descendência. Sua irmão dedicava-se a fazer almofadas de renda e alugava vestidos para casamento e roupa para anjinhos de procissão, tendo para isso, roupas e calçados apropriados, assim como véus. ... A maior parte dos casamentos dos moradores dos sitios eram efetuados na matriz de Laguna.. Muitas moças pobres destes lugares e mesmo as da Vila e arrabaldes, recorriam a Dona Ana Braga e em sua casa festejavam. Foi isso que aconteceu com Anita.. Moça muito pobre, como pobre era o noivo, serviu-se do aparelhamento de Dona Ana. ... Ao sair da Igreja, um dos sapatos escapou-se-lhe do pé, o que faz crer que era muito folgado, não tendo sido escolhido para o seu pé. ... Uma das descendentes de uma das moças que foram criadas por Ana Braga ainda conheceu o célebre vestido de noiva e os sapatos que serviram no casamento de Anita e nos descreveram minuciosamente: a sai era de filó azul muito claro, tendo de espaço em espaço umas tiras muito escuras, estreitas estampadas. Entre as tiras uns pontinhos bordados a retrós preto, mercerizado. Era todo ele de pequenas pregas e muito rodado. O corpete da mesma fazenda, guarnecido de barbatanas, formando um bico na frente. Mangas compridas com grande fofo nos ombros. Saia e enfeite eram sombreados com fazenda azul. Os sapatos de camurça branca, simples, liso com um tufozinho de seda branca na frente e salto não muito alto e redondo ... Ainda existe a mesa que servia nos modestos festejos e que serviu no casamento de Anita. É de jacarandá, com duas alas móveis, de pés torneados. Hoje pertence ao Sr. Olavo Alano, casado com uma descendente de uma das moças criadas por Ana Mendes Braga, que recebera por herança. ***...".***

O Registro Paroquial, do casamento de Anita com Manoel, realizado em trinta de agosto de 1835, pelas onze horas do dia", na Matriz da Freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna foi subscrito pelo vigário Manoel Ferreira da Cruz. Segundo narram Mino Milani e Ivan Boris, historiadores e pesquisadores italianos da epopéia garibaldina, em sua obra (14), o almirante e historiador Henrique Boiteux, depois de paciente pesquisa no arquivo paroquial da Igreja de Laguna, foi o primeiro pesquisador a encontrar o ato matrimonial, que foi celebrado pelo Vigário Manuel Fernandez Cruz e testemunhado por João Joaquim Mendes Braga e Antônio Duarte de Aguiar. O referido documento está assim redigido:

"Aos trinta de agosto de 1835,, nesta Matriz de Santo Antonio dos Anjos, pelas onze horas do dia, depois de feitas as denunciações na forma do Sagrado Concílio de Trentino, e Constituições do Bispado, sem impedimento algum canônico, em presença das testemunhas abaixo assinadas, se receberam em matrimônio na face da Igreja, Manuel Duarte de Aguiar, filho legítimo de Francisco Jose Duarte, já falecido e de Joaquina Rosa de Jesus, natural da cidade do Desterro, com Anna Maria de Jesus, filha legítima de Bento Ribeiro da Silva, já falecido, e da Maria Antônia de Jesus, natural da cidade de S. Paulo e ambos os contrahentes moradores d'esta Frequezia. E logo les conferi as Bençãos Nupciaes na forma do Ritual Romano. E para constar mandei fazer este assento, que assignei. O Vigario Manuel Fr.z Cruz -

Testemunha João Joaquim Mendes Braga - Testemunha Antonio Duarte de Aguiar".

Em algumas localidades do interior ainda preserva-se tradicional crendice de que, se a noiva tropeçar na entrada ou na saída do altar, tal fato significa mau agouro, premonição do insucesso do casamento que está realizando. Esta crença tem sua origens no fato de que as moças daquela época, principalmente as mais humildes e do interior, dificilmente haviam usado sapatos de salto alto. A grande maioria nunca havia experimentado um antes de casarem-se. Por ser o sapato de salto um produto caro, que na época era importado, poucas noivas tinham acesso a eles, e as que obtinham, eram emprestados ou alugados, conforme nos narrou Saul Ulisséa. Por não terem usado antes não estarem afeitas a este tipo de calçado, o que podia provocar uma torção de pé, ou outro desconforto qualquer, o que fazia a noiva tropeçar ou descompor-se em seu desfile até o altar, em plena cerimônia. Foi o aconteceu com Aninha, pois ao sair da Igreja, por nunca te-los usado, ou mesmo por serem grandes demais, torceu um dos pés, o que quase provocou sua queda. A partir de então, não faltaram as sombrias previsões de que a união estava fadada ao insucesso, o que seria efetivamente concretizado, para regozijo e deleite dos maus agouros que as "comadres" passaram a fomentar.

Quer pela força da superstição ou pelo destino que já lhe havia sido traçado, o fato é de que este casamento realmente não deu certo. Os fatores determinantes para o fim deste casamento foram óbvios: a) o casamento foi realizado por imposição social e familiar; b) era notório o interesse econômico da família de Aninha neste casamento; c) se inicialmente Aninha não havia consentido, era porque não devotava nenhum amor ao noivo e se depois veio a concordar, é porque foi pressionada pela penúria e estado de quase miserabilidade de sua família; d) nela haviam sido implantados os embriões das mudanças sociais e políticas, enquanto em Manoel Duarte de Aguiar estava alicerçado o convencimento que deveria manter a ordem monárquica vigente; d) ela era indômita, amava a natureza, a vida livre, gostava de conhecer lugares, tinha curiosidades, e ele, ao contrário, era passivo e fechado, vivendo introvertidamente, dedicando-se apenas a sua sapataria e as suas isoladas pescarias.

Assim fluíram os primeiros meses deste infeliz matrimônio, cujas diferenças, a medida em que o tempo passava, ao invés de uni-los, ao invés de oferecer-lhes prazer e filhos, tornava-se infecundo, sem alegrias. Suas personalidades tão diversas, fizeram com que, gradativamente, fossem sendo afastados um do outro. Introspectivo, ciumento e conservador, Manoel tentou modificar Aninha, que repugnava a vida monótona, procurando compensar sua clausura matrimonial com longos e demorados passeios em casa dos poucos amigos e, principalmente, junto a residência de seu padrinho, que habitava na localidade da Ponta da Barra, hoje bairro de Laguna, onde o Rio Tubarão desemboca junto ao mar.

De nada adiantou a interferência clerical e de sua mãe, pois Manoel, provavelmente recusado ao leito, tornou-se mais introspectivo ainda, dando-se ao vício da bebida.

FOTO 6: CASA ONDE ANITA FESTEJOU CASAMENTO

(12)- GARIBALDI E ANITA - BRASIL GERSON - pg. 9
(13)- A HISTORIA DA REVOLUÇÃO FARROPILHA -MORIVALDE CALVET FAGUNDES - pg. 82)
(14) - VIDA E MORTE DE ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO - ANITA GARIBALDI

CAPITULO V - ANTES DA INVASÃO, ANINHA FOI ABANDONADA PELO MARIDO

ANOS ANTES DA INVASÃO, LAGUNA CONSPIROU CONTRA A MONARQUIA

As idéias de autonomia e substituição do regime monárquico pelo republicano, tinham em Laguna fervorosos e intransigentes adeptos, e quando a Revolução Farroupilha foi deflagrada no Rio Grande do Sul, ali encontrou terreno propício para proliferação do ideal republicano. Mais tarde ali seria aberta uma nova frente de combate, enfraquecendo ainda mais o Império, o que

motivou os farroupilhas a elaborarem um plano de invasão à Santa Catarina. De fato, em 9 de março de 1838 o coronel farroupilha Jose Mariano de Matos, à testa de 1300 homens, invadiu e tomou a Vila de Lages, proclamando a nova república dois dias após, em 11 de março. Para a consolidação da República Catarinense, deveriam conquistar a cidade de Laguna, mais importante ainda em virtude de seu porto, permitindo o aceso dos farroupilhas ao mar. Se exitosa a empreitada, conquistariam Desterro e, conseqüentemente, toda a Província de Santa Catarina estaria sob o comando dos farroupilhas, quando consolidar-se-ia a nova república, apta a fazer parte da acalentada confederação de países livres e independentes.

Muito antes deste plano ser colocado em prática, os mais exaltados lagunenses, contrários a manutenção da monarquia, tentaram insuflar os soldados a uma revolta, pois estes também estavam descontentes, com seus soldos em atraso. A oligarquia monarquista em Laguna era representada pelo juiz de paz e tenente coronel de milícias Francisco da Silva França, que além de usar seus poderes para vinditas pessoais, destinava os cargos públicos aos seus parentes, como João Francisco França, coletor das rendas nacionais.

Nos meses que se seguiram houveram diversas manifestações, boletins foram distribuídos, exortando a população às armas para deporem os membros da Câmara Municipal e a monarquia. No início de 1836 a guarnição militar imperial de Torres foi tomada pelos farrapos.
No mesmo ano, diversos atos de solidariedade aos farroupilhas riograndenses foram praticados pela população de Laguna. Prova desta solidariedade é o fato de que em 23 de julho de 1836, o Ministro da Justiça do Império, oficiou ao Presidente da Província de Santa Catarina pedindo explicações e providência enérgicas para coibir os embarques clandestinos de pólvora, que os lagunenses remetiam aos farrapos republicanos na Província do Rio Grande do Sul. O Juiz de Paz de Laguna foi energicamente repreendido e a sua reação não tardou.

O presidente da Província de Santa Catarina, Jose Mariano Cavalcanti de Albuquerque, sendo informado da simpatia que os lagunenses nutriam pelos sistema republicano, em janeiro de 1836 fez publicar uma proclamação ao povo catarinense, advertindo que *"os que aspiram a forma republicana são àqueles que nada têm a perder, pois só ambicionam a riqueza e o poder, não se importando com o padecimento do povo, com o entorpecimento do comércio, com o definhamento e paralisia das artes* "(15) **.**

EM 1836, A GUARDA LAGUNENSE RECUSOU-SE COMBATER OS REPUBLICANOS

José Mariano, de olho nos acontecimentos e notícias que vinham da Província do Rio Grande do Sul, dois meses após, em 12 de março de 1836, ordenou que de Laguna partisse um contigente de guardas nacionais para guarnecer a fronteira com o Rio Grande do Sul. A soldadesca recusou-se a cumprir a ordem, posto que também eles já estavam imbuídos com o propósito republicano, graças ao trabalho de conscientização que foi feito

junto a população local durante os anos anteriores. Como desculpa oficial, os oficiais menos graduados informaram que a ordem não podia ser cumprida, em virtude de que os soldados, por estarem com seus soldos em atraso, estavam com suas família passando por necessidades. Também não dispunham de equipamentos, fardas e armamentos adequados. Por tais motivos, recusaram-se a empreender a marcha. Estavam abertas as portas de Laguna aos farroupilhas, pois a resposta inflamou ainda mais os lagunenses adeptos às idéias do Partido Republicano, que pretendiam aqui fundar uma república, com o apoio dos farrapos.
Segundo narra Lindolfo Collor (16), na noite em que os oficiais recusaram-se a cumprir as ordens, um lagunense exaltado - João Tomas de Oliveira, a frente de numeroso grupo de civis foi postar-se a frente da residência da casa de Silva França, onde intitularam-se "*partidários de Bento Gonçalves, o pai dos pobres e não de um ladrão...*"

Este fato, acontecido quase três anos antes de Garibaldi chegar a Laguna, comprova a existência de um clima de inconformidade, de conspiração e revolta em adiantado grau de evolução, que já fazia ruir as estruturas do poder monárquico unitarista, ao ponto de simples soldados recusarem-se ao cumprimento de uma ordem do presidente da Província. A perda do poder da autoridade monárquica ficou ainda mais caraterizado quando cidadãos comuns, insultaram publicamente o todo-poderoso tenente coronel Silva França, a maior autoridade monárquica em Laguna.
Em represália a estes fatos, limitou-se a mandar prender dois ajudantes de tenentes, um sargento e os seis praças mais exaltados. Temeroso, no dia seguinte abandonou a Vila, deixando seus oficias leais no comando, pois como ele próprio narrou a seus superiores, *"convulsionado estava o distrito de Laguna ... a maioria da população comunga das mesmas idéias que agitam os filhos do Rio Grande "*(17)

Depreende-se, portanto, que havia um elevado grau de consciência na população, que atingia os mais humildes, que estavam cansados dos desatinos e do autoritarismo monárquico. Clamavam pela mudança que esperavam alcançar com a implantação de uma república, que poderia substituir o regime monárquico em todo o vasto território brasileiro, ou então, na impossibilidade de mudança, que fosse secionada a Província e criado um novo país, sob o regime republicano. Embora importante pelo seu Porto, a jurisdição da Vila da Laguna abrangia apenas 20.000 "almas", que habitavam nas suas diversas "freguesias", sendo as mais importantes, pela ordem, as de Nossa Senhora das Dores do Campo Bom (atual Jaguaruna), Senhor Bom Jesus do Socorro da Pescaria Brava (atual distrito lagunense de Pescaria Brava), Sant'Ana de Vila Nova (atual Imbituba), São João Batista do Imarui (atual Imarui), Sant'Ana do Mirin (atual distrito de Imbituba), Ararangua, Garoupaba do Norte (atual Garoupaba) e Poço Grande do Rio Tubarão, atual cidade de Tubarão (18).
A área da Vila de Laguna, propriamente dita, contava com aproximadamente 5.000 habitantes, o que fez com que toda a comunidade se envolvesse nestes episódios, direta ou indiretamente, motivo pelo qual o fato que não passou a margem do conhecimento da adolescente Aninha, que no mínimo, como testemunha ocular, vivenciou e acompanhou estes a rebeldia lagunense contra a ordem monárquica.

O MARIDO ALISTOU-SE NO EXERCITO IMPERIAL, ABANDONANDO ANINHA

O governo do Desterro, devidamente informado das pretensões dos farrapos e prevendo a invasão à Laguna que em breve poderia acontecer, tratou de preparar-se, convocando homens para o exército imperial, cuja responsabilidade ficou a cargo do enérgico comandante militar português João Carlos Pardal, que para seu exército evitou de convocar os brasileiros natos, preferindo portugueses e apenas os brasileiros comprovadamente leais à Monarquia, que não viessem a desertar em favor dos farrapos, como estava acontecendo na Província do Rio Grande do Sul.

Manoel Duarte de Aguiar, o sapateiro marido de Aninha, foi um destes que alistou-se nas hordas do exército legalista imperial, e assim o fez por dois motivos: a) porque era monarquista convicto e a Laguna de então era amplamente republicana, o que não lhe permitiria continuar a convier em meio tão antagônico, com discussões acaloradas, o que poderia colocar em risco sua própria vida; b) porque seu casamento já ruíra, e não lhe havia dado os filhos e os prazeres que imaginava, já que não tinha sabido conquistar as virtudes e a forte personalidade temperamental de sua jovem esposa.

A infeliz união teve um ano, aproximadamente de relações frívolas, tornando-se praticamente inexistente, já que Aninha vivia maior parte do tempo junto aos seus parentes, do que propriamente em sua casa. Logo que passou a curiosidade natural de uma menina que casa-se com menos de quinze anos, adveio a impossibilidade de convivência de pessoas tão diferentes, quer quanto a compleição física, quando a personalidade e as idéias. Já não podia mais suportar a permanente companhia de um homem indiferente, alcoolizado, por quem não nutria nenhuma simpatia e afeto. Para piorar, tinham pensamentos contrários quanto a manutenção da monarquia e a sua mudança pelo regime republicano. Estes fatores a levaram aos longos passeios em casa de parentes e das poucas amigas que possuía.

Manoel Duarte Aguiar soube compreender a oportunidade que lhe surgia quando o coronel João Carlos Pardal o convocou, e sem maior perda de tempo, provavelmente no ano de 1837 ou 1838 abandonou a Vila de Laguna e a jovem esposa definitivamente.

Há um relato que uma senhora, natural de Laguna, que o teria encontrado, muitos anos após, já bastante envelhecido, em uma das ruas de Desterro, onde teria ficado residindo definitivamente após ter dado baixa do serviço militar. Teria abandonado o casamento e retirado-se de Laguna por vergonha da rejeição que Aninha lhe devotou e por medo do que estava por acontecer. Existem ainda afirmações de que teria sido preso e morto por alguns farroupilhas, que bem antes da invasão à Laguna, havia acampado nos campos da Carniça.

A verdade, porém, até hoje não se sabe. Por diversos fatores que não serão

analisados nesta obra, o autor filia-se a corrente majoritária entre os pesquisadores e historiadores, de que Manoel Duarte alistou-se no exercito imperial, afastando-se definitivamente de Laguna e abandonando Aninha quase dois anos antes dela conhecer Giuseppe Garibaldi.

Assim como surgiu repentinamente, imposto que lhe foi por um casamento sem sentimentos, sem desejo e sem amor, da mesma forma o viu sair subitamente de sua vida, sem qualquer pre-aviso ou formalismo, abandonando-a, não tendo mais dele qualquer notícia digna de crédito.

Morando na cidade, próxima a estes episódios todos, testemunha ocular dos fatos, Aninha assistiu os efeitos e os primeiros acontecimentos que foram propulsionados pelas idéias republicanas e pelo sentimento de independência e liberdade, que as haviam sido transmitidas por seu Tio Antônio, as quais ela aderira ainda na sua puberdade.

(15)- COISAS VELHAS - SAUL ULISSEA - pg. 63.
(16)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR - pg 213
(17)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINFOLDO COLLOER - pg 213
(18)- Conforme senso relatado pelo viajante francês Van Lede *in* A LAGUNA ANTES DE 1880 - Pe. JOAO LEONIR DALL' ALBA - pgG 75

CAPITULO VI - ANINHA ASSISTIU A INVASÃO DE LAGUNA

ANTES DE GARIBALDI CHEGAR, LAGUNA FOI ASSEDIADA PELOS REPUBLICANOS LAGEANOS

Enquanto estes fatos todos tiraram do estado de letargia as autoridades imperiais catarinenses, que passaram a preparar-se através de seu comandante militar João Carlos Pardal, um diminuto grupo de soldados farroupilhas, chefiados pelo coronel Filipe José de Souza Leão, conhecido pelo apelido de Capote, muito tempo antes de Garibaldi chegar à Laguna, desceu dos Campos da Vacaria para a Vila de Araranguá. Ali uniu-se a mais alguns republicanos e marcharam celeremente sobre a guarda da Barra Velha, dos Conventos, a quem derrotaram em rápida refrega. Narra LINDOLFO COLLOR que *"... no distrito de Araranguá engrossou-se a coluna de uns trezentos homens, gente de José Francisco da Silva e da família Rebelo, vítimas de violências das forças legalistas. Com o armamento conseguido na Barra Velha, prosseguiu Capote sem perda de tempo em direção ao norte. Pôs em debandada as guardas do Camacho e da Carniça. Ocupou esses lugares. E confiado no sucesso da empresa, demandou o Campo da Barra. Já da Laguna havia saído a unir-se a ele Marcelino Soares da Silva, à frente dos populares simpatizantes da causa republicana. Isidoro Fernandes, outro filho do lugar,*

mais tarde marechal do exército brasileiro, foi dos primeiros a corresponder-lhe aos inflamados apelos. Ao mesmo tempo. descia de Lages outro destacamento revolucionário sob as ordens do coronel Serafim Muniz de Moura, e tomava de assalto a vila de Tubarão. De todos os lugarejos próximos, acorriam voluntários para as improvisadas fileiras de combatentes. Grande foi o alvoroço na Laguna à aproximação das colunas revolucionárias - entusiasmo da parte dos filiados ao partido republicano, preocupação e nervosismo nos arraiais da legalidade. Silva França procurou chamar às armas os seus guardas-nacionais. Capote já acampara com a sua gente à margem direita do canal da barra (hoje conhecida como Vila da Passagem da Barra), defronte ao bairro do Magalhães. De lá intimava a tropa legalista à rendição. O Comandante legalista Vilas-Boas, determinou que a canhoneira -Lagunense- e duas lanchas tripuladas por setenta homens armados, subissem o rio Tubarão até a Carniça, a fim de desalojar os rebeldes daquela posição, e que a escuna "Itaparica" tomando um pelotão de setenta infantes, se dirigisse para o Campo da Barra a fim de expulsar outro agrupamento dos farrapos que ali se entrincheirara. E receando uma possível conivência entre as tropas de linha e os atacantes mandou, desatinado como sempre, desmontar o forte fronteiro à vila, cujo material foi recolhido a bordo de uma das canhoneiras. 0 Lagunense e os lanchões desembarcaram parte da tropa no capão de Miraguaia procurando flanquear os rebeldes, que, alertados em tempo, frustraram o ataque. Houve cerrado tiroteio, com baixas em ambas as partes. Também a Itaparica, nesse meio tempo, operava o desembarque protegida pela ação da artilharia. Procuravam os republicanos atraí-la ao combate, formados em dois esquadrões. Como os imperialistas não contassem com tropas montadas na ocasião, deixaram de prosseguir no avanço, e os sediciosos, vendo que não lhes seria possível assenhorear-se da Laguna com a facilidade imaginada, retrocederam sobre Campo Bom, onde se instalaram. Na retirada, arrebanharam todo o gado e cavalhada que puderam. E entrincheirados naquele reduto, quedararam-se à espera da divisão de Canabarro, que se aproximava" (19).

Não é difícil imaginar o efeito que tais fatos criaram nos habitantes esperançosos da Laguna, entre eles Aninha, que ansiava por conhecer a materialização humana das acalentadas idéias republicanas.

Algum tempo mais tarde foi colocado em prática um plano de ataque à Laguna, engendrado pelos republicanos riograndenses, e que deveria ser executado em duas frentes: David Canabarro marcharia por terra, partindo das proximidades de Viamão, e o italiano Giuseppe Garibaldi atacaria por mar, com os únicos dois pequenos navios que a marinha da Republica Riograndense possuía: o Farroupilha e o Seival.

GIUSEPPE GARIBALDI

Giuseppe Maria Garibaldi era italiano, filho de Domenico Garibaldi e de Rosa Raimondi. Nasceu em 04 de julho de 1807, na cidade de Nizza, que mais tarde passou ao domínio da França, com o nome de Nice. Filho de armador e capitão de navios. "*Era belo e forte como um atleta, e as melenas alouradas*

caindo-lhe até os ombros, davam-lhe a mais romântica das aparências - uma estranha e buliçosa aparência de espadachim inquieto... " (20)

Encontrava-se no Brasil porque em sua pátria tinha sido condenado a morte por suas lutas em pról da Jovem Itália, sociedade fundada por patriotas que pretendiam unificar as diversas regiões da península itálica, criando o Estado Italiano sob a forma de governo republicano. Os interesses internacionais e os governos da Espanha, Áustria e França, que não queriam a unificação italiana, logo o declararam inimigo. Sua formação democrata o transformou em aguerrido inimigo dos regimes despóticos e unitaristas. Perseguido, logrou fugir, tendo sido condenado a morte pelo Rei do Piemonte Carlos Alberto. Em sua fuga teve a oportunidade de conhecer os ensinamentos são-simonianos, que pregavam um novo cristianismo. Estas idéias emprestaram-lhe um caracter anticlerical, piedoso, desprovido de qualquer ambição de bens materiais, concebendo a mulher como uma companheira, que possuía os mesmos direitos e igualdades que desfrutavam os homens. Chegou ao Brasil em 21 de novembro de 1835 acompanhado de um punhado de "*patriotas italianos*", que também haviam sido proscritos pelos mesmo motivos. Ao chegarem encontrou no Rio de Janeiro mais alguns companheiros e passou a dedicar-se aos serviços marítimos, transportando mercadorias de um porto para outro, internamente. Brevemente, seu espírito revolucionário, auxiliado pela maçonaria, o colocou em contato com o General Bento Gonçalves, líder dos farroupilhas, que havia sido preso e estava encarcerado. Deste encontro saiu com uma carta de Bento Gonçalves que determinava ao presidente da Republica Riograndense dar a Garibaldi uma carta de corso, já que a Marinha Republicana riograndense não existia, e era necessário admoestar o Império também por mar, libertando o Porto de Rio Grande, indispensável a consolidação da República. De posse da carta de corsário, fez-se ao mar e aprisionou um navio e sua carga. Esteve no Uruguai, onde após ser preso e torturado, fugiu para o Brasil, entrando pelo sul do Rio Grande do Sul. Como estava a serviço da marinha republicana, foi-lhe dado a incumbência de construir embarcações e combater a frota imperial que patrulhava a Lagoa dos Patos para evitar que o Porto do Rio Grande caísse nas mãos farroupilhas.

FOTO 7: DIVERSAS FOTOS DE GARIBALDI

A TRAVESSIA DO SEIVAL POR TERRAL, PUXADO POR 100 JUNTAS DE BOIS

Havia construído os lanchões Farroupilha e Seival, mas estava impedido de fazer-se ao mar pela Barra do Rio Grande, fortemente guarnecida pela Marinha Imperial. Para atingir e invadir Laguna em Santa Catarina, deveria passar pela Barra do Rio Grande. Encontrou uma solução audaciosa, e após convencer os chefes farrapos do projeto, determinou a construção de dois carretões, com rodas de quase quatro metros de diâmetro, que sendo construídos somente com madeira encaixada, sem nenhum prego ou parafuso, foram colocadas na água até submergi-los. Depois deslizaram as naus sobre a água, até onde estavam submersos os lanchões, quando, então, duzentos

bois emparelhados e atrelados puxaram as carretas e sobre ela vieram para fora d'água os lanchões. A epopéia foi realizada no extremo norte da Lagoa dos Patos, no local conhecido como Saco da Roça Velha, onde o Rio Capivari desemboca na Lagoa.

O inusitado e estranho cortejo partiu por terra no dia 5 de julho de 1839 e seguiu em direção nordeste por cerca de oitenta quilômetros. Partiram abrindo estrada na mata, cruzando campos, baixios alagadiços, pântanos e regiões de areia mole. Chegaram na Lagoa de Tramandai em 11 de julho, em cujas águas lançaram o palhabote Seival e a escuna Rio Pardo. A audaciosa operação levou seis dias de ininterrupta marcha e contou com o conivente sigilo da população local, o que garantiu o êxito do projeto. Devidamente equipadas com diversos canhões, da Lagoa as duas embarcações cruzaram a Barra de Tramandai às 20 horas, fazendo-se ao mar, rumo a Laguna. O comando do lanchão Farroupilha estava sob a responsabilidade de Giuseppe Garibaldi, que era um pouco maior, mas de menor resistência. O comando do Seival foi confiado a John Grigs, um americano que voluntariara-se aos ideais republicanos.

FOTO 8 : REPLICA DO SEIVAL
FOTO 9 : MAPA DA TRAVESSIA DO SEIVAL

GARIBALDI NAUFRAGOU PROXIMO A FOZ DO RIO MAMPITUBA

Forte chuvas caíram e um temporal surpreendeu o Farroupilha na traiçoeira costa, nas proximidades da foz do rio Mampituba, região que tem seu fundo raso e com pedras, o que a faz ser respeitada e conhecida como "cemitério de navios". Era o dia 15 de julho, quando a frágil embarcação, com trinta homens a bordo, atingida pela violência dos ventos de das ondas, não resistiu, fazendo-a afundar. Garibaldi, após tentar ajudar seus companheiros, salvou-se nadando até a praia. No desastre marítimo morrem diversos soldados farroupilhas, entre eles os italianos que o acompanhavam, amigos íntimos, de sua absoluta confiança: Eduardo Mutru, Luigi Carniglia, Luigi Staderini, Navona, Giovanni e outros.

Com os homens que salvaram-se empreendeu e uma caminhada pela praia, rumo norte. Após transporem nadando a foz do Mampituba, chegaram a Barra da Lagoa do Camacho, onde surpresos, encontram o Seival ancorado, que havia escapado milagrosamente do furacão que abateu o Farroupilha. Também encontraram a tropa do Valente Capote, aguardando a chegada de Canabarro e seus homens. Ali permaneceram alguns dias, restabelecendo-se do naufrágio, sem que os imperiais de Laguna tomassem conhecimento, contando, para tanto, com o cúmplice silêncio da população que habitava a Barra do Camacho e arredores, em virtude destes nutrirem simpatia pela causa que propunha o fim da monarquia.

FOTO 10 : NAUFRÁGIO DE GARIBALDI

APENAS COM O SEIVAL, GARIBALDI SURPREENDEU E TOMOU LAGUNA

Aproveitando o conhecimento de um prático do local, conhecido como João Henrique Teixeira, acostumado a navegar pelo sinuoso sistema de canais e lagoas interligadas pelo delta que o Rio Tubarão formava, soube Garibaldi, que poderia por ali chegar ao Rio Tubarão, o que lhe permitiria burlar a vigilância e atacar a flotilha imperial pela retaguarda, que o esperava na embocadura do Rio Tubarão. Embora a lâmina de água da Barra do Camacho fosse baixa, de pouca profundidade, contou com o aumento do volume das águas, que naqueles dias caiu copiosamente dos céus. Com a força braçal da determinante vontade de seus soldados, jogaram-se a água e empurraram o Seival com suas mãos e com improvisadas alavancas de árvores, quando este encalhou na areia dos baixios da Barra. A dificuldade natural foi transposta e o desafio era contar com o elemento surpresa para conseguir vencer a superioridade da Marinha Imperial ancorada a poucos quilômetros, em Laguna.

A defesa de Laguna estava montada com muito homens armados e uma flotilha composta por cinco embarcações O primeiro combate deu-se em um estreito canal do Rio Tubarão, junto a costa dos campos da Carniça, cujo ataque foi desfechado pelos imperiais de bordo do Catarinense, comandado por José de Jesus, que abriu fogo contra os homens do republicano Jacinto Cordeiro Freitas. Houve combate renhido, com tiros de fuzilaria e artilharia, impondo derrota aos imperiais que, após descerem da embarcação fugiram, perecendo o navio e mais da metade dos praças. Vencida a primeira resistência, Garibaldi agora comandando o Seival, atingiu o rio Tubarão e velozmente, chegou ao Canal da Barra, ha poucos metros do mar, surpreendendo os navios imperiais Lagunense, Itaparica e Santana, que foram todos apresados, tendo logrado escapar apenas o Cometa. Senhores das embarcações ancoradas, resolveu Garibaldi desembarcar e após uma rápida troca de tiros, rendem-se os marinheiros e o comandante do Itaparica Tenente Muniz Barreto. Faltava apenas a Vila da Laguna ser tomada, o que foi feito ao final da tarde de 22 de julho, com os quarenta homens, que foram transportados por Garibaldi e comandados por ele e por Jerônimo Castilhos. As forças de Teixeira Nunes chegaram logo após a tomada da Vila, provenientes de Lages, sucedidos de David Canabarro, que veio com sua tropa de Viamão. A guarnição imperial havia abandonado a cidade, muito embora seu comandante houvesse anteriormente ordenando que deveriam opor resistência máxima possível. Ao chegarem apreenderam as escunas referidas, 14 pequenos veleiros, 15 canhões, 463 carabinas e 30.620 cartuchos (21)

FOTO 11: ROTEIRO DO SEILVA EM LAGUNA

LAGUNA FESTEJOU A CHEGADA DOS REPUBLICANOS RIOGRANDENSES

Os imperiais fugiram em direção norte, parando em Garoupaba. Perseguidos,

ofereceram resistência, mas depois dali bateram em retirada, sendo perseguidos até o Morro dos Cavalos, onde o comandante farroupilha Teixeira Nunes, às margens do rio Massiambù, ficou acampado com seu exército.
Na Vila da Laguna a alegria foi geral. Escreve SAUL ULISSEA (22) que *"a entrada das forças na Vila foi um verdadeiro hino aos revolucionários. Uma moça, Maria da Glória Garcia, filha do patrão-mor do Porto foi tomada de tal entusiasmo que tomou a bandeira das mãos do oficial que a conduzia, marchou com garbo no meio da tropa, sob delirante aplauso da população... Foram feitos festejos populares com iluminação a noite. O vigário Francisco Vilela, fervoroso republicano, promoveu festejos religiosos em honra aos farroupilhas. Eram tão intensos os festejos populares e a alegria da população da Vila, que David José Martins Canabarro foi tomado de entusiasmo proferindo estas palavras: - deste porto sairá a hidra que devorará o Império".*

Como pode muito bem deduzir o leitor, a chegada foi festejada porque a população realmente havia sido de muito tempo preparada psicologicamente para o momento, e desejava sinceramente a extinção do regime imperial, sentimento este que, conforme já vimos em suas cartas transcrita em capítulo anterior, também era nutrido por Aninha, já defensora das idéias republicanas, a serem implantadas com uma revolta:
"... Imagine só que maravilha poder ser livre! ... ajudar meu tio a preparar a revolução. ... sentia que estávamos todos unidos, amigos para toda a vida .... procurei entender o que é a liberdade ... as pessoas deveriam escolher quem as governa e lutar para os pobres não sofrerem mais .... Tio Antônio ... parece mesmo decidido a organizar a revolta, e você vai ver como ele vai conseguir..".
(23)

Com a invasão de Laguna, o destino acabara de construir importante capítulo, cujos acontecimentos materializaram os acalentados e tão almejados sonhos da criação do regime republicano, que embora trazidos por um levante armado, significavam a implantação efetiva dos ideais de igualdade, de justiça social, liberdade e de fraternidade. Tais fatos colocaram Aninha nos limites da linha que a separaria de sua vida humilde, faltando-lhe apenas um passo para transpo-la, tornando-a protagonista de uma vida de glorias e de decepções, de grandes vitórias e de amargas derrotas, de alegrias e de sofrimentos, de dores e de esperanças, de vidas e de mortes ... .

(19)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINFOLDO COLLOR
(20)- GARIBALDI E ANITA - BRASIL GERSON, pg 31
(21)- A HISTORIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA MORIVALDE CALVET FAGUNDES - pg. 260
(22)- COISAS VELHAS - SAUL ULYSSEIA - pg. 67
(23)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI

CAPITULO VII - NO ENCONTRO DE ANINHA COM GARIBALDI NASCEU A ANITA

O INFELIZ MATRIMONIO PREPAROU ANINHA PARA UMA GRANDE PAIXAO

Desde que aconteceu seu casamento, Aninha nunca escondeu sua infelicidade com o mesmo, e muitas vezes queixou-se e denunciou, aos mais íntimos, a sua revolta contra infeliz união, protagonizada por sua mãe e pelo padre local . Uma destas manifestações de inconformidade está inserida na carta que remeteu ao seu Tio Antônio, em Lages, passados apenas três meses de seu casamento:
"Laguna, novembro de 1835 . Querido tio Antônio: Sei que você vai achar estranho eu mandar escrever uma carta para você. Já faz algum tempo que eu me comunico deste jeito com a Felicidade lá no Rio, pois sinto muita saudade dela. Vou aproveitar a oportunidade para lhe contar o meu casamento. Mas a verdadeira razão desta carta é a necessidade de lhe dizer que nunca senti você tão perto de mim quanto no dia em que não veio assistir ao miserável final das minhas infelizes aventuras. Disseram que você tinha mandado dizer que estava doente, mas eu entendi a sua razão. Sei que você não quis participar da farsa que armaram contra mim, assim como tenho certeza de

que você nunca aprovou as chantagens de que fui vítima . Tenho esta certeza porque, desde pequena, sentada no seu colo, aprendi os seus princípios de liberdade e de justiça, e foi com você que aprendi a respeitar as aspirações de todos os seres humanos. Por isso agradeço por você não ter querido assistir ao ato da minha vergonha, àquele contrato imposto em nome desta nossa terra hipócrita, realizado contra tudo o que você sempre combateu. Da minha parte, não sei mais o que dizer. Você me conhece o suficiente para entender as minhas lágrimas, tão amargas quanto inúteis. Você pode imaginar a igreja enfeitada para a festa, com o tapete vermelho das solenidades estendido da porta até o altar. Para mim, parecia um rio de sangue. Entrei de braços dados com o meu padrinho, que me segurava firme para me amparar. Sentia umas pontadas geladas no estômago. Os olhos pretos das duas estátuas de madeira, que ficam na laterais, pareciam carvão em brasa. Tentei não olhar para o Manuel no altar, mas quando ouvi sua voz respondendo ao padre, perto de mim, achei que ia desmaiar. Não me lembro nem de ter aberto a boca .Depois da missa cantada, que não acabava mais, virei as costas para o altar, esforçando-me para conter o enjoou, e comecei a caminhar para a saída. Então Manuel quis me pegar pelo braço, mas eu o afastei e me esqueci de prestar atenção nos sapatos. Aí eu tropecei. Os sapatos eram muito grandes para mim e eu não estava acostumada a usá-los. Na igreja cheia de gente ergueu-se um murmúrio, porque, como você sabe, tropeçar ao sair da igreja depois do casamento, é mau agouro. Mas eu nem liguei, pois não podia imaginar uma situação mais infeliz. Quero que saiba que o meu casamento não é um casamento verdadeiro. Desde o começo, eu me recusei a ir para a cama com o Manuel, e ele não insistiu, pelo menos até agora. Pedi para ele me desculpar, mas eu não queria ir para a cama sem amor. Ele parece resignado a esperar, ou talvez tenha pena de mim. Talvez ele seja melhor do que eu pensava. Mas então por que se prestou ao jogo cruel dos outros?... .Eu lavo roupa, limpo a casa e cozinho. 0 resto do tempo, vou ajudar a mamãe com os meninos, apesar de no começo eu ter resolvido deixar que ela se arrumasse sozinha, já que ela quis que eu me casasse. Mas depois fiquei com pena dela. A gente vê que ela está sempre cansada e, quando chega a noite, está quase se arrastando. ...Gostaria muito que você viesse me visitar, apesar de saber que anda muito ocupado. Se não der para você vir logo, vou dar um jeito de ir até Lajes para fazer uma visitinha. Mas, enquanto isso, quero que saiba que gosto ainda mais de você pela sua ausência naquele maldito dia.. Sei o que você sofre por seus princípios. Agora quero que me ensine a suportar isso tudo.Com o afeto de sempre, sua sobrinha Ana". (24)

Mesmo aos que acreditam que, em casos análogos como este, ou seja, quando a mulher casa-se sem amor, a constância do casamento dobra os gênios e os sentimentos femininos mais resistentes, no caso específico de Aninha, fica a convicção de que isso não aconteceu, pois, aparentemente, seus sentimentos sobrepuseram-se. É o que depreende-se da leitura de alguns trechos da carta endereçada à sua irmã Felicidade, no Rio de Janeiro, em julho de 1837:

"*Laguna, junho de 1837 Minha querida irmã. Sei que já faz tempo que não mando lhe escrever. ... Mas depois do casamento me senti muito deprimida para dizer qualquer coisa. já faz tempo que não tenho vontade de falar com ninguém. ... fiquei sabendo do nascimento do seu filho Pedro. Quero dizer que*

estou contente por ser tia e espero que você encontre nele e no seu marido toda a felicidade que merece ...Nunca vou ter filhos, porque desde o começo rejeitei o Manuel e ele nunca insistiu. Ele não é o tipo de homem que se impõe e, para me obrigar, teria que usar toda a força. Seria ridículo. Acho que tenho mais músculos do que ele! Veja só que situação absurda a minha! Ainda não entendo quem é que ganhou com este contrato sujo. Eu é que não fui. Quanto ao Manuel, eu teria aceitado de boa vontade cuidar da casa dele, sem precisar casar. Teria sido mais fácil para ele também. Nesta situação odiosa, a gente nem se fala mais. Afinal, falar o quê ? É claro que às vezes fico imaginando como será sentir o peso do corpo de um homem. As outras mulheres me falam das delicias do amor, contam dos abraços ardentes dos companheiros, do fruto dos seus amores que, com a gravidez, começa a se mexer no ventre, ternamente. Dizem que é maravilhoso. Procuro não dar ouvidos a elas... Minha tranqüilidade eu encontro passeando nas praias que se estendem até o infinito ... Ir à Barra, à casa dos padrinhos, também me acalma. Sei que eles precisam mesmo de ajuda ... 0 potrinho da tua égua já está crescido e muito bonito. As vezes eu monto nele e ele me leva pelos campos como um corcel alado Tem a crina comprida e dourada. Eu a sinto áspera enroscada em minha mão, quando saio a galope como se me tornasse parte do animal ... Quando posso, só volto ao pôr-do-sol, quando as sombras se alongam, o perfume do campo se torna mais penetrante e as rãs soluçam. ...Tenho sensações estranhas ...como se estivesse esperando alguma coisa, com aquela calma estranha das horas que antecedem as tempestades. Talvez essa impressão seja provocada pelos boatos que vêm circulando há algum tempo, muita gente tem vindo do Sul falando em complôs e atentados... Titio, com a segurança de sempre, diz que logo vai estourar a revolução. Aqui perto, no Rio Grande do Sul, os homens já estão se organizando... Manuel escuta com atenção as notícias sobre a possível propagação da insurreição, pois ele está inscrito na reserva imperial e pode ser chamado para o exército. Imagine só que ele não tem vergonha de ser um servo do imperador! Não sei como ele acha que vai conseguir disparar contra os que ele chama de rebeldes, quer dizer, os pobres e oprimidos como nós. Aqui, eles são chamados de farrapos, esfarrapados. Não dá, nunca vou conseguir entender o Manuel. Mesmo nestas coisas, não temos nada em comum. ... Escreva-me logo. Um abraço apertado, Aninha" (25)

ANINHA FOI AO *TE DEUM* PARA CONHECER OS CHEFES FARROUPILHAS

A simples leitura destas duas cartas dispensa maiores comentários para chegar-se a conclusão do que foi o primeiro casamento de Aninha, deixando no ar a dúvida de que sequer tenha havido um relacionamento sexual entre o casal. E evidencias para isto não faltam! Sobre este aspecto, deve ser indagado o porque Aninha não tenha engravidado, já que após casados viveram no mesmo teto por um considerável período de quase dois anos ? Manoel Duarte de Aguiar, que ao contrário de ostentar beleza física, estava casado com uma das mais lindas moças da Vila, cheia de vida, ansiosa por alguém que a amasse, que a fecundasse dando-lhe filhos, e portanto, mesmo com a contrariedade inicial de Aninha, deveria estar feliz com esta sua união, por usufruir de um invejado privilegio, que poucos homens possuíam. Porque então deu-se ao vício da bebida, tornando-se cada vez mais introspectivo e a

ausentar-se mais frequentemente em suas longas pescarias noturnas? Se durante este matrimônio houve ou não um relacionamento efetivamente marital, esta será uma grande dúvida que caberá a cada estudioso, a cada leitor julgar por sí ...

Embora filha de pais católicos e praticantes sempre que possível, desde seu casamento, Aninha não mais havia entrado na igreja matriz de Laguna. Quando lá esteve, pela última vez, foi em seu casamento, contra sua vontade, agredida que foi na sua auto vontade, erigida por sua vida livre, sem apego aos preconceitos, à ordem e regras legais e aos comportamentos sociais então vigentes.

O fato é que ela própria confessou o fato sobejamente conhecido, de que havia adquirido notada revolta contra o clero local por sua cumplicidade com a mãe para coagia-la ao infeliz matrimônio. Mesmo antes de casar-se, já devotava antipatia ao padre pelas suas tentativas de policia-la em seus comportamentos. Tais fatos a afastoram, a partir de então, das celebrações e frequência à Igreja.

Quando os farroupilhas entraram vitoriosos em Laguna, juntamente com a população local, Aninha não dissimulava sua alegria pelos fatos dos farroupilhas terem marchado vitoriosamente em Laguna. A despeito de seus rancores com o padre local, neste aspecto, ambos comungavam dos mesmos ideais, ambos desejavam o fim da monarquia e a instituição do regime republicano, com a autonomia administrativa e política da Província.

Na chegada, houve a triunfal entrada, com desfile das tropas sendo vivamente ovacionadas pela população local. Ao padre ficou a incumbência de celebrar uma missa, em ação de graças pela vitória republicana, cujos atos religiosos, com toda a pompa possível, foram celebrados no dia 24 de julho.

Embora sua disposição de não mais comparecer na igreja, nesta missa Aninha não poderia deixar de comparecer. A natural curiosidade e o sentimento de gratidão aos farroupilhas dobraram seu orgulho e teve, então, a oportunidade de ver de perto os líderes farrapos, os corajosos e valentes soldados, que, para defender os mesmos ideais do Tio Antônio, tinham tido coragem suficiente para enfrentar o potente Império, com toda sua estrutura militar. Diante do altar, diante de seus olhos estavam os agentes das transformações pelas quais tanto ansiava e havia sonhado. Precisava conhece-los, vê-los, se possível tocá-los !
Aninha assistiu ao *Te Deum,* e lá avistou, em meio aos líderes farrapos, que estavam postados junto ao altar, a figura de um homem vestido com roupas diferentes das costumeiras na cidade. Era de estatura mediana, com um cabelo longo e loiro, com olhos claros, por quem, subitamente, foi presa de um sentimento que jamais havia tido a oportunidade de sentir. Garibaldi tinha, então 32 anos de idade. Vestia botas compridas com calças pretas, parcialmente cobertas por um poncho cinza claro. Ante de entrar na Igreja usava um barrete chato, de marinheiro da Sardenha. Dias após esta missa, em carta que endereçou a sua irmã, datada de 8 de agosto, Aninha demonstrou claramente o despertar dos sentimentos que lhe brotaram

durante o ato religioso:
"...Ontem, na igreja, entre os comandantes, vi um homem que me pareceu maravilhoso. À luz das velas, seus longos cabelos loiros brilhavam como se fossem de ouro. Era bronzeado, tinha olhos claros. Logo pensei: um marinheiro. Depois, ouvi dizerem à minha volta que ele é estrangeiro e está no comando da esquadrilha revolucionária. Foi ele quem levou os navios rebeldes à captura vitoriosa do nosso porto. Quanto mais eu olhava para ele, mais sentia uma vontade louca de me aproximar. Mas o momento era inoportuno e eu não poderia ir muito para a frente sem ser observada. Além disso, você sabe que eu não gosto de entrar na igreja. Assim, fiquei hesitando, sonhando de olhos abertos que ele me via no meio da multidão ... . Quando a Fortunata me viu tão emocionada, veio correndo para saber o que tinha acontecido. Parece que ele veio do outro lado do mar, de um país chamado Itália. Você já ouviu falar? Fortunata também ficou sabendo que se chama José e vive a bordo do navio de comando, o primeiro que fundeou no porto" (26)
Por estranha coincidência, ou talvez por uma remissão divina, a mesma igreja, que havia servido de palco para celebrar as bodas com um homem conhecido, mas que não amava, estava agora servindo-lhe de palco para despertar-lhe o amor por um homem que não conhecia.

LAGUNA PROCLAMOU A INDEPENDÊNCIA DO ESTADO CATARINENSE

Após libertar a Província do jugo imperial, e para transformá-la em uma nação independente, *"tudo estava por fazer*", ponderava o italiano companheiro de Garibaldi, Luigi Rosseti, a quem foi confiado todo o trabalho burocrático e formal. Sentiam os farrapos e os lagunenses a falta dos elementos mais imprescindíveis e *" ...não encontravam amanuenses, nem mesmo tipógrafos. Dentro do júbilo popular, notava-se uma perplexidade geral. Tudo difícil, tudo fora dos seus lugares. Exigia se ali uma vontade de aço. Equilibrada e firme, para plasmar no caos o arcabouço de um novo Estado. Cinco dias depois da entrada das forças republicanas, reunia-se a Câmara Municipal para tomar conhecimento de um ofício de Canabarro (datado do dia 25). Presentes todos os vereadores, o presidente Vicente Francisco de Oliveira procede à leitura da mensagem. Pondera o comandante-chefe que a vitória militar e a espontânea decisão com que acorriam os livres americanos em todas as capitais do nascente Estado Catarinense às fileiras libertadoras seriam o garante da sua estabilidade. Que deveremos praticar em um nexo vitorioso - pergunta - quando os fatos procuram os homens e não estes aqueles? Quais os embaraços que faltam apurar? E o próprio redator do oficio responde às perguntas que formula: Nem um só resta para declarar já e solenemente a Nação Catarinense livre e independente, formando um Estado Republicano Constitucional. Esse dia de grandeza nacional pertence hoje à representação municipal desta fila, que deverá servir de capital interinamente, visto que o município da cidade do Desterro, único onde um limitado número de baionetas se conserva, ainda que por curto espaço de tempo, está privado de partilhar da glória de elevar com os demais concidadãos a pátria ao nível das nações do globo. E o comandante das forças, concretizando o pensamento propõe à Câmara que declarada a independência do Estado, tome ela a si a eleição provisória do presidente, que governará até que uma Assembléia Constituinte*

regularize definitivamente a situação. E recomenda não haja demora na convocação dos eleitores". (27)

Colocada a proposta do comandante das forças de ocupação à Câmara Municipal, por unanimidade declarou-se a *"independência do Estado Catarinense, Livre e Independente, adotando o sistema republicano ... ficando assim formado um Estado Republicano Livre Constitucional e Independente.* (28)

A histórica sessão aconteceu em 29 de julho de 1839, tendo sido presidida pelo vereador Vicente Francisco de Oliveira e dela participado os vereadores Domingos Custódio de Souza, Antonio José de Freitas, José Pereira Carpes, Floriano José de Andrade, Emanuel da Silva Leal. Deixou de comparecer sem causa justificada o vereador Antônio Joaquim Teixeira. Os vereadores haviam prestado juramento e investidos no cargo na Sessão Extraordinária do dia 27. Passou à história com o nome de "República Catarinense", mas também conhecida como "República Juliana", por ter sido fundada no mês de julho.

Como presidente provisório foi eleito o Sr. Joaquim Xavier das Neves, em 7 de agosto, por 17 votos a favor contra outros 4 dados ao padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro. O presidente eleito morava na Vila de S. João, e não chegou a ser empossado, posto que, além de ter titubeado em aceitar a indicação, residia muito distante de Laguna, próximo ao Desterro, o que permitiu ser coagido e ameaçado pelo legalista Presidente da Província de Santa Catarina. Assim, em virtude da ausência do presidente escolhido, assumiu o vice-presidente da jovem república, Padre Vicente Ferreira dos Santos, que como um dos seus primeiros atos decretou, após ouvir o Conselho Governativo, que a Bandeira Nacional fosse disposta horizontalmente, com as cores verde, branca e amarela, sendo o verde na extremidade superior. Estas cores permanecem até hoje na bandeira do Município de Laguna, e seu brasão de armas traz as palavras dos decretos governamentais da Republica Catarinense de 1839: LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE.

FOTO 12: ATA DE PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA REP. CATARINENSE

GARIBALDI PREPAROU A DEFESA DE LAGUNA

Passada a euforia inicial, tomadas as primeiras medidas que institucionalizaram a República Catarinense, foi necessário organizar sua defesa, já que tinham consciência de que haveriam de enfrentar a reação dos imperiais. A Giuseppe Garibaldi foi outorgado o posto de Capitão Tenente, Comandante da Esquadra Naval Catarinense.

Como ato inicial de suas atividades, Garibaldi determinou a recuperação das embarcações que haviam sido avariadas durante os rápidos combates da tomada de Laguna, e a reconstrução do Fortim do Atalaia, localizado na Ponta da Barra, que os imperiais, por ordem de seu comando, haviam destruído ao retirarem-se. Com diversos homens, passou a reconstrução do pequeno forte,

lá instalando três canhões que, pela sua proximidade com a única parte navegável do canal da barra, poderia impedir o acesso de navios.

No lado direito do canal, na parte frontal à pequena fortaleza, ancorou suas embarcações, onde as recuperou e armou, durante os diversos dias que seguiram-se. Face a distância da Vila - cerca de dois quilômetros - Garibaldi passou a residir na escuna Libertador, que após ter sido apreendida, foi rebatizada com o nome de Rio Pardo. Foi a bordo deste barco que fixou seu alojamento e instalou o comando naval, de onde supervisionava as operações e os preparos da defesa naval da emergente República.

No Rio Grande do Sul, quando ainda estava na Fazenda Camaquã, construindo as embarcações que mais tarde o trouxeram à Laguna, Garibaldi havia conhecido uma jovem conhecida pelo nome de Manoelita, uma sobrinha de Bento Gonçalves, o líder farroupilha, com quem pretendeu estabelecer e aprofundar uma relação afetiva. A mãe de Manoelita, sentindo o interesse do estrangeiro por sua filha, solicitou a intervenção de Bento Gonçalves, para impedir o namoro. Este, prontamente, chamou Garibaldi e falou-lhe que Manoelita estava comprometida em casamento com um filho seu. Na verdade, Garibaldi deve Ter entendido que Bento Gonçalves o chamou a razão, e a desculpa dada serviu para mostra-lhe que a vida de guerreiro e errante não permitia oferecer conforto e muito menos segurança a uma moça de boa família, mesmo que fosse com as intenções de transformá-la em sua esposa. Manoelita nunca casou-se e muitos anos mais tarde, ao falecer ainda solteirona e bastante idosa, os jornais de Pelotas noticiaram a morte da "Noiva de Garibaldi" (29)

Mesmo afetivamente abatido, Garibaldi compreendeu imediatamente a situação e afastou-se voluntariamente, não mais assediando-a. Havia ficado, no entanto, o vazio, a frustração afetiva.

Italiano aportado no Brasil há pouco tempo, Garibaldi ainda não tinha apreendido corretamente o português, o que, entretanto, era compensado pela constante presença de seus conterrâneos, que fielmente o acompanhavam, mas que infelizmente, poucos dias antes de chegarem a Laguna, haviam morrido no naufrágio já narrado.
Assim, encontrava-se Garibaldi em uma região cujos costumes e línguas lhe eram quase que totalmente estranhos. Residindo no próprio navio ancorado, bastante distante do convívio social da Vila de laguna, ainda sentia-se abalado com o trágico desaparecimento de seus fieis amigos.

Todos estes fatos acontecidos dias anteriores o haviam frustado em seu íntimo, deixando-o afetivamente carente, o que compensava com duros dias de trabalho braçal, junto com seus comandados. Sentia a falta de uma amizade sincera, de um amigo, de uma companhia, como ele próprio afirmou em suas Memórias:
"...no imenso vazio que criou-se ao meu redor, sentia eu a necessidade de uma alma que me amasse; sem esta alma parecia que minha existência era improvável. . Voltei a ver Rossetti, que era como irmão, porém, Rossetti estava ocupado demais com os deveres de seu cargo, e não poderia vir morar

comigo e eu o podia ver apenas uma vez por semana. Tinha necessidade, como disse, de alguém me amasse rapidamente. Ademais, a amizade é fruto do tempo; são necessários anos para amadurecer, enquanto que o amor é como relâmpago, as vezes é filho da tormenta. Então, que me importava, eu sempre fui dos que preferem as tempestades, quaisquer que sejam, às bonanças da vida, á tranqüilidade do coração" (30)

GARIBALDI ENCONTROU-SE COM ANINHA. TRANSFORMOU-SE EM ANITA

Um dia porém, quando encontrava-se no tombadilho do Rio Pardo, ao cair da tarde, Garibaldi observou por sua luneta, que na rua principal da pequena vila formada pelas humildes casas de pescadores, localizada na encosta do Morro da Barra, próximo de onde estava sendo reconstruído o forte, diversos vultos femininos, envolvidos em seus afazeres domésticos. Uma delas, porém chamou-lhe a atenção: era um vulto feminino, esbelto, gracioso, que descia pela ruela com passos rápidos, em direção às casas da praia, carregando um jarro com água, o que chamou-lhe a atenção. Nos dias seguintes, no mesmo horário, passou a apontar e fixar sua luneta naquela mesma direção, alimentando a tênue esperança de que ali poderia estar o fim de sua solidão, a companhia da qual tanto necessitava. Nos dias que seguiram-se viu-a pela luneta diversas vezes. Um dia, resoluto e sabendo o que queria, encorajou-se e determinou a seus marinheiros que, com um bote, o levassem a terra. Chegando ao local, não a viu mais, mas estava disposto a descobrir aquele "anjo" que o perturbava durante dias. Encontrou, então, no núcleo de casas, um conhecido a quem tinha sido apresentado logo após sua chegada à Laguna. Como mandava o costume, o lagunense convidou-o a tomar um café em sua casa. De bom grado Garibaldi aceitou, na esperança de assim obter informações sobre a graciosa moça que o encantou. Imaginou que durante a conversa ao redor do café, quando tivesse oportunidade, faria as perguntas adequadas para descobrir tão cobiçado tesouro.
O destino reservou-lhe agradável e inesquecível surpresa. Quando entrou na soleira da porta, ali estava a jovem Aninha, com suas delicadas feições. O dono da casa apresentou sua família, mas Aninha adiantou-se para dizer que já o conhecia, pois o havia visto quando as tropas entraram na Vila de Laguna e por ocasião da celebração da missa em ação de graças. Garibaldi respondeu indagando quem era a moça, ao que foi informado tratar-se de Ana Maria de Jesus Ribeiro, mas que era conhecida pelo seu nome no diminutivo - Aninha.
Extremamente feliz, sem esconder seu contentamento explicou, então, que o diminutivo de Ana, em italiano, era *Anita.*! Nasceu assim, a mudança do nome de Aninha, que doravante, como veremos, será conhecida nos dois continentes como Anita, a Heroína de Dois Mundos.

Aninha e toda Laguna já conheciam a fama e os heróicos feitos do bravo marinheiro italiano. Seu prestígio obtido com a travessia do lanchões, puxados por bois e por terra, associado ao seu naufrágio e a audácia de invadir Laguna pela retaguarda, vencendo e apreendendo diversas naus imperiais com apenas uma pequena e rústica embarcação, o tornaram respeitadíssimo. Era, portanto, uma honra para aquele lagunense, receber em sua casa tão valente e famoso marinheiro, agora comandante da Marinha da

República Catarinense, sem que suspeitasse que ali tinha ido apenas para procurar seu futuro grande amor.

Em meio a conversa sobre a revolução, e outros assuntos, Garibaldi não parava de olhar Aninha nos olhos. Chamado pelas suas obrigações, levantou-se para ir embora, não sem antes prometer que voltaria outra vez para conversar e tomar café novamente. Ao erguer-se, instintivamente, dirigiu-se até a porta da casa, e ao estender a mão para despedir-se de Anita, tomou suas mãos, fitou-lhe nos olhos e disse-lhe

-"***tu devi essere mia** !"*

Quando escreveu suas memórias, ao descrever este histórico e marcante episódio, Garibaldi afirmou que naquele instante, não disse apenas o que estava sentindo, mas estava dando a sí próprio uma sentença, sem apelação.

Foi neste dia, cuja data exata não se conhece, mas deduz-se tenha sido na primeira quinzena de agosto de 1839, que o comandante de marinha Giuseppe Garibaldi “descobriu" na Barra da Laguna, onde hoje é um bairro conhecido como Ponta da Barra, o amor de sua vida, a lagunense Ana Maria de Jesus Ribeiro, cujas convicções, atos de bravura e fidelidade a um grande amor, a tornariam ilustre no mundo inteiro como ANITA GARIBALDI - A HEROINA DE DOIS MUNDOS.

(24)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI
(25) - IDEM
(26)- IDEM
(27)- GARIBALDI E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA- LINFOLFO COLLOER pg 226
(28)- ATA DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA CATARINENSE, EXISTENTE NO MUSEU MUNICIIPAL DE LAGUNA
(29)- REVOLUÇÃO FARROUPILHA - REPUBLICA JULIANA - GARIBALDI E ANITA- GUALDINO BUSATO - PG 17
(30)- MEMORIE - GIUSEPPE GARIBALDI

CAPITULO VIII - REVELOU-SE A CORAGEM DE ANITA, A GUERREIRA REPUBLICANA

DUAS REPUBLICAS DEPENDIAM DO PORTO DE LAGUNA

A partir deste feliz primeiro encontro, outros sucederam-se na mesma casa, respeitosos e discretos, mas o vivo interesse que um despertou no outro não tardou a ser percebido, traídos que foram pelas suas reações e comportamentos, um tanto diferentes dos dias em que ainda não se conheciam.
Calaram mais profundo seus sentimentos, danando-se as regras e os preconceitos sociais. O que importava se Garibaldi era um marinheiro estrangeiro, um aventureiro, sobre o qual nada sabia-se a respeito, ou que importava se tinha a certeza de que não deitaria raízes na Vila? Que importava o fato de Anita estar legalmente casada e impedida, portanto, de entregar-se a um idílio proibido, enquanto vivo fosse seu primeiro marido, ou de que valiam às regras e aos costumes sociais da conservadora sociedade ? Nada disso era importante ou oferecia barreiras àqueles dois corações que ardiam de paixão, cujas condições de atração e união o destino e o tempo já vinham construído desde muito, alicerçando este encontro, do qual floresceria o grande romance do milênio? As convenções legais, a crença religiosa e os preconceitos sociais, estigmatizados ao longos dos quase quatro séculos de Brasil, não foram fortes o suficientes para impedir o que o futuro lhes reservava. Nenhuma força humana os poderia ter impedido.

Os farroupilhas e a jovem República sabiam que o Rio de Janeiro e Desterro articulavam a reação, e que tentariam, no momento oportuno, retomar toda a vastidão do litoral sul catarinense e o planalto serrano, invadida e ocupada pelos farrapos, que compreendia todos os territórios formados pelas vilas de Laguna, Lages e Araranguá. Esperando por esta reação, Garibaldi trabalhava arduamente na montagem de um plano defensivo, para rechaçar qualquer ataque marítimo dos imperiais.

Porém, o bloqueio ao porto de Laguna fazia com que os interesses econômicos do comércio da Vila de Laguna, começasse a questionar os efeitos da proclamação da República, já que conforme afirmavam que as idéias republicanas eram boas, mas que o comércio estava vazio. Os navios com mercadorias não podiam sair e nem entrar pela Barra. Tornaram-se necessárias ações visando a liberação do bloqueio que a Marinha Imperial

impunha à República Catarinense. Luighi Rossetti, secretário do Governo Republicano escreveu diversas cartas aos seus patrícios comerciantes e donos de barcos mercantis de Montevidéu e Buenos Aires, recomendando atracarem seus navios em Laguna, que estava carente de negócios. Mas a notícia do bloqueio e a presença constante de navios da marinha imperial, fundeados na Ilha dos Lobos, ao largo da Barra, afugentou os navegadores da frota mercante. Por determinação expressa do Rio de Janeiro, o novo presidente da província de Santa Catarina, General Andréa, em virtude da humilhante derrota e retirada da frota imperial de Laguna, montou uma nova e mais equipada flotilha e nomeou como seu comandante George Brow, advertindo-o de que seria responsabilizado pessoalmente, em caso de ineficácia, isto é, se algum navio dos republicanos entrasse ou saísse do Porto de Laguna. Para esta tarefa contava com um considerável apoio militar, sendo colocado sob seu comando o Patagônia e mais outros quatro navios.

Não era apenas o comércio de Laguna que necessitava utilizar o Porto para escoar e abastecer-se com gêneros e produtos. Os republicanos riograndenses também o necessitavam, pois era um ponto militarmente estratégico para interceptarem os navios militares, que oriundos do Porto do Rio de Janeiro, de Paranaguá e de Santos, faziam o abastecimento do Porto de Rio Grande, por onde o exército imperial, estacionado e em guerra contra a República Riograndense, recebia seus suprimentos.

Deste porto estavam dependentes as duas jovens repúblicas, recém destacadas do Império. Havia necessidade, portanto, de romper o bloqueio com emprego da força naval e para esta tarefa preparava-se Garibaldi. Se não rompesse definitivamente o bloqueio, deveria faze-lo ao menos momentaneamente, para alcançar o mar, onde poderia fazer abordagem de navios mercantes, confiscando-lhes a carga em nome da República Catarinense, permitindo a continuidade do comércio em Laguna. Sabia que os navios imperiais eram maiores em tamanho e em número, bem melhores equipados, com peças de artilharia mais poderosas e com uma tripulação militarmente treinada, enquanto ele contava apenas com pequenas embarcações, algumas avariadas e rapidamente improvisados os consertos, mas com poucas peças de artilharia, de calibres inferiores. Quando iniciou as operações de equipar os navios, com os quais iria admoestar e enfrentar as naus inimigas, a notícia correu rapidamente na pequena Laguna. Rápido, Anita ficou sabendo.

O RELACIONAMENTO TORNOU-SE PUBLICO

Dois dias antes de partir, Garibaldi foi à casa de Anita. Foi para despedir-se, pois seu relacionamento já havia desde muitos dias tornado-se mais freqüente e mais íntimo. Os sentimentos e o calor de seus encontros os cegaram em relação à sociedade local. Mais do que uma simples e passageira aventura, gradativamente, a medida que os dias passavam, Garibaldi sentiu-se mais e mais atraído pela estranha força que o fulminou. Aos encontros noturnos seguiram-se os encontros mais frequentes, seguidos por longas e inebriantes caminhadas, ao longo das sinuosas enseadas e praias que são

banhadas pelo Atlântico. Garibaldi, marinheiro por excelência, pela dimensão continental do Brasil, tinha compreendido a importância que o cavalo representava como meio de transporte, e demonstrou à Anita sua vontade de tornar-se um cavaleiro. As caminhadas transformaram-se em cavalgadas, que oportunizaram percorrerem maiores distâncias, libertando-se dos fulminantes e bisbilhoteiros olhares, que não podiam compreender e nem testemunharem a volúpia com que entregaram-se, nas diferentes e históricas enseadas lagunenses.

O relacionamento já era corrente dentre a população. Como Garibaldi residia a bordo do Rio Pardo, que ficava ancorado junto à Ponta da Barra, Anita deixou-se ficar por longos períodos em casa do seu padrinho, voltando esporadicamente a sua residência na rua do Rincão, na Vila de Laguna. (31)
Para ali veio apenas quando algum acontecimento a exigiu ou a reuniu com Garibaldi e outros casais, como por exemplo, o batizado ocorrido no dia 21 agosto, quando ela e Garibaldi tornam-se padrinhos de batizado do menino Eduardo Ferreira, em Laguna. O batizado foi comemorado com festa. O nome de Eduardo, Garibaldi escolheu-o em memória de seu amigo recentemente afogado, Eduardo Mutru. Naquela noite, receberam a visita de oficiais e lideranças lagunenses, e acabaram festejando com dança ao som de um violino e outros instrumento da época. Juntamente com amigos, os encontros e as danças repetiram-se algumas vezes. Tanto Anita em suas cartas, quanto Garibaldi em suas memórias os descreveram posteriormente.

Foi a própria Anita, em carta endereça a sua irmã, que vivenciando aqueles dias, confessou o romance e, sobre as malidiscencias, desabafou:
"... esta união é a verdadeiramente sagrada, não a outra. ... Não me leve a mal. Procure me entender. Com o tempo vou provar que a nossa união é indissolúvel. Peço que você me defenda com seu carinho. Vou precisar dele, porque com certeza você vai ouvir falarem horrores de mim. E não vá me dizer que eu sou exagerada ou que todos já estão acostumados com o que dizem a meu respeito. Fique sabendo, que as más línguas de sempre já começaram com o falatório. ... Desta vez, juntaram-se a elas as condenações dos que não têm simpatia pela causa revolucionária, quer dizer, aqueles que têm medo de perder os seus privilégios, aqueles que já são ricos às custas de nós, os pobres. Todos eles, e são muitos, falam da afronta que estamos fazendo ao Manuel, que se transformou, na história deles, num herói do exército imperial. Eu, a sem vergonha, o estou traindo com um aventureiro estrangeiro. No meio dessas conversas, quem lembra que Manuel desapareceu há quase dois anos e nunca foi meu marido? E que entre nós não havia nada, nem carinho, nem um sorriso, ... um filho, nada? Como gostam de despejar insultos nas minhas costas! ... Por enquanto, aqui não se tem falado de guerra ou de morte. Pelo contrário, o tempo tem passado agradavelmente. José e eu nos encontramos muitas vezes com outros oficiais, suas namoradas, outras pessoas daqui. À noite, dançamos, brincamos, jantamos na casa de amigos ou no bar do Bilbao. Laguna tornou-se um lugar de diversão, porque os companheiros procuram distração, sabem que cada minuto é precioso e que daqui a pouco com certeza vão ter que retomar a luta. José também terá de embarcar para voltar a atacar a frota imperial com seus barcos. Sua missão é importante. Precisa proteger o comércio e o abastecimento de Laguna e

Porto Alegre e também se apoderar principalmente das munições e dos gêneros alimentícios dos inimigos".(32)

ANITA EMBARCOU EM CORSO PARA ROMPER O BLOQUEIO DO PORTO

Estando de partida para romper o bloqueio naval, Garibaldi foi alertar Anita que seus compromissos com a causa republicana exigiam ausentar-se por diversos dias, correndo os riscos de prováveis batalhas navais. E se assim procedeu, é porque já sentia-se vinculado, devedor de informações à sua Anita. O curto relacionamento do casal, porém, já havia rompido os preconceitos sociais e religiosos, pois os comentários negativos a seu respeito já circulavam abertamente.

Chegando a residência de Anita, antes ainda de concluir a frase com que disse da necessidade de embarcar, partir para o corso, foi interrompido com a afirmativa da sua companheira dizendo que iria junto. Garibaldi tentou explicar que mulheres não podiam fazer parte de tripulação que embarca em empresa de guerra, justificando que seria extremamente arriscado e colocaria sua vida em risco. Irredutível em sua decisão, Anita atalhou a conversa dizendo que, após seu rumoroso caso, não mais tinha condições de permanecer na Vila sozinha, sem sua companhia. Além do mais, já lhe devotara sua vida, que sem ele não teria mais sentido. Encerrou a conversa dizendo que, em caso de não embarcar, caso Garibaldi voltasse, não mais a encontraria, pois haveria de seguir os farrapos, não mais abandonando a causa republicana. Garibaldi, vendo ser inútil opor resistência, concordou com o apelo de Anita. Afirmativas existem de que Anita teria embarcado, mesmo sem a concordância. As condições com que fez-se a bordo realmente não se tem certeza, mas o fato é que no dia 23 de agosto de 1839, a determinada mulher, disposta a não mais abandonar seu homem, estava agora residindo a bordo do navio Rio Pardo, investida, por sua livre vontade, em nova e diferente atividade: corsária da República Catarinense. Foi sua primeira oportunidade de colocar seu vigor em prol dos ideais republicanos, os ideais que, por obra do Tio Antônio, haviam calado profundamente em sua consciência.

Estrategista e astucioso, dias após, Garibaldi necessitou ludibriar a vigilância dos navios imperiais que, do mar, mantinham o bloqueio ao acesso a Barra, e conseqüentemente, ao Porto de Laguna. Despachou, então, um pequeno e veloz barco, uma sumaca, que por ser menor e mais leve, seria difícil ser alcançada pelos navios inimigos. Ao sair da Barra, logo foi avistada pelos navios imperiais, que levantaram âncora e passaram a persegui-la. Os vigias localizados no alto do Morro da Barra, ao ver afastarem-se os navios legalistas, emitiram os sinais, que informavam ter dado certo a armadilha do estrategista. Ao fim do dia, três navios republicanos singraram a Barra e alcançaram mar aberto. Eram o Caçapava, o Rio Pardo e o Seival, comandos, respectivamente por Johan Griggs, Valerigini e Garibaldi. Durante boa parte da noite rumaram em direção sudeste, distanciando-se do bloqueio naval. Quando pela madrugada o vento mudou, viraram as velas e dirigiram-se para o norte, em direção ao Porto de Santos. Navegaram por dois dias, sem terem

sido admoestados ou mesmo encontrados por qualquer nau monárquica. Quando o vento mudou novamente, rumaram de novo em direção ao sul.

Enquanto o Patagônia e os demais navios sob a responsabilidade do Capitão Broon empreendiam contínua perseguição à sumaca que havia servido de isca, Anita viveu dois dias de intensas novidades, pois nunca tinha estado a bordo de um navio, ainda mais em um navio de guerra, equipado com canhões e com soldados, que batiam-se pela mesma causa do Tio Antônio. Sentia-se profundamente feliz, pois agora também ia ter a oportunidade de defender os mesmo ideais.

A BORDO, ANITA FEZ EXERCÍCIOS DE TIROS E PREPAROU-SE PARA AS BATALHAS

Porque recém ocupada a Vila de Laguna, e porque a Marinha Republicana passou a existir somente após a ocupação, Garibaldi havia recrutado homens inexperientes na arte dos combates navais. Eram, porém, homens movidos por ideais, dispostos a lutarem. Ansiavam pelos combates. Valentes e corajosos marinheiros, que lutavam sem saber se receberiam ou não algum soldo. Tinham consciência de que enfrentariam um adversário bem mais treinado e equipado, com embarcações maiores. Por tais motivos, necessitavam ser treinados a abordarem e a dispararem suas armas e canhões com os navios em movimento. Durante estes dois dias, Garibaldi os preparou, treinando-os, simulando ataques, lutas, defesas e abordagens.
Sempre ao lado de seu homem, para Anita, aquilo era um mundo novo, totalmente diferente de sua monótona e simplória vida de aldeã. Tudo era novidade. Nada escapou de sua aguçada curiosidade. A cada detalhe, a cada item que observava e que lhe era ensinado, seguiam-se intermináveis seqüência de perguntas. Estava ávida de conhecimentos. Desejou saber e apreender rapidamente. Quis fazer o que os marinheiros também faziam, para doar-se integralmente à causa, da qual, dali em diante, foi fiel soldada. Garibaldi esteve sempre ao seu lado, para satisfazer sua curiosidade e ensinar-lhe, detalhando como tudo funcionava e acontecia.

Aninha tinha despertado de seu sono. Agora sim estava começando a viver verdadeiramente: consciente, lutaria porque tinha um ideal; feliz, porque havia encontrado o homem a quem poderia doar-se integralmente. Durante os treinamentos, voluntariamente, assumiu a condição de marinheira, submetendo-se às ordens de comando, ora jogando-se ao chão do convés, ora atirando, ora carregando canhões, ora simulando lutas corpo-a-corpo, com pistolas e armas brancas. Com mosquetão praticou tiro ao alvo em objetos que boiavam, e logo estava atirando nos pássaros que voando, acompanhavam a embarcação. Ali morreu definitivamente a desprotegida idealista e mal amada Aninha. Rompeu-se definitivamente os grilhões da submissão e da contemplação. Uma nova mulher nasceu naqueles dias, que embalada pela auto confiança que àquele cenário e vivência lhe inspirou, a transmudou em mulher que realizou seus sonhos: Aninha agora era Anita, a guerreira republicana !

Dois dias depois de ser perseguida, a sumaca que havia servido de isca foi interceptada no Desterro, e seu comandante, ao ser preso, confessou que havia sido usado para iludir a vigilância do bloqueio. A conseqüência lógica foi que o simplório Broom, quando voltou ao seu posto nas águas da Laguna, foi suspenso do comando do navio e mandado ao Rio de Janeiro par responder a conselho de guerra. Em sua substituição ficou encarregado do bloqueio o capitão tenente Romano da Silva. O Presidente da Província, General Andréa, que havia sido informado que três navios republicanos haviam deixado Laguna, ordenou ao comandante naval Mariath para preparar imediatamente todos os navios em condições de caçá-los. Sentindo-se insultado por seu oficial ter sido vítima de tão ingênua armadilha, remeteu urgente avisos às autoridades dos portos de São Francisco, Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro, para que estivessem preparados, posto que haviam saído do Porto de Laguna os navios corsários.

"Mariath entrou em atividade febril. Ordenou ao capitão de fragata Joaquim Leal Ferreira, comandante da corveta Regeneração, que sem a menor perda de tempo se fizesse à vela e fosse cruzar até a altura do Rio de Janeiro. Recomendava-lhe muito que se demorasse alguns dias em Paranaguá e Santos, pois notícias recentes anunciavam a saída de corsários do porto da Laguna com o propósito de apresar embarcações naquela costa, "devendo V.S. tomar não só as inimigas, mas ainda aquelas que lhe causarem desconfianças, pois também se sabe que alguns dos corsários levara papéis falsos para entrarem em algum porto a carregarem".. (33)

A missão foi cumprida fielmente, e nos portos citados o oficial encarregado da incumbência registrou e revistou todas as embarcações ancoradas, que partiam e que chegavam, vasculhando detalhadamente todo o litoral. Depois de alguns dias, não logrando êxito em sua missão, decidiu voltar em busca de nova orientação de seus superiores.

ACONTECERAM OS PRIMEIROS CONFRONTOS NAVAIS

Navegando ao longe da costa, a pequena flotilha republicana, na altura de Santos, avistou uma embarcação que vinha dos portos do norte, abarrotada de mercadorias destinadas aos portos do sul. Griggs foi seu encalço para apresá-la, o que fez sem maiores dificuldades, já que àquela tripulação submeteu-se sem maiores resistência. No entanto, algumas horas após a apreensão, os tripulantes que antes se haviam submetidos, reagiram e conseguiram dominar os marujos de Griggs, que juntamente com este, foram presos e acorrentados no porão. Retomaram, então sua rota para o sul. Os navios de Garibaldi e Valerigini estavam distantes quando perceberam ter acontecido algo errado. Como o haviam perdido de vista, passaram a procurar o navio de Griggs, aproximando-se da costa, buscando encontrá-lo ancorado em algum dos contornos das baias ou em uma da diversas ilhas da região litorânea de Santos a Paranaguá. Ao aproximarem-se da costa, foram avistados pelo barco imperial Regeneração, que a diversos dias os procurava. Houve troca de tiros de canhões, mas a distância impedia atingirem os alvos. Este navio possuía um forte aparato bélico, composto por vinte grandes canhões, enquanto as

duas naus republicanas possuíam apenas cinco pequenos canhões, de calibre e alcance inferior. Era imperioso, portanto, não ficar ao alcance dos canhões, e como eram menos velozes, Garibaldi tratou de aproximar-se mais ainda da perigosa costa, plena de baixios e pedras, que não permitiam a aproximação do Regeneração. Estava criando uma nova armadilha, esperando que o Regeneração encalhasse, tornando-se presa fácil, o que, entretanto, não aconteceu, mantendo-se este mais a distância. Após anoitecer, durante toda a noite mantiveram-se as posições e logo que clareou o dia, iniciaram-se os canhoaços, prolongando-se durante o dia, até que súbita mudança de vento obrigou os republicanos a afastarem-se da costa, sob pena de serem empurrados pelo vento em direção às rochas do litoral. Mas este mesmo vento avariou o velame do Regeneração, obrigando-o a retirar-se para reparos e buscar reforços. Garibaldi e Anita rumaram para o sul, e ao atingirem a ilha do Abrigo, rapidamente reabasteceram-se de provisões e de água, com a colaboração dos ilhéus. Ali ancorados, avistaram as sumacas Bizarra e Elvira, carregadas com arroz destinado ao Rio de Janeiro, que rapidamente foram abordadas e expropriadas suas cargas. Garibaldi sabia da importância de abastecer Laguna, como forma de manter a confiança popular e reanimar o então decadente comércio portuário da jovem República. Para lá levaria a carga apresada.

Um pouco antes de chegarem em Paranaguá, avistaram o barco mercante Formiga, e o abordaram, apreendendo-lhes as mercadorias. Para sua surpresa, no porão deste navio, encontraram aprisionados Griggs e sua tripulação, que estavam sendo levados para serem entregues às autoridades do Desterro. Inverteu-se a situação: carcereiros foram encarcerados. A flotilha republicana prosseguiu rumo ao sul, mas ao passarem por Paranaguá, e necessitando suprirem-se de água, Garibaldi içou uma bandeira do Império e fundeou ao largo do forte militar que guarnecia a vila, e mandou um escaler buscar o suprimento. A simulação foi descoberta e os tripulantes do escaler foram presos. O comandante da guarnição militar disparou um tiro contra a flotilha, com o único canhão que dispunha, mas ao disparar, a base de pedra de sustentação do canhão desmoronou. Temendo o que poderia acontecer, os republicanos prosseguiram rumo ao sul. Nas proximidades da Ilha de Santa Catarina, foram interceptados pelo brique Andorinha, um dos melhores e mais bem equipado navio de guerra do Império, um verdadeiro "navio de guerra", como Garibaldi diria mais tarde em suas memórias. Tentando proteger a flotilha, Garibaldi ordena e Anita repassou as ordens para que as demais embarcações prosseguissem rumo ao sul, lançando-se ele e seus marujos contra àquela "fortaleza flutuante", disparando toda sua bateria de pequenos canhões e com seus homens abrindo fuzilaria individual. Sua intenção, estava claro, era permitir que os barcos e as mercadorias apreendidas chegassem ao porto de Laguna, mesmo sabendo que sua ação mais parecia um suicídio para proteger as outras embarcações. O Andorinha respondeu ao fogo, mas nenhum dos lados foi atingido, porque o mar estava bastante agitado e não permitia a pontaria. Apenas os tiros de fuzis atingiram alguns marinheiros, de lado a lado. Mesmo assim, dois dos navios apreendidos pelos republicanos foram interceptados. Das três embarcações mercantes apreendidas, apenas uma conseguiu fazer-se salva, rumando em direção sul. O Seival e o Rio Pardo, embora superiores, mantiveram-se disparando contra o Andorinha.

Continuou por diversas horas a refrega, o Seival foi seriamente atingido no casco e o Rio Pardo no seu velame, o que os fez navegarem com dificuldade. Mas, com a aproximação da noite, recrudesceu a desproporcional contenda, cessaram os tiros de canhão, e conseguiram navegar rumo ao sul, com a intenção de alcançarem Laguna. Com a mudança do vento, que passou a vir do sul, tornou-se impraticável adentrar a perigosa Barra de Laguna. Decidiu, então, atracar na pequena enseada, onde mais tarde seria construído o Porto de Imbituba, cuja natureza havia construído um abrigo natural, com formação côncova, com a extremidade sul avançando ao mar, fechando a enseada em forma de ferradura. Na ponta sul desta baia existia uma elevação com altura aproximada de vinte metros. Garibaldi sabia que era necessário preparar-se para o combate que ali aconteceria e seria ferrenho. Quando constatou que o Andorinha não lhes havia dado perseguição durante a noite, compreendeu que o mesmo tinha ido em busca de reforços.

FOTO 13: BAIA DE IMBITUBA

NA ENSEADA DE IMBITUBA, O BATISMO DE FOGO

Quando os republicanos chegaram a enseada de Imbituba, no amanhecer do dia 3 de novembro, lá encontraram o navio de Inácio Bilbáo, que também os esperava porque não pudera entrar em Laguna. Imediatamente Garibaldi ordenou que o Seival adentrasse o máximo possível na enseada e dele fosse retirado um dos canhões e conduzido ao cume da elevação. Para esta operação, além de seus marujos, contou com a colaboração de um destacamento de duzentos homens, do Coronel Teixeira Nunes, que ali estavam montando guarda.. Para atingir as naus republicanas, os imperiais deveriam entrar na enseada e ao entrarem seriam alvos fáceis daquela bateria disfarçada por detrás de uma improvisada parede de pedras. Entregou o comando da artilharia de terra ao oficial republicano Manoel Rodrigues. Esta bateria e os barcos de Garibaldi foram colocados de forma que os navios imperiais, ao entrarem na enseada, ficassem no meio de um fogo cruzado. A operação consumiu todo o dia, sem que, felizmente, fossem admoestados. Durante os últimos dias, as contendas tinham produzido algumas baixas e entre os republicanos haviam diversos feridos, que por ordem de Garibaldi, foram desembarcados e juntamente com os gêneros apreendidos durante o corso, foram colocados em carroças e transportados até Laguna pelos soldados de Teixeira Nunes.

Durante estes dias, Anita que em nenhum momento deixou de estar ao lado de Garibaldi, de tudo tinha participado, mesmo nos momentos em que pareceu eminente a derrota e a morte, manteve sempre alta a confiança na vitória final. Durante as refregas e contendas não houve o que não fizesse: carregou e disparou mosquetões e canhões; incitou à luta e não deixou o desânimo permear a coragem dos mais fracos. Nas pausas, a ferocidade da guerreira cedeu espaço à humanidade da emergente enfermeira, consolando e cuidando dos dilacerados feridos que padeciam. E quando a noite chegou, a guerreira republicana esqueceu suas armas, transfigurou-se em sublimidade e

dissimulou a degradação da guerra com a linguagem de seu fascinante amor.

Garibaldi, antevendo um confronto desvantajoso e temendo pela segurança e integridade de Anita, encareceu para que desembarcasse, acompanhando os feridos à Laguna, ou então que se pusesse a salvo, em terra firme, de onde poderia participar e assistir o desenlace da contenda. Em vão os argumentos. Respondeu que ficaria ali mesmo e que haveria de correr os mesmos riscos, como qualquer um dos homens e que para ela não fosse destinada atenção ou proteção especial. Queria ficar, para ser mais um a ajudar no combate. E não para ser protegida. De nada adiantaram os argumentos. Resoluta, Anita permaneceu a bordo.

A tensão reinante nos navios republicanos e na artilharia em terra era grande. Sabiam que a luta seria desigual, mas não estavam dispostos a renderem-se ou a abandonar os navios e rumarem à Laguna por terra. Estavam em guerra contra o Império, e para tanto a causa exigia fidelidade, ação e coragem, mesmo que ao preço de uma derrota. Mesmo inferiores, contavam com uma arma que os imperiais nunca possuíram, ou seja, não lutavam à soldo, mas pelo ideal de uma causa nobre, a independência e o direito de autodeterminação de um povo. Garibaldi contava com sua habilidade e mais uma vez sua estrela não o abandonaria.

Ao clarear a manhã de 4 de agosto, os três maiores navios da armada imperial, o Bela Americana, o Patagônia e o Andorinha compareceram na embocadura da enseada e imediatamente, abriram fogo. Os dois primeiros atacam e disparam contra o Rio Pardo, o mais bem equipado dos republicanos, onde encontrava-se Anita e Garibaldi. O Andorinha concentrou seus tiros contra a artilharia que estava sobre a elevação de terra. Mas o alvo dos imperiais era o Rio Pardo, pois ali concentrava-se o grosso da resistência republicana e ali estava Anita, postada com fuzil, na primeira linha dos atiradores. Enquanto as naus imperiais mantiveram-se em movimento, fazendo manobras, o Rio Pardo ficou fundeado, sem poder mover-se. Alvo parado, logo começaram surtir os efeitos do poder de fogo inimigo, cujos canhões o atingiram inúmeras vezes. No tombadilho do Rio Pardo surgiram os primeiros cadáveres, despedaçados pela potência das baterias inimigas. Mas o ânimo estava alto, e a marujada republicana não se acovardou, fazendo a luta prosseguir durante horas, continuadamente, sem qualquer trégua, de lado a lado.
Em suas memórias Garibaldi contou que à medida que as horas foram passando, aumentou a violência imperial e a freqüência de seus canhoaços, que a cada manobra aproximavam-se mais, permitindo que o combate fosse feito na pontaria das carabinas, homem a homem. Sob seu comando, determinou que a pontaria fosse caprichada, evitando o desperdício de munição. Anita, entre uma descarga e outra, repassou as ordens, disposta a não *ceder "Nós esperamos que nos abordassem ... Estávamos pronto para tudo, menos para ceder"*, escreveu em suas Memórias.

UM TIRO DE CANHÃO ATINGIU ANITA

Apesar dos imperiais estarem com seus navios em movimento, o que tornava mais difícil a pontaria, a improvisada bateria de Manoel Rodrigues havia surtido efeito, manteve-se firme, e fez estragos nos imperiais.
Com muitos mortos dentre os republicanos, com o Rio Pardo bastante avariado em seu velame e casco, no meio da tarde, após longas horas de contínuo combate, sem que a Marinha Imperial recuasse, alguns soldados começaram a pressentir que a resistência era inútil, e o ânimo começou a declinar. Era eminente a abordagem. Garibaldi os conclamou a não desistirem, e deu o exemplo, indo para o parapeito, ficando de frente para as balas inimigas, expondo-se pessoalmente, ainda mais. Anita o acompanhou e de fuzil em punho, gritou palavras de ordem, chamando os exaustos marujos, que começaram a fraquejar. Vendo-a assim exposta, Garibaldi, foi tomado de orgulho pela demonstração de coragem de sua companheira, mas temendo pela sua integridade, ordenou-lhe pôr-se a salvo, proteger-se, sair do tombadilho. Anita ouviu, mas não lhe obedeceu e permaneceu no palco da luta. Entre um tiro e outro, ergueu seu mosquetão e conclamou seus companheiros à luta. Um tiro de canhão, porém, atingiu o local onde encontrava-se com outros dois marinheiros.

"Anita entre dois marinheiros continua na proa, de fuzil ao peito. Como que alheada de tudo quanto se passa ao seu redor descarrega a arma em tiros rápidos. Nenhum lugar está mais exposto às balas do inimiga Em vão se empenhara Garibaldi por tirá-la dali. De repente, um tiro de peça, batendo de encontro à amurada fá-la em estilhaços. Anita e os marinheiros são arremessados à distância. Ouvem-se gritos de espanto. Garibaldi precipita-se para o lugar em que a companheira jaz estirada, sem sentidos. coberta de sangue. Acodem alguns homens aos marinheiros. Inútil todo o socorro. Estão mortos, horrivelmente mutilados. Anita, porém, passados alguns instantes, volta a si. Diz que não está ferida. 0 sangue que lhe mancha o rosto, as mãos, os braços. é sangue dos marinheiros que morreram ao seu lado. E quando Garibaldi de novo lhe adverte que desça. ela responde:
- "Sim. vou descer ao porão, mas para enxotar os covardes que lá se foram esconder"!
Ao passo firme. saiu do convés. E momentos depois voltava. afrontando as balas e trazendo consigo três marinheiros que, apavorados e vencidos pelo cansaço, haviam desertado à pugna". (34**)**

Nos demais combatentes, que viram-na tão decidida e corajosa, mesmo após ter sido atingida por uma bala de canhão, o ânimo retornou. O exemplo nobre, o heróico gesto de uma mulher, despertou-lhes novamente a coragem. Readquiriram o ânimo, empunharam suas armas e voltaram a guerrear com tamanha força de vontade e disposição, que os imperiais, que preparavam a abordagem, retrocederam. O dia findava .

VITORIOSOS, ANITA E OS REPUBLICANOS RETORNARAM À LAGUNA

Para surpresa dos republicanos, os imperiais começaram a retirar-se, fazer-se ao largo, distanciando-se. A reação de Anita havia despertado tamanha disposição que nos últimos momentos os republicanos conseguiram provocar

uma séria avaria no casco da nau Bela Americana e um tiro havia ferido mortalmente seu oficial comandante, o que a obrigava retirar-se do combate e ir buscar mais reforço. Pretendiam trazer mais navios e tropas de desembarque. Os outros dois barcos, embora em condições de continuarem a pugna por estarem bem armados, não quiseram continuar e também retiraram-se da enseada, lançando âncora bem distante, em mar aberto. O combate naval de Imbituba, o batismo de fogo de Anita, onde revelou-se sua coragem, havia findado, com muitas mortes e sérias avarias para ambos os lados. Porém, pela desproporcionalidade das forças, a vitória havia sido dos republicanos..

A trégua serviu para desembarcarem e ali mesmo, sepultarem os mortos, enquanto Anita socorreu e deu atendimento aos feridos, que após receberem os primeiros socorros, foram desembarcados e transportados à Laguna por terra.
Sentindo a oportunidade para evadir-se antes que chegassem mais reforços, Garibaldi agiu rapidamente. Necessitando ludibriar a vigilância do imperiais e sair da enseada, para alcançar o Porto de Laguna, ordenou que em terra fossem acessas três grandes fogueiras, cujos clarões foram interpretados pelos imperiais como se os republicanos tivessem fugido por terra, abandonado os navios e neles deitando fogo.
Ao invés, protegidos pela bruma da escura noite, e navegando com extrema dificuldade, Garibaldi conduziu as três naus republicanas em direção à Laguna, onde entraram na manhã de cinco de novembro, bastante avariados. Estropiados e cansados, mas altivos e com a consciência do dever cumprido, foram aclamados pelos seus feitos, admirando-se a população e os oficiais que os aguardavam. Conta Garibaldi que, nos dias que seguiram-se ao seu retorno, todos admiravam-se como puderam ter escapado de um inimigo tantas vezes mais poderoso.

Informado pela Bela Americana a respeito do insucesso, Mariath, o comandante da marinha imperial em Santa Catarina, preparou tropa de desembarque e mais três navios - o Astréa, o Eolo e o Caliope, e partiu em pessoa para comandar a operação que pretendia aniquilar a frota naval republicana. Ao chegar foi surpreendido com a enseada vazia, sentindo-se, mais uma vez, ludibriado pela inteligência republicana.
A reação não tardaria a acontecer.

(31)- Em Laguna, a mesma rua ainda existe, sendo atualmente denominada de Rua Fernando Machado. A mesma casa também existe intacta, estando localizada ao lado do prédio da Caixa Econômica Federal, a espera de ser reconhecida pelas autoridades lagunenses como um local que deva ser e preservado e explorado culturalmente.

(32)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI - pg. 46

(33)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR - pg 250

(34)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR -

pg 259

CAPITULO IX - DERROTADA, ANITA ABANDONOU LAGUNA DEFINITIVAMENTE

PREPAROU-SE A REAÇÃO DO IMPÉRIO CONTRA A REPUBLICA CATARINENSE

Andrea determinou a Mariath que mantivesse sua frota ancorada na enseada de Imbituba, determinando que algumas navios mantivessem o bloqueio do Porto de Laguna. Imediatamente solicitou mais reforços ao Presidente da Província. Nos dias que sucederam-se, passou a preparar e a concentrar toda sua força para desfechar um ataque marítimo fulminante, pois pretendia fazer valer a sua superioridade bélica, retomar Laguna e destruir completamente os republicanos catarinense. Afinal, como justificar aos seus superiores, que a despeito de sua reputação de militar vencedor da revolta do Pará, estava sendo ridicularizado por uma pequena, mal equipada e destreinada marinha republicana? Necessitava desforrar-se, imperioso acabar imediatamente com àquela situação que o comprometia.

Durante o período deste corso, que tirou Anita e Garibaldi de Laguna durante diversos dias, a situação política-militar na incipiente capital entrava em declínio. A jovem República decaía. E por diversos motivos.
David Canabarro, o comandante em chefe das forças de ocupação de Santa

Catarina, após a tomada de Laguna, havia encarregado a Teixeira Nunes para consolidar a conquista, avançando cada vez mais em direção ao norte, até tomar a cidade do Desterro. A empresa foi obtida com sucesso até as proximidades de S. José, parando-a as margens do Rio Massiambu, que era fortemente guarnecido. Um pouco acima da foz deste rio, iniciaram os republicanos a montarem uma flotilha de embarcações, apressadas dos comerciantes e pequenos navegadores da região. A intenção era usá-las para o transporte de tropas que oportunamente invadiriam Desterro. De Lages esperavam novo contingente de soldados, e do Rio Grande do Sul, partindo de Viamão, deveria chegar um exército ainda maior. Com estas forças, esperava Canabarro consolidar as posições até então conquistadas, e possibilitar a invasão de Desterro.
Tendo apreendido mensageiros republicados e interceptadas as mensagens entre as forças de ocupação de Lages e de Laguna, souberam os imperiais dos planos de invasão de Desterro. Como Presidente da Província de Santa Catarina, tratou, então, o português Marechal Francisco Jose de Souza Soares de Andréa, de acelerar as operações contra os republicanos, antes de que estes recebessem os reforços. De fato, por ordem expressa deste, o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, em pessoa, comandou uma operação na foz do referido rio, e adentrando-o, surpreendendo e aprisionando mais de vinte pequenas embarcações republicanas, que estavam sendo preparadas para o transporte dos soldados de Teixeira Nunes, que invadiriam Desterro. Enfraquecidos e sem os reforços que deveriam chegar mas nunca vieram, Teixeira Nunes foi surpreendido pela infantaria do exército imperial, que logrou atravessar o Rio Massiambu, tendo que fugir para não ser capturado. Estacionou o exército republicano nas proximidades de Garoupaba, e dai passou a cobrar de Canabarro o envio urgente dos reforços prometidos.
A pequena população de Laguna, por seu turno, não tinha mais o que oferecer aos republicanos, cujas tropas passaram a sentir as necessidades mais elementares, faltando-lhes munição, equipamentos e víveres. Vendo a situação deteriorar-se e a falta de apoio material que o Governo Republicano dava ao seu exército, Canabarro passou a tomar algumas medidas antipáticas aos olhos da população local, como, por exemplo, o confisco de gêneros alimentícios e equipamentos necessários à sua tropa.

CHEFE MILITAR E GOVERNO CIVIL NÃO SE ENTENDERAM NA REPUBLICA JULIANA

Os atos nem um pouco democráticos fizerem aumentar ainda mais a distância entre o governo civil e o comando militar da república. Aquele era presidido pelo Padre Vicente Francisco dos Santos Cordeiro, homem do local, dolente e inerte, enquanto Canabarro, o chefe militar, era truculento e arbitrário. *"Nunca dois homens mais diferentes haviam se encontrado em nenhum cenário político. Mediam-se os ímpetos de um, pela delicadeza doentia do outro; a pusilanimidade deste pela energia destemperada daquele. A antipatia do aceta pelo caudilho crescia paralelamente com a íntima convicção do seu*

deslocamento do Governo, da sua impotência. Não lhe tolerava já a própria presença pessoal". (35) As necessidades para manutenção da tropa e da independência aumentavam e o diálogo diminuía. As condições foram propícias para que Laguna, que antes havia conspirado em favor dos farroupilhas contra o Império, passasse a conspirar contra os farroupilhas em favor do Império.

Quando as forças republicanas comandadas por Teixeira Nunes, e que estavam estacionadas no Morro dos Cavalos foram obrigadas a recuarem em direção ao sul, os monarquistas remanescentes nas vilas ainda dominadas pelos republicanos, sentiram-se seguros e decidiram expor-se, passando a colaborarem abertamente com o Império.

CONTRARIADO, GARIBALDI COMANDOU O SAQUE À IMARUI

Da vila de Imarui, localizada ao norte da lagoa que banha Laguna, partiu um pedido do Juiz de Paz, para que os imperiais lhes remetessem armas e munições, pois *"haviam mais de cem homens dispostos a resistirem e a expulsarem os republicanos*". (36) Alertado deste foco de insurreição, Canabarro ordenou a Garibaldi para armar uma pequena flotilha, embarcar soldados e zarpar para submeter e punir os habitantes de Imarui que estavam em armas contra a República. Mesmo sabendo estarem armados àqueles habitantes e dispostos a lutarem, inicialmente, recusou-se Garibaldi a tal empreitada , pois a ordem que havia recebido era de saquear a cidade, já que os revoltosos da pequena vila de Imarui não poderiam resistir a um ataque seu. . Sob ameaça de Canabarro, dois dias após opor-se ao cumprimento, em 10 de novembro, Garibaldi embarcou e conduziu os soldados, os quais receberam ordem expressa e direta de Canabarro, que a cidade fôsse exemplarmente punida, saqueando-a. Desembarcou a tropa um tanto distante da Vila, surpreendendo seus habitantes revoltosos, que reagiram, mas foram rapidamente desbaratados e alguns mortos. Os republicanos tiveram um sargento morto e diversos feridos. Cessada a luta, a soldadesca encontrou estoque de bebidas alcóolicas, que passaram a ingerir. Generalizada a bebedeira, passaram aos saques e à violência contra a população civil, que embora tivesse fugido sua maioria, alguns permaneceram. Procurando homem a homem, de casa em casa, Garibaldi tentou de todas as formas impedir os saques e os atos de vandalismo. Mas tão logo virava as costas, impulsionados pelo álcool e pelas ordens de Canabarro, o vandalismo continuava. Sobre este lamentável episódio de sua vida, em suas memórias, registrou Garibaldi que *" ... eu resisti ao General Canabarro para punir aquela desgraçada Vila com ferro e com fogo. Porém, fui obrigado a obedecer àquela ordem. ... rapidamente dominamos Imarui ... Desejo a mim e a todas as criaturas que não abdicaram do privilégio de serem humanos, que jamais recebam uma ordem similar àquela que eu recebi, e que por ser peremptória, não me deixou alternativa de recusa. ... Deus tenha de mim piedade e me perdoe, mas eu não me recordo na minha vida um dia que tivesse deixado em meu coração uma lembrança tão dolorosa como aquela: ninguém poderá fazer idéia da carnificina que faz padecer, quando se deixa livre o saque ... me foi impossível evitar a desordem ... nada adiantava, nem a autoridade do*

comando, nem a ameaça do castigo e nem mesmo as agressões ... menti-lhes dizendo que o inimigo retornava rapidamente para expulsar-nos. Espalhei o boato que o inimigo tinha obtido reforço e que vinha marchando contra nós, mas tudo foi inútil. ... Por desventura da vila, os homens encontraram grande quantidade de vinho e de bebida alcóolica .... com exceção de poucos oficiais que ficaram junto de mim, a embriagues foi generalizada ... Eu jamais tive uma jornada de tanto remorso, de tanto náusea da família humana **..."** (37)

ESPIÕES DO IMPERIO ACUSARAM GARIBALDI E ANITA

O governo do Desterro havia colocado espias na cidade de Laguna, que além de mante-lo informado, também tinham a missão de disseminarem a intriga e a discórdia. E no foco das intrigas também estava o nome de Anita, cujo união com Garibaldi passou a ser usado como propaganda contrária à república pela sua "leviandade". Como argumento espalhavam que Anita estando casada com um soldado do Império, enquanto este lutava para defender a ordem vigente, o "aventureiro farroupilha" a havia raptado, ofendendo a moral, os costumes e as famílias lagunenses. Ergueram-se, como conseqüência, vozes que picharam e execraram Anita, que havia deixado seduzir-se por um estranho e aventureiro. Os espias encarregaram-se de transformar Manoel Duarte, o primeiro marido de Anita, que antes era um insignificante e pobre sapateiro, e levava a vida sem ser notado, em herói do Império, que enquanto lutava nas fileiras imperiais, estava sendo vítima do desrespeito às famílias lagunenses. Fomentando mais e mais a indignação dos republicanos lagunenses descontentes. Este fato foi sobejamente comentado e Anita dele teve conhecimento, por mais de uma vez, ferindo-a em sua sensibilidade. Às suas poucas amigas, que a alertaram dos boatos a que estava exposta, tentou mostrar a pureza de seus sentimentos e o abandono de seu marido, que, prevendo Laguna nas mãos dos republicanos, preferiu fugir sozinho, deixando-a à própria sorte, sem dar-lhe uma mínima notícia, por quase dois anos.

Transformada em instrumento de propaganda anti-republicana, Anita sentiu-se incompreendida e revoltada. Não bastou que a tivessem induzido a um casamento equivocado, sem amor, sem afeição. A denegriram por viver ao lado do homem que amava. Ninguém importou-se com seus sentimentos. Sem receio, afrontou o preconceito secular que, embora abandonada pelos marido, não lhe reconheceu direito a busca de sua felicidade em novo relacionamento. Em carta endereçada a sua irmã, Anita desabafou a incompreensão da gente de Laguna em relação ao seu comportamento
"... Pelo menos tu, procure me entender. Com o tempo vou provar que a união do amor é que é o verdadeiro, sagrado e indissolúvel casamento. ... Em meio as conversas das más línguas, ninguém se lembra que o Manoel abandonou-me e desapareceu há quase dois anos e que entre nós não havia carinho, amor, compreensão, um filho, nada que pudesse nos unir ... Mas que sociedade injusta minha irmã ! A mulher tem que pagar por tudo, até pelos próprios sofrimentos. E que fique bem quietinha e boazinha, de joelhos diante do altar, de véu na cabeça, agradecendo a Deus por estar viva, respirar e poder lavar a roupa suja. Contanto que faça tudo sem maus pensamentos, e de

olhos baixos." (38)

REPUBLICANOS PREVIRAM QUE DEVERIAM ABANDONAR LAGUNA

Todos estes fatos fizeram os acontecimentos precipitarem-se mais ainda. A noite, quando Garibaldi voltou, encontrou Laguna agitada. Os informantes republicanos davam notícia de que o ataque à cidade poderia acontecer dentro de pouquíssimos dias, pois as tropas de Teixeira Nunes já marchavam recuando para Laguna, permitindo o avanço da infantaria imperial. A frota naval de Mariath, ancorada em Imbituba, esperava a infantaria aproximar-se de Laguna para que, em conjunto, fosse desferido o ataque decisivo.

Logo que retornou de Imarui, Garibaldi recebeu ordens de carregar em seus navios todos os armamentos, munições e gêneros alimentícios possíveis, pois como os reforços de Lages e do Rio Grande do Sul não vinham, a alternativa seria resistir, e na impossibilidade de manter a resistência, deveriam zarpar em direção ao sul, abandonando Laguna.

Os homens de Teixeira Nunes, que haviam sido batidos no Rio Massiambu e depois na Praia da Pinheira, foram derrotados, assim como os três destacamentos estacionados mais ao sul, em Garoupada, Imbitupa e Itapirubá Os soldados remanescentes começaram a chegar em Laguna, que fervilhava com a possibilidade de transformar-se no palco de uma grande batalha. Alí reunidos todos os soldados republicanos, estaria constituído um razoável exército, capaz de sustentar um assalto da infantaria e da cavalaria imperial, mesmo sendo estes superiores em armamentos e número de soldados. Era necessário organizar a resistência, pois os prometidos reforços do rio Grande do Sul ainda poderiam chegar a qualquer momento. Grande parte da população abandonou suas residências, principalmente em direção ao sul. Canabarro havia planejado sustentar a cidade de Laguna estacionando o grosso de sua tropa no lado sul do canal da barra, pois que se permanecesse na Vila, poderia ficar encurralado, caso os navios de Mariath, vencendo a resistência de Garibaldi na Barra, rompessem canal a dentro. De Lages havia chegado a notícia de que o Coronel Alano, imperialista que admoestava os republicanos, havia recebido reforços e tinha retomado àquela vila. Era, portanto, pouco provável que de lá viessem os esperados e prometidos reforços. A esperança, porém, concentrava-se no auxílio que viria do sul. O governo civil da Republica Catarinense estava ausente. O Padre Presidente, os ministros, os conselheiros, haviam sumido ...
Sentindo-se só, sem apoio da população e do governo civil, Canabarro determinou, então, que suas tropas fossem transportados para o lado sul da barra. Homens, munições, animais, carroças e equipamentos foram embarcados pelos navios de Garibaldi, que durante dois dias trabalharam nesta tarefa.
Anita participou de toda as operações preparativas a resistência de Laguna. Sua coragem como marinheira e enfermeira já haviam granjeado confiança e admiração dos oficiais republicanos, o que lhe permitia participar das conferências dos oficiais, juntamente com Garibaldi, que não o deixava só um instante sequer, quer nas reuniões de comando, supervisão e execução das

tarefas.

Não participou apenas do ataque à Imarui. Deduz-se que Garibaldi a tenha impedido de embarcar, pois cumpriu a ordem superior contrariado, e previu o massacre que realmente acabou acontecendo. Pela nobreza de sua personalidade, provavelmente quis poupar Anita de assistir possíveis degradações da soldadesca. Por isso a impediu de o acompanhar.

Ao mesmo tempo que alguns navios faziam o constante vai-e-vem do canal para atravessarem as tropas, Garibaldi e Anita embarcaram nos navios remanescentes e ancorados na Barra, tudo o que conseguiram carregar, principalmente víveres e munições. No total Garibaldi dispunha de seis navios, que ficaram perfilados e ancoradas na margem direita da Barra, bem próximo a sua foz.
Embora bem localizado estrategicamente, o pequeno Forte Atalaia, que Garibaldi havia reconstruído à mais ou menos dez metros de altura da lâmina de água da Barra, em uma das montanhas que faz margem ao canal, possuía poucas e impotentes peças de artilharia. Preferiu, então, aumentar a bateria e instalou, ao pé da encosta onde estava localizado o forte, no lado sul da Barra, uma bateria contendo seis canhões, distantes um do outro por diversos metros. Embora de maior largura, o vão navegável da Barra possuía aproximadamente 30 metros de largura, por onde deveriam passar, obrigatoriamente, os navios imperiais, caso adentrassem a Barra.

Disposta no sentido leste/oeste, a linha de fogo montada era composta: pela artilharia do Forte Atalaia; pela bateria de seis canhões colocados no plano inferior do Forte; por uma linha de seis navios equipados com canhões e atiradores e, finalmente, do outro lado da Barra, por uma linha de aproximadamente quinhentos metros, contendo cerca de mil e duzentos atiradores, colocados na areia da praia, sem qualquer proteção, a não ser a própria areia.

Estes atiradores eram "gente toda escolhida, que se voltaria à morte quase certa se os legalistas lograssem transpor a barra. A direita do canal, dispôs sua flotilha serpenteando as margens, formando um semicírculo. A Itaparica foi entregue ao comando do lagunense João Henrique Teixeira, que entestaria com o inimigo antes dos outros. Logo após estava o Rio Pardo, a nau capitânia. 0 barco de Griggs, a Caçapava, seria o terceiro da fila. Vinha depois o "Seival". sob o comando de Valerigini. A seguir as duas canhoneiras, a Lagunense e a Sant'Ana, comandadas por Manoel Rodrigues e Inácio Bilbao. E entremeados com os navios, cinco lanchões com cerca de duzentos atiradores.
A esquadrilha legalista recebeu informações de seus espias que reforços estavam por chegar em Laguna a qualquer instante. Urgia que fosse dado contínua perseguição aos republicanos, aproveitando-se da retirada que havia iniciado no Morro dos Cavalos, junto ao Rio Massiambu. Andrea sabia que o momento lhe era oportuno e que necessitava utilizar cada hora em contínua luta, sem dar trégua aos republicanos, impedindo que recuperarem-se e organizarem a defesa de Laguna. Ordenou ao comando naval estacionado em Imbituba e aos comandos da cavalaria e infantaria que o ataque final fosse

desfechado imediatamente. Inicialmente Mariath havia contestado o plano do Presidente Andréa de invadir Laguna por mar, pois tinha recebido informações sobre a estrutura de defesa montada por Garibaldi junto a Barra. Havia notícia de que tinha fechado o vão do canal com grossas correntes, colocadas logo abaixo do nível da água. Mas, pressionado, e como que já estava com sua frota naval pronta, impacientou-se com o atraso das forças terrestres comandadas por José Fernandes, compostas por quase tres mil homens, que avançaram muito lentamente em direção a Laguna. Combinou com o comando terrestre que efetuaria o ataque tão logo fosse favorecido pelo vento nordeste, que deveria cair nos dias seguintes, data em que levantaria âncoras de seus navios e singraria rumo a Barra de Laguna.

A BATALHA NAVAL DE 15 DE NOVEMBRO

Amanheceu o dia 15 de novembro e Garibaldi não parou na sua dupla tarefa de efetuar a passagem das tropas para o lado sul da barra e de retocar as últimas medidas necessárias à defesa naval. Diria mais tarde em suas memórias que *" .. eu trabalhei desde a madrugada até ao meio dia.*". Ao meio dia, em seu navio, fez uma última reunião com os comandantes das outras embarcações. Combinou com Griggs, João Henriques, Valerigini, Rodrigues e Bilbao os pormenores das ações em caso de ataque. Tomou as últimas providências, confabulou com Canabarro e querendo certificar-se pessoalmente do movimento dos navios inimigos, sobiu ao mais alto dos morros localizados ao sul da Barra, acima de onde estava localizado o Forte Atalaia, para de lá verificar e acompanhar com luneta o movimento dos navios imperiais. Seus espiões haviam-lhe informado que Mariath tinha determinado que dois navios imperiais fizessem desembarcar mais ao sul da Barra, cerca de duzentos homens, junto a Barra do Camacho, que seguiriam a pé, por terra, em direção ao norte, que no momento do ataque deveriam surpreender as baterias e artilharia de Garibaldi pela sua retaguarda. Era necessário, portanto, vigiar e estar atento a esta possível manobra. Do alto poderia verificar pelos seus próprios olhos se as ordens estavam sendo executadas a rigor. Antes de subir a elevação, confiou à Anita o comando do capitaneo Rio Pardo mandou solicitar a Canabarro mais atiradores para postarem-se ao longo do canal e deixou aos seus oficiais ordens para que nenhum tiro fosse disparado sem que ele pessoalmente desse o comando de fogo. Para atingir as posições mais elevadas necessitou distanciar-se cerca de mil metros, e procurou, nas elevações da entrada da barra, as posições mais altas, de onde tentou, com ajuda de luneta, descobrir se as velas inimigas, que já estavam a caminho fazendo manobras para desembarque de tropas em sua retaguarda. Dirigiu-se à elevação que não lhe permitia enxergar a parte norte do mar que tinha a sua frente. Neste exato momento, por volta das duas horas da tarde, Mariath e seu navios apontaram a entrada da Barra e Garibaldi, para comandar a operação defensiva estava ausente. As canhoneiras imperiais iniciam a entrada e Anita, do convés, vendo a inércia dos oficiais republicanos, que não dispararam nenhum tiro por ordem expressa de seu comandante, manda-o chamar urgente. Como a encosta do morro é enorme, impacienta-se Anita, que viu as naus inimigas estarem na

linha de fogo sem que a refrega fosse iniciada. Por conta própria, entendendo que, se naquele momento não fosse iniciado o combate, de nada adiantaria a reação tardia. Urgia desferir o ataque defensivo. Resoluta, decidiu ela mesma disparar o primeiro tiro, dando fogo ao canhão que estava ao seu alcance. Foi o primeiro tiro da batalha que se arrastou por toda a tarde, até o princípio da noite. Vendo a feliz iniciativa daquela mulher que bradava com uma espada em punho e ordenava o início do combate, imediatamente as demais artilharias e soldados republicanos abriram fogo. Esplêndida cena, jamais vista, digna da sua imortalização! Uma simples mulher, com apenas dezoito anos, sem experiência na arte da guerra, movida apenas por sua consciência e amor à causa, impôs sua liderança em meio a uma feroz batalha, ombreando com rudes e experientes soldados. Altaneira, com a segurança de quem já estava habituado como guerreira, ordenou o início daquela que foi a maior batalha naval, sem paralelo em território brasileiro.

No entanto, a iniciativa republicana foi prontamente respondida pelas grandes embarcações legalistas. Eram 6 pequenas embarcações da marinha republicana contra aproximadamente 20 naus da marinha imperial equipadas para guerra. (39) Sentindo que os socorros até o momento de iniciada a batalha naval não chegaram, Canabarro ordenou a retirada à cavalaria e à infantaria, vindo a acamparem posteriormente no Camacho e posteriormente no Campo Bom.
Na Vila de Laguna não havia ficado nenhuma guarnição para resistir ao ataque da cavalaria e infantaria dos imperiais. Garibaldi sabia que estava sozinho, mas tinha a convicção de que se derrotasse e impedisse a entrada da esquadra imperial, o combate terrestre contaria com uma nova e poderosa arma: o moral por vencerem uma difícil, porém não impossível, batalha naval. A ordem, então, era lutar e resistir até as última conseqüências, sem arredar pé das baterias de terra e dos navios.

"Aproximam-se os navios em linha como lhes fora prescrito. À frente como ápice da cunha, veleja a canhoneira de Manoel Moreira da Silva. o Manoel Diabo, famoso pelas suas façanhas. A bateria da praia abre fogo sobre ele. Comanda-a Souza Leão, o destemeroso Capote. A artilharia de bordo responde com extrema decisão aos tiros de terra. E o navio avança. Na sua esteira navegam mais alguns, já dentro da barra. Agora. acompanhando as sinuosidades do canal, os barcos inimigos têm as proas voltadas sobre o forte. Parece que vão cravar as quilhas precisamente no lugar em que estão armadas as baterias. É o momento culminante da investida. Se logram transpor este estreito braço do canal. terão garantida a entrada no porto. Redobra a intensidade do fogo da bateria. 0 alvo dos canhões situa-se a poucos metros. Torna-se vivíssima a fuzilaria. Os mais destros fazem tiros de pontaria. Verificam-se as primeiras baixas da canhoneira. Manoel Diabo, de carabina em punho, dirige a investida. Grita, impreca, blasfema. As balas lhe sibilam em torno. Que ninguém arrede pé. Os soldados caem ao seu lado. cabeças despedaçadas, troncos destroçados, peitos abertos em largos ferimentos. Do lado republicano, Capote, de pé junto à bateria, infunde ânimo aos seus homens. Que não cesse o fogo! Que se carreguem com rapidez as peças. Que os artilheiros façam pontaria segura sobre o convés da canhoneira. E o fogo da bateria continua. Aproveitando as circunstâncias que tanto o

favoreciam - contara Mariath - "os inimigos enviavam-nos projéteis que enfiavam nos nossos navios, ora pela proa ora pela popa. Uma chuva de balas disparadas quase à queima-roupa pela sua infantaria, abrigada por uma cortina de pedra ao lado da mesma fortaleza, causava-nos um dano terrível. Pode-se dizer uma justa idéia do que sofríamos neste choque". Tão intenso é o canhoneio, tão vivo o crepitar da fuzilaria que alguns práticos se desorientam. Um lenho primeiro, e a pequenos intervalos mais dois encalham no canal". Os tiros dos navios abriram por sua vez, extensas clareiras na guarnição da bateria e na linha de atiradores. 0 primeiro barco foi além da volta do sangradouro e começou a investir contra a Itaparica. Os subseqüentes, de formidável potência de fogo, forçaram a passagem com menor dificuldade. Mas a bateria resistiu. Os artilheiros que caíram foram rapidamente substituídos por outros, menos destros, todos dispostos. porém, a não entregarem a posição ao inimigo enquanto lhes sobrava algum alento. Capote, o valoroso capitano Capotto, fez prodígios. Mas pela pouca pratica degli artíglieri que se improvisavam, os adversários, obrigados embora a apresentar o costado e logo a alheta à bateria, conseguiram transpor quase todos o canal. Passou sobre cada navio um sopro de destruição. Mais do que um combate, foi um turbilhão de fogo que os envolveu. Mas os navios imperiais continuaram avançando, com velocidade regular, tocados pelo vento e pela maré que os favoreceu, através de uma tempestade de balas. "La squadra nemira entro tutta, facendo um fuoco d'inferno com artigliaria e moscchetti".
A luta está sendo bem mais terrível e sanguinolenta do que se imaginara. Pareceram os pobres navios da República, verdadeiros açougues de carne humana: caminhava-se sobre cabeças separadas dos corpos; tropeçava-se a cada passo em esparsos membros de corpos terrivelmente mutilados. Um a um, caíram os valorosos comandantes dos barcos revolucionários. Só Garibaldi continuou ileso. Ao seu lado Anita. Incomparabile mia Annita. Mais intrépida ainda do que nas horas terríveis de Imbituba, esforçou-se por animar a marinhagem. Acudiu aos pontos mais expostos e descarregou ela mesma o canhão do Rio Pardo. Mas pouco depois de concentrado o fogo dos atacantes sobre a capitânia, todas as suas peças foram desmontadas. Escasseou a tripulação, porque muitos dos marinheiros haviam ficado em terra a prestar serviços na bateria e nas linhas de atiradores. Se os reforços solicitados à Canabarro não chegarem imediatamente, a situação estará perdida".(40)
A fuzilaria foi infernal. Os tiros dados a distância de poucos metros não erraram os alvos, fazendo grandes estragos, de lado a lado, no que pese a superioridade bélica legalista, três vezes superiores em navios, em potência e em quantidade de armamentos pesados.

NA FUZILARIA, ANITA SALVOU AS MUNIÇÕES REPUBLICANAS. GARIBALDI ATEIOU FOGO NOS NAVIOS

A bordo do Rio Pardo, de onde comandou a operação, Garibaldi, pressentiu a derrota de sua resistência e enviou Anita à presença de Canabarro para mostrar-lhe a inadiável urgência de socorro. Ordenou-lhe que após cumprida esta missão, permanecesse a salvo, com as tropas de Canabarro. A missão era apenas uma forma de afastar Anita daquele inferno, pois o grosso dos navios imperiais já haviam transposto a Barra. Ela desceu do Rio Pardo, tomou um

bote, atingiu a margem e partiu. A poucos quilômetros alcançou Canabarro, transmitindo-lhe a mensagem. Em resposta disse-lhe que Garibaldi deveria abandonar a luta, salvando os homens e a munição que fosse possível, e que após ateasse fogo nos navios republicanos, impedindo-os serem aprisionados e usados pelos imperiais. Voltou Anita para o centro da batalha, sob a continuada fuzilaria, tomou um pequeno bote e novamente subiu a bordo do Rio Pardo com o recado de Canabarro. Bem equipado, mas com poucos sobreviventes, o Rio Pardo era o alvo principal dos imperiais, pois além de ser o que mais resistia, ali encontrava-se o comando naval republicano. Por isso as baterias inimigas concentrarem-lhe o fogo. Quis cumprir as ordens de Canabarro, mas foi quase que impossível, pois faltou-lhe homens. Anita, então, ofereceu-se para transportar a munição a salvo, levando o que podia, com o pequeno barco à terra firme. Garibaldi concordou, mas com uma condição, que não voltasse, pois a travessia do Rio Pardo até a margem do canal era desprotegida, sendo alvo fácil das armas dos navios inimigos, que não cessaram de atirar. Mas, mesmo contrariando a condição que lhe impôs Garibaldi, Anita foi e voltou, seis vezes, retirando o máximo de munição das naus republicanas. Subiu a bordo, caminhou entre cadáveres despedaçados, mutilados pela violência dos tiros de canhão a queima-roupa. Com sangue frio, sabendo o que estava fazendo, não deixou-se amedrontar. Desceu aos porões de cada um dos navios e de lá saíu trazendo baldes de pólvora e balas de mosquetes. Carregou o pequeno barco, meteu-se em pé na sua proa e ordenou aos dois remadores que rumassem para a praia. As balas dos mosquetes e dos canhões silabaram sobre sua cabeça. E, desobedecendo Garibaldi, efetuou a mesma e perigosa travessia doze vezes!
Enquanto Anita levava a munição que podia, Garibaldi ateava fogo nas demais embarcações, repleta de cadáveres republicanos. Todos seus oficiais comandantes estavam mortos nos tombadilhos de seus barcos. Garibaldi testemunhou e registrou em suas memórias: *"passando sucessivamente a bordo dos nossos vários navios para incendiá-los, presenciei cadáveres de nossos homens mutilados e espalhados por todos os lados. O Comandante da Itaparica, João Henrique, da Vila de Laguna, entre outros cadáveres, estava com um buraco redondo no meio do peito, trespassado por uma grande bala de canhão. O comandante do Caçapava, João Griggs, tinha recebido um metralha que de seu corpo somente o busto permaneceu inteiro. E como seu rosto estava vermelho e o busto permaneceu apoiado na murada onde foi atingido, parecia que estava vivo"* (41). Todos os comandantes e oficiais dos navios republicanos haviam morrido. Apenas Garibaldi escapou milagrosamente. Após atear fogo, Garibaldi fez-se a terra, uniu-se a Anita e aos soldados e marinheiros remanescentes desta sangrenta batalha e rumaram em direção ao Camacho, para o sul, onde já os esperavam Canabarro, Teixeira Nunes e os demais comandantes farroupilhas. *"Em poucos minutos as cinzas daqueles valorosos companheiros estavam submersas pelas ondas* ", escreveu Garibaldi em suas *Memorie*. Registros oficiais da Marinha Brasileira dão conta que os legalistas contaram cinqüenta e um mortos e treze feridos. Entre os republicanos não existem registros oficiais, mas sabe-se que as baixas foram bem maiores, presumindo-se que tenham chegado perto duzentos, e que dezenas ficaram feridos.

DERROTADOS, ANITA E OS REPUBLICANOS ABANDONARAM LAGUNA

Narrando este triste fim, poucas semanas após, já estando em Lages, Anita escreveu à sua irmã Felicidade, no Rio de Janeiro:
"Lages, 10 de janeiro de 1840 Minha querida irmã, ... o abandono do nosso porto assinalou o fim dos meus mais lindos sonhos. A data de 15 de novembro está marcada a fogo na minha mente. Ainda sinto algumas de suas imagens cruéis, cortantes como lâminas. No entanto, de manhãzinha, tudo parecia normal. 0 sol já se levantou quente, o céu estava limpo, azul brilhante, lavado pela brisa marinha. ... Eu estava a bordo, na nossa cabine ... José já tinha descido até o fortim, na Barra ....para se reunir com as nossas forças de terra e estudar as últimas informações sobre os movimentos inimigos. De repente, apareceram as barcas imperiais, as velas infladas, com as pontes repletas de homens armados. Penetraram silenciosamente na enseada, passando diante do fortim e alinhando-se ameaçadoras, uma a uma, com o lado armado voltado para Laguna e os canhões apontados diretamente para nós, as bocas prontas para vomitar a sua carga mortal. Não sei como descrever o que se seguiu, o eco da primeira canhonada, o romper-se da madeira, os marinheiros tomados de pânico que corriam para todos os lados, sem rumo, tropeçando nos primeiros mortos. Eu sabia que tinha que ganhar tempo, para José poder voltar .... Então, num acesso de raiva, peguei eu mesma um pavio e disparei um canhão. O tiro resplandecente ecoou como sinal de contra ataque dos nossos navios de comando e logo foi imitado pelos nossos canhoneiros. Felizmente, isso bastou para deter a fuga desordenada dos marinheiros, que voltaram aos seus postos de combates. Desde o começo, porém, a batalha estava perdida. José sabia muito bem disso ... Infelizmente, estávamos presos, como um alvo imóvel ancorado no porto. Com seus grandes navios, os inimigos tinham um jogo fácil e mortal. ... ainda vejo os olhos de José que me seguiam o tempo todo em meio à fumaça da batalha, com o rosto coberto de pó e de suor, enquanto me pedia para embarcar os feridos na chalupa, para levá-los a terra. "Ele quer me pôr também a salvo", pensei ... Fui correndo transportar os homens e o material, levando-os até o molhe. Ajudei os feridos a desembarcar mas, contrariando as ordens, não fiquei com eles em terra. Decidi ir e vir transportando outras cargas. Enquanto eu remava, parecia que caia uma chuva de pedras ao nosso redor, a água espirrava, crivada de estilhaços e balas. Finalmente, ao cair da tarde, fomos obrigados a pôr fogo no que restava das nossas preciosas embarcações, transformadas em esqueletos vazios e irreconhecíveis. Deixamos Laguna aquela noite, por ordem de Canabarro, junto com os poucos sobreviventes. Numa pausa durante a fuga eu me voltei e, entre os brilhos dos barcos que queimavam, vi as pessoas olhando lá das vielas do porto, com os rostos iluminados pelo incêndio. O perfil escuro das casas e das árvores destacava-se contra o céu avermelhado e relampejante. No ouvido, os estrondos, o vento, os gemidos dos feridos que chacoalhavam nas carroças trepidantes. Talvez naqueles momentos eu tenha visto o inferno, em que não acreditava" (42)
A despeito das possibilidades de manterem-se em território catarinense, sustentando a continuidade da jovem república, o que era defendido por Teixeira Nunes, Luighi Rosseti e Garibaldi, Canabarro demonstrou-se irredutível na decisão de abandoná-la e voltar para o Rio Grande do Sul. Desgostoso com a população local e o governo civil, Canabarro não tinha mais

ânimo para continuar lutando pela efêmera República Catarinense. Tinha pressentido que não subsistiria.
Após diversos dias acampados no Camacho e no Campo Bom, cerca de vinte quilômetros de Laguna, Anita abandonou definitivamente sua cidade, dela ficando apenas com as lembranças de sua infância e a incompreensão de sua gente. Porém estava feliz. Havia encontrado um duplo motivo para sentir-se assim: como cidadã estava engajada no Exército Farroupilha, onde poderia continuar lutando pelos mesmos e nobres ideais que seu tio havia esculpido em sua consciência, e como mulher, sentia-se plenamente realizada, pois amada como nunca havia sido, pelo homem a quem uniu-se para sempre .

Garibaldi, por sua vez, embora derrotado, dentre o exército farroupilha era o único, talvez, que abandonou Laguna levando um bem precioso, um verdadeiro tesouro:
"Eu seguia a cavalo para o Rio Grande, com a mulher do meu coração ao lado. Cavalgava na vanguarda de uns poucos companheiros, sobreviventes de muitas batalhas. Mas que me importava não ter mais roupa do que a que me cobria o corpo e servir uma pobre República que a ninguém podia pagar um soldo? Eu tinha um sabre e uma carabina que levava atravessada diante dos arreios. E tinha Anita, meu maior tesouro." (43)

(35)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR - pg 263
(36)- IDEM
(37)- Texto traduzido pelo autor da obra de ALEXANDRE DUMAS - GARIBALDI IN SUD AMERICA -pg 91
(38)- ANITA GARIBALDI - A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI - pg 47
(39)- Alguns autores falam que a Marinha Imperial colocou 22 navios imperiais para atacar Laguna, enquanto outros falam em 14.
(40)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR pg 279
(41)- VITA I MORTE DI ANA MARIA DE JESUS- IVAN BORIS - NINO MILANI - pg 27
(42)- ANITA GARIBALDI - A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI - pg 63
(43)- GUERRA DOS FARRAPOS - ALCY CHEYUICHE - pg 139

CAPITULO X - EM CURITIBANOS, ANITA FOI PRESA E FUGIU

OS REPUBLICANOS DIVIDIRAM SEU EXERCITO

Estacionados no Camacho e no Campo Bom, os oficiais farroupilhas, enquanto esperavam os destacamentos retardatários e os que tinham tido alguma dificuldade de retirar-se dos arredores de Laguna, discutiram se permaneciam ou não em Santa Catarina. Quando o intrépido Capote e seus homens chegaram, os que haviam ficado na retaguarda para dar cobertura à retirada da coluna e impedir que os imperiais atacassem o novo acampamento farroupilha, já estavam todos recuperados e em condições fazer frente novamente ao inimigo, que havia assenhorado-se de Laguna. Esta era a intenção da maioria dos oficiais e lideranças, entre eles Giusepe Garibaldi, Teixeira Nunes e Luighi Rosseti. Porém, mais ou menos dez dias depois de recomporem-se seus regimentos, e após acirrada discussão, Canabarro impôs sua vontade à maioria dos oficiais, partindo todos, rumando em direção ao sul. Para compensar sua intransigência, Canabarro autorizou Garibaldi, Rossetti e Teixeira Nunes rumarem direção oeste, subirem a Serra Geral, para alcançarem e recuperarem Lages, agora em mãos dos imperiais.

Canabarro seguiria pelo litoral rumo ao sul, em direção a Viamão, onde deveria encontrar-se e colocar-se a disposição de Bento Gonçalves, que continuava a lutar pela consolidação da República Riograndense. Marchariam juntos até Torres, e lá dividiriam-se. Ao chegarem em Araranguá e vendo as fortificações naturais dos Conventos e de Torres, associados aos extensos banhados que dificultariam movimentos de tropas, pensou Canabarro ali estacionar seu exército, aguardar a retomada de Lages e receber eventuais reforços do sul para, quem sabe, retomar Laguna. Se exitosa a empresa dos seus inconformados oficiais, e se recebesse reforços, poderia ser pensado seriamente em invadir o Desterro. Mas tão logo Garibaldi, Anita e Teixeira Nunes o deixaram dirigindo-se para Praia Grande, rumo ao oeste, Canabarro abandonou definitivamente a idéia de aproveitar-se dos acidentes geográficos, e partiu para Viamão.

A escalada da íngreme e pontiaguda Serra Geral não foi uma tarefa fácil de ser vencida. Mas a destemida Anita e seus companheiros, não deixaram que este acidente geográfico de mil e duzentos metros de altitude os amedrontassem e impedissem. Era apenas mais um obstáculo a ser transposto. Além desta cadeia de montanhas que tiveram contra si, que até hoje projeta precipícios de centenas de metros de altura, tiveram que vencê-la com as dificuldades das intempéries, escalando picadas e caminhos sinuosos, que mal passava uma carroça por vez, suportando densa neblina e fortes rajadas de ventos. Moveram-se tendo precipícios verticais a poucos centímetros em suas laterais, com raras obliquidades. As passagens eram verdadeiras armadilhas, e muitas vezes ali sucumbiram tropas de animais e seus tropeiros, pegos pela ventanias frias e enxurradas que devastam o que encontram a frente ou abaixo de si. Enfrentaram as cerrações que até hoje mantém cobertos aqueles costões a maior parte do tempo, quer seja no

inverno ou no verão. A seu favor tinham apenas a disposição de continuarem a lutar por seus ideais, sem fraquejarem, de onde as forças para enfrentar tão insólitas adversidades naturais.

500 FARRAPOS REPUBLICANOS DERROTARAM 2000 MONARQUISTAS NA BATALHA DE SANTA VITORIA

O Planalto Serrano, que havia estado em poder dos republicanos, tinha caído em mão dos imperiais, que na região dispunham de Cândido Alano, seu mais combativo defensor. Anteriormente havia sofrido muitas derrotas, mas como era um influente fazendeiro e morador da região, a conhecia muito bem, sabia onde buscar refúgio e reforços para reagir a cada revés. Graças ao seu persistente comando, havia granjeado a confiança e admiração do Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, que comandava a Divisão São Paulo, formada em Rio Negro, com dois mil homens, que estava deslocando-se para a região com ordens expressas do Ministro da Guerra para expulsar os republicanos definitivamente de Lages. Xavier da Cunha tinha absoluto controle. Espalhou proclamas para atemorizar e ao mesmo tempo provocar deserções nos inimigos. À alguns soldados republicanos que capturou dirigiu habilidosa conversa, para convencê-los servirem de espias em pról do Império. Por ser vaidoso, ufanava-se publicamente desta sua capacidade verbal para este tipo de tarefa.

Logo após a subida da serra, na margem esquerda das nascentes do Rio Pelotas, cujo leito, mais a frente, ainda hoje, divide as províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, existia um entreposto alfandegário, onde o Império cobrava os tributos incidentes sobre as tropas que vinham de Viamão e subiam a serra, para atingir o mercado de Sorocaba. O local era conhecido como Santa Vitória. Serafim Muniz, Antônio Inácio e a outros líderes revolucionários, após terem sido derrotados em Lages, para aquelas paragens haviam-se dirigido com seus homens.

Recém-chegados ao Planalto, Teixeira Nunes e Garibaldi, que de marinheiro passou a ser cavaleiro, haviam recebido informações sobre o vaidoso comportamento do brigadeiro, e prepararam um plano. Ordenaram que um dos mais espertos soldados se deixasse apreender pelos homens do brigadeiro, e o informasse que cerca de duzentos maltrapilhos soldados republicanos, sem armas e famintos, expulsos de Laguna, tinham subido a serra e estavam aproximando-se de Santa Vitória.

O Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha engoliu a isca e para lá dirigiu-se, com seus dois mil homens, com a certeza de dizimar os revoltosos remanescentes, que já haviam sido derrotados em Lages e em Laguna. Queria aproveitar o momento da desmoralização que o inimigo suportava, que depauperado, continuava a fugir. Assim que exterminasse este derradeiro foco de resistência republicana, os campos de cima da serra estariam livres da "hidra infernal da anarquia", conforme proclamou em seus editais. Após, poderia então, cumprir a segunda parte da missão que lhe foi confiada pelo Ministro da Justiça, ou seja, dirigir-se a Porto Alegre para ajudar levantar o

bloqueio que o exército da República Riograndense mantinha nos arredores daquela cidade.

Quando avistaram-se os adversários, Teixeira Nunes ordenou a Antônio Inácio de Oliveira para que, com seus cavalarianos, atraísse uma parte do exército legalista, enquanto seus lanceiros negros atraíram para outro ponto a outra parte do exército do brigadeiro. Armou uma estratégia militar que funcionou, dividindo as divisões legalistas. Divididas suas forças, foram as mesmas surpreendidas pelas habilidades da cavalaria farroupilha. Retrocedeu o brigadeiro refugiando-se com metade de seus homens dentro de uma mangueira, com cercas de pedras, que em Santa Vitória era utilizada para o fisco apartar, contar e tributar o gado que ali passava. Naquele local deu-se um renhido combate, homem a homem, com tiros de pistola a queima-roupa, adagas, espadas e, principalmente com as lanças manuseadas habilidosamente pelas mãos dos reluzentes lanceiros negros de Teixeira Nunes. Ferido em uma perna e vendo-se perdido, tentou fugir o Brigadeiro, protegido por alguns oficiais que lhe foram devotos. Perseguido por republicanos, ao cruzar o Rio Pelotas, foi tragado pelas suas águas, vindo a falecer sem que seu corpo tenha sido localizado.

Anita queria lutar ao lado dos lanceiros farroupilhas, lutar de igual para igual, como uma amazona intrépida que era, com espada na mão. Não exitou em nenhum momento em lançar-se a carga da cavalaria, afrontando com sua já característica coragem, os tiros que partiam do entrincheirado inimigo. Mas foi impedida, porque neste episódio, Garibaldi ficou na retaguarda, e não teve participação na linha de frente, em virtude de seu desconhecimento sobre este tipo de combate. Ficou observando e auxiliando o comando na distribuição das ordens, deslocando-se de um destacamento para outro. Anita o acompanhou, ficando-lhe a incumbência de auxiliar os feridos, de quem já vinha tratando durante toda a viagem. Porém, novos combates, novos feridos. Anita deveria resignar-se, nesta luta, a ser enfermeira. Garibaldi era um guerreiro naval, e este foi o seu primeiro combate em terra firme, no lombo de um cavalo, que aprendeu a cavalgar tendo por mestre sua *incomparabille* Anita. Em suas cartas noticiou que foi ela, em Laguna, quem deu-lhe as principais noções sobre como cavalgar:
" Querida irmã: .... 0 único combate que realmente exigiu empenho aconteceu perto de Santa Vitória. ... pela primeira vez eu o via em ação a cavalo. ... Felizmente, ele aproveitou bem as minhas aulas de equitação. Eu não conseguia tirar os olhos de cima dele, cheia de admiração pelo modo como conseguia prever os movimentos dos adversários. Era tão bom nisso que conseguia mandar os seus homens para os lugares certos, surpreendendo a todos com a rapidez de suas ações e indo de um lugar para outro com muita velocidade, deslocando-se sem parar, como um perfeito guerrilheiro..."(44)

Naquele histórico dia 14 de dezembro de 1839, 500 soldados republicanos, entre eles Anita Garibaldi, derrotaram dois mil soldados imperiais. Mais uma vez, as vantagens das armas e o número de soldados, foram sobrepujados pela força da determinação dos ideais republicanos

ANITA PASSOU O NATAL DE 1839 EM LAGES

Quatro dias após, em 18 de dezembro, Garibaldi, Anita, Rosetti e Teixeira Nunes, com seus farrapos, entraram triunfalmente em Lages e ali reinstalaram os comandos militares e o governo da República Catarinense.

Anita e Garibaldi, tiveram, então, durante diversos dias, um período de tranqüilidade. Passaram a habitar em uma casa de madeira. Foi a primeira vez que tiveram a oportunidade de habitar o mesmo teto. Conforme já narrado, Anita possuía parentes em Lages, e ali vivia seu estimado Tio Antônio, ansiou apresentá-lo a Garibaldi. Afinal, este era a personificação dos ideais daquele. Como ambos foram importantes na vida de Anita, desejou vê-los juntos.
Feliz em poder coloca-los frente a frente, Anita registrou na mesma carta que enviou a sua irmã:
" ... Nos dias que se seguiram àquela luta, chegamos a Lajes sem maiores dificuldades e fomos acolhidos alegremente pela família e pelos amigos. Já encontramos uma casinha bonita, toda de madeira. Não consigo acreditar que estou vivendo sozinha com José. Estamos muito felizes, rimos e brincamos de donos-de-casa, quando os nossos amigos vêm nos visitar. Tio Antônio e José logo simpatizaram um com o outro. Quando eles se encontram, passam horas discutindo sobre a liberdade dos povos. Mas devo confessar que às vezes começo a duvidar de que um dia o mundo será realmente diferente. Talvez ele melhore para os nossos filhos, pelo menos é o que espero. Mas o tempo passa e tudo fica como antes. Evito dizer isso aos nossos fervorosos sonhadores, que por mais que discutam não sabem dizer por quanto tempo resistiremos em Lajes. Ninguém se arrisca a fazer previsões. As patrulhas falam de tropas inimigas, organizam-se várias expedições. Com certeza José vai ter que patrulhar nos próximos dias, e eu vou com ele. Ficou decidido que ficarei encarregada de reabastecer as tropas de munições, o que me parece uma tarefa útil. Levarei comigo um grupo de companheiros fortes, que ,estou aprendendo a conhecer, para garantir os transportes. Quero organizá-los da melhor maneira possível. ..." (45)

Anita comemorou o natal de 1839 em companhia de Giuseppe, e com ele assistiu a Missa do Galo na noite de 24 de dezembro. Como presente de natal de Teixeira Nunes, Anita ganhou um vestido de musselina, um xale de seda, sapatos de marroquim e um chapéu da moda. Garibaldi ganhou um poncho claro. A vitória trouxe dias de tranqüilidade e de relativo conforto ao casal.

Os republicanos informaram a conquista ao estado maior farroupilha, sediado no Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves da Silva, o líder farroupilha, exultou com o feito. E havia motivo para tanto. Com Lages em mãos dos republicanos, estavam cortadas as comunicações e os movimentos terrestres do Império com o Rio Grande do Sul. O feito reacendeu a possibilidade de organizarem dois novos exércitos para retomar Laguna e atacar Desterro. Teixeira Nunes desceria de Lages e Canabarro marcharia de Viamão encontrando-se no Desterro, ou em Laguna. Se realizado este novo projeto, não só a independência do Rio Grande do Sul estaria consolidada, como também a de Santa Catarina. Entretanto, primeiro era necessário consolidar

o domínio da região serrana, patrulhando e expulsando dali focos remanescentes de pequenas junções imperiais.

UM TIRO ARRANCOU-LHE MECHA DO CABELO. ANITA FOI PRESA EM CURITIBANOS

Antes ainda da derrota do Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, havia partido da Vila de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, uma expedição comandada pelo monarquista convicto Coronel Antônio de Mello Albuquerque, alcunhado de "Melo Manso", face ao seu temperamento. Já tinha sido derrotado em Rio Pardo, e retirara-se para Cruz Alta, quando recebeu ordens de juntar-se com as tropas do brigadeiro em Lages, para juntos marcharem e levantarem o cerco de Porto Alegre. No meio do caminho recebeu a notícia de que o brigadeiro havia sido morto, suas tropas destroçadas e que Lages estava em poder dos republicanos. Temeroso do elevado moral das tropas republicanas, resolveu contornar Lages, passando por Campos Novos, seguindo rumo ao norte, em direção a São Paulo, buscando encontrar-se com um novo exército imperial que de lá havia partido, sob o comando do General Labatut. O ataque à Lages seria desfechado após a reunião e encontro com este.

Informado da presença da coluna de Mello Albuquerque, e para evitar de serem atacados de surpresa, os republicanos dividiram-se em duas colunas: uma ficou com a incumbência de vigiar a região sul de Lages, estacionando na proximidades do Rio Pelotas, enquanto a outra, com quinhentos homens, comandada pelo próprio Teixeira Nunes, saiu em direção a Curitibanos, localizado ao norte de Lages, onde esperavam interceptar o inimigo. Cento e cinqüenta homens a cavalo eram comandados por Giuseppe Garibaldi. À Anita foi confiado o transporte da munição e o comando de um piquete de vinte homens, que deveriam ficar na retaguarda da tropa guarnecendo o transporte da munição. Três dias após terem partido de Lages, acamparam às margens do passo do Rio Marombas, por onde o inimigo deveria cruzar, caso estivesse preparando o ataque a Lages. Por volta da meia noite do dia 12 de janeiro de 1840, as guardas avançadas dos dois inimigos encontraram-se e trocaram alguns tiros. Imediatamente, Garibaldi fez seus homens montarem para enfrentarem o ataque que pensou estar iniciando. Porém, foi somente pelo romper do dia que puderam ver que o inimigo já estava postado no alto de uma coxilha próxima. Tinha atravessado o rio durante a noite, e ali ficou em formação de batalha, com a vantagem de possuir muito mais homens que Teixeira Nunes. Mesmo em inferioridade, o ataque foi ordenado pelo comandante republicano. Bem posicionados, armados e em número maior, os imperiais conseguiram rechaçar o primeiro ataque republicano. Garibaldi, então, entra em ação com sua cavalaria, que cavalgou morro acima, juntamente com a infantaria. Vendo o ataque maciço e destemido, recuaram os imperiais de Mello Albuquerque, que fugiram em desabada carreira. Teixeira Nunes, extasiado com a eminente vitória, ordenou a perseguição, que não fosse permitido tempo ao inimigo para recompor-se e reagir. Na verdade havia caído em uma armadilha. Descuidando-se de sua retaguarda, ele próprio comandou a perseguição durante alguns quilômetros, até atingir as margens do Rio Marombas. Ao chegar foi surpreendido pelas forças

remanescentes de Mello Albuquerque, que estavam de tocaia em uma restinga, antes do rio. Repentinamente sua retaguarda foi fechada e Teixeira Nunes viu-se cercado. Garibaldi partiu, então, com sua cavalaria em seu socorro, mas era impossível aproximar-se de Teixeira Nunes. Restou-lhe tão somente ocupar um capão, localizado no alto de uma pequena elevação próxima, de onde teve alcance de tiro e visão do campo de batalha, para dela participar. Graças a iniciativa de Garibaldi, após algum tempo, com muita dificuldade e ao custo da vida de inúmeros companheiros, Teixeira Nunes e uma significativa parcela de soldados conseguiram evadir-se do cerco. Logo em seguida, a colina onde estava Garibaldi com 63 homens, embora inatingível, foi cercada pelas forças imperiais. Face ao vigor e forte disciplina do seu comandante e às posições individuais determinadas por Garibaldi, os imperiais não lograram atingir a trincheira em nenhuma da 5 ou 6 cargas que tentaram.

Anita, que tinha ficado na retaguarda, tinha compreendido rapidamente a perigosa situação e, como era responsável pela guarda e transporte da munição, mesmo sentindo estarem cercados seus companheiros, tratou de apressar-se, imaginando que estivessem necessitando da munição para sustentar o renhido combate. Quando fazia os movimentos para aproximar-se do cerco, foi surpreendida por um destacamento imperial que lhe abriu fogo, ao que foi prontamente respondido. Travou-se uma refrega. Anita e seus comandados não estavam disposta a render-se e a entregarem a munição tão facilmente. Montada a cavalo, respondeu aos tiros que lhe foram enviados, viu seus homens tombarem, mas continuou resistindo bravamente. Um tiro arrancou-lhe o chapéu e raspou-lhe na cabeça, arrancando-lhe uma mecha de seus cabelos. Mesmo assim não se deixou esmorecer. Afrontou e atingiu os que aproximavam-se para abate-la e tomar a munição. Ao tentar livrar-se do cerco em que estava, um disparo atingiu seu cavalo, que ao cair, também a derrubou. Levantando-se rapidamente, desembainhou sua espada e ofereceu resistência aos soldados que vendo-a sem arma de fogo, cercaram-na e a dominaram. Anita foi, então, aprisionada !

Posteriormente, ao longo de sua vida , Giuseppe Garibaldi relembrou este episódio inúmeras vezes, registrando-o com seu próprio punho. Deixemos que ele mesmo nos conte o fato:

"Já disse a maneira porque, apesar da bravura de Teixeira Nunes, a nossa cavalaria foi derrotada e como com os meus sessenta e três infantes me vi cercado por mais de quinhentos homens de cavalaria inimiga. Anita devia neste dia assistir as mais terríveis peripécias da guerra. A muito custo submetendo-se ao papel de simples espectadora do combate. Anita apressava a marcha das munições receosa de que os cartuchos faltassem aos combatentes: com efeito o fogo que nos víamos obrigados a fazer era tão violento que dava margem a supor-se, com toda a razão, que se as nossas munições não fossem renovadas bem depressa, não teríamos um único cartucho; com este fito aproximava-se do lugar, onde o combate era mais renhido, quando um esquadrão de vinte cavaleiros inimigos, perseguindo alguns dos nossos que fugiam, caíram de improviso sobre os soldados que conduziam a bagagem. Excelente cavaleira e montando um admirável cavalo, bem poderia Anita ter fugido; mas dentro desse peito de mulher batia o coração de um herói: em lugar de fugir, animava os nossos soldados a

defenderem-se e , num momento, se viu cercada pelos imperiais. Anita enterrou as esporas no ventre do cavalo e dum salto passou pelo meio do inimigo, não tendo recebido mais do que uma única bala, que lhe atravessou o chapéu e levou parte dos cabelos, sem lhe tocar no crânio. Talvez ela pudesse fugir se o cavalo não caísse ferido mortalmente por outra bala e, sendo obrigada a render-se, foi apresentada ao coronel inimigo"(46)

FOTO 14: CAPÃO DA MORTANDADE - CURITIBANOS

ANITA PROCUROU O CORPO DE GARIBALDI ENTRE OS MORTOS

A tarde já findava quando Garibaldi com seus soldados, ainda cercados, resolveram romper o cerco a tiro, colocando em prática uma estratégia de formarem grupos, correrem rapidamente por um trecho, deitarem-se e atirarem enquanto o outro grupo iniciava correr, que ao chegarem no local onde estava o primeiro grupo, deitavam-se e passavam a atirar, enquanto aqueles reiniciavam a corrida. E assim, alternando-se em correr a atirar, atingiram a mata próxima, onde encontraram refúgio, sem que neste rompimento do cerco tivesse perdido um dos 63 homens.

Já era noite, e Garibaldi, porém, não tinha sabido de Anita, já que a mesma estava na retaguarda, distante e envolvida com tarefa e responsabilidade distinta. Sérias dúvidas assombraram Garibaldi, ora imaginando-a morta, ora pensando-a fora de perigo. Não havia como procurá-la, pois tinha sob sua responsabilidade a vida de seus comandados, que, como comandante, teve que evitar fossem aprisionados pelas patrulhas adversárias, que não pouparam a vida dos republicanos remanescentes e dispersos que encontraram. Triste e pesaroso, compelido pelo seu dever e responsabilidades de líder e comandante militar, decidiu retornar a Lages, pelo interior da densa mata, evitando as picadas, pois não queria deparar-se com patrulhas imperiais. Durante quatro dias e quatro noites caminharam pela mata, sofrendo privações, que em Garibaldi foram ainda mais terríveis, pois a dúvida sobre o destino de Anita lhe assaltava a memória a todo instante.

Ao ser presa, os soldados imperiais depararam-se com um fato inusitado, pois não era comum uma mulher empunhar armas e lutar, ainda mais oferecer resistência tão brava. Entre os soldados que a fizeram prisioneira, estava João Gonçalves Padilha, de Laguna, o pretendente à sua mão, que havia sido preterido por Manuel Duarte. Logo os imperiais ficaram sabendo quem era a prisioneira. Levaram-na ao Coronel Mello de Albuquerque que tentou interroga-la. Tentaram humilha-la, mostrando seu desprezo pelos rebeldes republicanos. Orgulhosa e altiva, Anita foi seca e severa nas suas respostas, e dignamente não deixou-se intimidar, repelindo as tentativas que fizeram para

humilha-la. No entanto, posteriormente, o Coronel Mello de Albuquerque confessou que não escondeu sua admiração pelo grande vulto feminino que tinha a sua frente. Anos mais tarde, proferindo palestra aos jovens oficiais no Colégio Militar de Porto Alegre, o Coronel Albuquerque narrou que *"quando me foi apresentada estava mal vestida, em trajes masculinos, desgrenhada ... via-se que padecia horrivelmente ... conquistou com sua presença a minha admiração e a dos meus comandados... nunca imaginávamos ver uma mulher tão valorosa... Enchia-nos de orgulho o fato de ser ela uma catarinense, uma compatriota, que dava ao mundo tão sublime provas de valor e intrepidez*". (47)
Em suas memórias Garibaldi registrou este interrogatório a que Anita foi submetida:
" Sublime de coragem no perigo, Anita maior vulto tomava ainda, se é possível, na adversidade, de sorte que na presença desse estado-maior maravilhado do seu arrojo, mas que não teve o bom gosto de ocultar diante de uma mulher o orgulho da vitória. Anita repeliu com uma rude e desdenhosa altivez algumas palavras que lhe fizeram antever um tal ou qual desprezo pelos republicanos e tão vigorosamente combateu com a palavra como já o fizera com as armas". (48)

Para quebrar sua altivez, disseram-lhe que todos os chefes republicanos estavam mortos, e que Garibaldi também havia tombado em combate. Inicialmente Anita não acreditou, mas os oficiais mentiram dando detalhes da morte de Garibaldi. E então Anita deixou-se abater, esmorecendo sua altives diante do interrogatório inimigo. Com a falsa notícia, conseguiram abater a elevada moral e o orgulho da prisioneira. Passada algumas horas, refazendo-se parcialmente dos efeitos da triste notícia, valeu-se da admiração que inspirou no comandante imperial e exigiu que lhe fosse permitido procurar o corpo de Garibaldi, se efetivamente morto. Devidamente autorizada e acompanhada de soldados, passou longas e penosas horas revolvendo cadáveres, espalhados pelas coxilhas e capões por onde tinha acontecido o terrível combate, sempre na esperança de não conseguir encontrar o corpo do amado companheiro. Como os combates tinham acontecido em uma longa extensão, em diversos locais, a busca continuou noite a dentro, a luz de lampiões.

Continua Garibaldi em suas memórias:
"Anita julgava que eu tinha morrido. Nesta persuasão pediu e obteve licença de ir ao campo de batalha procurar o meu corpo no meio dos cadáveres. Qual a ventena infernal passeando sobre a campina ensangüentada, Anita errou só e por muito tempo procurando aquele que ela receava de encontrar, voltando os mortos que tinham caído de rosto para a terra e nos quais pelo fato ou pela altura, ela imaginava terem alguma semelhança comigo. Foram inúteis as suas pesquisas. Era a mim pelo contrário, que a sorte reservava a dor suprema de banhar com as minhas lágrimas suas faces gélidas e quando este momento de angustia chegou, impossível me foi de lançar um punhado de terra, uma flor, ao menos sobre a cova onde jazia a mãe de meus filhos. Desde que Anita esteve segura de que eu existia, não teve senão um pensamento, o de fugir ..."
(49)

ANITA BURLOU A VIGILÂNCIA E FUGIU

Do lado republicano morreram neste dia mais de cem soldados, além de sete oficiais. Também perderam todos os seus seiscentos cavalos, parte de seu armamento e quase toda sua munição. Entretanto, apesar destas perdas lamentáveis, confiante de que Garibaldi não havia sucumbido, Anita passou a premeditar uma forma de evadir-se. Enquanto os imperiais descuidados afogavam-se no delírio da inesperada vitória, aproveitou-se de oportunidade e evadiu-se sorrateiramente, ocultando-se em uma casa, próxima a densa floresta, ocupada pelos imperiais e daí, durante a madrugada, penetrou na mata e evadiu-se. Em carta escrita à sua irmã alguns dias após a sua prisão seguida de fuga, escreveu-lhe Anita:

"Querida irmã: ... Além disso, tinha caída prisioneira dos imperiais, que zombavam de mim e dos farrapos, dizendo que estávamos desesperados e que estávamos até usando frágeis mulheres nos combates. A única coisa que eu podia fazer era manifestar meu desprezo por gente daquela espécie, com um pouco da gíria pitoresca de Laguna, que você conhece ... Devem ter ficado irritados com a minha altivez, e o comandante deles me disse que eu não tinha motivo para ser arrogante, que me conhecia e sabia da minha fama de vagabunda e que eu ia ter o que merecia, já que o capitão José Garibaldi estava morto. Ao ouvir isso senti uma coisa no coração e não consegui esconder o pânico que tomou conta de mim. José morto! Era uma idéia tão insuportável, que logo pensei: "Também quero morrer". Depois, voltando a mim, retruquei: "Não é possível, está dizendo isso para me espezinhar." Mas ele continuava a insistir com uma cara tão sincera, que a minha angústia foi aumentando, sentia falta de ar, minhas mãos ficaram geladas. Então implorei que pelo menos me deixassem ver José pela última vez, mas ninguém me dava atenção ... Finalmente chegou um tal general Albuquerque, que sentiu pena do meu desespero e consentiu que eu fosse até o campo onde se travara a batalha, para procurar o corpo de José. Entre os matagais e as rochas jaziam os mortos e os feridos. Os urubus estavam empoleirados nas árvores, em bandos. Você não pode imaginar o horror daquele campo. Eu caminhava, tomada de uma agitação louca. No começo, fui andando de um lado para o outro, desorientada, atrás de uma forma, de um movimento, de um gemido. Depois pensei em procurar com mais método, para não deixar passar nenhuma vítima. Cada vez que eu via a morte no rosto de um homem sentia horror e piedade e, ao mesmo tempo, uma alegria lancinante por não ser o meu José. Finalmente, já de noite, tive a certeza de que ele não estava entre aqueles corpos estendidos e de que tinha conseguido fugir. Lembrei que ele sempre me dizia para não me preocupar, que ele nunca morreria num campo de batalha, porque o Deus da justiça o protegia. Antes eu ria e me divertia com suas palavras. Mas agora percebia que tinha errado em não acreditar nele e tinha sido castigada com o maior sofrimento da minha vida. Achei que só me restava fugir o mais depressa possível. Olhando ao redor, notei que, na penumbra das fogueiras do acampamento, os soldados descansavam, cheios de cachaça, sem desconfiar de nada. Ninguém imaginava que uma mulher sozinha iria aventurar-se no mato. Saí da clareira pé ante pé, sem fazer barulho. Cheguei perto de alguns cavalos atrelados e segurei a crina de um

que estava parado atrás dos outros, onde a escuridão era maior. Logo depois, eu estava fugindo como o vento, através das matas, sem que ninguém tivesse notado. ... e procurei me orientar naquele sentido de Lages, mas não sei o quanto me desviei do caminho. Encontrei todo tipo de obstáculos, até mesmo um rio em cheia, o rio Canoas, como vim a saber mais tarde. Estava com fome e nem tinha certeza de que José tinha conseguido voltar para a cidade. Dois dias depois, cheguei numa casa que achei que estava reconhecendo. Felizmente, os camponeses sabiam a direção que os farrapos tinham seguido e me ofereceram café. Você não imagina a delícia que foi aquilo. Eles queriam que eu descansasse e pernoitasse na casa deles. Não aceitei, pois não ia conseguir dormir. Estava muito angustiada ... . Não conseguia ficar tranqüila. Assim, bebi aquele café e fui embora, galopando no escuro. (50)

Garibaldi completa a narrativa *:*

"...e aí, sem ser reconhecida, uma mulher a recebeu e protegeu. O meu ponche, que eu havia abandonado para ter os movimentos mais livres, e que tinha caído em poder de um soldado inimigo, foi por ela trocado pelo seu, que era de grande valor. Quando chegou a noite, Anita lançou-se na floresta e desapareceu. Era necessário possuir um coração de leão para assim se arriscar. Só quem já viu as imensas florestas que cobrem os cimos do Espinhaço, com os seus pinheiros seculares, que parecem destinados a sustentar o céu, e que são as colunas deste esplendido templo da natureza, as gigantes canas que povoam os intervalos e que estão cheias de animais ferozes e de répteis de que a mordedura é venenosa, poderá fazer uma idéia dos perigos que ela correu e das dificuldades que teve a vencer. Felizmente Anita ignorava o que era medo. De Curitibanos a Lages são vinte léguas. Como ela atravessou esses bosques impenetráveis, só e sem alimentos, só Deus sabe. Os poucos habitantes desta parte da província que ela tinha de atravessar eram hostis aos republicanos e logo que souberam da nossa derrota, armaram-se e fizeram emboscadas sobre muitos pontos e, principalmente, nas picadas que os fugitivos tinham a atravessar de Curitibanos a Lages. Nos cabeçais, isto é, nos sítios quase impraticáveis destes atalhos, teve lugar uma horrível carnificina nos nossos desgraçados companheiros. Anita atravessou de noite estes sítios perigosos e, ou fosse a sua boa estrela, ou a admirável resolução com que os atravessou, o seu aspecto fez sempre fugir os assassinos, que fugiam, diziam eles, perseguidos por um ser misterioso! Na realidade era estranho ver esta valente mulher, montada num ardente cavalo, pedido e obtido numa casa onde havia recebido a hospitalidade durante uma noite de tempestade, galopando por cima dos rochedos, à claridade dos relâmpagos. Quatro soldados imperiais, colocados como vigias na passagem do rio Canoas, fugiram à vista desta visão, escondendo-se atrás das moitas que guarnecem o rio. Durante este tempo, Anita chegara à margem do rio, tornado muito tempestuoso por causa das muitas cheias e atravessou-o, não como tinha feito dias antes, num excelente barco, mas sim a nado, animando com a voz o seu magnífico cavalo. As ondas precipitavam-se furiosas, não num estreito espaço, mas numa extensão de quinhentos passos e, apesar disso, Anita chegou sã e salva à outra margem. Uma chavena de café foi o único alimento que a intrépida viajante tomou durante os quatro dias que gastou em alcançar na Vacaria a tropa do Coronel Aranha. Foi ai que nos encontramos, Anita e eu, depois de uma separação de oito dias, e de nos julgarmos mortos. Que alegria não foi a nossa ! ... (51)

Após receber por troca o poncho claro de Garibaldi, Anita embrenhou-se na mata, pelos atalhos da imensa floresta de araucárias, pois as picadas, além de infestadas de imperiais, estavam alagadas pelas constantes chuvas daqueles últimos dias, deixando os pequenos rios cheios, com seus leitos alargados, o que os tornou intransponíveis. Quando tinha espaço aberto a sua frente, metia-se a todo galope, fazendo esvoaçar o poncho quase branco. Era noite quando chegou as margens do Rio Canoas. Fugiram as quatro sentinelas legalistas ali postadas, pois a luz dos trovões vendo um vulto galopando envolto em um pala claro, imaginaram tratar-se de assombração. Chegando as margens do Rio Canoas, Anita jogou seu cavalo nas fortes correntes d'água do rio, e agarrando-se às crinas do cavalo traspassou o perigoso e cheio vau.

Wolfang L. Rau narra em sua obra (52) que, segundo relatado pelo falecido Sr. Paulino Granzotto ao seu filho e prefeito Euclides Granzotto, o nome da atual cidade de Anita Garibaldi foi dado á cidade originária como distrito de Lages, para homenagear a coragem da guerreira republicana, quando por ali passou, após cruzar a nado o vizinho Rio Canoas, na altura do Passo do Lourenço. Daí teria dirigido-se ao Rio Pelotas, que também o teria atravessado a nado no Passo da Pedra Ouveira, hoje Balsa de São Vicente, para após dirigir-se ao encontro de Garibaldi, nos campos das Vacarias.

ANITA REFUGIOU-SE EM LAGES E REENCONTROU GARIBALDI

Cautelosa, ao chegar em Lages, teve confirmada a notícia de que tanto ansiava receber: Garibaldi não estava morto ! Mas os republicanos, sabedores das forças imperiais que estavam vindo de Santos, comandadas pelo General Labatut, entenderam que seria um suicídio permanecerem e resistirem em Lages, pois contavam apenas com cerca de oitocentos homens. Também já tinham recebido mensagem de Bento Gonçalves de que do Rio Grande do Sul não seriam enviadas forças auxiliares, como também deveriam os republicanos retirarem-se de Lages e unirem-se na Vila da Setembrina, atual Viamão, onde os farroupilhas estavam concentrando seus exércitos para atacarem e tomarem a cidade de Rio Grande e seu importante Porto. Além do que, era eminente que Lages sofreria ataque legalista. Após a derrota de Marrrombas, desiludido de seus planos iniciais, cumprindo ordens superiores, ordenou Teixeira Nunes a desocupação da Vila de Lages, em direção a Vacaria e depois à Setembrina.
Como não há registro corretos, existem contradições a respeito do local onde Garibaldi e Anita se reencontraram, isto é, se foi em Lages ou em Vacaria. Enquanto alguns historiadores afirmam que quando Anita chegou a Lages, a Vila já havia sido abandonada pelos republicanos, outros afirmam que os republicanos ficaram em Lages até meados de março, abandonando a cidade após. O autor define-se pelo encontro na cidade de Vacaria, posto que Garibaldi, em suas memórias assim o narra. De Curitibanos a Lages, percorreu aproximadamente oitenta quilômetros por dentro da mata e dos campos. De Lages a Vacaria percorreu mais de cem quilômetros. Se reencontraram-se em Lages ou em Vacaria, o fato é que, exausta, chegou em Lages e procurou ocultar-se em uma casa na área central da Vila, próximo a igreja, que era habitada por duas senhoras. Inicialmente, por estar com seus

cabelos presos sob o chapéu e vestida com roupas masculinas, foi confundida com um soldado, motivo pelo qual negaram-lhe abrigo. Como duas senhoras probas e íntegras poderiam justificar aos seus vizinhos o pernoite de um homem desconhecido em sua residência ? Porém, em gesto silencioso, Anita abriu sua camisa e expôs seus seios, como forma de identificar sua feminilidade. Foi-lhe, então, concedida guarida. Ali alimentou-se e repousou e na manhã do dia seguinte colocou-se novamente em marcha, até atingir a Vila de Vacaria.
Quando os alcançou e encontrou-se com Garibaldi, Teixeira Nunes, na presença dos demais oficias, surpreso perguntou à Anita como tinha conseguido chegar tão longe sozinha, ao que ela respondeu:
- *Vim vindo, Coronel !*

Era o dia 18 de março de 1840, quando atravessaram o Rio Pelotas, partindo definitivamente de Santa Catarina. Em Vacaria, já na Província do Rio Grande do Sul, estavam fora do território barriga verde. Anita pressentiu estarem definitivamente encerrados e sepultados os sonhos republicanos e farrapos, que também eram seus, pela autodeterminação da República Catarinense, que deveria ser transformada em uma das repúblicas que constituiria uma confederação de estados livres e soberanos, fundamentados nos princípios trazidos pelos ventos libertários que sopraram do Velho Continente: igualdade, fraternidade e humanidade...

FOTO 15: CASA DE LAGES ONDE ANITA PEDIU "POUSO"

(44)- ANITA A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI- pg. 66
(45)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI - pg 66/67
(46)- GARIBALDI, GUERREIRO DA LIBERDADE - ANSELMO AMARAL - pg 50/51
(47)- GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS - LINDOLFO COLLOR - pg 306
(48)- GARIBALDI O GUEREIRO DA LIBERDADE - ANSELMO AMARAL - PG 51
(49)- IDEM
(50)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI
(51)- GARIBALDI - O GUERREIRO DA LIBERDADE - ANSELMO AMARAL).
(52)- ANITA GARIBALDI O PERFIL DE UMA HEROÍNA BRASILEIRA - pg 181

CAPITULO XI- GRÁVIDA, NO RIO GRANDE DO SUL ANITA PARTICIPOU DE MARCHAS E BATALHAS

ANITA OUVIU AS PREGAÇÕES REPUBLICANAS DE LUIGHI ROSSETTI

A sede do Governo Farroupilha tinha-se estabelecido na cidade de Caçapava, de onde os farrapos comandavam a ocupação de praticamente todo Rio Grande do Sul. As duas cidades portuárias e mais importantes, porém, não estavam em seu poder: Porto Alegre e Rio Grande haviam resistido as investidas republicanas. Inicialmente ocupada, Porto Alegre havia sido retomada pelos monarquistas, enquanto o Porto de Rio Grande, fortemente guarnecido, permaneceu desde início sob domínio absoluto deste. Em Santa Catarina o ano de 1839 tinha sido de muita atividade militar,. No Rio Grande do Sul, foi pobre em fatos bélicos de maior desenvoltura, limitando-se a escaramuças e a algumas tentativas feitas por algumas lideranças de ambos os lados, para celebrar-se um entendimento que conduzisse a uma paz honrosa, sem que qualquer uma das partes saísse de forma desonrosa daquela guerra civil. Efetivamente, havia um cansaço generalizado, principalmente entre a população civil, que durante os quatro anos que sucederam-se, havia suportado materialmente a beligerância, com o alto preço da vida de muitos filhos riograndenses.

Em março de 1940, de Vacaria, a tropa marchou rumo a Setembrina, onde

já estavam concentradas parte das tropas farrapas do General Canabarro e do General Zeca Neto. O palco das operações compreendiam as cidades de Viamão, S. Leopoldo, Taquari, Capivari, e outras localizadas nas proximidades de Porto Alegre, que continuava sitiada por terra, a despeito de numerosa tropa imperial que era mantida às margens dos rios Taquari, Capivari e Cai.
Para desmoralizar os farroupilhas, o presidente da Província do Rio Grande do Sul, ordenou que um dos comandantes imperialistas, o brigadeiro Bonifácio Calderon, cordobes de origem, que havia recrutado um exército de dois mil e quinhentos homens, marchasse sobre Caçapava, a capital da República Riograndense, para coagir os republicanos a saírem em sua defesa, afrouxando o cerco a Porto Alegre. Sentindo a manobra, o governo republicano, ali representado por seu Ministro da Fazenda Domingos José de Almeida, não deslocou nenhum contigente significativo para defender sua capital, resolvendo abandoná-la com os cerca de 150 homens que ali estavam concentrados. Mudando-se a sede da República para S. Gabriel, nenhuma tropa significativa de seu exército saiu das cercanias de Porto Alegre. Premidos pela falta de estrutura militar que oferecesse segurança ao governo civil da sua jovem república, nos anos seguintes, a República Riograndense submeteu-se a diversas situações como esta, caracterizando-se por ter um governo errante, estabelecendo-se temporariamente em diversas cidades, tais como Piratini, Caçapava, S. Gabriel, Bagé, Cacequi e Alegrete.

Tão logo Calderon sentiu a inutilidade da ocupação de Caçapava, a abandonou, permitindo que os republicanos para lá voltassem e ali reinstalassem a sede de seu Governo. Calderon marchou, então, a frente de seus dois mil e quinhentos homens, rumo ao norte, para ajudar a expulsar os republicanos acampados nas vizinhanças de Porto Alegre.
O episódio, entretanto, deixou claro aos republicanos que novas tropas estavam sendo recrutadas pelos imperiais e que o passar do tempo sem ações militares de maior envergadura os prejudicava. Sem esquadra ou mesmo um navio qualquer, Bento Gonçalves e os seus chefes militares tinham dificuldades, pois os imperiais eram senhores absolutos da Lagoa dos Patos, o que lhes permitia o acesso fácil com o Porto de Rio Grande e do Rio de Janeiro, de onde recebiam armas, munições, suprimentos e pessoal, que desembarcavam em Porto Alegre sem serem admoestados. Enquanto os republicanos dispunham de tropas irregulares formadas pela gente simples do povo gaúcho, os imperiais dispunham de recursos fartos, de linhas de navegação e de novas tropas que formavam-se a cada dia.

Urgia, portanto, desencadear uma grande ação militar, capaz de decidir a consolidação da República, antes que o Império se reestruturasse militarmente e que fosse tarde de mais. Por decisão do estado maior republicano, concentraram-se suas forças, com o objetivo de em um único e grande combate, derrotarem definitivamente o Império e apoderarem-se de Porto Alegre. Num segundo momento, seria tentado o assalto ao Porto de Rio Grande.
Foi, então, necessário unir as tropas republicanas estacionadas em Taquari, com as de Viamão, fechando o cerco de Porto Alegre, isolando os inimigos que estavam ao norte e leste. Esta manobra também visava impedir que novos

reforços oriundos da região sul viessem em sua ajuda.

Nas cavalgadas e nos pousos durante a retirada de Santa Catarina, Luighi Rossetti encontrou em Anita uma atenta ouvinte às idéias de igualdade e justiça social, defendidas entusiasticamente pelo *patriota italiano.* Desde que chegaram de Vacaria, Luighi Rosseti, Garibaldi e Anita ficam na Setembrina. Ali viveram diversos dias, habitando a mesma casa. Garibaldi interessava e inspirava-se na leitura da "Divina Comédia", de Dante Aleghieri, Anita também passou a interessar-se e a seu pedido. Rosseti dispôs-se a ler-lhe a obra. (53) Garibaldi sentiu prazer em observar o interesse por mais conhecimentos, pois sempre que havia oportunidade, Anita indagava-lhes, fazendo as mais diversas perguntas a cerca de tudo quanto ouvia os dois patriotas italianos conversarem. Ouvia-os atentamente falarem sobre os ideais saint-simonianos, que pregava o dever de todo o homem lutar não apenas pela sua própria liberdade e a de seu povo, mas também pela liberdade dos demais, das demais nações vítimas da opressão, sem esperar recompensas materiais. Quis saber sobre o origem e o que pretendiam os carbonários, quem era e o que pregava o tão falado e homenageado criador do movimento mazziniano, Giuseppe Mazzini. Indagou e ouviu muito sobre as idéias libertárias da inspiradora Revolução Francesa e de suas repúblicas, a história e o surgimento do sistema democrático na Grécia, sobre a ascensão e ruína total do extinto Império Romano. Ouviu-os atentamente cantarem e a declamarem canções e versos de amor e guerra, tomando conhecimento dos versos de Petrarco, Dante, Fóscolo, Byron e outros (54)

Anita estava iniciando sua participação na campanha pela defesa da República Riograndense e desejou saber mais e aprofundar os ensinamentos do Tio Antônio, principalmente sobre as origens dos sentimentos trazidos pelos então atuais movimentos liberais de todas as tendências, quem eram os federalistas, as fações separatistas e radicais dos republicanos, imperiais, moderados chimangos e outros grupos políticos heterogêneos que formavam os sentimentos de defesa e contra o direito de autodeterminação do Rio Grande do Sul. A semente que seu Tio Antônio lhe havia plantado, já havia germinado e os primeiros frutos tinham acabado de serem colhidos. Agora a planta estava sendo regada, alimentada e vitalizada com novos e mais profundos conhecimentos ...

GRAVIDA, ANITA QUIS LUTAR NA BATALHA DO TAQUARI, MAS FOI IMPEDIDA POR BENTO GONÇALVES

Naqueles dias Giuseppe Garibaldi foi de extrema valia, pois parte do comando militar, para unir-se e comandar suas tropas acampadas em Taquari, deveria atravessar o Rio Guaíba, infestado e policiado por numerosas canhoneiras imperiais, que singravam seu leito dioturnamente, sem cessar. Em pequenas canoas, movidas apenas com a força dos remos, a travessia foi feita de madrugada. No dia seguinte, em Taquari, já desanimados pela longa ausência e desorientação em que encontravam-se, os rebelados farroupilhas exultaram com a presença de seus comandantes. Iniciaram, então a movimentação das tropas, planejada para realizar a operação que deveria unir os exércitos republicanos e decidir a consolidação da República

Riograndense.
Sob o comando supremo de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita partiram de Viamão. Com Anita permanentemente ao seu lado, Giuseppe comandava o corpo de marinheiros, agora em operação terrestre. Partiram em direção oeste, dirigiram-se para o Cai, através da Colônia de S. Leopoldo, onde pretendiam abastecerem-se com víveres. A região de S. Leopoldo, que havia sido ocupada e colonizada há pouco mais de dez anos, era formada por famílias germânicas, que já tinham sido alvo de constantes requisições militares, de ambas as partes em conflito, requisições estas que lhe solaparam não apenas todas suas plantações e animais, mas também seus filhos, que na maioria dos casos, passavam a lutar sem entenderem o porquê e para quem estavam lutando. Ao ali chegaram, Giuseppe e Anita encontraram desolação e miséria, e por dois dias e duas noites, passaram por extremas privações, juntamente com o idealista exército farroupilha, praticamente sem nenhuma alimentação.
Depois de algumas escaramuças com os imperiais, o general Zeca Neto e o General Bento Gonçalves, conseguiram, finalmente, nas proximidades do Arroio Azeredo, unirem seus exércitos, formando um único contigente de seis mil homens, sendo cinco mil na cavalaria e mil na infantaria. Nenhum dos dois dispunha de artilharia.
Apesar do assédio à Porto Alegre, esta operação tinha sido impedida diversas vezes pelas forças regulares imperiais acantonadas nas cercanias. De formas que o encontro de Zeca Neto e de Bento Gonçalves, com seus respectivos exércitos, foi comemorado nas hostes farrapas. Ali estavam todos os grandes chefes farroupilhas: Bento Gonçalves, Zeca Neto, Onofre Pires, David Canabarro, Teixeira Nunes, Giuseppe Garibaldi, Corte Real, João Antônio, Marcelino Manoel além de muitos outros. Ao lado de Giuseppe Garibaldi, Anita. Iniciada a marcha rumo a Porto Alegre, sabiam que logo seriam interceptados pelos imperiais, que sentindo ser necessário combater a força que a República havia formado, apressou-se o comando militar, sob a responsabilidade do general monarquista Manoel Jorge, em juntar todas as suas forças e opor-se a investida que armavam os republicanos. Dispunha do dobro de homens na infantaria, um número maior de cavalarianos e de duas companhias de artilharia.

Era o dia 03 de junho de 1840, quando, às oito horas da manhã, nas proximidades de Taquari, no passo do Pinherinho, sentindo que o combate seria eminente, perfilaram-se os dois exércitos, prontos para a grande e decisiva batalha, que decidiria definitivamente a unidade ou o desmembramento do império brasileiro. A batalha, porém, não aconteceu com a totalidade das forças dispostas. Exitações de ambos os lados, que não ordenaram o ataque definitivo, fizeram com que esta grande batalha se fracionasse em alguns encontros, aqui e acolá, por vanguardas de ambas cavalarias que encontraram-se no passo do rio Taquari e nas tentativas de cortarem um e outro movimento de suas vanguardas e retaguardas. É bem provável que Bento Gonçalves tenha hesitado em virtude do inimigo possuir pesada artilharia, enquanto ele não dispunha de nenhuma para contrapor-se. Assim, embora não ordenou o ataque final, que poderia ter derrotado os imperiais pela sua péssima localização geográfica, houve um confronto de significativas perdas para ambos os lados contendores. Ao final do dia, os

republicanos contaram 270 mortos, enquanto os imperiais registraram 201 baixas. Ambos os lados sentiram-se vitoriosos. Na verdade este encontro demonstrou um grande equilíbrio de forças, que quase nada alterou em termos de vantagens para um ou outro lado. Para Morivalde Calvet Fagundes, *"... o número de baixas teve uma diferença insignificante. Depois do combate cada um seguiu para seu lado. Não houve perseguição ... Logo o combate terminou empatado, sem vencedor, nem vencido.*" (55)

Garibaldi que comandava o esquadrão dos marinheiros teve ao seu lado a presença constante de Anita, que muito embora quisesse participar da luta como um soldado qualquer foi impedida pelo General Bento Gonçalves chefe supremo das forças republicanas.
Em carta dirigida a sua irmã, datada de dezembro de 1840, Anita contou-lhe o incidente *"...enfim, a viagem de Lages não foi das mais confortáveis, apesar de termos parado um pouco em Vila Setembrina, perto de Porto Alegre. Durante aqueles dias, tomei uma antipatia muito grande pelo chefe dos farrapos, Bento Gonçalves. Durante uma batalha em Taquari, ele queria que eu ficasse de lado, como uma mulherzinha...."* (56)

" IDE E DIZEI COMO OS LIVRES PAGAM SUAS DÍVIDAS"

O fato ocorreu, provavelmente por dois fatores: primeiro porque Anita estava com aproximadamente cinco meses de gravidez, e segundo, pela personalidade do altivo líder farrapo, que não poderia permitir uma mulher combatendo a seu lado, ainda mais no estado de gravidez em que se encontrava.
Malograda a operação que pretendia derrotar definitivamente os legais, marcharam os farrapos para Setembrina onde fixaram-se por alguns dias. A pretensão era ali restruturar-se e manter o cerco de Porto Alegre. Para debilitar e tomar a capital gaúcha, o comando Farroupilha compreendeu ser necessário cortar os fornecimentos que Porto Alegre recebia regularmente, através do Rio Guaíba, vindos do Rio de janeiro através do Porto de Rio Grande. Uma vez tomadas as cidades de Rio Grande e de São José do Norte, estaria cortada a linha de manutenção de suprimentos. Portanto, o Porto do Rio Grande deveria ser tomado pelos republicanos.
Em princípio de julho marcharam naquela direção passando pela estreita faixa de terras arenosas que fica localizado entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, passando por Palmares e Mostardas.
Durante oito dias a força expedicionária, comandada pelo próprio Bento Gonçalves sofreu os azares de uma frente fria e de uma torrencial chuva que se abateu naqueles dias.
Domingos Crescêncio comandava a infantaria e Onofre Pires comandava a cavalaria. Garibaldi, colocado sob o comando de Onofre, tinha sob sua responsabilidade um esquadrão de marinheiros que portavam dois pequenos canhões. Ao todo a expedição possuía mil homens mais ou menos, ou melhor, mil homens e uma mulher, Anita, que cavalgava entre Onofre Pires e Garibaldi.
As primeira horas da madrugada do dia 16 de julho com uma chuva torrencial, relâmpagos e trovões Garibaldi atirou-se com seu esquadrão de cavalaria, cego e surdo à chuva, à escuridão e aos tiros que o repelia. Rapidamente

lançou-se contra a bateria imperial, postada que estava na vila de São José do Norte. O muro do forte foi tomado com Garibaldi e seus homens subindo, um nas costas dos outros, de uma forma tão rápida que em poucos minutos a guarnição foi dominada. Mas resistiu o capitão pernambucano João Portela, que ateou fogo no paiol de pólvora do forte. O espetacular estrondo atirou para o céu pedras, madeiras, equipamentos e os corpos de diversos republicanos que ali já tinham entrado. Alarmados pela explosões os navios legalistas ancorados do outro lado da Barra do Rio Grande, foram em defesa da Vila de S. José. Refeitos da surpresa, os imperiais concentraram-se em uma das baterias do forte e com auxilio da esquadrilha que desembarcou diversos soldados que acudiram de Rio Grande, puderam conter o avanço republicano, fazendo-o estacionar. Pela dez horas da manhã os republicanos receberam ordem de Bento Gonçalves para recuar. Datado de 27 de julho de 1840, o exército farrapo expediu ordem do dia narrando os motivos da retirada*: ".....estando já as forças republicanas senhoras de toda a praça do norte, e de alguma de suas fortificações, que tinham sido tomada sem que o inimigo ousasse sair do aquartelamento, teve sua Exa. de as mandar retirar não só por causa de sua copiosa chuva que inutilizou as armas de fogo, como porquê para constranger a capitular o resto da força inimiga entrincheirado em seu quartel, era necessário incendiar a praça e a imagem só de um incêndio, seus horrores , e conseqüências que fariam indistintamente milhares de vítimas inocentes, fez palpitar no coração de sua Exa. o sentimento de piedade e compaixão. Sua Exa. preferiu antes ver furtado o plano que formou, do que pisar ufano sobre as ruínas e cadáveres ensanguentados de seus semelhantes..."* (57)

Em números aproximados, os imperiais tiveram cerca de 90 feridos e mais de 200 homens mortos, enquanto os farrapos ficaram com 150 feridos e exatamente 184 mortos. Após a retirada deste combate, que durou dez horas seguidas, Bento Gonçalves ordenou a retirada e estacionaram a três léguas de São José. Junto levaram 58 prisioneiros, dentre os quais alguns bastante feridos.

No improvisado acampamento ao relento, expostos ao tempo chuvoso, embaixo de árvores, dentro de carretas e quando muito abrigados por toscas e pequenas barracas ali estavam os que mais necessitavam de atenção e cuidados médicos. Como não tinha um corpo de enfermagem e nem um médico, solicitou Garibaldi ao General Bento Gonçalves, que fossem providenciados medicamentos mais essenciais, como ataduras, bálsamo, iodo e outros indispensáveis aos primeiros socorros, já que haviam oficiais e soldados gravemente feridos, gemendo de dor, sem que houvesse um único alívio medicinal. Além de limpar as feridas e estancar o sangue dos dilacerados corpos, alguns sem parte de seus membros, outros com feridas e graves lesões, eram necessários medicamentos para ao menos aliviar as terríveis dores. Informado e sensibilizado, Bento Gonçalves mandou um mensageiro aos imperiais, e na esperança que estes tivessem reconhecido a nobreza farroupilha de abandonar a Vila do Norte ao invés de incendia-la, solicitou-lhes medicamentos aos feridos. Soares Paiva, o mesmo que havia comandado a resistência em S. José do Norte, sem titubear, mandou fornecer os medicamentos. Em retribuição a este nobre gesto do inimigo, Bento Gonçalves mandou chamar a sua presença os 58 prisioneiros imperiais e os

libertou, dizendo:
"- ide e dizei ao coronel Soares de Paiva como os livres pagam de pronto suas dívidas. (58)
Anita em avançado estado de gravidez, faltando pouco mais de um mês para conceber seu primeiro filho, não participou desta epopéia. Embora tenha tentado participar de mais esta luta pela defesa dos nobres ideais republicanos ao lado de Garibaldi, novamente foi impedida.

Durante este período, desde que Garibaldi tinha regressado de Santa Catarina, havia assumido a tarefa de reconstruir a frota naval republicana, Anita ficou em uma improvisada e paupérrima residência, em S. Simão. A casa havia sido abandonada por morador da região, que temeroso aos horrores da guerra, havia fugido do local. A residência deu-lhes um pouco mais de privacidade e sossego ao casal, pois estava localizada próxima onde Garibaldi deveria construir seus lanchões, o que lhe permitia uma certa comodidade, embora nada tivessem de conforto, sendo-lhe difícil até a alimentação. Faltou-lhes madeiras para construírem os barcos, cujo fornecimento havia sido garantido pelo Estado Maior. Mas, como a mercadoria não chegava, Garibaldi e seus homens dedicaram-se a doma de cavalos xucros.

Quando, porém, havia uma operação militar mais significativa, como as de Taquari e de S. José do Norte, era chamado para auxiliar, com seus homens, nos combates. Portanto, depois de maio de 1840, dirigiu a construção das embarcações, para serem utilizados na travessia das tropas pela Lagoa dos Patos.

Uma vez mais, cansados, famintos e com moral bastante abalado, retrocederam os republicanos, pelo mesmo caminho que vieram, voltando de S. José do Norte para Viamão, onde ainda estava estacionada a principal força farrapa. O comando havia-se resignado voltar e manter o cerco, na esperança de que fatos novos viessem possibilitar a retomada de Porto Alegre.
Ao voltar da frustada expedição a S. José do Norte, como Anita estava em adiantado de gravidez, o casal aceitou a oferta de hospedarem-se na casa da família Costa, que residiam em Mostardas. Ali permaneceram algum tempo, o suficiente para Anita conceber seu primogênito.

(53)- ANITA GARIBALDI - HEROINA POR AMOR- VALENTIN VALENTI - pg 205.
(54)-GARIBALDI E ANITA - GERSON BRASIL - pg 77
(55)-HISTORIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA- MORIVALDE CALVET FAGUNDES pg. 277
(56)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL- ANITA GARIBALDI
(57)- OS FARRAPOS- WALTER SPALDING p. 203
(58)- - A MAGNITUDE DE BENTO GONÇALVES - ALFREDO FERREIRA RODRIGUES

CAPITULO XII - ANITA CONCEBEU E PARA NÃO SER PRESA, FUGIU COM O FILHO

NASCEU O FILHO MENOTTI

Em S. Luiz de Mostardas, no dia 16 de setembro de 1840, na casa da família Costa, nasceu o primeiro filho de Anita, o único que seria brasileiro. Giuseppe resolveu dar-lhe nome homenageando as memórias de seu pai Domingo Garibaldi e de Ciro Menotti, este último herói da unificação italiana, executado pelos austríacos em 1831. Segundo narrado por Elma Santana (59), a criança teria nascido com um pequeno afundamento no crânio, devido a um coice de cavalo recebido por Anita durante a gravidez. A verdade, porém, foi um tombo que Anita sofreu nos últimos dias de sua gravides, tendo caído do cavalo que havia-se assustado, segundo relatam outros autores, entre eles Brasil Gerson (60)

No dia seguinte ao nascimento do filho, à Maria Costa, sua nova amiga e anfitriã, Anita ditou-lhe algumas cartas, a serem enviadas aos seus parentes. Em uma destas cartas, endereçada ao tio Antônio, de Lages, anunciou o nascimento de seu filho:

"Mostarda, 17 de setembro de 1840 Caro tio Antônio.

...estão me dizendo que logo vai partir um mensageiro para Porto Alegre e Lajes. Por isso, decidi escrever-lhe através de Maria Costa, a senhora que nos está hospedando, para dizer que ontem nasceu o meu primeiro filho. ... Não consigo parar de olhar para ele. ... É pequenino, rosado, claro, e tem cabelos loiros como José.Não tem marcas das minhas tribulações, fora, talvez, um furinho na cabeça, perto da testa, que José insiste em dizer que foi causado por aquele tombo estúpido que levei quando me prenderam em Curitibanos. ... Ele diz isso para mexer comigo e "me fazer parar no meu lugar", como ele diz. ... Quero que ele cresça corajoso, leal, sincero e generoso. Assim como o José, que também é uma pessoa muito doce ... Espero que um dia você possa orgulhar-se do seu sobrinho. E de mim, será que você ainda tem orgulho? Acho que vamos ficar aqui em São Simão por algum tempo. José continua construindo barcos, conforme as ordens que recebeu. Mas eu fico me perguntando se algum dia eles vão servir para alguma coisa, já que a revolução, pelo que ouvi dizer, não está indo como se esperava. Você se lembra dos nossos planos, ao lado da lareira? Como eram grandiosos! Mas talvez tudo melhore no futuro ... Aninha" (61)

O momento em que vivia a Revolução Farroupilha era dificílimo. Haviam conversações para chegar-se a um entendimento, celebrando-se a paz, de forma que ambas as partes pudessem encerrar o conflito de forma digna.

Ocorreu, então que as Câmaras do Império proclamaram a maioridade de D. Pedro II, e ao assumir, tinha feito um emocionado apelo à pacificação do Rio Grande do Sul, fazendo ali chegar seus proclamas. Ao Presidente da Província havia sido endereçado igual pedido, no sentido de que fossem tomadas as medidas necessárias às negociações de uma paz honrosa.

Do lado farroupilha, que já agitava-se entre prós e contra a uma paz negociada, a notícia causou novas rodadas de conversas e de possibilidades. Bento Gonçalves, Luighi Rosseti e outros líderes, não vendo possibilidade de êxito na continuidade da fraticida luta, defendiam as negociações para

obtenção de armistício honrado e duradouro, com compromisso recíprocos da duas partes em guerra. Neste sentido, haviam sido trocadas correspondências entre o General Saturnino, Presidente da Província do Rio Grande do Sul e o Chefe Farroupilha Bento Gonçalves. Com a maioridade do Imperador, mudou o presidente da Província do Rio Grande do Sul, sendo nomeado o General Andréa, o mesmo que anteriormente havia Presidido a Província de Santa Catarina. Na Setembrina havia chegado o deputado geral liberal riograndense Alvares Machado, simpático à causa republicana, que veio fazer a apologia do entendimento. Teve longa conversa com Bento Gonçalves e Luighi Rossetti. Também foram procurados e trocaram diversas correspondências como Gaspar Mena Barreto, influente político junto a Corte e amigo pessoal de Bento Gonçalves.

Em São Simão, Garibaldi estava isolado dos acontecimentos e impacientava-se com a falta de notícias. Precisava informar-se melhor sobre os fatos que tinham acontecido nas últimas semanas e dos quais tinha superficiais informações de seus mensageiros. Ademais, tinha-lhe nascido o filho, e na sua residência as privações eram consideráveis. Seus homens sofriam maiores privações ainda. Não dispunham de nenhum recurso financeiro. À Anita faltava o mais elementar para a sua nova experiência de mãe, não dispondo de nenhuma peça de roupa de criança para agasalhar e proteger seu filho, utilizando-se das condições mais rudes possíveis de serem imaginadas.

SEMI-VESTIDA, COM O RECEM NASCIDO NO COLO, ANITA FUGIU A CAVALO PARA NÃO SER PRESA

Garibaldi, resolveu, então, ir a Setembrina. Ali esperava encontrar Blingini, um velho amigo italiano, de quem pretendia tomar empréstimo, com cujos valores adquiriria os bens necessário aos seus homens e, principalmente, para seu recém-nascido filho.
Partiu, então, acompanhado de dois soldados seus, em direção ao norte, parando na Roça Grande, onde estava acampado um pequeno esquadrão dos lanceiros negros, comandados pelo Capitão Máximo. Após aguardar por dois dias para que o tempo melhorasse, em vão foram as tentativas de retê-lo, já que os caminhos estavam alagados, havia chovido muito, estava muito frio e o tempo não tinha jeito de melhorar. Mas Garibaldi estava agitado. Tinha urgência. As dificuldades dos caminhos e o tempo ruim não foram obstáculos para retê-lo. Quando afastou-se, depois de ter percorrido certa distância, ouviu tiros, cujos sons vinham de sua retaguarda . Entre a dúvida do que tinha acontecido e a pressa optou em seguir em frente sem retornar. Já findava o dia quando chegou na Setembrina, na casa de Rossetti. No diálogo travado, este não lhe escondeu a necessidade de encerrar a guerra sem impor maiores sacrifícios. Argumentava que mais dia ou menos dia o Brasil seria republicano, que o Rio Grande do Sul havia mostrado o caminho e dado um exemplo. Juntos analisaram a situação do exército republicano, que piorava a cada dia que passava. Contou a Garibaldi o conteúdo da longa entrevista que teve com o deputado Álvares Machado, mostrando- lhe as correspondências que haviam sido trocadas. Disse - lhe que a guerra não tinha futuro, e que era necessário mudar a estratégia, adotando caminhos

diferentes para atingir o mesmo fim. Previu que o império seria tragado por uma Confederação. O caminho era mais lento, porém mais seguro, disse-lhe. Se a guerra continuar a República Riograndense deixará somente aborrecimentos que prejudicarão os princípios democráticos. Rossetti, neste encontro, apenas consolidou o que Garibaldi também tinha sentido após os últimos combates. A oportunidade derradeira foi perdida em S. José do Norte, pensou. Adquiridos os mantimentos e equipamentos necessários, retornou a São Simão. Empreendeu retorno para junto de Anita, refletindo sobre estes posicionamento, que em breve modificaria sua disposição de lutar pela independência do Rio Grande do Sul.

Ao chegar na Roça Velha, soube do acontecido naquela manhã, quando de lá partiu e ouviu o tiroteio: o temível Moringue tinha desembarcado com seus homens e efetuado um ataque de surpresa contra os homens do Capitão Máximo, abatendo alguns e prendendo os demais. O Tenente Coronel Chico Pedro de Abreu, conhecido como Moringue foi um dos mais valentes e dedicados militares imperiais. Em seus embates, por diversas vezes, Garibaldi e seus homens o deixaram perplexo, diante das táticas de guerrilha que lhe aplicava o estrategista italiano. Em uma destas escaramuças, Moringue foi gravemente atingido, ficando bastante ferido. Havia uma quase obsessão de Moringue contra Garibaldi e seus homens. Informado de que Anita tinha dado luz a uma criança, e de que Garibaldi havia-se ausentado do local, onde comandava uma pequena horda de marinheiros, valeu-se Moringue da situação de ausência do líder. Navegando de Rio Grande pela Lagoa, silenciosamente, fez desembarcar um pelotão de seus homens, nas proximidades de S. Simão e Mostardas. Seu objetivo era destruir os focos e acampamentos republicanos, mas sua obsessão era submeter e liquidar com Garibaldi.
No mesmo dia, após destruir completamente os lanceiros negros do Capitão Máximo, dirigiu-se a casa onde estava Anita. Prendendo-a, pensou que subjugaria Garibaldi. No entanto, graças a resistência dos republicanos ali postados, Anita ainda com febre puerperal, vestida apenas com uma camisola teve apenas o tempo suficiente para enrolar o pequeno Menotti, então com doze dias de idade, em um cobertor, pular em pelo em um dos cavalos que estava na estrebaria edificada junto a cozinha e evadir-se em meio ao cerco de sua casa, que naquele instante estava sendo feito, sem que Moringue pudesse prendê-la. Se não tivesse parido e não lhe falasse mais alto o sentimento materno, certamente teria sido presa ou assassinada. Pela sua já conhecida personalidade e disposição para lutar, teria ficado e comandado a resistência, como lhe era característico. Sua preocupação maior, porém, era salvar seu filho, agora seu maior bem e preocupação. Embrenhou-se no matagal e em sinuoso pântano. Ali permaneceu acantonada por quatro dias, alimentando seu filho com leite materno e a sí própria com raízes e frutos silvestres.
Quando Garibaldi voltou a casa, e não a encontrou, desesperado passou a procurá-la pela região, chamando-a pelo nome . Depois de um dia inteiro de incessante procura, ouvindo Garibaldi a chamá-la, reencontrou-se o casal. Graças a sua coragem e determinação, Anita e seu pequeno filho, ilesos, salvaram-se da vindita do inimigo.

Na mesma carta endereçada à sua irmã em dezembro de 1840, Anita conta o ocorrido :
"... Por amor a ele, acho que eu poderia viver em casa por um certo tempo, como em Laguna, quando eu era menina, com toda aquela gente miúda à minha volta. Mas seria contra a minha natureza, porque tenho necessidade de espaço, de movimento, de justificar de algum modo a minha existência. ... acho que os filhos precisam do pai e da mãe, mas o quanto antes devem tornar-se independentes e capazes de sobreviver. ... Suas aventuras já começaram, embora ele não perceba nada. Algum dia, ele vai se divertir quando eu lhe contar essas histórias. Imagine que apenas doze dias depois da sua chegada a este mundo ele quase foi capturado e morto por Moringue. Você sabe que fama de comandante cruel tem esse homem! Três dias antes, José tinha ido para Vila Setembrina, para trazer provisões e também roupas quentes para o menino. Esperto como é, Moringue deve ter ficado sabendo da ausência de José e logo pensou em aproveitar para nos capturar. À noite seus homens se aproximaram da fazenda, mas foram identificados pelos guardas e pelos cães, que tentaram detê-los. Ouvindo o barulho e os gritos, percebi que estávamos em perigo. Peguei o Menotti e um xale grande, e saí correndo, ainda de camisola, pelos fundos da casa e entrei na estrebaria. Ali, numa morna escuridão, ficavam os cavalos da casa. Saltei para o primeiro que vi e fugi a galope, no escuro, sob a chuva forte, na direção da floresta, com Menotti apertado ao meu peito. Não conseguiram nos raptar porque antes que percebessem eu já estava longe. Escondi-me na mata, num lugar de vegetação cerrada. Fiquei apavorada com a idéia de me pegarem o menino. Fiquei por aqueles lugares durante três dias e três noites, esperando a volta de José. Menotti não parecia muito preocupado; dormia, mamava tranqüilamente, enroladinho no xale. ... você pode imaginar o meu alívio quando, no terceiro dia, ouvi a voz de José gritando meu nome, andando desesperado pela mata.
Aquela noite, os Costa nos prepararam uma festinha. Mas eu não consegui comer, porque estava com um pouco de febre. Só fiquei junto ao fogo, para secar a umidade dos ossos ... 0 pobre inocente não sabia das últimas notícias que José nos tinha dado na volta! Ele não sabe que, com os pais que tem, não pode ter muita tranqüilidade. Parece que os inimigos continuam a nos perseguir e a nossa frota naval já é um sonho do passado. Os revolucionários se preparam para uma fuga em massa na direção dos Planaltos do interior, a fim de estabelecer em São Gabriel os novos quartéis-generais, ao abrigo dos ataques dos imperiais.... Anita" (62)

O CONFIDENTE E AMIGO LUIGHI ROSSETTI PREFERIU MORRER LUTANDO A ENTREGAR SUA ESPADA

Como resultado de suas tratativas pela paz honrosa, Bento Gonçalves havia formulado uma proposta com determinadas condições, a serem cumpridas por ambos os lados. Tomou a iniciativa de envia-las ao seu General Zeca Netto e ao adversário Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Logo recebeu as respostas: uma parte de seu exército, comandada pelo altivo General Zeca Netto pretendia levar a guerra até as últimas conseqüências: vitória ou morte. Por sua vez, o presidente da Província respondeu dizendo que o Império não

aceitava discutir quaisquer termos sem que antes as armas fossem depostas. Cinco anos haviam passado e a guerra ainda haveria de continuar por mais cinco. Estava ali encerrada a primeira tentativa de pacificação. Diante destes acontecimentos, Bento Gonçalves precisava reestruturar seus exércitos e reiniciar tudo novamente. E não titubeou. Mandou reunir seu exército e ordenou a retirada de Setembrina. Iria posicionar-se no interior do Rio Grande do Sul, em local de difícil acesso aos imperiais.

Devia pois, partir a expedição farroupilha através das serras e do Vale do Rio das Antas, em penosa e demorada marcha, sobre a qual haveria de abater-se os flagelos da fome e das intempéries. Garibaldi e seus marinheiros seguiriam na frente, com a divisão de Canabarro. A guarnição republicana de Setembrina deveria segui-los, mas não pode, em virtude ter sido surpreendida por um ataque do temido Moringue, que tomou a cidade um pouco antes da mesma ser abandonada. Nesta luta na Vila Setembrina, no dia 23 de novembro de 1840, tombou lutando o ideólogo republicano e bravo companheiro Luighi Rossetti.

Garibaldi registrou em *Memorie* a forma que tombou o valente guerreiro e letrado ativista republicano:
"Tendo caído do cavalo, depois de ter praticado prodígios de valor, ferido perigosamente e intimado para se render, preferiu antes que o matassem do que entregar a sua espada. Ainda uma outra ferida para o meu coração ! Sabe-se como eu o amava; seja-me pois permitido dizer à Itália, o que já tenho dito tantas vezes! Oh! Itália, minha mãe, acabamos de perder, eu um dos meus irmãos mais caros, e tu um dos teus filhos mais generosos ... Era natural de Gênova, havia sido, por pais que conheciam pouco o seu caráter, destinado a vida eclesiástica, quando era um dos mais valorosos patriotas italianos que tenho conhecido. Inclinado a vida aventureira, e não podendo respirar na Itália, partiu para o Rio de Janeiro, onde foi negociante e corretor; mas não tendo Rossetti nascido negociante, era uma planta exótica dando-se mal na terra do agio, não porque ele fosse dotado de uma inteligência fina e apta e se enriquecesse de todos os conhecimentos, mas porque Rossetti era o mais italiano de todos os italianos, isto é, o mais generoso e pródigo dos homens, e com tais vícios não se faz fortuna, mas antes se caminha a grandes passos para a ruína. Foi o que aconteceu com Rossetti ... "

De fato, letrado e culto, Luighi Rossetti havia cursado direito, redigia muito bem e era mazzinista por convicção, unindo-se a Garibaldi desde o primeiro dia que encontraram-se no Rio de Janeiro. Tão logo chegou ao Rio grande do Sul, suas qualidades foram imediatamente aproveitadas pelos farroupilhas, que o encarregaram da redação confecção do jornal "O Povo", òrgão de divulgação oficial da República Riograndense. Durante o período que circulou, este jornal teve 160 edições, das quais Luighi Rossetti foi o redator principal. Ali foram noticiados os feitos dos exércitos republicanos e as doutrinas libertárias que o movimento republicano preconizava. Diz Elmar Bones em sua obra LUIGHI ROSSETTI - O EDITOR SEM ROSTO (L&PM - 1996), que era através deste jornal, às vêzes com edições precárias, que circulavam as idéias novas, que solapavam o poder dos reis e da aristocracia. A burguesia emergente acenava ao povo com bandeiras como a igualdade, liberdade,

fraternidade. Os jornais circulando de mão em mãos, distribuídos pelas militâncias, traduziam esses conceitos para a realidade concreta. Luighi Rossetti foi um escritor que não deixou nenhum obra escrita, porém, as cartas que escreveu a Domingos Jose de Almeida, o poderoso Ministro das Finanças da Republica Riograndense, a Giovanni Batista Cuneo e outros seus amigos e superiores, resgataram o profundo conhecimento ideológico à causa republicana. Nestas cartas e artigos, Rossetti pregou o liberalismo como forma de derrubada do poder absolutista monárquico e propagandeou uma revolução republicana para todo o Brasil. Sonhava com uma confederação de repúblicas independentes. Por graça destes meios de comunicação, exercendo suas funções, registrou seus pensamentos e seus atos, que ora solicitava ajuda, emitia conselhos, conspirava e também lutava. Diz este autor, que Rossetti é um pouco mais que um nome, sem rosto. De sua figura não ficou um único bico-de-pena. Nos 160 números do jornal "O Povo", órgão oficial da revolução, seu nome aparece duas ou três vezes, e por razões que nada têm a ver com o jornal como, por exemplo, numa publicação de "ordem do dia" em que o Cel. Teixeira Nunes elogia a conduta do tenente Luighi Rossetti na tomada de Laguna.

Com ele Anita havia dado fundamentação ideológica às toscas idéias republicanas que lhe haviam sido ensinadas pelo Tio Antônio. Por Ter sido culto, humilde e por ter sido paciente o suficiente para ministrar-lhe ensinamentos durante as marchas e nos pousos, Anita devotou-lhe um sentimento de respeito e admiração muito grande, tendo sido uma das pessoas que mais lamentou sua brutal morte.

(59)- MENOTTI, O GARIBALDI BRASILEIRO - ELMA SANTANA - pg 25
(60)- GARIBALDI E ANITA - BRASIL GERSON - pg 84
(61)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI
(62)- IDEM

CAPITULO XIII - MORTE POR FOME E FRIO NA "PICADA DAS ANTAS". ANITA SAÍU DO BRASIL

PERDIDOS NA FLORESTA, MORRERAM MULHERES E CRIANÇAS

Abalado com a triste notícia que havia recebido, no dia 3 de janeiro de 1841, Garibaldi deu início a marcha de retirada, abrindo caminhos e rompendo a densa floresta a golpes de facão, rumo ao norte, subindo a Serra Geral. Em São Francisco de Paula encontraram-se os exércitos republicanos que batiam em retirada, um chefiado por Canabarro e o outro por Bento Gonçalves. Dali em diante, sob um período de chuva e frio que era descomunal para àquela época do ano, deveriam alcançar o planalto, ao sul de Vacaria, onde infletiriam a esquerda, em direção a Passo Fundo. Portanto, seguiram por meio da cerrada mata.

Era de costume que as mulheres acompanhassem as tropas quando as mesmas fizessem longos movimentos, deslocando-se definitivamente. Em sua retaguarda, elas os acompanhavam. Muitas faziam os trabalhos de condutoras das carretas que transportavam as provisões e as tralhas dos soldados. Outras por suas habilidades no manejo de rebanho, vinham conduzindo os animais que davam sustentação alimentar à tropa. Era natural que conduzissem também seus filhos. Portanto, esta retirada foi geral. Vaqueanos das campanhas planas, quase todos temiam as matas nativas e fechadas, exatamente pela fadiga que representava transpô-la em grandes distâncias, como foi o caso. Após embrenharem-se mata adentro, começaram as dificuldades. Pelos seus acidentes geográficos, formadas por intermináveis sobe e desce de montanhas e vales com constantes travessias de riachos e de rios, acrescido com o intenso frio e chuvas que desciam copiosamente, a ousada travessia, que deveria levar três ou no máximo quatro dias, levou nove intermináveis dias. As dificuldades aumentavam ainda mais pela morosidade do deslocamento de tropas de bois e cavalos. Logo rarearam suas provisões, e iniciou-se a generalizar a fome. Fazendo com que muitos, exaustos e sem forças para continuarem, perecessem no caminho. As mulheres e as crianças foram as primeiras vítimas, cujos maridos, muitas vezes, tendo que abandoná-las no meio da selva, preferiram sacrificá-las, Outros pararam e ficaram juntos aos seus familiares. Preferiram morrer juntos a separarem-se. Desesperados, depauperados, com fome, frio, e encharcados pelas constantes chuvas que não cessavam, o pânico os fez abaterem seus cavalos para alimentarem-se, que também já começavam a faltar. Para piorar a situação, os batedores reconheceram que haviam-se perdido. Estavam, portanto, à própria sorte. Sem ter como alimentar-se, Anita viu seu leite materno ir secando gradativamente, definhando o pequeno

Menotti, abatido pelo frios das roupas molhadas e pela falta de alimentação. Garibaldi, que ajudava Anita a levar o filho envolto em um lenço pendurado a tiracolo em seu pescoço, resolveu, então, entregar os únicos dois cavalos ainda existente para Anita, mandando-a seguir em frente, juntamente com um diminuto grupo de homens, que facilitaria a marcha, na esperança de que pelo menos ela e seu filho pudessem salvar-se daquele inferno. Quanto a ele retrocederia para tentar ajudar os retardatários, que padeciam ainda mais. Vendo o gesto supremo de seu companheiro, Anita sentiu que dela estava dependendo não apenas a sua vida e a vida de seu filho. Se lograsse atingir mais rapidamente os cimos da serra, Garibaldi e seus homens teriam chances de sobreviverem. Encheu-se de ânimo e partiu na frente, procurando a saída daquele inferno verde.

Aqueles funestos dias seriam lembrados para sempre na memória de quem lá esteve. Garibaldi os registro em suas Memórias. Anita detalhou em carta enviada ao casal Costa, em São Simão, os terríveis momentos e as deprimentes cenas que foi vítima e testemunhou:
"Ao casal Costa. São Gabriel, 10 de março de 1841: Caros amigos, depois das penosas aventuras por que passamos, parece um sonho viver de novo numa casa confortável e poder escrever com calma esta carta que, graças à cortesia do nosso novo amigo Francesco Anzani, espero que chegue até vocês em pouco tempo. Imaginem que Francesco ainda tem paciência para me ensinar ortografia, e eu estudo durante as longas horas de ócio que freqüentemente passamos juntos no conforto dos nossos quartéis de São Gabriel. Estamos todos sãos e salvos, mas só por milagre. ... Quando nos despedimos ... estávamos bem e com saúde, encorajados com a provisão de alimentos que vocês nos quiseram dar e pelos seus votos de boa sorte. Mas logo a viagem se tomou penosa, por causa das chuvas incessantes. Nunca tomei tanta chuva em toda a minha vida. ... alcançamos as tropas dos farrapos e iniciamos com eles a caminhada em direção das alturas. ... A coluna de companheiros parecia estender-se até o infinito. ... Ministros, parlamentares, funcionários, empregados, artesãos e pobretões, todos fugitivos, com suas famílias e coisas, animais, provisões, armas, munições e até mesmo máquinas para imprimir jornais. Vocês não imaginam o sofrimento de todos; por causa do terreno totalmente intransitável, era preciso cortar a vegetação densa, metro por metro, a chuva incessante ensopava nossas roupas, os pés gelados escorregavam na lama, de noite tremíamos de frio e nos apertávamos uns contra os outros, como animais, para conseguir um pouco de calor. ... As reservas de alimentos logo se esgotaram e a caça começou a rarear. Não conseguíamos mais acender fogo, pois a madeira estava toda úmida. Para tornar aceitável algum raro pedaço de carne, nós o colocávamos na garupa do cavalo, sob a cela, até ele cozinhar um pouco com o calor do animal. Depois de atravessar o vale do rio das Antas, começamos a subida. 0 sofrimento aumentou ainda mais, por causa do terreno íngreme e da falta de alimento. Todos sofreram, especialmente as crianças e as mulheres, que, depois de algum tempo, não conseguiam prosseguir. A caminhada era muito difícil e as crianças caíam exaustas. As mães, não querendo largá-las, abatiam-se com elas, apesar de saberem que não teriam como se salvar. Às vezes os homens sem coragem de separar-se dos seus ficavam com eles ou então os matavam, para não entregá-los a uma lenta agonia. Com um reflexo de horror nos olhos,

continuavam a caminhada cada vez mais devagar, conscientes de que logo também cairiam exaustos na lama e seriam cobertos pela densa vegetação. Acho que por muito tempo será possível reconstituir a nossa trajetória pela fila de esqueletos que marcam o caminho. Com certeza nossas perdas foram mais graves do que aquelas que sofremos nas muitas batalhas de que participei. Durante a subida, eu procurava frutas e raízes para comer, qualquer coisa que me pudesse alimentar, porque meu leite estava diminuindo e Menotti, sob o poncho que o prendia ao meu colo, quase já não tinha forças para chorar. Seus gemidos tornavam-se cada vez mais fracos, a carinha pálida se enrugava, estava sujo, trêmulo e a única coisa que eu podia fazer era soprar por cima dele para lhe dar um pouco de calor. Eu usava folhas e alguns trapos que restavam para conservá-lo o mais enxuto possível. Nas raras paradas eu lhe dava de mamar. Muitas vezes vi, com dor no coração, alguma outra mulher tirar seu bebê do meio das roupas e encontrá-lo morto. Imaginem minha apreensão... Pela primeira vez senti minhas forças diminuírem e me cansava até por carregar o peso do menino, que afinal só tinha algumas semanas de vida. Fiquei grata a José, que, voltando-se para ver se eu o estava seguindo, percebeu a minha angústia e quis carregar Menotti, agasalhando-o embaixo do poncho e conservando-o quente com seu bafo por algum tempo. ... Quando mais uma vez a aurora chegou à serra com a sua luz pálida, ele veio até mim. Eu estava deitada, encostada a uma rocha, tentando me proteger do frio de algum jeito. José estava acompanhado de um soldado e trazia duas mulas. Disse para eu partir imediatamente e pôr nosso filho a salvo do outro lado da montanha. Ele me olhava com aquele jeito de quem não admitia discussão e acrescentou que aquela era a única esperança para Menotti. Devolveu-me o menino depois de beijá-lo carinhosamente. Então me abraçou e me empurrou na direção das mulas, evitando o meu olhar. Ele não quer me mostrar o quanto essa decisão está lhe custando, pensei. É claro que eu estava sem forças para resistir. Peguei o Menotti, reduzido a um pacotinho, e parti com o soldado, que puxava as mulas com muito esforço, tropeçando nas pedras e nos arbustos que abundavam na vegetação virgem da serra. Eu continuava com a impressão de estar escalando o infinito. À noite, deitamos no chão, amontoados sobre os animais exaustos. As vezes parecia que eu tinha lâminas fincadas na cabeça, e eu procurava segurar o enjôo que tomava conta de mim no ar rarefeito da montanha. Na tarde seguinte, quando eu já estava achando que se caísse mais uma vez não teria forças para me levantar, notei que o terreno se tornava menos íngreme. Então pude montar em uma mula, e fui revezando, montando ora em uma ora em outra, para elas não desabarem de exaustão. Passamos mais uma noite quase sem dormir, torturados pela fome. Menotti ainda respirava, mas, quando eu tentava dar-lhe de mamar, mal o sentia sugar. No dia seguinte, enquanto nos arrastávamos mecanicamente, passo a passo, de repente percebi que o terreno formava um suave declive. Olhei ao redor e não consegui acreditar: a floresta tinha quase acabado e à nossa frente estendiam-se colinas e campos cultivados a perder de vista. Caminhamos então em direção a uma fumaça que apareceu ao longe, e finalmente chegamos a um acampamento, onde alguns soldados estavam deitados ao redor de uma fogueira, bebendo de seus cantis. Assim que nos viram, amontoaram-se ao nosso redor para saber quem éramos; pegaram o Menotti, já quase morto, deram-lhe um banho, envolveram-no em roupinhas limpas e lhe deram leite, gota a gota. Eu também bebi leite de uma tigela

fumegante, e aquela me pareceu a bebida mais fina do mundo. Enfim, caros amigos, estávamos salvos. ...Poucos dias depois, o único vestígio do pesadelo eram os meus pés que continuavam sangrando. Ainda tive que mantê-los enfaixados por muito tempo. ... Anita Ribeiro Garibaldi". (63) Assim, tiveram que cruzar diversos rios, sendo mais dificultosas as travessias dos rios Gravatai, Cai e Antas, que avolumados pelas intensas chuvas, impuseram ainda maiores dificuldades.

Quase quarenta anos mais tarde, por onde serpenteia o Rio das Antas, quando iniciou-se a colonização italiana naquelas íngremes montanhas, os feitos desta descomunal travessia seriam lembrados e homenageados seus protagonistas com nomes dos povoados que ali fundaram e hoje são florescentes cidades do Rio Grande do Sul: Farroupilha, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, David Canabarro e outras.

ANITA E OS REPUBLICANOS CHEGARAM EM SÃO GABRIEL

Após passar por Passo Fundo e Santa Maria, a expedição chegou em São Gabriel em meados de março, onde foram construídos e improvisados diversos barracões para abrigo das tropas, o próprio Garibaldi, com auxílio de alguns de seus marinheiros construiu uma cabana, para nela abrigar sua *famigliola,* a quem passou a dedicar maior atenção, pois haviam apenas exercícios militares de adestramento das tropas, sem qualquer confronto com os inimigos nas cercanias. Assim decorreram semanas, onde nada decidia-se. A ociosidade fez com que refletisse profundamente sobre a conversa que teve em seu último encontro com Luighi Rossetti. De fato, tinha alistado-se na República Riograndense para servir como marinheiro, para lutar e comandar navios, mas como a República tinha exaurido suas possibilidade de possuir os portos de Laguna e de Rio Grande, que mais um experiente marinheiro podia fazer em terra firme? Os chefes farroupilhas, passavam por um período de desentendimentos internos, com muitas acusações e intrigas, de cujas discussões Garibaldi esquivava-se, sem tomar qualquer partido. É bem verdade que nas hostes imperiais estava sucedendo o mesmo, mas o fato, deduziu Garibaldi, é que a guerra havia exaurido até os mais graduados oficiais, de lado a lado. E Anita e seu filho, que futuro poderia oferecer-lhes lutando como nômade, por um ideal agora difícil de ser tangido ? É bem verdade que até o presente momento não havia recebido nenhuma paga, e tampouco solicitou qualquer soldo pelos serviços até então prestados, afinal, não era por este motivo que lutava, mas sim pela glória dos ideais mazzinianos e republicanos. Havia anos que não recebia notícias de seus pais. Anita registrou em suas cartas, que neste período Giuseppe Garibaldi falava freqüentemente sobre eles e os demais familiares, numa clara demonstração de saudades de sua família e de sua terra natal. Nele Anita percebeu, fermentava o desejo de novas ações. A inatividade o angustiava. Mas deveriam ser ações concretas, com objetivos possíveis de serem concretizados. Afinal, se Rossetti tinha razão, porque continuar a permitir que a consciência lhe acusasse por continuar a lutar pela causa que não chegaria a bom termo ?

ANITA MELHOROU SEUS CONHECIMENTOS

Em S. Gabriel, através de mensageiros e de conterrâneos italianos oriundos de Montevidéu, Garibaldi recebeu diversas notícias sobre seus familiares e sobre a situação política pelo movimento da Jovem Itália, no qual havia militado, defendendo a unificação italiana. Também informou-se mais a respeito da Guerra pela independência do Uruguai, que naquele momento lhe estava negando a Argentina. Permitiu-lhes esta longa pausa das atividades militares, que na improvisada residência, aconteceram longas conversas, com alguns de seus patrícios, que oriundos de Montevidéu, além de notícias, traziam para discussão os mais variados assuntos, mas principalmente, sobre o ideal mazziniano de autonomia e do direito dos povos autodeterminarem-se. Quase dois anos de convivência com Garibaldi deram a Anita inúmeras oportunidades de aprofundar seus conhecimentos. Neste período, teve oportunidade de ouvir e participar das rodas de discussões importantes, que iam das estratégias militares às questões ideológicas que sustentaram o ideal republicano. Aos toscos ensinamentos de seu tio Antônio, que lhe despertou em Laguna sua revolta contra as tiranias, os centralimos, e sua vocação libertária em favor dos oprimidos, Anita teve inúmeras oportunidades de agregar mais conhecimentos, um pouco mais aprofundados, com embasamento mais consistente, em favor da descentralização do poder, das igualdades sociais e em defesa dos direitos das mulheres. Quando chegaram a S. Gabriel, Anita já dominava e entendia a língua italiana. Com a proximidade do Uruguai, e através dos mensageiros que de lá chegaram, teve os primeiros contatos com a língua espanhola. A ociosidade bélica de Garibaldi durante o tempo passado em S. Gabriel, foi pródiga em ensinamentos para Anita.

GARIBALDI, ANITA E MENOTTI PARTIRAM PARA O URUGUAI LEVANDO 900 BOIS

Em fins de abril de 1841, após diversas semanas de inatividade militar, resolveu, então, pedir dispensa do Exército Republicano, pois pretendia retomar as suas atividades embarcado, ou quanto muito, fixar-se junto a um Porto, onde poderia conviver com o mar, a sua grande paixão de navegador. Anita não obstou, porque a intenção de Garibaldi não era a abandonar definitivamente a causa republicana. A ida para Montevidéu seria temporária, disse-lhe. Assim decidido, procurou o General Bento Gonçalves e expôs-lhe todas as suas angústias, dúvidas e incertezas.

Deste encontro não existem registros oficias, havendo historiadores que afirmam ter Garibaldi argumentado a Bento Gonçalves que Montevidéu poderia ser uma alternativa para as ligações marítimas da República Riograndense. A maioria, porém, defende a tese de que Garibaldi não partiu para Montevidéu com estas intenções. O que importa, porém é o fato de que desta confabulação, que não teve testemunhas e que durou quase duas horas, ficou definido que Garibaldi partiria com sua mulher e filho, sendo-lhe entregue uma manada de novecentos bois, que deveriam servir para as despesas de manutenção da família, durante os primeiros tempos.

Estava encerrada a participação de Anita e de seu companheiro Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha, que continuou por mais quatro anos, terminando apenas em fevereiro de 1845. Iniciada em 1835, durou dez longos anos. Para a paz chegar, cederam ambas as partes, celebrando o Tratado do Poncho Verde. Os farroupilhas depuseram as armas e o Governo Imperial concedeu anistia aos revoltosos farroupilhas, tendo seus oficiais e praças sido incorporados ao exército e mantidas suas patentes. Também as dívidas e os compromissos do Governo Farroupilha foram assumidas pelo Império. Em 1845 a paz foi selada e o Brasil manteve sua unidade territorial.

A viagem para o Uruguai durou exatos cinqüenta dias, transformando o casal em tropeiros de bois. O que inicialmente pareceu-lhes uma fácil empreitada, foi, na verdade um desastre, pois a boiada, quase toda formada por gado alçado, deu-lhes muitos transtornos. As enormes planícies da região sul do Rio Grande do Sul e do Uruguai contribuíram para a viagem, mas ao mesmo tempo dificultaram, pois sendo composta a boiada de gado xucro, não raro aconteceram perdas de animais que afastaram-se da manada e desapareceram pelos campos afora. As diversas travessias de rios causaram a perda de boa parte da boiada. Foi o que aconteceu, principalmente, no cruzamento do Rio Negro, onde perderam cerca de quatrocentas cabeças de gado. A perda destes animais todos deveu-se a diversos fatores, mas o principal foi o pouco interesse com que portaram-se os quatro peões contratados para auxiliar Garibaldi e Anita nesta difícil tarefa. Sabendo que o casal não retornaria, sentiram a oportunidade de locupletarem-se, fazendo vendas de algumas cabeças pelo caminho a fazendeiros da região. Já em território Uruguaio, estando o gado bastante abatido e magro pela longa tropeada, e alegando que muitos ainda morreriam pelo caminho, os peões induziram o casal a acreditar que seria melhor abater o restante da manada, abandonar sua carne e levar tão somente o couro para ser vendido no Uruguai. Convencido de que esta seria a melhor solução, assim procederam. Uma outra parte do rebanho foi entregue aos peões em pagamento de seus serviços. Após o abate do rebanho remanescente, Garibaldi e Anita seguiram a viagem sozinhos. Anita, levando seu pequeno Menotti ora a cavalo, ora no único carro de boi que os acompanhou, suportou 50 dias da fadigosa viagem. Chegaram a Montevidéu com apenas trezentos couros de sua manada inicial de novecentos cabeças.

(63)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI

CAPITULO XIV - ANITA NO URUGUAI.

O URUGUAI LUTAVA POR SUA REPUBLICA

A chegada da pequena família em Montevidéu foi registrada pela polícia local na data de 17 de junho de 1841. Tinham feito 650 quilômetros em 50 dias de viagem.
Montevidéu era considerada uma emergente metrópole sul-americana, que contava na época com cerca de 40.000 habitantes. Embora fosse uma cidade em desenvolvimento e prosperidade, ali fermentava uma guerra civil, pela emancipação política e administrativa do Uruguai.

A independência já havia sido reconhecida pelo Império Brasileiro, mas o país estava dividido em duas correntes, que digladiavam-se: uma liderada pelo general Oribe, que tinha o apoio do ditador Argentino Rosas, que pretendia deter a hegemonia do estuário da Bacia do Prata. Era arredio a qualquer inovação ou transformação, não aceitando qualquer tipo de ingerência européia. A outra corrente era liderada pelo General Frutuoso Rivera, que havia sido eleito presidente do Uruguai, que detinha o domínio e o governo em Montevidéu. Liderava os liberais unitários, que lutavam pela pura e simples independência, sem qualquer subordinação a Argentina, mas aceitavam abrir seus portos e mercados aos produtos europeus. Como pano de fundo, estavam em jogo os interesses mercantis das potências européias, como a França e a Inglaterra, que protegiam seus interesses contra uma possível hegemonia da conservadora Argentina na navegação na Bacia do Prata. Neste conflito, houve forte presença das grandes lojas maçônicas e da imprensa internacional, atentos aos interesses europeus no grande mercado americano, que somente podia ser tingido pela navegação nos rios platinos.

O Estuário do Prata era o principal palco dos confrontos. Mas as batalhas

também desenrolaram-se em terra, sendo vasta a região belicosa.. A força naval de Montevidéu era comanda por um americano, Johan Kay e a marinha Argentina pelo almirante ingles William Brow

Garibaldi havia enviado mensageiros, comunicando sua disposição de mudar-se para Montevidéu. Assim, alguns carbonários italianos ali refugiados, já o aguardavam com ansiedade. Os heróicos gestos de bravura e de valentia de sua companheira Anita já eram relativamente conhecidas, principalmente pela comunidade italiana sediada no Uruguai, de quem tiveram notícia sobre sua forte e marcante personalidade. Ao chegarem, nos primeiros tempos foram hóspedes em casa de Napoleone Castellini.

Em Montevidéu estavam refugiados e abrigados centenas de militantes e pensadores do movimento carbonário, defensores da unidade italiana e da causa de emancipação dos povos oprimidos pelos regimes despóticos e discricionários. Giovanni Batista Cuneo, um jornalista e pensador mazziniano, que havia sido um grande amigo de Luighi Rossetti, foi um dos que incentivou a vinda de Garibaldi para Montevidéu. Segundo registrado por muitos pesquisadores, o movimento maçônico havia incumbido Cuneo para auxiliar a emoldurar jornalisticamente os feitos de Garibaldi, mostrando como um possível líder para a futura campanha de unificação italiana. A idéia era preparar Garibaldi, enquanto na América, para projetar sua liderança na Itália.

Em meio a comunidade italiana, foram recepcionados como heróis da epopéia riograndense. Suas áureas e famas já brilhavam, sendo respeitados e admirados, principalmente em relação a Garibaldi. Em relação a Anita, as histórias corriam de boca em boca, enaltecendo seu destemor e coragem em combate, o que era fato inusitado, em virtude de tratar-se de uma mulher. Garibaldi, por seu turno, era reconhecido como grande estrategista militar naval, cuja fama lá chegou pelas notícias trazidas por alguns jornais que noticiavam os confrontos do vizinho Rio Grande do Sul, narrando as batalhas navais travadas em defesa do movimento republicano em mares brasileiros, principalmente nas cidades de Imbituba e Laguna. Sua audácia naval, como por exemplo o transporte de dois lanchões por terra, fugindo do bloqueio da Lagoa dos Patos e atacando Laguna, associados a sua incrível coragem de arremeter-se com pequenas embarcações contra grandes e mais bem equipados navios brasileiros, já o haviam tornado célebre, o que tinha atraído a atenção de Johan Kay, um americano que comandava a Marinha Naval Uruguaia.

Acolhido pela fraternidade maçônica, empenhada que estava na total independência da República do Uruguai, após algum tempo da chegada, dedicou-se Garibaldi a atividade econômica, já que necessitou prover o sustento de sua família. Foi lecionar história, caligrafia e matemática em um colégio particular, pertencente ao seu conterrâneo Paulo Semedei. Com o emprego de professor, e julgando necessário viverem sem a dependência dos amigos, o casal mudou-se para uma casa que foi alugada nas proximidades do Porto, hoje conhecida como rua 25 de Maio. Posteriormente, a residência foi transformada em museu, que até hoje existe. A residência, embora fosse

uma antiga construção, oferecia razoável conforto, pois era de alvenaria e relativamente ampla. Esta foi a primeira e única casa em que Anita teve estabilidade. Ali teve mais três filhos, fixando-se por um período de aproximadamente sete anos, conforme veremos na sequência desta obra.

A intrépida guerreira, agora novamente grávida de seu segundo filho, sentiu-se distante do ideal republicano de seu Tio Antônio, mas consolou-a o fato de continuar a lutar pela causa republicana, Assimilou rapidamente que doravante tinha um filho e uma casa para cuidar, enquanto seu marido providenciava seu sustento. A atividade de professor, entretanto, não dava ao casal os rendimentos necessários para manter sua família com dignidade. Sentindo ser necessário ir além de suas simples funções como mãe e dona de casa, Anita passou a fazer pequenos e simples trabalhos para vizinhas, como costureira, forma encontrada para ajudar no orçamento doméstico. A atividade foi exercida sem o conhecimento de Garibaldi, que ao saber, sentiu-se ferido em seu orgulho próprio, a proibiu terminantemente de continuar com a atividade. Resignada, Anita aceitou a proibição imposta, mas não o perdoou pela violação de um dos princípios que tanto defendia, ou seja, o de igualdade entre homens e mulheres. Em carta que em novembro de 1841 endereçou a sua irmã, queixou-se: *" ... quando José ficou sabendo, ficou louco da vida e saiu de casa batendo a porta. Assim, caíram por terra as suas belas teorias francesas sobre a igualdade entre os homens e as mulheres, de que ele fala com tanto gosto ... a mulher é a companheira de luta, de cama e de trabalho, com liberdade e respeito recíproco* ... (64)

Garibaldi, que estava sendo auxiliado pela solidariedade da loja maçônica francesa "Amis de la Patrie", compreendeu que sua sensata companheira Anita assim procedia porque seus rendimentos como professor eram insuficientes para dar-lhes de sustento. Procurou, então mais uma atividade, conseguindo exercer a função de contador e corretor de cargas dos navios que aportavam próximo a sua residência. Era uma atividade bem mais próxima daquela que pensava exercer, que pelo menos o deixava informado sobre as notícias que vinham pelo mar.

Mas os fatos, tanto no Uruguai quanto no Brasil continuavam a acontecer. Em fins de 1842, após a partida de Garibaldi, Bento Gonçalves, o líder farroupilha, participou de um encontro secreto com o presidente uruguaio Fructuoso Rivera, com o governador da Província de Corrientes D. Pedro Ferré, com governador da Província de Santa Fé D. Juan Pablo Lopes e com comandante do exército de Corrientes, general José Maria Paz. Esta conferência foi realizada na cidade de Paissandu, e a proposta discutida era a formação de uma confederação de estados livres e soberanos, dos quais participariam o Uruguai, o Rio Grande do Sul e as províncias argentinas de Corrientes e Santa Fé.

O governo imperial brasileiro mantinha no Uruguai uma representação diplomática, que havia reconhecido a independência uruguaia. Detinha muitos interesses, principalmente porque sabia que os farroupilhas socorriam-se da Banda Oriental sempre que eram fustigados. Seus serviços de informações já haviam detectado que existiam acordos de cooperação entre os farroupilhas

e o Presidente Frutuoso Rivera. Assim, foi informado da conferência e dos objetivos da mesma, o que foi uma séria ameaça, pois consolidada a aliança pretendida, a mesma significaria um substancial fortalecimento da causa farroupilha e independência do Rio Grande do Sul.

FOTO 16: CASA ONDE ANITA MOROU EM MOTEVIDEU

GARIBALDI DESENTENDEU-SE COM AUTORIDADES BRASILEIRAS

Por outro lado, Fructuoso Rivera necessitava manter as relações amistosas com o Brasil, de modo a não admoestá-lo. A chegada de Garibaldi ao Uruguai despertou a curiosidade e desconfiança das autoridades brasileiras sediadas em Montevidéu, agravados pelo fato de que as lojas maçônicas e outros segmentos já haviam demonstrado ao governo uruguaio a necessidade de utilizar os conhecimentos de Giuseppe Garibaldi na defesa naval de sua sitiada Capital. Porém, Garibaldi, que havia pego em armas contra o Império brasileiro, era considerado proscrito pelo Governo Brasileiro. Portanto, ali não estaria para tramar de alguma forma o fortalecimento do movimento farroupilha, continuando a atentar contra a unidade territorial do Brasil? Acautelou-se a diplomacia brasileira, que tratou de vigiar e acompanhar os movimento de Garibaldi em Montevidéu.
Sabia que a qualquer instante seria chamado para colaborar, mas era necessário evitar que o Uruguai tivesse problemas com eventuais retaliações da representação brasileira. Foi, então, induzido a reconciliar-se com o Império Brasileiro, o que fez comparecendo na Embaixada Brasileira, onde solicitou anistia mediante o compromisso de não mais envolver-se na luta pela independência do Rio grande do Sul. Lá assinou um histórico documento: *" ... compareceu o Sr. José Garibaldi, súdito italiano, hoje residente na cidade de Montevidéu, capital do Estado, onde declarou que, tendo em outro tempo comando uma parte das forças contra o Império na província do Rio Grande, hoje renunciava prestar qualquer serviço daquele gênero ou outra qualquer hostilidade ao Império e aos seus súditos; que debaixo de sua palavra de honra, protestava não tomar mais parte naquela luta, e que solicitava a Sua Majestade o Imperador, ... a sua imperial anistia. Declarou mais que hoje seu fim é ocupar-se unicamente do comercio em geral. (ass. José Garibaldi - ass. Jose dias da Cruz Lima, encarregado dos Negócios do Brasil em Montevidéu*" (65)

Provavelmente por ter sido praticado contra a vontade, este gesto provocou outros desdobramentos, levando Garibaldi a provocar novos incidentes, tendo, em determinada ocasião, agredido com os punhos um funcionário brasileiro. Por necessitar de Garibaldi, o Governo Uruguaio interveio para superar o incidente com as autoridades brasileiras. Na seqüência, o governo da República Oriental do Uruguai nomeou-o coronel do exército e comandante da Esquadra Oriental. Esta nova posição de Garibaldi deu à sua família uma relativa melhoria nas suas precárias condições de vida, tirando-os das necessidades materiais que silenciosamente Anita suportou sem queixar-se.

Eram muitos os motivos para que Garibaldi aceitasse o novo encargo: ansiava fazer-se ao mar, seu ambiente natural, voltar a velejar; queria continuar dando

vazão aos seus ideais de construir uma sociedade mais igualitária, sem desníveis sociais tão profundos, contra os regimes despóticos e centralizadores; os mazzinianos e lojas maçônicas já haviam feito este projeto e era necessário colocá-lo em prática, e finalmente, porque tal investidura lhe garantiria um soldo capaz de manter com dignidade sua família.

ANITA SURPREENDEU NOS ASSUNTOS POLÍTICOS

Em meio a estes acontecimentos e a sua nova vida de mãe e doméstica, relativamente tranqüila, Anita tornou-se anfitriã de longas e intermináveis reuniões entre os carbonários, mazzinistas, liberais e estrangeiros de outros países, que reuniam-se na casa de Garibaldi, durante a noite, para ouvir as histórias das insurreições e conspirações que chegavam da Itália e de outros países que combatiam pela sua autonomia, contra os regimes tirânicos e centralizadores. Eram constantes os relatos de refugiados italianos, que recém-chegados, Garibaldi os acolhia por alguns dias, e que em longas tertúlias noturnas, muitas vezes sem qualquer iluminação, narravam sobre os compatriotas italianos, que ao serem presos pelos que impediam a unificação italiana, tombavam gritando "*viva a Itália* !"

Convivendo com este seleto tipo de pessoas, Anita enriquecia-se de conhecimentos. Wolfang Rau cita em sua obra nomes de algumas pessoas que construíram a história, e que travaram longos diálogos na residência, com a própria Anita, não apenas uma, mas diversas vezes:
"Habitando, pois, uma parte do velho casarão colonial amplo, semi arruinado e pouco mobiliado, mas assiduamente freqüentado por amigos loquazes e admiradores de Garibaldi, Anita pode desenvolver muito os seus conhecimentos gerais, de história, sociologia, geografia e línguas, já que ali se falava muito em italiano, espanhol e francês. Inteligente e vivaz, rapidamente assimilava o que ouvia e, dona de grande sensatez natural, não raras vezes se fazia considerar pelo seu discernimento. Surpreendia mesmo os presentes com seu espírito prático em assuntos políticos, "quando demasiado lirismo e desdém patético pela realidade fazia os homens caírem em devaneios estéreis, puramente literários". Críticos de Anita Garibaldi tem procurado descrevê-la como pessoa inculta e sem civilidade, cometendo injustiça à sua memória. Ao contrário do que afirmam, sua prolongada convivência com Garibaldi e seus amigos aperfeiçoou seu saber e sua linguagem, ampliando consideravelmente a instrução inicial recebida da mãe, que, ainda em Morrinhos, lhe ensinara razoavelmente a ler e a escrever. Ambiciosa de ciência desde meninice, sua inteligência sempre ávida de novos conhecimentos proporcionava-lhe facilidade para retê-los na memória e para associá-los entre si, passando com o tempo a ser dona de cultura regular. Distinta no trato com as pessoas, demonstrava sempre o seu bom senso, que aplicava invariavelmente aos assuntos, nas justas medidas e proporções, sabendo ser franca no externar os resultados de seus raciocínios rápidos de brasileira capaz e gentil. Em sua casa, Anita conheceu muitos personagens famosos. Entre eles citam-se Giovanni Battista Cúneo, Francisco Anzani, os Antonini, os Rizzo, Rivera Indarte, Bartolomeo Mitre, e muitos outros entusiastas da Libertação. Ouvindo-os e a seu Giuseppe, Anita ficou sabendo detalhes do cenário internacional e do drama da Unificação Italiana. Na

provinciana Laguna, pouco se sabia do próprio Brasil; em Montevidéu, porto cosmopolita ornado de bandeiras de todos as terras, corriam as notícias de todo o mundo". (66)

No que pese a razoável casa que residia e a constante presença do companheiro, àqueles meses haviam sido difíceis, já que necessitou adaptar-se à nova cultura, costumes e língua. Passado os primeiros tempos, além do português, Anita já dominava outras duas línguas: italiano, espanhol e um pouco de francês, conseguindo manter longas conversações com os amigos e convidados do companheiro.

O CASAMENTO DE ANITA COM GARIBALDI

Garibaldi foi um anticlerical, mas ambos tiveram formação religiosa, e tendo em vista que Garibaldi alçava posição de destaque, urgiu que o casal regularizasse sua situação matrimonial. Como fazê-lo, porém, se Anita já era casada no Brasil, cujo marido havia sumido, sem deixar qualquer notícia ? Anita o imaginava morto, tendo sucumbido, provavelmente, em um dos muitos combates entre os imperiais e farrroupilhas, quando estes sustentavam a ocupação de Laguna. Era a única justificativa que Anita dava ao silêncio sobre seu paradeiro, pois tendo passados diversos anos, ninguém sabia de seu destino. Já haviam mandado investigar em Laguna e as notícias que receberam era de que Manoel Duarte de Aguiar, seu primeiro marido continuava sem dar notícias. Em vão foi procurado registro de óbito, sem o qual Anita não poderia contrair novo matrimônio. Como, então, justificar à sociedade conservadora da época uma união de um casal tão influente, com filhos, sem que tivessem recebido as bênçãos nupciais ? Além do mais, sendo católicos, necessitavam batizar seu primogênito Menotti, o que somente seria possível se estivessem casados. As vésperas de ter seu segundo filho, pressionados socialmente, não lhes restou outra alternativa que não foi informar ao clero de Montevidéu ser Anita livre e desimpedida, o que foi feito e aceito mediante o depoimento das testemunhas que firmaram o pacto antenupcial.

No dia 26 de março de 1842, oficializaram sua união, e o ato matrimonial, que havia sido precedido por proclamas, foi registrado no Livro 01 de Matrimônios Realizados na Paróquia de São Bernardino em Montevidéu, a folhas 27 verso, sob número 19. Anos mais tarde, tendo sido demolida a Igreja de S. Bernardino, seus registros foram transferidos e até hoje encontram-se arquivados na Igreja de São Francisco, naquela mesma Capital. Neste histórico documento, ao qualificarem os nubentes, Anita, que oficialmente ainda usava o nome de Ana Maria de Jesus Ribeiro, foi qualificada como sendo natural de Laguna, no Brasil, conforme sua transcrição abaixo:

"No dia vinte e seis de março de mil oitocentos e quarenta e dois, Dom Zenon Aspiazú, meu lugar tenente em esta Paróquia de São Bernardino em Montevidéu, autorizou o matrimônio que, "in facie Ecclesiae" contraiu por palavra de presença Dom José Garibaldi, natural da Itália, filho legítimo de

Dom José Domingo Garibaldi e de Dona Rosa Raimunda; com Dona Ana Maria de Jesus, natural de Laguna no Brasil, filha legítima de Dom Benito Ribeiro da Silva e de Dona Maria Antonia de Jesus; tendo o Sr. Provedor e Vigário Geral dispensado duas conciliares proclamas e praticado o mais quanto previne o Direito: não receberam as bênçãos nupciais por ser tempo em que a Igreja não as impõe; foram testemunhas do ato Dom Pablo Semidei e Dona Feliciana Garcia Billegas, o que por verdade firmo, eu o Cura Reitor - (ass.) - Lorenzo A. Fernandez." (67)

17 FOTO: CERTIDÃO DE CASAMENTO NO URUGUAI

Em 1998, portanto 156 anos após, este documento foi de capital importância para instruir o processo judicial que obteve o reconhecimento da Justiça Brasileira, que autorizou o registro de nascimento tardio de Anita, sepultando definitivamente as especulações e contradições históricas sobre sua naturalidade lagunense e nacionalidade brasileira de Anita, conforme consta na parte final desta obra.

Em princípio de 1943, auxiliado por Francisco Anzani, que era um intelectual liberal mazzinista proscrito da Itália, que já havia lutado na Grécia, Espanha, Portugal e França, e verificando o grande contigente de intelectuais e políticos italianos e franceses exilados no Uruguai, que haviam colocado-se à disposição para lutar em defesa da consolidação da sua independência. Garibaldi organizou a Legião Italiana, que passaria para a história pelos seus feitos. Como uniforme, usavam camisas vermelhas, que tinha apreendido em um navio inimigo. Quando posteriormente trasladou-se para a Itália, passou a denominar-se Legião Garibaldina, mantendo o mesmo uniforme. Inicialmente, a Legião Italiana contou com um corpo de seiscentos homens, na sua grande maioria italianos idealistas que esculpiram páginas gloriosas da histórica guerra que consolidou o Uruguai como Estado Independente. As reuniões iniciais e as discussões que deram suporte ideológico à criação desta força militar voluntária aconteceram na residência de Anita, na maioria das vezes durante à noite, sem luz de velas para clarear, tamanha era a penúria em que encontrava-se o casal e os futuros legionários.

A MAGNITUDE DE GARIBALDI FEZ SUA FAMILIA PENAR

Foram, portanto, consideráveis as dificuldades que passaram em Montevidéu. Mesmo sendo um oficial graduado, houveram momentos que a sua patente de nada adiantou para diminuir as sérias privações, açodadas que eram pelo espírito de desprendimento material, norteador do comportamento de Garibaldi. Certa ocasião, tendo chegado ao conhecimento dos comandantes militares de que na casa de Garibaldi não haviam recursos para manterem acessas as luzes durante a noite, mandou-lhe o Ministro da Guerra Pacheco Y Oribe a quantia de cem patacões. Ao recebê-los, Garibaldi ficou apenas com a metade, mandando dar o restante a uma viúva de um de seus legionários, dizendo que a mesma tinha mais necessidades. Em outra ocasião, tendo recebido do Governo uma pequena quantia, destinada a sua manutenção, pretendeu devolve-la, mas, para não melindrar seus superiores, preferiu reunir seus homens e com eles repartiu. Em outra ocasião, após diversas

vitórias que a Legião conquistou, o Presidente Frutuoso Rivera, em agradecimento pelos relevantes serviços prestados pelos legionários, mandou presentear aos seus integrantes e comandante Giuseppe Garibaldi, com metade da gleba formada pelos campos de sua fazenda particular, localizada ao norte do Rio Negro. A doação estendia-se, também, à metade dos prédios e de todos os animais ali existentes. Após receber o documento de doação, Garibaldi limitou-se a discutir a doação com seus legionários e após, os reuniu, chamou o mesmo oficial que lhe havia entregue o documento contendo a doação e ordenou-lhe que entregasse ao Presidente Frutuoso uma carta que antes de assinar leu na frente de seus homens perfilados, cujo conteúdo tinha a seguinte redação:
"...Os oficiais italianos, informados do conteúdo da comunicação de V. Excia. Dirigida a toda a legião, tem declarado: que, persuadidos que é dever de todo homem livre combater pela liberdade dos dominados pela tirania, sem distinção de país, nem de povo, porque a liberdade é o patrimônio da humanidade; não tem seguido senão a voz de sua consciência, ao pedir uma arma aos filhos desta terra para dividir com eles os perigos que os ameaçam. Que satisfeitos com haver cumprido seus deveres de homens livres, continuarão a dividir como até aqui - pão e perigos ... o que me leva ao honroso dever de participar a V.Exia. noticiando-lhe que me associo inteiramente aos sentimentos da Legião, e ao ensejo devolvo a V. Exa. o mesmo documento original da doação. Ass. Jose Garibaldi."

MÃE E ESPOSA ... CIUMENTA !

Em 30 de novembro de 1843 nasceu a segunda filha de Anita, de nome Rosita, uma encantadora menina de cabelos loiros. Mais do que nunca, as atividades domésticas e o zelo de mãe exigiam sua constante presença, impedindo-a de acompanhar seu marido em suas atividades. Neste período, Anita testemunhou grandes manifestações de apreço e admiração devotados a Garibaldi, cada vez mais e mais famoso. Orgulhou-se do marido, mas, no fundo surgiram-lhe dois sentimentos: sentiu ficarem cada vez mais distante seus desejos de participação mais ativa nos combates e cavalgadas, nas aventuras em prol dos ideais de autodeterminação e de justiça social, sobre os quais tanto haviam-lhe falado; embora tivesse aceitado seu papel de mãe e esposa com total dedicação, fidelidade e lealdade, pressentiu o interesse feminino que involuntariamente Garibaldi despertou em outras mulheres, pois já havia presenciado e ouvido senhoras manifestarem-se em admirações pela compleição física de Garibaldi, enaltecendo a beleza de seus longos e loiros cabelos. Em março de 1845, Anita revela a sua irmã, em carta que lhe enviou, seu inconformismo com a costumeira tolerância com que as mulheres aceitavam os deslizes de seus esposos. Exerceu na plenitude os direitos de igualdade entre homens e mulheres, sobre os quais tanto haviam falado:

"Março 1845 ... O fato é que eu fico meio ressabiada com elas, porque são completamente diferentes de mim, todas lindas, bem cuidadas, elegantes, maquiadas. Se você visse os dengues e os gritinhos delas quando se amontoam ao redor do meu marido ! Agora ele é famoso, conhecido, comanda a tropa uruguaia, e o isto o torna mais irressistível. ... É claro que ele gosta. É

quase impossível para ele resistir. E eu, que conheço as suas fraquezas, acho o jogo delas angustiante ... Agora, as senhoras descobriram que José, depois do trabalho, volta a cavalo do Comando da Fortaleza. Por isso ficam se exibindo pelo caminho, muito elegantes em suas roupas de amazonas. Eu também tomei o hábito de ir ao seu encontro sempre que posso, feliz por galopar com ele para casa, na doce luz do pôr-do-sol. Um dia eu cheguei um pouco atrasada e o encontrei cavalgando ao lado de uma mulher linda, que me cumprimentou friamente. Trocamos algumas palavras e então ela, entre outras bobagens, olhando o José toda sem jeito, disse que os cabelos do general tinham uma cor realmente incrível. ... Fiquei calada na hora, mordendo os lábios, mas cheguei em casa furiosa. Comecei a gritar para o José que ele deixava os cabelos compridos de propósito, só para atrair as mulheres. Ele ria, divertido e eu gritava mais ainda, com lágrimas nos olhos. Quando percebeu que eu estava sofrendo de verdade, ele ficou sério, colocou as tesouras na minha mão e disse: corte o que você quiser ! Eu estava tão fora de mim que cortei os seus lindos cabelos ... confesso que cortei mais do que queria ... Enfim, exagerei um pouco ... Depois, durante meses, sentia vergonha sempre que o via, até porque sabia que os oficiais estavam zombando dele ... "(68*)*

Garibaldi recebeu ordens para comandar uma missão naval, que deveria enfrentar o Almirante Brow, que encontrava-se nos arredores da Ilha Martin Garcia, a serviço do Governo Argentino. Encontrado o inimigo, travou-se longo combate, que durou dois dias, sendo Garibaldi derrotado, obrigado a abandonar e incendiar seus barcos, foi refugiar-se com quase toda sua tripulação no interior do continente. Ali permaneceu por oito longos meses, comunicando-se com Anita poucas vezes, através de mensageiros militares.

Neste período, Anita viu-se sozinha com o filho, entre o caos da guerra e a perigosa promiscuidade da cidade, recebendo raras informações sobre a sorte do marido, então na linha de frente do conflito. Com Giuseppe ausente do lar conjugal há diversos meses, Anita atormentou-se ainda mais quando recebeu a notícia de que seu marido estava tendo um rumoroso caso amoroso com Lúcia Esteche, filha de um rico estanciero, Don Esteche, estabelecido na cidade de Santa Lúcia de Lo Salto, onde Garibaldi era hóspede. A inusitada notícia informava que a mesma estava esperando um filho de Garibaldi. Filha ou não de Garibaldi, a verdade é que Lúcia Esteche teve uma filha a quem resolveu chamar de Margarita Garibaldi.

Na maior parte do tempo, Garibaldi estava ausente de Montevidéu, participando de expedições e de viagens com a frota naval uruguaia. Neste período, uma longa depressão atingiu Anita. Passou a viver de forma arredia, isolando-se cada vez mais.
A aventura amorosa de Garibaldi feriu profundamente Anita, causando-lhe profunda ferida. Bernardina Rivera, esposa do Presidente Frutuoso Rivera, sabendo da solidão e tristeza que a longa ausência do marido impôs, convidou-a para visitá-la de quando em vez, passando alguns dias em sua residência, já que seu marido também estava ausente havia tempo. Inteligente e muito culta, conhecedora dos ideais que caminhavam paralelamente entre seus maridos, a esposa do Presidente tornou-se amiga íntima de Anita, passando a

serem confidentes durante a longa ausência dos maridos.

Esta amizade ajudou Anita a suportar sua amargura, mas o dilaceramento em seus sentimentos de esposa fiel e dedicada foram muito profundos. A ferida aberta com a triste notícia do rumoroso caso de Garibaldi com outra mulher, gerando uma filha bastarda, não foi curada tão facilmente.

Para completar, com a ausência do marido no comando da defesa da cidade, agregado a sua derrota naval, a boataria que execrava Garibaldi foi muito grande, levantando suspeitas sobre sua fidelidade à República Uruguaia. A intriga era disseminada por um segmento dos uruguaios natos, que não admitiam que um estrangeiro fosse seu comandante militar, o que era estimulado pelo comando da Legião Francesa, que nutria sentimentos de inveja em relação a organização e a lealdade devotada por Garibaldi à causa da independência uruguaia.
Neste turbilhão de acontecimentos e fatos negativos, nem mesmo a solidariedade da esposa do Presidente foi suficiente para curar a ferida aberta. Como desta reconciliação não existem registros, não é difícil imaginar que Garibaldi teve dificuldades em justificar-se, principalmente porque a personalidade de Anita não deixaria escapar tão lamentável oportunidade para fazer-lhe a pregação dos direitos de igualdade, solidariedade e respeito que não somente as mulheres devem devotar a seus esposos, mas também estes em relação àquelas.

Com a volta do marido, a dor foi curada pelo elixir do diálogo e do entendimento, mas somente o passar do tempo é que tonificou e apagou a cicatriz da ferida aberta.

NO URUGUAI NASCERAM TRES FILHOS

Além de Menotti, o único filho brasileiro, Anita teve mais outros três filhos, que nasceram-lhe enquanto residente em Montevidéu. Em 30 de novembro de 1843 nasceu Rosita. Em 22 de fevereiro de 1845 nasceu a filha Terezita e em 4 de fevereiro de 1847 nasceu o filho caçula Ricciotti. Rosita veio a falecer ainda criança, conforme será narrado na seqüência. Menotti e Ricciotti cresceram e tornaram-se oficiais do Exército Italiano, tendo ambos lutado ao lado do pai Giuseppe, anos mais tarde, no segundo período das guerras pela unificação italiana. Casaram-se e tiveram diversos filhos, quase todos militares. Alguns chegaram ao posto de general. Terezita casou-se na Itália e teve 16 filhos.

Garibaldi, como comandante militar, havia descoberto no porão de um navio brasileiro, um negro escravo que mandou libertar. Em troca do gesto, o negro André Aguiar, não tendo onde ficar, voluntariamente seguiu Garibaldi até sua casa. Surpreendido com o sentimento de gratidão, Garibaldi e Anita o acolheram, dando-lhe abrigo em seu casa. Somente a morte, que aconteceu anos mais tarde em combate na Itália, o separou do casal. A partir de então, André Aguiar passou a ser um serviçal de Garibaldi, passando a acompanhá-lo em todas as suas expedições. Também foi de muita valia para Anita, pois

quando Garibaldi estava em Montevidéu, André Aguiar a auxiliava nas lidas domésticas. Fazia as compras e, principalmente, cuidava das crianças, o que deixou-lhe algum tempo livre para dedicar-se a um maior acompanhamento das atividades de Garibaldi.

A Legião Italiana criada em Montevidéu, durante o período que lá manteve-se, sofreu algumas derrotas, mas foram maiores em número e importância as vitórias. Durante quase todo o tempo, Montevidéu sofreu o bloqueio do seu porto pela frota Argentina. Inúmeras vezes Garibaldi usou de seus conhecimentos e artifícios para burlar a vigilância inimiga, permitindo que navios oriundos de outros países ali aportassem, despejando suprimentos que asseguraram a continuidade da luta, já que a cavalaria e infantaria do inimigo também assediava Montevidéu por terra. Novamente atos de verdadeiro heroísmo foram registrados, que aconteceram em face da reconhecida superioridade da força militar da Argentina em detrimento da inferioridade uruguaia. Quer em água ou em terra, dentre as principais vitórias da Legião Italiana, destacaram-se as empreendidas em Cerro, Martin Garcia, Rincon, Las Três Cruces, Vizcaino, Gualeguaichu, Paisandú, Colonia, Passo de la Boyada, Santo Antônio de Salto e outras mais. A mais significativa, porém, foi a de Salto, onde os minoritários 190 homens de Garibaldi, derrotaram 1500 adversários, numa proporção de um para cada sete inimigos, após doze horas de encarniçada luta, que iniciou-se ao meio-dia do dia 8 de fevereiro de 1846 e encerrou-se a meia noite do mesmo dia. Durante a campanha cisplatina, a coragem e a competência do guerreiro marido de Anita foi reconhecida, respeitada e cumprimentada pelos seus próprios inimigos. A este respeito, Anselmo Amaral nos informa que *" ...Se nos campos orientais Garibaldi assombrou a América com seu tino Guerreiro, no mar agigantou-se nas mesmas proporções. Enfrentou a poderosa esquadra Argentina, sob o comando do experimentado mercenário Almirante Brow. Quando o Almiramte julgou cumprido o seu contrato com a marinha de guerra argentina, abandonando o comando, antes de retirar-se para a Inglaterra, fez questão de visitar Garibaldi em Montevidéu. Deu-lhe um forte abraço, reconhecendo-lhe o valor, a capacidade e a coragem. Dirigindo-se para Anita, disse-lhe: -Senhora, combati muito tempo contra seu marido, sem obter vitória alguma."* (69)
Em decorrência de suas responsabilidades biológicas e naturais de mãe, nestas lutas Anita não participou, a não ser na de Salto, como enfermeira. Tamanho foi o preço desta vitória que Garibaldi narrou mais tarde que quase todos saíram feridos, metade mais gravemente e a outra metade menos gravemente. Imediatamente após a batalha lá estava a humanitária Anita, que Garibaldi a havia mandado buscar, como forma de tirá-la do profundo estado depressivo em que encontrava-se pela morte de sua inesquecível filha Rosita.

FOTO 18 : OS FILHOS DE ANITA

A FILHA ROSITA MORREU EM SEUS BRAÇOS

Estava Garibaldi há bastante tempo ausente de sua casa e de sua família, quando a filha Rosita, com apenas dois anos e meio de idade, adoeceu. Durante dias padeceu em virtude de uma incontrolável infeção de garganta,

que lhe causou falta de respiração. No dia 23 de dezembro de 1845, à véspera do natal, Anita viu a filhinha falecer por asfixia em seus braços. Foram longos e penosos dias para Anita, que sentindo-se só, entrou em processo depressivo.
Informado de forma grotesca da infausta perda, Garibaldi logo imaginou o estado em que Anita deveria encontrar-se, na distante Montevidéu. Informado sobre o estado depressivo da esposa, mandou buscá-la, tentando minimizar os funestos sentimentos pelo tão prematuro passamento.
Além de tentar buscar alento junto a seu marido, trouxe para o Salto a sua confortante experiência de enfermeira, consolando e curando àqueles que sofriam pelos ferimentos do inolvidável ato de heroísmo. Deixou os outros dois filhos aos cuidados de pessoas de confiança. Mesmo sofrendo profundamente, Anita não deixou de prestar auxílio voluntário à causa republicana do Uruguai, servindo como enfermeira para socorrer os inúmeros feridos na Batalha de Salto. Wolfang L. Rau confirma este episódio em sua obra.

"Anita Garibaldi, incorporada como enfermeira da Legião Italiana, tornou-se indiretamente participante da ação quando, ainda uma vez passou a cuidar dos numerosos feridos. Havia vindo para o Salto dias antes, procedente de Montevidéu a chamado do seu marido, - ela mesma precisando de sérios cuidados! Mandara buscá-la numa tentativa de fazê-la esquecer um pouco do imensa dor pela morte recente da filhinha Rosita, ocorrida naquela cidade. Tivera Anita a desdita de vê-la sofrer e expirar na asfixia da difteria, longe de seu querido pai. José Garibaldi adorava essa menina, criança sobremaneira meiga e inteligente. Não tendo podido salvá-la, o sofrimento de nossa heroína foi indescritível. Garibaldi dominando seu próprio sofrimento, mandou buscar Anita para o Salto, de medo que ficasse louca; e tentou consolá-la, estando ele mesmo inconsolável. Soubera da desgraça através de memorando enviado pelo Ministro da Guerra, Pacheco y Obes, seu amigo, incumbido de comunicar-lhe a infausta notícia, Jamais, porém, o guerrilheiro nizardo perdoou ao Ministro os termos brutais em que está formulada a comunicação: "Sua filha Rosita morreu. Como de qualquer maneira teria de sabê-lo, prefiro dizer-lhe sem rodeios. Queira aceitar meus sentimentos ..." (70)

O último combate de Garibaldi no Uruguai ocorreu em 1846, na Batalha de Dayman. Do segundo semestre daquele ano em diante, a Legião italiana dedicou-se exclusivamente à guarnecer a Capital, em cuja função alternava-se com outros corpos militares. A partir de então, o final da guerra civil e a independência Uruguaia estavam mais dependentes de gestões diplomáticas, que envolviam a Inglaterra, a França, o Brasil e a Argentina do que de resultados militares de batalhas.

Em junho de 1847, apesar da oposição interna, Garibaldi foi nomeado comandante-em-chefe de todas as forças de defesa de Montevidéu, permanecendo neste cargo por apenas uma semana. Profundamente atingido pela inveja, sentiu sua honradez e dignidade ultrajadas por comentários de alguns comandantes uruguaios, companheiros de armas, o que o fez pedir demissão do cargo, limitando-se ao posto do comando anterior. Neste período, em uma das cartas que endereçou a seus parentes, além de revelar

sua consciência e compreensão sobre a importância das atividades do marido, Anita, justificou e abnegadamente aceitou sua quase permanente ausência do convívio familiar: *"... aquela nomeação de tanto prestígio não teve os resultados felizes que podíamos esperar. Pelo contrário, surgiram tantas invejas, tantos rancores entre os políticos e os militares, que José preferiu renunciar à nomeação oficial. As suas incumbências no trabalho, continuavam como antes. Por isso ele não mudou nada em casa, onde não o víamos quase nunca. No entanto, veja bem, não é que eu esteja me queixando. Sei que seu trabalho é importante, por sí mesmo e pela quantidade de gente que acredita nele. Sei também que ele continua a nos amar, com aquele afeto profundo que nasce da alma."* (71)

(64)- ANITA GARIBALDI - A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI - pg 96
(65)- OS FARRAPOS - WALTER SPALDING
(66)- ANITA GARIBALDI A HEROINA BRASILEIRA- WOLFANG L. RAU- pg 243/6
(67)-CÓPIA DOS ARQUIVOS DO AUTOR
(68)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI)
(69)- GARIBALDI GUERREIRO DA LIBERDADE- ANSELMO AMARAL - pg 78
(**70)- ANITA GARIBALDI A HEROÍNA BRASILEIRA - WOLFGANG L. RAU pg 273**
(71)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI - pg 141

CAPITULO XV - ANITA PARTIU PARA ITALIA

A PRUDÊNCIA DE ANITA

Anteriormente, em Roma, um liberal havia sido eleito como Papa, que adotou o nome de Pio IX, que gradualmente passou a introduzir modificações na política do Vaticano, até então alinhada à Espanha e a Áustria, que, para defenderam seus interesses, não permitiam a unificação italiana. Esta linha de atuação do Vaticano havia determinado o exílio de Garibaldi e de milhares de patriotas italianos, proscritos pela ordem vigente na época. As primeiras atitudes do novo Pontífice haviam dado a impressão de que tinha mudada a atuação política do Vaticano, pois um dos primeiros atos papais foi decretar uma anistia aos presos políticos. Outra atitude também festejada pelos carbonários e mazzinistas da Jovem Itália foi a modificação do critério de escolha das lideranças que administravam Roma, até então sob o domínio administrativo do Clero. Por ato do Papa, a estrutura administrativa romana passaria a contar com uma parcela de cidadãos italianos, escolhidos por eleição popular dentre os que destacavam-se em suas atividades.

Alguns meses após estes fatos terem acontecido na Itália, estas novidades políticas, que chegaram à Montevidéu através de diversos jornais italianos trazidos pelo navio Carolina, foram recebidos pelos italianos lá residentes com muita alegria. Estes jornais, editados no Reino do Piemonte, também deram notícias de que algumas regiões na Itália estavam insurgindo-se em armas, estimulados pelos ventos das reformas e eventual participação do Vaticano na busca da unidade italiana. As boas notícias encheram de alegria e agitaram a comunidade italiana no Uruguai. Os exilados já poderiam voltar e os que estavam proscritos por suas idéias, teriam, então a oportunidade de colocar-se à disposição da causa da unificação. Entre a Legião Italiana, nos dias que seguiram-se, houveram longas manifestações de regozijo, com uma passeata noturna, ao som de hinos que foram cantados pelo séquito a luz das tochas de fogo, que durou longas horas. Seguiu-se uma inflamada manifestação em praça pública, onde Anzani e outros revezaram-se em longos discurso, com exortações e conclamações, fazendo apaixonada defesa de empreenderem viagem de retorno à Pátria, para auxiliarem no processo de unificação da Itália. Garibaldi foi o orador expoente. Anita, que havia participado da procissão segurando o filho Menotti em uma das mãos, a tudo assistiu e ouviu. Durante os dias que seguiram-se, longos e intermináveis reuniões foram feitas, principalmente em casa de Anita, que lá estava atenta a tudo quando era dito, participando e opinando nos acalorados e entusiásticos debates, fazendo ponderações e influenciando nas decisões que após adotaram.

Naqueles dias sentiu que aproximava-se o momento de partir, deixar o continente americano, e ir conhecer, finalmente, o continente europeu, o Velho Mundo.

O tempo passava e Garibaldi irritava-se com a angustia que lhe corroía a alma. Assistia antigos inimigos italianos mudarem rapidamente de

pensamento sobre a unificação italiana; nobres do Piemonte e da Sardenha empunhavam armas; os movimentos eclodiam em defesa da unidade. E ele inerte em um país distante, que lhe era totalmente estranho, participando de uma guerra que tinha tornado-se diplomática. Urgia participar, fazer parte dos acontecimentos, colocar sua experiência de guerrilheiro e de comandante naval a serviço do seu maior propósito. Juntamente com Francisco Anzani, tomou, então, a iniciativa de colocar-se a disposição do Papa Pio IX, escrevendo uma carta, que foi enviada ao Monsenhor Bedini, Núncio Apostólico do Rio de Janeiro, que por sua vez a remeteu ao Papa.
"... Nós os que escrevemos, somos aqueles que, sempre animados pelas idéias que nos fizeram arrostar o exílio, empunhamos as armas em Montevidéu por uma causa que nos apareceu justa, reunindo algumas centenas de compatriotas nossos ... Assim sendo, se hoje os braços que têm experiência das armas estão sendo aceitos por Sua Santidade, devemos dizer que nos sentiremos felizes de nos consagrarmos ao serviço daquele que tanto faz pela Pátria e pela Igreja. Se Vossa Senhoria ilustríssima e colendíssima considerar que nosso oferecimento poderá resultar agradável ao Sumo Pontífice, que Vossa Senhoria o deponha aos pés de seu trono . ... Sabemos também que a nova ordem de coisas conta com defensores numerosos ... fazei-nos a honra de enfileirar-nos com estes ..." (72
Após redigirem esta carta, Garibaldi a exibiu a Anita, indagando-lhe o que pensava a respeito de sua disposição de colocar-se a disposição do Papa na causa da unificação italiana. Em resposta, disse-lhe que considerava o ato precipitado, pois deveriam esperar um pouco mais para declararem-se aliados de um homem bem mais forte, chefe da maior potência oculta do mundo. *" Dificilmente os poderosos desistem de seu papel sem serem forçados pelos acontecimentos"*, disse-lhe. (73)

Por sua vez, Mazzini, que estava exilado na Inglaterra, havia escrito ao Papa: *"... A unificação da Itália é coisa de Deus, Santo Padre, e se efetuará convosco ou sem vós".* (74) Mais tarde Garibaldi daria razão à prudência de Anita.

Os meses passaram-se, mas nenhuma resposta foi dada. A angustia e a irritação de Garibaldi aumentaram, pois esperava uma imediata convocação, que viria através de uma resposta papal.

ANITA IMPÔS CONDIÇÃO PARA PARTIR DE MONTEVIDEU

Certa noite, irritado pela demora, Garibaldi falou à Anita que havia chegado o momento de partir. Anita deveria partir primeiro, o mais rapidamente possível, junto com os filhos e diversas outras mulheres de patriotas, e ele seguiria alguns meses após, com os seus homens, argumentou-lhe.

Extremamente afeiçoada e dedicada aos filhos, Anita ainda não estava totalmente curada da dor pela perda da filha Rosita. Após a morte, consolava-se com as freqüentes visitas ao cemitério, levando a mantendo flores, forma de amenizar o sofrimento e as saudades deixadas pela prematura morte. Como partir, imaginava Anita, deixando-a em lugar tão distante ?

"... Ele me olhou por um momento sem dizer nada, depois explodiu em um de seus discursos irritados, sem me dar tempo de explicar o meu motivo: eu não conseguia suportar a idéia de deixar o corpo morto de nossa filha abandonado numa terra estrangeira ... eu sabia muito bem que não adiantava discutir com tanta emoção acumulada dentro dele. Também sabia que seus nervos estavam tensos por causa da situação que imperava em Montevidéu, e que naquele dia tivera uma enésima discussão acalorada com um general membro do Governo ... retomei decididamente o discurso que tinha preparado ... quando finalmente entendeu que não me faria mudar de idéia ignorando os meus sentimentos, José propôs um acordo, prometendo enterrar o corpo de Rosita em Nice, junto ao de seu pai. Jurou que, quando voltasse a Itália, ele mesmo encontraria um jeito de levar o corpo de nossa filha...." (75)

E Garibaldi cumpriu a promessa. Quando meses após a partida de Anita, acompanhado de sessenta legionários embarcou para a Itália, a bordo do navio *Speranza* também estava uma pequena urna funerária, feita de chumbo, contendo os restos mortais de sua filha. Como a sepultura era inviolável pelas leis canônicas, mas como deveria cumprir sua promessa , encontrou uma solução simples: mandou soldados de sua confiança subtraírem do cemitério local !

Finalmente, em 27 de dezembro de 1847, Anita embarcou no navio Carolina, acompanhada de seus três filhos Menotti, Teresita e Riciotti e por diversas outras esposas de patriotas italianos, que rumaram para Gênova, na Itália. De bordo do navio, Anita olhou a América pela última vez.

O ÚNICO E VERDADEIRO RETRATO DE ANITA

Lamentavelmente, durante o período Uruguaio, poucos registros históricos foram feitos sobre Anita. Mesmo Garibaldi em suas memórias pouco ou quase nada falou sobre a companheira e sua família. Além dos registros de casamentos e de nascimentos de seus filhos, um retrato de Anita, no entanto, foi o mais importante acervo que logrou-se encontrar, que marcou sua passagem pelo Uruguai. Alias, este retrato, pintado em Montevidéu no ano de 1845, por um ítalo-uruguaio chamado Caetano Galino, foi o único em toda a sua vida. Graças a ele pode-se ter uma idéia verdadeira dos traços fisionômicos da Heroína, já que na Itália, principalmente, haviam muitas versões e pinturas que nada tinham de real de sua fisionomia, descaracterizando-a completamente . Sobre este aspecto, muitos anos após a morte de Anita e Giuseppe, o filho mais velho, Menotti, que também foi bravo e festejado general italiano, autenticou esta pintura escrevendo que era "*l'único e vero ritratto di mia madre".*

Nos 6 anos e meio que residiu no Uruguai, Anita revelou-se mãe, expandiu e aprofundou seus conhecimentos sobre geografia, história, línguas e principalmente, teve oportunidades de ouvir e participar de inúmeros debates e colóquios sobre as doutrinas e os movimentos libertários que eclodiam no mundo inteiro, contra os regimes discricionários e despóticos. Confidente da

esposa de Frutuoso Rivera, o Presidente do Uruguai, teve oportunidade de relacionar-se socialmente com as mais importantes e influentes famílias uruguaias, experiência que até então ainda não tinha tido. Este também foi um período que serviu para Anita regularizar sua situação familiar, pois além de ter contraído casamento oficialmente, regularizou o nascimento de seu filho Menotti, que havia nascido no Brasil, ao mesmo tempo que batizou os filhos Terezita, Rosita e Riciotti, que nasceram-lhe enquanto no Uruguai.

FOTO 19: O ÚNICO E VERDADEIRO RETRATO DE ANITA

(72)- ANITA GARIBALDI HEROINA POR AMOR - VALENTIN VALENTE- pg 202
(73)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI - pg 156
(74)- ANITA GARIBALDI HEROINA POR AMOR - VALENTIN VALENTE.
(75)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI - pg. 150

CAPITULO XVI - ANITA CHEGOU À GENOVA, NA ITALIA

A CHEGADA DE ANITA FOI NOTÍCIA DE JORNAL

Durante os 60 dias que durou a viagem para a Itália, Anita teve a oportunidade de ler a "História de S. Luiz - Rei da França", que lhe foi presenteado pelo abade e amigo Paulo Semidei. (76)
Os legionários italianos e a própria Anita, não tiveram a exata dimensão do que estava realmente acontecendo na Itália, pois a efervescência era maior do que imaginavam. Após ter-se colocado a disposição do Papa Pio IX e depois de ter tomado a decisão de voltar sem dele receber nenhuma resposta, Garibaldi não havia imaginado que a disposição liberal do Papa arrefecesse significativamente, motivada pelos rápidos fatos que aconteceram após os atos preliminares da nova política liberal do Vaticano. De fato, em 12 de janeiro

de 1848, Palermo revoltou-se. Em 18 de Março foi a vez de Milão opor-se com armas contra a dominação estrangeira. Depois, em abril, Carlos Alberto de Savoia, colocou seu exército à disposição da causa de unificação italiana. Este fatos precipitaram outras revoltas, que multiplicaram-se, insurgindo-se contra o dominador Império Austro-hungaro. Por sua vez, os *tedescos*, como eram conhecidos os invasores, reagiram firmemente, com o propósito de manter a hegemonia sobre as regiões que dominavam. Também haviam interesses da Espanha e da França em jogo. Mediante este quadro, não desejando comprometer-se, o Papa Pio IX reviu sua política liberal, fazendo vistas grosas às ações do império invasor.

Entretanto, uma vez desencadeados os passos iniciais, e havendo um fértil terreno popular, germinou e proliferaram os acontecimentos, mormente nas principais cidades italianas, onde repetiram-se manifestações cívicas, cujas populações não escondiam suas tendências e desejos convergentes à causa da unidade italiana.

No dia 02 de março de 1848, Anita Garibaldi desembarcou com os filhos em Gênova, onde foi recebida por um contigente popular de 3.000 pessoas, que a esperavam no Porto. Surpresa com a recepção, do tombadilho do navio Anita ouviu os gritos populares de *"viva a família Garibaldi" - "viva Garibaldi" - "viva a Itália".* Já no cais do Porto, Anita foi homenageada com a entrega de uma bandeira tricolor. Anita fez um breve discurso em italiano, quando agradeceu a honraria que lhe foi ofertada , falou na liberdade e colocou-se à disposição para também lutar pela causa italiana. A população exultou em novos vivas .

O fato, que seria posteriormente narrado por Anita em uma de suas cartas, foi motivado pela expectativa popular que a notícia do retorno de Garibaldi havia despertado. O plano traçado havia anos, para, a partir da América, forjar e projetar a figura de um *condotieri*, capaz de despertar no povo italiano a chama da liberdade para conduzi-lo contra o opressor estrangeiro, tinha dado tão certo que, em relação a Anita, ultrapassou as espectativas. A publicidade que Giovanni Batista Cuneo e Luighi Rossetti procuraram dar, o foram somente em relação aos feitos do marido Giuseppe Garibaldi. Porém, tamanho foram os atos praticados por Anita, que a tradição oral correu célere, atravessou o Atlântico e espalhando as histórias sobre seus feitos e atos de heroísmos, mesmo sem nunca ter sido notícia de nenhum jornal dos editados pelos farroupilhas e uruguaios. O povo vibrou em receber a grande mulher, a valente Anita, não apenas por ser esposa do homem que havia de conduzi-los à guerra unificadora, mas também pelo respeito e admiração que ela já tinha despertado nas narrativas trazidas pelos patriotas italianos.

Se na América Anita ainda não tinha sido notícia de jornais, a sua chegada em Gênova foi divulgada nos jornais italianos. O Jornal Corriere Mercantile, de Gênova, em sua edição de 4 de março de 1848, foi um dos que registrou a notícia :
"Chegaram ontem à nossa cidade a mulher e os filhos de Giuseppe Garibaldi. Uma multidão de cidadãos dirigiu-se esta manhã à sua casa, aclamando o ilustre guerreiro que defendeu e faz crescer a honra das armas italianas,

combatendo na América pela causa da liberdade. Uma bandeira nacional foi oferecida com nobres palavras à valorosa mulher; e, com vivo entusiasmo, foi saudado o retrato do valoroso genovês. Anna Garibaldi exprime com estas palavras o seu reconhecimento: - Genoveses! Suas generosas e intensas aclamações à minha chegada em sua cidade revelaram-me que me encontrava em terra habitada por italianos oriundos da virtude de seus antepassados. Juntamente com o capitão Tommaso Risso, da Itálica Legião de Montevidéu, que me acompanhava, ofereço-lhes em tributo o meu muito obrigado de coração. Até agora tive a felicidade de pertencer a um homem que, pela causa da liberdade, dissipava em solo estrangeiro um valor inútil à sua própria pátria. Terei alcançado o auge de minha esperança quando ele tiver que combater por esta terra e quando também eu me mostrar italiana " (77)

A INTELEGÊNCIA DE ANITA SURPREENDEU OS ITALIANOS

Em Gênova Anita e os filhos são recepcionados por familiares de Stefano Antonini e de Napoleone Castellini, que estavam radicados em Montevidéu como fortes comerciantes e armadores. Seus familiares foram os anfitriões de Anita e seus filhos. Nos dias que seguiram-se, pode conhecer Gênova, admirar seus prédios incrustados rentes às íngremes e pequenas ruas, rasgadas por entre escarpas das montanhas que até hoje precipitam-se obliquamente sobre o mar. Tudo o que viu foi motivo de curiosidade e de admiração, desde os costumes, as roupas, a arquitetura, os prédios com suas fachadas e pisos de mármore, as artes, a cultura e tudo o mais que viu ser diferente do que até então conhecia. Cercada pelos anfitriões e por curiosos, quando lhe foi indagado sobre suas impressões a respeito de Gênova, Anita não titubeou: *"Um amigo nosso argentino, Juan Batista AIberdi, que esteve aqui há três anos, escreveu-nos que em Gênova os monges, os santos, as frutas, as lojas, os palácios, os monumentos, as igrejas, as flores, a sujeira, os mármores, tudo isso está tão amontoado, que Gênova tanto pode parecer um convento, um mercado de verduras, uma loja de antiguidades, um jardim, uma Corte, um depósito de lixo, como um sonho do Oriente. 0 Alberdi é engraçado... Mas eu não vi Gênova assim, aos pedaços. Desde que me achei no Porto, senti a cidade inteirinha, como num amor à primeira vista, em que a gente não liga a detalhes e nem repara nos olhos, na voz, nos cabelos, na alma de quem amamos. Eu diria, enfim, que Gênova é uma mulher amorosa."* (78)

A resposta inteligente que Anita deu em forma de elogio à cidade, foi motivo de notícia, transcrita por jornal local. Conta Valentin Valente que a definição da *" la brunetta di Garibaldi*" (a bronzeada de Garibaldi) correu a cidade inteira, cuja população, que já era ardorosamente garibaldina, passou a conviver e a respeitar sua esposa pela sua inteligência e declaração de amor ao povo genovês.

ANITA DISCURSOU EM ITALIANO PARA UMA MULTIDÃO

Em uma das noites, os Antonini levaram Anita assistir uma apresentação musical no teatro Carlo Felice. Em determinado momento, após o início da

peça, o tenor, que deveria interpretar peça musical programada, repentinamente, iniciou a cantar o Hino de Mameli, cuja letra estava proibida por ser uma exortação à guerra contra os *tedescos* e pela unidade italiana. A letra do Hino conclamava: *"Irmãos italianos, a Itália acordou. Colocou na cabeça o elmo de Cipião. Cerremo-nos em corte. Estamos Prontos a morrer: Itália chamou "*. Logo a seguir o teatro foi invadido pela polícia local, que suspendeu a apresentação e evacuou o recinto.

Em outra noite, após ter assistido a uma comédia teatral, recém-chegada em casa de seus anfitriões, Anita e seus acompanhantes foram surpreendidos por um grande número de populares, que parados em frente a casa dos Antonini, passaram a cantar o Hino de Mameli e dar-lhe vivas: "- *Viva Giuseppe Garibaldi - Viva Anita - Viva a Legião Italiana - Viva o Brasil - Viva o Uruguai "-*

Um dos manifestantes, deu alguns passos a frente e em nome dos demais disse-lhe: *"Senhora! Sou Godofredo Mameli. Genovês poeta da Itália. Sou a voz de um povo oprimido que viu refulgir além-oceano a Espada de Roma! Em nome de Gênova, a Soberba, e que vós, Senhora, apelidastes de Mulher Amorosa, eu vos peço entregueis este pendão sagrado de Fé, Esperança e Caridade ao Loehngrin da Itália que deve chegar! Que ele o condottiere nascido das ondas da Ligúria e que vós soubestes amar, seja o primeiro a desfraldar as cores da Itália em terra lombarda".*

Prossegue Valentin Valente em sua mesma obra (pg. 213) narrando que Anita, dominando a emoção de tão grandioso gesto, respondeu falando em italiano:
"Obrigado Senhor Mameli! Sou feliz em conhecer-vos, pois de vosso coração de moço e patriota brotou o hino que Garibaldi esperava. Entregarei esta linda bandeira a meu marido e lhe direi que a Poesia Romana renasceu convosco no mar da Ligúria. Também lhe direi, meus irmãos, que verifiquei pessoalmente, como os genoveses são bons e como adoram a Itália. Obrigada, muitíssimo obrigada! Por meu marido, por mim, pelo Brasil e pelo Uruguai!" Ato contínuo Anita tomou uma flor do alegrete do peitoril, beijou-a e atirou-a a multidão, que delirou com novos vivas.

ANITA E OS FILHOS CONHECERAM A MÃE DE GARIBALDI

No dia 8 de março, após poucos dias de estada festiva e agradável em Gênova, onde fora alvo de múltiplas atenções por parte de populares, da família Antonini e das autoridades simpáticas à causa da unificação italiana, Anita, juntamente com seus três filhos, embarcou num navio a vapor em viagem para Nizza. Aguardava-lhe, impaciente e desejosa de conhecer os netos, sua sogra e cunhados.

Desde que Garibaldi tomou a decisão de voltar para a Itália, Anita passou a preparar-se para conhecer e tentar fazer-se amiga de sua sogra. Sobre ela o seu Giuseppe já havia inúmeras vezes falado. Com personalidade forte, de poucas palavras, Rosa Raimondi, a mãe de Giuseppe Garibaldi, era descendente de uma família de Savoia. Em sua juventude havia sido muito bonita, recatada e reservada, voltada unicamente para seus familiares. Anita

foi calorosamente recebida, mas quando a *nona* abraçou e conheceu os netos não conteve as lágrimas. A eles passou a dedicar-se integralmente, mesmo com a resistência de Anita. Após a fatalidade que sobre Anita abater-se-ia, seria ela, Rosa Raimondi, que terminaria de educar os filhos da heroína.

Não existem registros oficiais sobre o relacionamento entre Anita e a mãe de Garibaldi, mas deduz-se existiram divergências, fáceis de serem compreendidas. De um lado uma mulher bastante idosa, com setenta e dois anos de idade, com costumes e cultura milenar completamente diferentes, extremamente religiosa, habituada a uma vida rotineira e que nos últimos anos, desde que enviuvou, tinha ficado praticamente sozinha. De outro lado uma jovem mulher com vinte e sete anos de idade, habituada aos fragores das guerras, às tensões e os assédios dos cercos e das perseguições militares, advinda de uma terra distante, de costumes e culturas completamente diferentes, temporariamente separada do marido, do qual era muito ciumenta. Ali na casa de Quai Lunel, defronte ao mar da Ligúria, não eram apenas duas gerações distantes que encontraram-se, mas dois modos de vida completamente diferentes, oriundos de costumes e comportamentos distantes um do outro. Também deve ser considerada que uma mulher como a Anita, não muito habituada a uma vida rotineira e familiar, endurecida pela sua vida precária e por isso mesmo sem muita docura, não deveria ser, evidentemente, o tipo de nora que Rosa Raimondi desejava para seu filho Giuseppe.

Garibaldi, em cartas que mandou a Anita neste período, registrou a preocupação que tinha quando estas duas tão amadas mulheres, mãe e esposa, se encontrassem e tivessem que viver sob o mesmo teto. Em 10 de fevereiro, em carta enviada a Anita por intermédio de Giácomo Médici de partida para encontrar-se com Mazini, Garibaldi escreveu:
"Te mando minhas cartas, que penso vais recebê-la em companhia de minha querida e amada mãe. Tu minha pequena e amada amiga, deves te ocupar-te muito dela. E ela fará de tudo para dar-te prazer, para aliviar-te do desprazer de nossa separação. Quando penso no dia que voltarei a apertar todos vocês entre os meus braços, serei muito feliz. Porém, por amor de Deus, não me separarei mais, porque não poderei suportar a idéia de um desentendimento entre as duas pessoas que representam a minha felicidade futura". (79)

Em outra carta, escrita dias mais tarde, tornava a escrever Garibaldi sobre o mesmo assunto, argumentando:
"Tu deves dedicar muita compreensão a minha velhinha, pelo amor que tens a mim. Deves perdoa-la de eventuais incompreensões, causadas pela sua avançada idade. Ela sempre foi uma excelente mãe. Não desejo outra coisa que não seja partir para a Itália, para desfrutar de teus abraços. Não esqueças do teu filho da tempestade e pensa no teu fiel amante". (80)

A mãe de Garibaldi tinha dúvidas quanto a legitimidade da união entre seu filho e Anita, o que poderá ter causado algum embaraço, ou fomentado a crise de relacionamento que obrigou Anita a mudar-se para uma casa de amigos com seus filhos, posteriormente. (81)

ALTIVA E PRUDENTE, ANITA NÃO ACEITOU A OFERTA DO REI CARLOS ALBERTO

Recém-chegada em Nizza, foi convidada para conhecer a Intendência Geral, cujo responsável a recebeu com tradicional receptividade nizarda e efusiva amabilidade. Informou a Anita que tinha recebido ordens do Rei Carlos Alberto, mandando colocar à disposição do filho Domingos Menotti, uma vaga no importante Real Colégio de Racconigi.

Altiva como sempre, Anita formulou com dignidade palavras de seu reconhecimento particular, ressalvando, porém, depender a decisão final sobre o assunto inteiramente da vinda de seu marido, ainda em Montevidéu. Confirmando o recebimento da oferta do Rei, Anita Garibaldi endereçou ao Intendente a seguinte carta:
"Ilmo. Sr.: Teve V.S. a amabilidade de dirigir-se para me participar o despacho ministerial referente ao meu marido Giuseppe Garibaldi, cujo documento V.S. teve a bondade de exibir-me, para leitura, em sua Repartição, onde tive a honra de cumprimentá-lo, em companhia de meu primo, o negociante Michel Gustavin. Participarei ao meu marido, tão logo souber de sua chegada na Europa, quão grande bondade Sua Majestade demonstrou em relação à sua pessoa; e por isso se mostrará reconhecido. Meu marido disporá então a respeito da destinação e encaminhamento dos nossos filhos, que são em número de três, Domenico Menotti de cerca de oito anos; Tereza de três anos; Ricciotti de apenas um ano de idade. Eu mesma sou reconhecida a Sua Majestade pela oferta de educação dos filhos; mas creio faltaria ao meu dever, si sem participação do consorte tomasse a propósito decisão definitiva". (82)

Estando em vias de armar-se uma revolução, cujos protagonistas ainda eram totalmente desconhecidos, Anita soube esquivar-se, evitando comprometer-se sem saber se deveria ou não aceitar ou declinar de tão generosa oferta, ainda mais naquele ambiente que lhe era totalmente estranho, sem saber quem era quem. Sua já conhecida cautela, mais uma vez impuseram-lhe o comportamento que posteriormente foi elogiado por Garibaldi.

Anita escreveu à Garibaldi, informando-lhe os diversos acontecimentos e o clima altamente favorável e propício à sua chegada, narrando-lhe que havia uma grande expectativa popular em Gênova e em Nice, pelo seu retorno. A carta, entretanto, não alcançou Garibaldi em Montevidéu, de onde já havia partido em 15 de abril de 1848.

Garibaldi partiu de Montevidéu acompanhado de 86 companheiros fiéis, entre eles dois enfermos: Francesco Anzani, acometido de tuberculose e Gaetano Sacchi, que havia sido ferido em um dos joelhos. O fiel “Mouro” André de Aguyar não deixou de seguir o *condottieri.* Embora a fidelidade que lhe era devotada pelas centenas dos membros da Legião Italiana, a maioria dos legionários garibaldinos já haviam deitado raízes familiares em Montevidéu, lá possuindo esposa, filhos e residência. Além do mais, embora houvessem temporariamente cessado os combates pela consolidação da independência, era necessário manter constante vigilância, com tropas regulares permanentes. Por tais motivos, a maioria optou por continuar naquele País. Os

mais fiéis e que comungavam com a ansiedade patriótica pela unificação da Itália, seguiram com Garibaldi e embarcaram no navio originário do Reino da Sardenha, chamado de Bifronte, rebatizado especialmente para esta viagem com o nome de "*Speranza*". Como era necessário cumprir a promessa feita à Anita, junto consigo também levou os restos mortais de sua falecida filhinha Rosita, levados em uma pequena urna de chumbo, subtraídos do Cemitério Central de Montevidéu. Permaneceu 12 anos e meio na América.

(76)- ANITA GARIBALDI - HEROINA POR AMOR - VALENTIN VALENTE
(77)- Cópia xerográfica dos arquivos do autor, obtida no Museu do Rissorgimento, em Roma
(78)- ANITA GARIBALDI HEROINA POR AMOR - VALENTIN VALENTE - pg 211
(79)- IDEM
(80)- IDEM
(81)- VITA E MORTE DI ANA MARIA DE JESUS - IVAN BORIS e NINO MILANI
(82)- ANITA GARIBALDI - HEROÍNA POR AMOR - WOLFANG L. RAU)

CAPITULO XVII - ANITA REENCONTROU-SE COM GARIBALDI EM NIZZA, NA ITALIA

GARIBALDI PARTIU PARA ITALIA SEM SABER COMO SERIA RECEBIDO

No mastro principal do *Speranza* hastearam a bandeira Uruguaia. A viagem de retorno a Itália foi tranqüila, marcada apenas pela incerteza e insegurança sobre a forma que seriam recepcionados. Contra ele e alguns de seus compatriotas no passado havia sido decretada a pena de morte por suas

atividades no movimento dos Carbonários e as idéias republicanas da Jovem Itália. Estaria ainda em vigor ? O Rei Alberto estava disposto a anistia-los ? A resposta concreta que dispunham era apenas a notícias sobre a vocação liberal do novo Papa, que havia outorgado a liberdade e decretado anistia para alguns presos políticos do Vaticano, mas que sequer tinha respondido a carta que havia enviando, quando tinha colocado sua espada à disposição. Portanto, a indagação que faziam-se era como Garibaldi seria recebido pelo Rei Alberto e pelos chefes militares austríacos, que dominavam boa parte do Norte da Itália ? E o Papa ainda mantinha sua veia liberalizante, ou já havia cedido às pressões austríacas, espanholas e francesas ? De qualquer forma, durante a viagem os legionários prepararam-se. Dispostos a qualquer tipo de recepção, enquanto navegavam fizeram exercícios militares diariamente e entoaram canções evocativas. Semanas após navegarem, chegaram na costa sul da Espanha. Atracaram em Santa Paula, onde buscaram remédios para os dois enfermos, abasteceram-se de água potável e, principalmente, colheram notícias sobre a situação política na Itália.

As notícias trazidas a bordo foram alvissareiras. O exército austríaco invasor e opressor havia sido derrotado em Milão, que já estava liberta do jugo *tedesco*. Haviam combates em Verona, Mantova e no extremo norte, onde hoje a Itália dividi-se com a Áustria. No Piemonte e em outras regiões povo e governos locais já haviam aderido ao projeto de unificação. As notícias davam conta que a população estava pronta para sublevar-se em diversas outras cidades e o exército austríaco retrocedia aos Alpes, em direção à Áustria.

A euforia tomou conta, substituindo a incerteza e o temor reinante a bordo do *Speranza.* Agora confiantes em uma recepção amistosa, a bandeira Uruguaia hasteada no mastro do navio foi imediatamente substituída por uma improvisada bandeira tricolor italiana, confeccionada com o vermelho de uma túnica de um oficial legionário, com o branco de um lençol e o verde dos debruns arrancados dos uniformes dos 86 legionários que o navio carregava. Era a bandeira que posteriormente viria ser adotada pelo Estado Italiano. Chegaram ao porto de Nizza no dia 21 de junho às onze horas da manhã, após onze anos de ausência da terra natal.

EM NIZZA ANITA APRIMOROU-SE

Angustiada com a longa separação, Anita não esperou o navio atracar. Tomou os filhos pelas mãos embarcou em um pequeno barco e foi ao encontro do *Speranza,* onde subiu para saudar e abraçar seu esposo e companheiro. O reencontro emocionou todos que o presenciaram.

No dia seguinte, refeito da longa viagem o primeiro ato exigido por Anita foi atendido por Garibaldi. Acompanhados apenas por seus filhos, o casal dirigiu-se ao cemitério onde o pai de Giuseppe jazia, e ali sepultaram a urna contendo os restos mortais de Rosita. Por este episódio, que dobrou e sensibilizou a rudeza de um momento de conflitos e de guerras, pode-se aquilatar o profundo zelo, apego e devoção que Anita nutriu e manteve em relação aos seus sentimentos de mãe.

Valentin Valente registra que que durante os meses que Anita esteve em Nizza, enquanto esperou o retorno do marido, dedicou-se ao aprimoramento de seus conhecimentos. Nizza era uma cidade com pouco mais de vinte e cinco mil habitantes, mas com belezas naturais sem fim. Foi um período pródigo na descoberta de novos horizonte. Visitou o Palácio dos Lacaris, o Terraço, o Mercado das Flores, o Prado da Foz e o Passeio Saleia. Recusou-se, entretanto, a fazer excursões para fora da cidade, pois desejava fazê-las em companhia de Garibaldi.   Após ter conhecido a cidade, sua arquitetura, história, costumes e cultura, enquanto esperava ansiosa, aplacava sua angustia dedicando-se a leitura. Giuseppe gostava de ler e reler a "Divina Comédia", de Dante Aleghieri, que Anita já tinha tido a oportunidade de também ler. Mas o tempo que dispunha em Nizza permitiu-lhe ler outras obras. Ficou impressionada com as críticas feitas ao antigo Império Romano, escrita por Santo Agostinho em "A Cidade de Deus". Também leu obras como a "História de Joana D'Arc"; "La Bataglia de Legnano" de Guerrazzi e "La Monaca di Monza", de Rossini, entre outras. (83)

Naquele exato tempo, a Itália era um retalho de possessões estrangeiras, com poucas cidades e regiões que detinham sua autonomia administrativa. Esta fragmentação do território, que havia-se iniciado logo após a falência do Império Romano, criou o clima propício ao sentimento popular pelas lutas em pról da unificação italiana. De fato, o território compreendido entre Roma e Bolonha pertencia ao Vaticano; O Vêneto e a Lombardia estavam dominados e pertenciam ao Império da Áustria. O Piemonte, a Sardenha, a Ligúria e a região da Riviera (ali incluído Nizza) pertenciam a Casa de Savóia; a região sul, desde Nápoli até a ilha da Sicília pertenciam ao Rei da Espanha. Finalmente, a região central da bota italiana tinha sido partilhada por três duques germânicos.

Estimulados pelas idéias de Giuseppe Mazzini e de seu projeto para unificar a "Jovem Itália", uma considerável parcela de lideranças políticas das heterogêneas regiões desejava a Itália unida sob um regime republicano. Mazziniano desde os primeiro momentos, Garibaldi quando retornou deparou-se com um grave obstáculo para alcançar este ideal: O Rei Alberto e o Papa desejavam a unidade italiana, mas temiam a república, pois este regime colocava em risco o absolutismo do primeiro e o poder temporal do segundo. Sendo um guerreiro que colocou sua espada a disposição dos povos que lutavam contra o absolutismo e o despotismo, Garibaldi viu-se diante de uma situação inusitada, pois o processo de unificação da Itália passava e também dependia destes dois centralizadores e unitaristas governantes. O Papa Pio IX, que era um italiano, e sobre o qual havia-se concentrado as esperanças de liderança do processo unificatório, frustou a expectativa popular, pois ordenou aos generais pontifícios que retrocedessem as tropas despachadas para libertar o Veneto do invasor Austríaco. Entrementes, como o Rei Alberto já havia-se posicionado em favor da unificação italiana, para ele convergiram as esperanças de Garibaldi.

GARIBALDI PREGOU A UNIFICAÇÃO ITALIANA

Logo após a chegada em Nizza, diversas solenidades e homenagens foram prestadas à Garibaldi, Anita e seus legionários. Já conhecido e festejado em virtude da notícias dos jornais que publicaram os seus feitos na América, Garibaldi e Anita demonstravam-se seguros e resolutos. Ele apresentou-se trajando as mesmas vestimentas típicas dos revolucionários sul americanos: bombacha, bota, camisa vermelha e um pala branco. Era um personagem diferente, ao qual haviam-se agregados os novos e importantes conhecimentos militares, conquistados ao longo de diversos anos nas batalhas libertárias na América do Sul. Era herói que o povo italiano esperava para conduzi-lo !

No dia 25 de junho, no Hotel York, em Nizza, foi celebrado um banquete em sua homenagem, do qual participou o intendente do Condado, General Sonnaz. Alí, na presença do representante do Rei, em nome do projeto maior que era o de unificar a Itália, Garibaldi retrocedeu em seus ideais republicanos. Em discurso solene que proferiu disse que nunca tinha sido partidário dos reis e que inúmeras vezes havia pego em armas para lutar contra o absolutismo. Porém, tendo em vista *"que Carlos Alberto tornou-se servo da causa do povo, considero meu dever oferecer minha ajuda e de meus camaradas de armas"* (84). Concluiu seu pronunciamento elogiando as atitudes do Rei e exortou a população a colaborar e engajar-se no processo revolucionário.

A estratégica mudança do comportamento de Garibaldi, despertou a ira de lideranças mazzinistas, entre elas a de Giacomo Medici e do próprio Mazzini, que não admitiram a renúncia de Garibaldi aos ideais republicanos. Alguns dias após sua chegada em Nizza, sendo necessário colocar-se em marcha, passou a conclamar as cidades ao levante pela unificação. Por onde passou foi aclamado e em sua honra realizaram-se banquetes e comemorações. Seguiram-se dezenas de discursos em salões e em praças públicas. Em todas as ocasiões Garibaldi repetia a mesma argumentação em defesa da unificação, exortando os cidadãos para engajarem-se, aumentando seu pequeno exército. Como até aquele momento tinha constituído um exército particular, estimulado apenas pela torrente popular que clamava unificação, tornou-se importante colocar-se ao abrigo da Bandeira Real, motivo pelo qual solicitou e obteve audiência com o Rei Carlos Alberto, o que aconteceu nos primeiros dias de julho de 1848. Neste encontro, relatado por Achille Bizoni, Garibaldi colocou-se à disposição da Coroa e solicitou que seus legionários fossem incluídos no exército real como um corpo militar.

O Rei Carlos Alberto agradeceu, demonstrou-se sensibilizado, mas nada decidiu, pois, conforme argumentou, esta questão não dependia tão somente dele, mas de novas conversas com seus ministros. Pediu-lhe que fosse falar com Franzini, seu Ministro da Guerra. Embora não tivesse recusado, o Rei também não disse que aceitava os préstimos de Garibaldi.

Na verdade estava receoso com Garibaldi, pois no passado havia decretado sua pena de morte, exatamente por suas idéias republicanas, que atentavam contra sua soberania. Que garantias tinha de que Garibaldi, exitoso em sua empresa, posteriormente não atentaria novamente contra a monarquia ? Por

outro lado, como negar a espada que Garibaldi lhe oferecia ? Além do mais, embora o Rei desejasse a unificação italiana, secretamente escondia sob seu manto a ambição de unificar a Itália sob seu domínio, o que significava a manutenção e expansão do regime monárquico. Também sofreu pressões de seus generais, contrários a incorporação de Garibaldi às suas forças, movidos, provavelmente, pelo ciúme da emergente popularidade de Garibaldi.

Mesmo sabendo e avaliando todos estes fatos, Garibaldi foi ao Ministro da Guerra, que não o recebeu. Foi recebido por Ricci, Ministro do Interior, que sugeriu-lhe procurar colocar-se a serviço de Veneza, que naquele momento lutava contra os austríacos. O Ministro foi ríspido e objetivo:
"-Aqui não há vagas para vós".

ANITA PARTICIPOU DA BATALHA DE LUINO

Decepcionado pelas rejeições que suportou, Garibaldi tentou sobrepor-se à amargura que sentiu, dirigindo-se a Milão, onde os mazzinistas já haviam formado um exército, que acrescido com seus homens, chegou a 3.000, os quais passaram imediatamente ao seu comando. Era um exército de voluntários, de diversas procedências, sem disciplina e sem armas e equipamentos indispensáveis. Este exército não teve tempo sequer para organizar-se em companhias e batalhões, pois a falta de maior mobilidade militar dos soldados do Rei Carlos Alberto fez com que os austríacos, com um exército de 20.000 soldados voltassem a atacar, retomando a cidade de Milão. Depois de sofrer uma deserção de mais de 1.500 homens, Garibaldi foi derrotado na Batalha de Luino, onde combateu com apenas 400 soldados.

Segundo os historiadores Leite Castro, Henrique Boiateux e Lindolfo Collor, Anita participou desta batalha, tendo o seu cavalo sido atingido por um tiro, jogando-a ao solo. Garibaldi vendo-a caída, rapidamente puxou-a para a sela de seu cavalo e os dois, a golpes de espadas, abriram caminho entre os austríacos.
Mesmo derrotado e com minguados legionários republicanos, Garibaldi ainda permaneceu na Lombardia, onde na cidade de Morazzone tentou dar combate aos austríacos, sustentando pequenas batalhas. Depois desta batalha, Garibaldi retirou-se para a Suíça, entrando em Lugano, em cuja fronteira entrou disfarçado, juntamente com poucos de seus homens. Ali foi preso, mas logo posto em liberdade, pois o Cantão Tessin, onde encontrava-se, que tinha o italiano como língua oficial, era francamente favorável ao projeto de unificação. Mesmo sendo libertado, entendeu que a tão sonhada revolução pela unificação havia fracassado temporariamente. Era necessário retroceder e ganhar tempo para reorganizar-se.

Da Suíça voltou à Nizza, reencontrando Anita, que para lá havia voltado logo após a derrota de Luino. Garibaldi voltou doente, pois além de há algum tempo sofrer de dores reumáticas, em Roverbella contraiu malária. De volta atacou-lhe uma grave crise de artrite, o que o deixou com bastante febre e acamado por três semanas. Foi durante o tempo de sua ausência que Anita

desentendeu-se com sua sogra, mudando-se para a residência de Giuseppe Deideri, um amigo de infância de Garibaldi. Ali ficou esperando seu esposo, cuidando dos filhos, aproveitando seu tempo disponível para conhecer a cidade, adaptando-se aos seus costumes. Também dedicou-se a leitura . Quando o esposo retornou doente, voltou-se inteiramente à sua cura .
Tão logo reabilitou-se, Garibaldi tratou de dar prosseguimento a sua campanha. Como Veneza era a única região que resistia e ainda não havia caído em mãos *tedescas*, estes estavam concentrando seus esforços militares no assediamento da inexpugnável cidade, cuja resistência e defesa era mantida por Daniele Manin. Decidiu, então, que para lá deveria levar seus legionários. Desta vez Anita não o deixou partir sozinho, e impôs sua vontade. Garibaldi ainda convalescia e ao chegar em Gênova um novo ataque de artrite o fulminou, obrigando-o ali permanecer até curar-se. Durante sua permanência recebeu um apelo dos sicilianos, para auxiliá-los em sua sublevação contra a coroa de Nápoles. Quando ficou bom, ao invés de dirigir-se à Veneza, infletiu rumo ao sul, rumo à Napoli. Durante esta viagem, a legião cavalgava ostentando a sua frente Anita e Giuseppe, ovacionados nas diversas cidades e vilas por onde passaram. Entraram em Ravena à noite, com uma procissão a luz de tochas que a população ascendeu. Alí estacinou seu exército. Algum tempo após, diante da incerteza do momento, Garibaldi solicitou que Anita voltasse à Nizza. Sem entender exatamente qual o seu papel nestas marchas e contra-marchas, Anita submeteu-se a vontade de seu marido e voltou para o convívio dos filhos, mesmo porque já estava ausente e não escondia o desejo de revê-los.

PROCLAMADA A REPUBLICA ROMANA

Logo em seguida Garibaldi recebeu a notícia de que o povo de Roma, instigado pelas idéias republicanas, cansado de esperar pela iniciativa do Vaticano, havia obrigado o Papa Pio IX a evadir-se. Caíu a Cidade Eterna nas mãos dos mazzinistas. A notícia foi transmitida à Garibaldi por telegrama de Godofredo Mameli que lhe informou: "*Roma República! Venite*!".

Com a tomada de Roma, o tão acalentado sonho de unificar a Itália sob a bandeira de uma república começava a fazer sentido. Dia 8 de fevereiro Garibaldi adentra os umbrais romanos. No dia seguinte, 9 de fevereiro de 1849, aconteceu a proclamação da República de Roma, formando um Governo Provisório constituído por um triunvirato composto por Giuseppe Mazzini, Carlo Armellini e Aurélio Saffi.
Nos diversos dias que estiveram distantes, por diversas vezes, Anita pensou e tentou partir ao encontro de seu Giuseppe, para ficar ao seu lado, mas a prudente sogra ponderou e a impediu. Quando, porém, chegou a notícia de que Roma havia proclamado a República, não houve qualquer tipo de aconselhamento ou de prudência que pode deter o impulso guerreiro de Anita. Finalmente a república foi proclamada. Era apenas o início, pensou Anita. Idealista e ferrenha defensora do regime republicano, não conteve-se em ficar distante e ausente deste tão importante momento do processo de unificação. Por não dispor de recursos para viajar sozinha, solicitou emprestado de Francisco Carpanato duzentas liras e mesmo contrariando sua sogra,

embarcou em uma diligência para encontrar seu marido em Roma. No dia 26 de fevereiro de 1849 chegou em Rieti, onde Garibaldi estava estacionado com seus homens para evitar que o exército napolitano atacasse Roma. Ali permaneceu até 13 de abril do mesmo ano, quando voltou a Nizza. Os quase sessenta dias que ali viveram constituíram-se nos momentos de maior intimidade e privacidade que Anita desfrutou com Garibaldi, desde que haviam desembarcado na Itália. Foram dias felizes, cuja alegria e felicidade resultaram na fecundação da sua quinta gravidez ...
"Rietti, 04 abril 1849: Minha Querida irmã: ... passamos uma Páscoa maravilhosa. Durante este doce período de primavera, José e eu reencontramos o amor dos primeiros tempos. Foi até uma surpresa para nós dois, depois de oito anos juntos: já estávamos convencidos de que a paixão fose uma coisa da juventude. Pelo contrário, nós nos amamos como nunca, cheios de desejos e de ternura. Tanto que, de comum acordo, concebemos um outro filho ..." (85)

ANITA TORNOU-SE AMIGA DO PADRE REPUBLICANO UGO BASSI

Mesmo após ter abandonado Roma, os republicanos desejavam o retorno do Papa. Faziam coro com um grande movimento dentre os padres, que lhe reconheciam o poder religioso, mas lhe solicitaram depusesse o cetro do poder temporal. Com este objetivo, o clero baixo e os republicanos exortaram-no a voltar para Roma, para ser reinvestido em seus domínios espirituais. Sabiam os republicanos que, embora refugiado em Gaeta, o Papa havia solicitado a intervenção das potências católicas européias para restabelecerem seu poder temporal. Fervorosos católicos, muitos italianos estavam reticentes por não admitirem unificar a Itália a custa de tomar armas contra a Igreja Católica, representada pelo Papa. Foi de importante valia o movimento dos padres, que queriam a renúncia papal ao poder temporal, que lhe outorgava direitos políticos, possessórios e administrativos de vastas regiões.

Um destes padres foi Ugo Bassi, capelão da Legião Garibaldina, dono de notável oratória, que em seus atos religiosos predicou a volta do Papa, não como um rei, mas como um pastor da cristandade. Culto e com vasto conhecimento, sempre que tinha oportunidade de pronunciar-se, encantava e convencia a população para entender a verdadeira finalidade espiritual da religião católica. Durante seus sermões pregava que o poder devia ser exercido pelo povo, através de representantes eleitos, no mais legítimo modelo republicano. Acreditava que Garibaldi era um homem predestinado, em torno do qual a Itália seria um dia unida. Anita fez-se amiga do Padre Bassi, com quem manteve longas conversações, principalmente durante os diversos dias que estiveram estacionados em Rietti ou nas cavalgadas e movimentos das tropas. Ativista, o Padre Ugo Bassi usava sua roupa clerical, mas incluía uma camisa vermelha, símbolo da legião Garibaldina, sobre a qual portava uma corrente com crucifixo. Certo dia, durante um combate, quando ministrava a extrema unção a um soldado abatido, foi preso pelos austríacos. Alguns dias após Garibaldi consegui libertá-lo, trocando-o com outros prisioneiros. Após liberto, de nada adiantaram os apelos para que o Padre não se expusesse, quer nos combates, ou mesmo com o ostensivo uso da camisa vermelha, pois continuou com os mesmos procedimentos. As

pregações do Padre atingiram também a Anita, que em uma de suas cartas, em determinado trecho afirmou:
"*... foi justamente o padre Bassi quem me fez entender, com seu comportamento, a importância da compreensão mútua e da tolerância entre pessoas de boa-fé. Se o amor ao próximo é um sentimento religioso, então eu também posso entender a religião. Mas o que eu não posso aceitar é o poder temporal do clero, usado para fins corruptos".* (86)

Garibaldi preparou-se para ir em auxílio do Rei Carlos Alberto, que continuava a lutar contra os austríacos, mas foi surpreendido com a notícia de que a República Francesa, presidida por Luiz Napoleão, atacaria a República Romana, atendendo aos apelos de auxílio feito pelo Papa Pio IX. No dia 25 de abril o general francês Oudinot Di Reggio desembarcou com suas tropas no porto de Civitavecchia, muito próximo de Roma. Garibaldi, que logo após a proclamação da República Romana havia sido eleito deputado constituinte, foi chamado a Roma, quando outorgaram-lhe o posto de general-de-brigada. Foi convocado para preparar a defesa do iminente ataque francês. No dia 27 de abril, com seus legionários entrou em Roma pela Porta Maggiore. Estabeleceu seu quartel general na Villa Corsini. Três dias após, no dia 30, foi atacado pelos oito mil soldados do exército francês. Repelido o ataque com a bravura de seus legionários, dela ficou um saldo honroso, além de um ferimento leve que Garibaldi sofreu em uma das pernas.
Oudinot, que inicialmente pensava em reconquistar Roma com apenas uma batalha de poucas horas, obrigou-se a solicitar novos reforços a França. Garibaldi transferiu seu quartel para a Vila Savorelli. Dias após, chegavam novos exércitos, bem equipados. Ao todo, o general francês já dispunha de 36.000 soldados, enquanto as forças de Roma atingiam cerca de 15.000 homens.

Mais reforços estavam sendo aguardados pelos franceses, a quem, posteriormente, incorporaram-se tropas austríacas, espanholas, napolitanas e do Vaticano. Embora necessitassem recomporem-se, os franceses continuaram com os ataques, usando mais os canhões, bombardeando permanentemente as fortificações que guarneciam as entradas de Roma. O grosso de suas forças estavam sendo poupadas para uma batalha final. A Vila Savorelli e as demais fortificações que guardavam Roma continuaram sendo fustigadas. A luta tornou-se encaniçada e arrastou-se por diversos dias.

FOTO 20 : O PADRE HUGO BASSI

ANITA ROMPEU O CERCO E ENTROU EM ROMA PARA LUTAR PELA REPUBLICA ROMANA

Ao saber das notícias, Anita preocupou-se e solicitou a sua amiga Nina, um empréstimo e tomou novamente a diligência para Roma. Foi uma viagem que durou diversos dias. Partiu de Nizza outra vez e foi em socorro do marido. Estava Grávida de cinco meses, mas não importava, porque Roma estava cercada e dentro de Roma estava seu marido. Além dos franceses, tropas de diversas nacionalidades tinham vindo socorrer e restabelecer o poder

temporal do Papa.

Em Tarquínia, distante quase cem quilômetros de Roma, deteve-se a carruagem, impedida de passar em decorrência dos bloqueios militares da estrada, pois muitos patriotas italianos estavam seguindo para auxiliar os romanos sitiados pelos franceses. Dali escreveu um carta à sua amiga Nina:
"Tarquinia 23 de junho de 1849. ... Estou esperando uma chance para me aproximar e entrar em Roma ... Não é fácil por causa do cerco. ... Estou impaciente para chegar. Ouço notícias ruins de Roma, onde os franceses estão bombardeando sem parar os edifícios antigos. Até retomaram o ataque à traição, durante um tempo de trégua que eles próprios haviam pedido sob o pretexto de recolher seus feridos ..." (87)

Em Livorno Anita conseguiu um cavalo, no qual empreendeu a travessia da Toscana, da Úmbria e do Lácio. Cavalgando dezenas de léguas, de forma a evitar estradas vigiadas, no dia 26 de junho de 1849, burlando todo o tipo de vigilância dos austríacos e franceses, Anita consegue adentrar Roma. Entrou pela Porta Pia. Grávida de cinco meses, havia cavalgado sozinha, durante três dias, sob um forte calor do verão italiano. Quando muitos desejavam sair e abandonar Roma, por que já não suportavam mais o cerco agora ampliado e efetuado por 65.000 soldados inimigos, o que tornava a continuidade da luta inócua, Anita, ao contrário, sozinha, rompeu o cerco de fora para dentro e foi enfileirar-se, mesmo grávida e cansada da longa viagem, ao lado dos que ainda acreditavam na continuidade da luta pela manutenção do regime republicano. Quando Garibaldi, que estava reunido com seus oficiais em um improvisado quartel, a viu, surpreso, exclamou:
"*-temos mais um soldado*!"

Em carta enviada a sua irmã, Anita narra este episódio:
"Roma 1º de julho de 1849. Estou em Roma há cinco dias e receio que tenhamos que deixá-la amanhã, depois das terríveis lutas onde morreram muitos corajosos companheiros ... Além disso saí de Nice sentindo-me pela primeira vez oprimida pela angústia e essa sensação persiste até hoje. Ao beijar as crianças cheguei a me perguntar estupidamente se algum dia voltaria a vê-las ! Depois de Ter pedido à "mama" Deideri que cuidasse dos meus filhos com carinho, peguei meu cinturão com a pistola e fui para Gênova, onde esperava obter um empréstimo e embarcar para Livorno. ... fui embora tomada por uma aprofunda depressão, que não passou nem quando cheguei em Roma ... passei alguma dificuldade para achar o quartel, que nos últimos tempos tinha mudado de lugar duas ou três vezes. Para chegar até ele tive que atravessar a cidade, que estava suja e caótica como nunca. Além diso as ruas estão cheias de destroços e de gente apavorada com os bombardeios.... Ao chegar abri a porta do salão e vi o José, muito pálido, em pé atrás de uma mesa, rodeado pelos seus oficiais. Todos estavam debruçados sobre um mapa ... De repente o José ergueu os olhos e me viu. Do olhar triste e cansado ao clarão da alegria e reconhecimento, passou-se um segundo, o suficiente para que eu entendesse tudo, a sua prostração, a tristeza infinita, a necessidade de um rosto amigo, a felicidade de um homem que, num momento crítico de sua viida, vê uma pessoa que o ama. Ouvi sua voz, rouca mas decidida dizendo: - Senhores, esta é a minha mulher Anita. Temos mais um

soldado - Ante que eu tivesse tempo de falar, uma explosão muito próxima fez cair o reboco das paredes, levantando uma nuvem de poeira. Parte da cidade já estava destruída pelo fogo dos canhões que continuavam incessantemente. ... A noite fiz um curativo na perna ferida de José ... enquanto isso ele ia desabafando, contando as sujeiras que lhe tinham feito, as brigas com Mazzini, a dor de saber que a batalha de Roma não poderia ser ganha, conforme lhe tinha sido ordenado, pois haviam quilômetros de murros expostos aos ataques inimigos ... Já fazia tempo que queria levar as tropas para fora de Roma, para organizá-las e surpreender o inimigo. Mas as ordens era de resistir e o único resultado era a morte inútil dos seus homens, amigos e companheiros. Por isso sua tristeza era marcada pela raiva. ... De manhã cedinho ... caminhei por longo tempo pelas ruas cobertas de detritos. Lembro-me dos escombros sobre os quais se apoiavam os feridos, com as roupas ensanguentadas... Mas o pior foi ontem, quando lutamos o dia inteiro, sobre os muros aurelianos, com uma enorme perda de homens. Que dor eu senti ao ver, de repente, Aguiar morto ao meu lado ... o corajoso, leal e doce Aguiar está morto, vítima do fogo francês sobre o Gianícolo. Levei pessoalmente a notícia ao José ... Mas nem eu nem ele conseguimos conter as lágrimas ... A loucura humana, a tirania, o ódio, a exploração dos mais fracos parecem não ter fim ... " (88)

FOTO 21 : A BATALHA DE ROMA

(83)- ANITA GARIBALDI - HEROINA POR AMOR- VALENTIN VALENTI pg 229
(84)- GIUSEPPE GARIBALDI - MEMORIE - ALEXANDRE DUMAS
(85)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI - pg 183
(86)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI
(87)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI
(88)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - A . GARIBALDI - pg 191/193

CAPITULO XVIII - ANITA E GARIBALDI RECUSARAM-SE A DEPOREM AS ARMAS. ACOMPANHADOS POR 4700 LEGIONARIOS, RETIRARAM-SE DE ROMA

ANITA COMBATEU EM ROMA

Em 30 de junho o General Oudinot lançou seu mais decisivo ataque a Roma, bombardeando-a impetuosamente, Os republicanos resistiram dezoito horas de incessantes combates. Quando chegou em Roma, ficou hospedada na residência de Angelo Brunetti, conhecido como "Ciceruacchio" (Pequeno Cícero), porque era muito culto e fazia inflamados discursos em pról da República Romana. Era idolatrado pelos romanos. Sua esposa Lucrezia Brunetti acolheu Anita com vivo entusiasmo.
Na manhã de 30 de junho, Anita amanheceu combalida. Tentou levantar-se para ir ao Gianícolo, onde travava-se o mais ferrenho combate, mas não pode manter-se em pé. Não preocupou-se muito, pois atribuiu aquela sua "fraqueza

e tonturas" a sua gravidez de aproximadamente cinco meses. No entanto, provavelmente, era a primeira manifestação do impaludismo que a vitimaria fatalmente alguns dias após. Mesmo assim, queria participar da luta, acompanhar o marido em seus momentos mais difíceis, mas a sua debilidade não o permitiu. Sentindo que mesmo combalida deveria encorajar Garibaldi à combater com todas as suas forças, mandou-lhe um bilhete: *"Meu amigo, na hora da peleja, não penses em mim nem em nossos filhos: não cuides senão da Itália*". (89)

Irresignada por não participar, mais uma vez falou mais alto a consciência da guerreira, colocando em segundo plano seus sentimentos afetivos, preterindo-os pelos ideais republicanos.
Mesmo distante, mais tarde, sentindo-se restabelecida, Anita não pode conter-se. A sua indisposição e mal estar não foram suficientemente fortes para mantê-la acamada, afastada das linhas de combates. Grávida, combateu e assistiu a triste morte do fiel escudeiro Tenente André Aguiar, o negro que Garibaldi havia libertado na América. No dia seguinte, na ordem do dia de sua Legião, Garibaldi escreveu:
"A América perdeu ontem um filho valente, André Aguiar, e nele um penhor do amor dos livres de toda a Terra pela nossa Itália infeliz". (90).

A RETIRADA DE ROMA

Logo após esta longa e sangrenta batalha, que muito embora tenha sido vencida pelos defensores do papado, ainda não lhe deu a posse total de Roma, os líderes e membros da Assembléia da República Romana, reunidos sob a liderança de Mazzini sentiram-se compelidos a abdicar da continuidade da luta, e aceitaram um armistício que os obrigava a depor e entregarem as armas. Era o preço exigido e imposto pelos invasores estrangeiros, em troca de não trazerem o combate para dentro de Roma, arrasando seu prédios históricos, com suas arquiteturas, esculturas e obras de artes milenares. Todos concordaram com a imposição, menos Garibaldi, que sentenciou seu desejo de continuar a lutar fora dos limites romanos.
Na manhã do dia 2 de julho, Garibaldi mandou reunir sua legião na Praça de S. Pedro, além da população e dos "livres" que não admitiam o jugo estrangeiro. A Praça ficou apinhada de soldados e de populares, cuja massa humana estendeu-se até a vizinha Praça Rusticucci. Garibaldi chegou alguns momentos após, acompanhado por Anita, que graças aos chás caseiros de sua anfitriã, restabeleceu-se um pouco.
A voz de Garibaldi era esperada por milhares de soldados e populares, que não desejavam render sua jovem República à sagacidade do despótico inimigo invasor. Vivendo e compartilhando com milhares de homens um momento de grande emoção, Garibaldi alçou-se de seu cavalo, ergueu seu chapéu ao céu e pronunciou um breve discurso:
"Irmãos da Itália! Eu saio de Roma ! Quem quiser prosseguir a guerra contra o estrangeiro, que me siga ! Não ofereço pagamento, nem quartel, nem alimento ! Ofereço apenas fome, sede, marcha forçada, lutas com baionetas e morte ! Quem tem o nome da Itália, não apenas nos lábios, mas no coração, venha comigo ! Ao findar o dia, na Praça do Latrão". (91)

Os últimos raios de sol ainda iluminaram quando começou a fluir para a Praça indicada, de todos os cantos da Cidade Eterna, homens armados, a maioria maltrapilhos, judiados pelos incessantes ataques estrangeiros. Grupos formados por dissidentes de formações militares, que não haviam obedecido as ordens de seus superiores para deporem as armas surgiram pelas ruas que alimentavam a Praça, onde no centro, aguardando-os, encontrava-se Garibaldi. Ao seu lado Anita. Montava em um cavalo baio claro. Durante o dia tinha cortado os cabelos a nazarena e usava um chapéu escuro com plumas. Estava com botas de montaria. Vestiu um traje dos legionários, composto por uma jaqueta azul e calças cinza escuro. Na cintura portava um cinturão com uma pistola de um lado e do outro uma pequena espada. Estava com roupa tipicamente masculina, o que prenunciou sua disposição para participar da lutas que ainda deveriam acontecer. O sol já havia entrado quando Garibaldi pronunciou-se elogiando todos os que haviam tombado por um ideal, enaltecendo a coragem e a disposição dos que ali estavam para segui-lo. Já era escuro quando voltou seu cavalo para a direção do Portão Gregório e sinalizando com seu chapéu deu a ordem para retirada. Era dia 2 de junho de 1849.

Garibaldi, além de acompanhado da mulher, Anita, levou consigo cerca de 4.700 soldados e legionários, dando início à histórica expedição, que mais tarde seria conhecida como a "Retirada de Roma". A hábil estratégia por ele posta em prática nessa marcha, tornou-se célebre na história militar mundial. Na Retirada, a Legião Garibaldina enfrentou e combateu três corpos de tropas inimigas: franceses, espanhóis e austríacos.

Garibaldi sabia que Veneza e o Piemonte ainda combatiam os austríacos, tentando manter sua autonomia administrativa. Lá ainda existia o clamor da liberdade. Se a luta pela unificação da Itália devia prosseguir, era nesta direção que deveria conduzir seus legionários. Ao saírem de Roma foram admoestados por alguns conflitos desencadeados por forças francesas, que, entretanto, não geraram confrontos de maior importância, mercê das manobras que Garibaldi colocou em prática. Graças aos republicanos farroupilhas, havia apreendido os rápidos movimentos de guerrilha, ainda desconhecidos pelos tradicionais métodos de guerra européia. Alias, até hoje, a Retirada de Roma, é considerado um grande feito militar, pois não se pode imaginar como foi possível um contigente de 4.700 homens romperem o cerco de Roma, em cujos arredores estavam acampados 65.000 soldados de diversas nacionalidades, sob o comando do General Oudinot. Com Roma controlada e sob o domínio dos invasores, teria sido bastante fácil concentrar alguns milhares de soldados para aniquilar completamente a desordenada e mal equipada legião retirante, principalmente porque a mesma ainda não dispunha de hierarquia militar e nem de munições suficientes, com pouco armamento pesado.
Wolfang L. Rau narra detalhadamente esta retirada:

"Dez cavalarianos sob ordens diretas do Major Hoffstetter formavam a primeira vanguarda. Patrulhas ligeiras, igualmente a cavalo, cobriam os flancos ou alternavam a vanguarda. ...Havia então 2.500 homens de infantaria, todos armados com fuzis de percussão, com uma reserva de oitenta cartuchos cada. José Garibaldi e Anita iniciam a marcha, à frente do grosso da tropa que

se movia rápida mas cautelosamente. Ali iam Ciceruacchio com seus dois filhos, um dos quais um menino de 13 anos apenas. Ali estava o Padre Ugo Bassi, envergando a camisa vermelha, o chapéu de Cape1ão e o crucifixo. A cavalaria, - não muito eficiente, - constava de 400 homens sob os comandos dos majores Mueller e Migliazzo. Mais tarde foi colocada sob ordens do Coronel Bueno, um dos seguidores sulamericanos de Garibaldi. Era ele um oficial soberbo e teimoso que mais tarde desertou das fileiras da Divisão. Um único canhão para abuses de seis quilos, puxado por quatro cavalos, constituía toda a artilharia; mais simbó1ica do que capaz, entretanto serviria para facilitar a acolhida em alguma cidade menos hospitaleira ... 0 Tesouro da Legião trazia algum dinheiro papel, suficiente apenas para o minguado soldo de quatro semanas e compra de mantimentos durante igual período. Havia, também um importante documento fornecido pelo Governo Republicano de Roma, autorizando o General a fazer requisições oficialmente. Não esclarecia a procuração quem faria os pagamentos posteriores ... Anita montava um belo cavalo zaino, vestida como amazona em verde escuro, e trazia o chapéu calabrês com penacho do mesmo tipo que toda a coluna usava. ...Á vista de perigo iminente afivelava às pressas uma espada leve de cavalaria, a mesma, aliás, que já lhe prestara serviços na América do Sul".(92)

MESMO GRAVIDA E DOENTE, ANITA CAVALGOU E LUTOU CONTRA OS AUSTRIACOS

No dia seguinte atingiram Tivolo, onde pernoitaram. Pela manhã empreenderam a marcha novamente, pois haviam recebido a notícia de que tropas inimigas estavam em seu encalço. Dia 04 chegaram a Monte Rotondo. Neste dia Garibaldi completou quarenta e dois anos de vida. No dia 8 chegaram a Cesi, onde permanecem até dia 11. De lá seguiram para Orvieto, onde chegaram no dia 14. Dia quinze estavam em Ficulle e no dia 17 chegaram a Cetona.

Em represália por Garibaldi não ter deposto as armas ao sair de Roma, nos termos do armistício celebrado, as milícias invasoras sentenciaram a morte quem auxiliasse ou desse abrigo a Garibaldi e seus seguidores. A estratégia deu resultado, pois a repressão impingiu-lhe inúmeras baixas, em virtude da extrema falta de alimentos e equipamentos, o que fez com que muitos soldados desertassem. Quando saíram de Cetona estavam reduzidos a pouco mais de 2.000 soldados. Em poucos dias tinham ocorrido mais de 1.500 deserções.

Durante todo este trajeto, Anita não sentia-se muito bem, mas continuou tributando seu mal estar à manifestação rotineira de sua avançada gravides. Em Cetona, porém, voltou a febre que já tinha sentido em Roma, e como estava visivelmente grávida, chamou a tenção das senhoras daquela localidade, que desdobraram-se em gentilezas, oferecendo-se para hospedá-la até que curasse sua enfermidade, enquanto Garibaldi prosseguia com sua marcha em direção a Veneza. A esposa do Prefeito, Sra. Amália Gigli, ofereceu-lhe como presente uma saia de seda verde escuro e uma blusa de brocado preto. Garibaldi tentou convencê-la a ali ficar, até restabelecer-se . Alguns dias após encontrariam-se novamente, disse-lhe. De nada adiantou o

apelo do companheiro. Quando pela manhã Garibaldi montou em seu cavalo para ordenar a saída da cidade, lá estava Anita ao seu lado. Não permitiu deixar o marido sozinho em uma hora tão difícil, principalmente no momento que sobre Garibaldi abatia-se grande desânimo por ver frustado e derrotado o ideal de construção da república e unificação italiana, agravados pelo desgosto das deserções em massa que em suas tropas estava ocorrendo. Com tantas forças inimigas por perto, nada podia ser previsível. Os próximo dias, o futuro não ofereciam segurança alguma. Naquele instante, o que mais desejou foi ficar ao lado do marido, solidária a tudo quanto viesse a lhe acontecer. Desejou acompanhar o marido, e deste direito não abdicou, mesmo ao preço de sua vida.

Agora perseguidos pelos austríacos, e verificando que a Toscana seria impossível de atravessar em virtude da maciça presença inimiga, obrigaram-se a cruzar os montes Apeninos, cujo travessia era a única alternativa viável para atingirem Veneza. Íngreme e perigosa, a cordilheira de montanhas foi um obstáculo difícil de ser transposto. Garibaldi imaginou que uma vez escaladas as montanhas, ali não poderiam ser atacados pelas tropas tedescas, face a irregularidade geográfica das montanhas, o que lhe facilitaria sua estratégia de rápidos e diversos ataques guerrilheiros, feitos por poucos porém habilidosos soldados contra os flancos e retaguarda do inimigo, desconsertando e atrasando-os em sua perseguição. Além do mais, poderiam solicitar abrigo e proteção à República de San Marino, até hoje existente e um dos menores países independentes do mundo, incrustado na Itália, no alto do monte Titano. Garibaldi e alguns homens adiantaram-se de tropa e ali chegaram para solicitar asilo. Era o dia 31 de julho de 1849.

Alguns quilômetros antes de chegaram a San Marino, a retaguarda da Legião, que descansava de sua exaustão enquanto Garibaldi negociava o asilo político, foi atacada por uma tropa avançada austríaca, que surpreendeu os legionários. Exaustos e esfomeados, os soldados republicanos fugiram em desabada correria, sem oferecer combate e resistência. Anita, que tinha ficado um pouco mais adiante, vendo a covardia com que fugiam seus soldados, tentou fazê-los parar e voltarem para enfrentarem o inimigo, dando-lhe ordens de comando e estimulando-os a resistirem. Vendo que sua voz e seu comando não eram obedecidos, arrancou de um chicote e com ele estalando contra os fugitivos passou a bradar

"*-Lutem e não fujam, corja de covardes*!"

Dos companheiros que estavam próximos, ninguém teve coragem de segui-la. Todos acovardaram-se. Ficou sozinha, disparando sua arma e retendo momentaneamente o avanço da vanguarda austríaca pelo estreito caminho. Bem mais adiante da estreita coluna que serpenteava o caminho, do alto de outra montanha, Garibaldi assistiu ao inusitado ato de covardia de seus soldados e de extrema coragem de sua companheira. Vendo Anita completamente só, lançou-se com diversos homens em seu socorro, travando ali uma rápida batalha, homem contra homem, que resultou em um ferimento em Garibaldi, feito por uma lança, que atingiu-lhe a camisa e riscou-lhe o peito. Anita saiu ilesa da pequeno confronto, mas sua oportuna e corajosa

resistência impediu um massacre que os *tedescos* iriam fazer na retaguarda da coluna garibaldina em retirada.

A fadigosa subida das montanhas, o sol forte do dia em contraste com o frio das noites mal dormidas em improvisados acampamentos a céu aberto, a falta de alimentos adequados e a marcha forçada e rápida, provocaram o agravamento da doença de Anita, que agora sentia-se profundamente combalida, mas mantinha-se firme, sem queixar-se.

(89)- ANITA GARIBALDI HEROINA POR AMOR - VALENTIN VALENTI
(90)- IDEM - pg 271
(91)- Diversos autores italianos e nacionais dão redação diversa a este pronunciamento de Garibaldi, sem no entanto, divergirem do sentido.
(92)- ANITA GARIBALDI O PERFIL DE UMA HEROINA BRASILEIRA pg. 390

CAPITULO XIX - DOENTE, ANITA RECUSOU SEPARAR-SE DE GARIBALDI

EM S.MARINO, GARIBALDI DISSOLVEU SUA LEGIAO MAS RECUSOU-SE EMBAINHAR A ESPADA

Neste mesmo dia 31 as forças remanescentes de Garibaldi chegaram a San Marino. A diminuta República havia atravessado pelos séculos com sua reconhecida autonomia, e de acordo com sua concepção e tradição democrática, concedeu asilo a Garibaldi e aos seus homens, que foram instalados em um convento dos padres capuchinhos. Na verdade os sanmarinenses eram fervorosos defensores da unidade italiana, e viam a luta de Garibaldi com muita simpatia. Muitos haviam-se voluntariado e desde os primeiros momentos estavam engajados nas legiões garibaldinas.

Rapidamente, o exército austríaco, que os estava seguindo há diversos dias, alcançou a pequena República, cercando-a, cujos domínios estendiam-se

pouco além dos limites da cidade. Deram um *ultimatum*, mas logo a seguir passaram a usar mediadores para negociar a deposição de armas, evitando a invasão e inviolabilidade de San Marino. Aparentemente, Garibaldi e seus oficiais aceitaram a proposta do General Corzkonski, que concedia anistia e livre passagem aos garibaldinos, com a condição de entregarem suas armas e retornarem pacificamente aos seus lares, sob a promessa de que nunca mais levantariam armas contra o Arquiduque de Habsburgo. Se Garibaldi fizesse este juramento, também seria-lhe concedido passe livre, devendo retirar-se da península itálica, ficando-lhe assegurado o direito de exilar-se na Inglaterra ou na América.
Garibaldi, Anita e o seu estado maior estavam hospedados nos altos do Café Simoncini. Alí Anita repousou por poucas horas.

Em resposta oficial, para impedir que a inviolável República fosse invadida, Garibaldi concordou com as exigências e reunindo seus legionários, os dissolveu, não sem antes conclamá-los a não esquecerem de que um dia a Itália necessitaria libertar-se do opressor estrangeiro e unificar-se. Pessoalmente, porém, não havia concordado com a proposta, pois queria continuar resistindo, queria retirar-se de São Marino para evitando a invasão da República, mas não concordava em depor sua espada. E foi o que fez ! Na calada da noite do dia 31, acompanhado por cerca de duzentos homens, que recusaram-se a depor as armas e a deixá-lo, iludiu o cerco e desceu por uma escarpa de difícil acesso, retomando a direção de Veneza. A maioria o seguiu a pé.

Novamente Garibaldi tentou deixar Anita para restabelecer-se, desta vez aos cuidados da senhora Giuditta, esposa do proprietário do Café Simoncini, Sr. Lorenzo Simoncini, que anos mais tarde escreveria um livro intitulado "*Giuseppe Garibaldi e Ugo Bassi in San Marino*". Esta obra foi importante documento legado por uma testemunha ocular daquelas derradeiras horas que Anita ali passou. Em trecho de sua obra, narrou:

> *" ... Anita estava gravemente enferma, deitada no varandão do Convento dos Capuchinhos. Encarreguei meu filho Ludovico de trazê-la junto aonde estava seu marido, tratando de suas estratégias. Ele a encontrou estendida e padecendo no chão, mas ainda forte de espírito. Meu filho a trouxe apoiada em seus braços para minha casa, onde lhe havia sido preparado uma boa cama e tudo o que nos tivéssemos de melhor de alimentos e remédios para oferecer-lhe. Minha mulher e minha filha não a abandonaram um instante sequer, oferecendo-lhe o melhor conforto ... Recordo-me que no momento de deixar minha casa, Anita Garibaldi era sustentada por minha mulher e minha filhinha, as quais, com lágrimas nos olhos, pediam-lhe para ficar. Parecia que não queria separar-se delas e as beijava repetidamente. Mas a heróica mulher queria resolutamente seguir seu marido ..."* (Obra citada pg. 14)

FOTO 22: SAN MARINO

BASTANTE DOENTE, ANITA INSISTIU EM ACOMPANHAR GARIBALDI

Como vimos, a saúde de Anita preocupou Garibaldi seriamente, pois imaginava que era impossível que a acompanhasse em tão perigosa marcha, penhascos abaixo. Esta nova fuga seria muito mais vigiada e policiada do que até então haviam sido as anteriores. Pacientemente suplicou para que permanecesse em San Marino, até seu restabelecimento. A insistência de Garibaldi irritou Anita, que fulminou dura e seca resposta:
"-Tu queres é deixar-me ! Te contraria minha presença ?"
A resposta dobrou a insistência de Garibaldi, que nada mais pode fazer. Mesmo doente e febril, Anita já estava decidida e ele compreendeu que nenhum outro argumento adiantaria.

Sem dinheiro para comprar roupas adequadas, mais leves para o calor que estava fazendo, Anita ofereceu à sua anfitriã o belo vestido que havia ganho das senhoras de Cetona, em troca de uma roupa mais adequada ao clima quente daqueles dias.
.
Pouco após a meia noite, Garibaldi ergue-se de uma rodada com seus oficiais e conclamou:
" -A quem quiser seguir-me ofereço novas lutas, sofrimento e exílio. Pactos com o inimigo, jamais."

Nicola Zani, um morador de San Marino serviu voluntariamente de guia, mostrando-lhes a serpenteada e quase intransitável trilha, por onde desceram durante toda a noite. Garibaldi havia encarregado alguns oficiais para explicarem e orientarem aos demais soldados, pela manhã, a decisão que tinha tomado. Após uma pequena confusão, a legião iniciou a sua dispersão e retirada, dissolvendo-se. A confusão matinal e a retirada de San Marino ocupou bom tempo, para somente após os austríacos assediantes descobrirem que Garibaldi e seu estado maior haviam, novamente, logrado sua vigilância.

A audaciosa retirada de Garibaldi enfureceu os austríacos, cujos chefes ordenaram uma caça sem trégua. Como dirigiram-se para o mar, os austríacos comunicaram imediatamente sua esquadra naval, que bloqueava a cidade de Veneza, prevenindo-os da presença de Garibaldi nas redondezas.
Passaram pelas cidades de Sogliano, onde as escondidas, foram recebidos e alimentados pelo Prefeito. Ali Anita comeu pão, queijo, melancia e tomou vinho. Wolfang L. Rau indaga: *"Estará neste binômio vinho-melancia, a chave para o mistério de seu rapidíssimo falecimento ?"* (93)

Passaram, após, por Santa Paola, Roncofredo, Musano, Longiano e Gatteo. Às onze horas da noite, após ter mandado vanguardeiros espalharem a falsa notícia de que sua legião estava aproximando-se com milhares de homens, Garibaldi, Anita e seus homens chegaram na cidade portuária de Cesenatico. Em rápido ataque a uma guarnição austríaca ali estacionada, derrotou-os depois de algum tiroteio, aprisionando-os. Mandou buscar em suas residências alguns pescadores proprietários de treze barcos de pesca ali ancorados, movidos por uma vela central, conhecidos como "*bragocci*". Negociando e usando sua persuasão pela força militar, convenceu os pescadores a trocarem as embarcações pelos cavalos e outros objetos que ainda possuíam. A troca foi feita, mas os pescadores recusaram-se a manobrar as embarcações em

virtude do forte vento que soprava, que criava fortes ondas, impedindo a saída do Porto. Mesmo ameaçados por homens de Garibaldi, os pescadores fizeram-no entender ser impossível a saída do porto. Idealizou, então, levar duas âncoras para o mar aberto, após a rebentação, amarrando-as a uma forte corda, que foi estendida até onde estavam as embarcações. Segurando-se e puxando pelas cordas, os tripulantes e passageiros dos barcos poderiam puxar e ultrapassar as ondas que colocavam em risco sua saída. Iniciando a operação, ele próprio, tomou um barco pequeno, que remado pelos mais corajosos, levou as amarradas âncoras para o mar e lá as fundeou. Finalmente, quando clareou o dia, um a um os barcos de pesca já tinham-se feito ao mar. Esta operação consumiu toda a noite.

ANITA DITOU SUA ULTIMA CARTA

Durante aquela madrugada, a febre a prostrou ainda mais. Recostada em cordas e madeiras existentes no cais do porto, sem qualquer conforto ou medicação, sofreu dores. A única atenção lhe foi devotada pelo Padre Ugo Bassi, que com ela conversou demoradamente, que sem outra coisa pudesse fazer, limitando-se a ampara-la e a escrever uma carta que ela lhe ditou. Foi sua última carta !

Eram passadas das oito horas da manhã do dia dois de agosto, quando atingiram o alto mar. Estavam distante aproximadamente cento e cinqüenta quilômetros de Veneza. O barco em que Anita e Garibaldi estavam era chamado de *Passatempo*. Ao todo levava onze passageiros, além da tripulação formada por mais oito pescadores. Junto a eles estava o Padre Ugo Bassi e mais alguns fies seguidores. Também os acompanhou o Major Leggero, que seria o derradeiro companheiro de Anita, além de Garibaldi. Foi um fiel ajudante que Garibaldi conheceu ainda no Rio de Janeiro e depois o encontrou no Uruguai, acompanhando-o na viagem de volta à Itália. Durante a defesa de Roma tinha sido ferido e quando Garibaldi retirou-se, ficou hospitalizado. Tão logo recuperou-se, seguiu-o e o encontrou as vésperas de abandonar as muralhas de San Marino.

No afã de zarpar o mais depressa possível, levaram pouca provisão, faltando-lhes água potável. Anita ficou deitada sobre algumas cordas e velames. Ardeu de febre, solicitando água a todo instante. Durante todo o dia velejaram sem que houvesse um único incidente ou contratempo, com exceção da falta de água, que todos tinham renunciado para que não faltasse à Anita. Assim mesmo faltou ! A despeito deste enorme sofrimento, na noite que ficou no cais de Cesanatico, encontrou forças para ditar ao Padre Ugo Basi sua derradeira carta, endereçada à sua irmã:

"Cesanatico, 2 de agosto de 1849. Querida irmã: Estou estendida no chão, exausta, no cais do porto de Cesenatico, com as costas apoiadas em sacos de tela e quem está lhe escrevendo por mim é o padre Bassi, em italiano. De algum jeito você vai conseguir entender, talvez com a ajuda de algum exilado no Rio. Preciso de ajuda para lhe escrever porque, pela primeira vez na vida, estou tão fraca que a minha vista ficou nublada. Estou com medo, sim, acho

mesmo que meu fim está próximo. Gostaria pelo menos de terminar a carta de Cetona para poder entregá-la ao correio ...Não sei lhe dizer por que estou me sentindo tão mal. Não tive nenhum ferimento, mas o mal-estar, ao invés de melhorar, piorou tanto que me reduziu a este triste estado. Minha barriga parece estar ficando cada vez mais inchada e eu não estou sentindo nenhum movimento. Estou achando que meu filho está morto, que a nossa criança da primavera de Rieti nunca verá a luz. Depois da breve trégua de Cetona, continuamos a marcha rumo aos Apeninos, num sobe-e-desce de trilhas poeirentas que parecia não ter fim. Eu continuava a me arrastar atrás do cavalo e de vez em quando montava para descansar, apesar da dor na barriga. Assim como os outros pobres animais, ele estava magro de dar medo. Depois de dias e dias de caminhada, finalmente apareceu o rochedo de San Marino, majestoso, ao longe. Gastei as minhas últimas forças para chegar perto dos muros, onde esperei a volta de José, que tinha ido na frente e entrado na cidade para pedir permissão de trânsito. Cara irmã, enquanto eu estava estendida no chão para retomar o fôlego, ouvi tiros e vi atrás de nós, no vale, parte da nossa retaguarda se dispersando, tomada de pânico pela aproximação de uma patrulha de austríacos. Não sei como encontrei forças para reagir. Eu me levantei, montei no cavalo e fui a galope na direção dos fugitivos, para incitá-los a reagir. Mas não adiantou. Quase todos aqueles malditos covardes fugiram sem nenhuma vergonha, enquanto eu gritava para eles pararem. Não pude fazer nada para o José e , o que é pior, estou percebendo que, doente deste jeito, sou apenas um peso para ele, que agora luta pela própria vida. Este pensamento me incomoda e me angustia, pois me dá a medida de minha impotência. Mas qual é a alternativa? Foi em San Marino que me dei conta disso. Depois de vencermos tantas dificuldades para entrar na cidade, acabamos ficando lá por poucas horas. Angustiada, vi José, com o rosto tenso e os olhos fundos de tanto cansaço, obrigado a dissolver a Legião Italiana. Depois, deitei-me na cama, enquanto tudo ao meu redor girava vertiginosamente. Lembro-me das mulheres, ao meu redor, tentando me convencer a permanecer na cidade até ficar curada. Até morrer, eu pensava. E me aterrorizava pensar em ficar sozinha e morrer em terra desconhecida, sem nenhum rosto amigo. Quando o José entrou no quarto me dizendo a mesma coisa, comecei a chorar, pedindo que ele não me deixasse, que não me abandonasse. Com ele entrou um oficial. Insistiam em que eu ficasse, dizendo que não era possível continuar a fuga nas minhas condições. Quanto mais eles falavam, mais eu chorava, mais a fraqueza e a náusea tomavam conta de mim, mais eu implorava, tentando me agarrar à mão de José que estava perto de mim. Então eu ouvi a sua voz pedindo que eles entendessem, que eu precisava de ajuda para partir com ele, que eles não tinham idéia de quanto amor ele me devia. Não posso descrever o meu alivio. Acabou ficando decidido que eu descansaria por algumas horas e depois partiria com um pequeno grupo que José conduziria para Cesanatico, para embarcar rumo a Veneza. Mas não consegui dormir nem um segundo, tal era o meu pavor de ser deixada para trás, apesar da palavra de José. As mulheres de San Marino devem ter pensado que eu era louca. Não tive coragem de confessar os meus verdadeiros medos, as minhas incertezas. Só pedi que me dessem uma saia e uma camisa de algodão, em troca do vestido de seda, para não desmaiar de calor durante a viagem. Saímos de San Marino no escuro, antes de amanhecer. Consegui levantar com a ajuda do capitão Leggero e do

Padre Bassi, que também me ampararam nos piores momentos da jornada. Durante o percurso, ofereceram-me uma melancia fresca e muito doce, como aquelas que às vezes encontramos nos nossos campos... lembra? Agora estou aqui, no fim do caminho ! O que posso lhe dizer? Que faria tudo de novo ? Acho mesmo que sim ! Estou à horas assistindo às tentativas ansiosas de José para zarpar antes da chegada dos austríacos, enquanto eu, deitada no chão, sou inútil. Agora sou apenas um peso para todos, fazendo-os correrem o risco de atrasar sua fuga para a salvação. Eu sei disso, mas não consigo controlar o terror que toma conta de mim ao pensar em enfrentar a morte sozinha, sem o José. Em todos estes anos, eu me entreguei a ele, aos filhos, aos nossos ideais comuns. Agora chegou o momento da necessidade, tenho que me humilhar para pedir ajuda, como uma criança. 0 Padre Bassi me consola, dizendo que nunca serei abandonada. Daqui a pouco ele vai com esta carta à procura de um mensageiro, para lhe enviar a minha última saudação. Irmã muito querida, queria poder abraçá-la, sentir você perto de mim... mas é tarde demais. Lembre-se de mim e do afeto que sempre nos uniu. Anita." (94)

A flotilha navegou junta, sob o comando de Garibaldi, que tentava avistar e evitar encontro com os barcos austríacos que faziam o bloqueio ao sul de Veneza. Ao chegar nas proximidades do Delta do Rio Pó, por volta da meia-noite, foram avistados por cinco barcos de guerra inimigos. Garibaldi tentou iludi-los, na esperança de que fossem confundidos com barcos de simples pescadores. Mas a tentativa foi em vão, pois os comandantes estavam alertados quanto às astúcias e aos engodos do guerrilheiro da liberdade. Logo os navios de guerra abriram a boca mortal de seus canhões, tentando acertar a flotilha dos pequenos barcos. Aos gritos, Garibaldi ordenou para que os *bragocci* dispersassem-se, aumentando a chance de alguns fugirem, dificultando a perseguição e captura de todos. No entanto, a tripulação de pescadores, encarregada de conduzir os barcos, atemorizada por não ser afeita aos horrores e à coragem exigida em guerra, resolveu render-se, mesmo contra a vontade dos passageiros garibaldinos. Arriaram a vela 8 dos *bragocci*. 160 homens foram capturados. Os 5 barcos restantes conseguiram evadir-se, rumando para as praias próxima de Magnavacca, hoje cidade conhecida como Porto Garibaldi, onde os navios adversários não puderam ancorar! Três barcos encalharam bem próximo a costa. Em um deles estava Anita. Garibaldi desceu rapidamente e levou para terra firme em seus braços a sua companheira, consciente, mas agravando-se sua febre e debilidade.

COMPANHEIROS FORAM PRESOS E FUZILADOS

A região do Delta do Rio Pó era formada por terrenos alagadiços, repleto de pântanos e de canais, que formavam incontáveis ilhas e lagoas interligadas, muito semelhante a região do Camacho, onde Anita havia nascido, nas proximidades de Laguna, no Brasil

Prevendo que aquela orla litorânea logo estaria repleta de soldados inimigos para os prenderem, Garibaldi ordenou aos seus trinta patriotas que com ele ali tinham aportado, que se dispersassem, o que foi feito. Em Ariano, poucas horas após, eram presos 16 companheiros de Garibaldi, alguns dos quais

foram fuzilados uma semana após em Tiepolo. Em Comachio, outros onze garibaldinos foram presos, que no dia 8 de agosto foram fuzilados em Bolonha, entre eles o Padre Ugo Bassi.

Junto a Garibaldi e Anita ficou apenas o major Leggero, que recusou-se a abandoná-los, oferecendo sua mão e braços para ajudar a transportar Anita para local seguro. Com o auxílio de um homem da região alcunhado de *Baramoro*, que assistiu ao desembarque, Anita foi transportada através dos altos juncos e de densa vegetação, sendo conduzida por cerca de mil metros para uma cabana de palha, habitada pela viúva Caterina Cavalieri, de idade avançada, que nada mais pode oferecer a não ser a água para matar a insaciável sede de Anita. Ali permaneceram cerca de uma hora, pois a qualquer momento poderiam ser descobertos pela milícia austríaca que os procurava vasculhando todos os recantos. Enquanto descansavam o fiel Leggero saiu a procura de algum tipo de ajuda, encontrando-se com o Coronel Gioachino Bonet, conhecido de Garibaldi, natural de Comachio, republicano e adepto garibaldino. Como era fazendeiro na região e tinha sido alertado por um irmão de que o *condottieri* passaria pela região em direção a Veneza, ao ouvir os canhoaços dos barcos imaginou o que estava acontecendo, e saiu de sua casa na tentativa de ajudá-los de alguma forma. Foi ele o responsável por um espetacular plano de fuga, destinado a retirar Giusepe Garibaldi e Anita daquela região, infestada por militares a caça de Garibaldi.

Este plano de fuga ficou conhecido como "Trafila". A primeira providência foi remover o casal para outro local, por caminhos não usuais, quase que intransitáveis, mesmo a pé, porém mais seguro. O novo esconderijo ficava distante aproximadamente dois mil metros. Anita não tinha mais forças para caminhar, motivo pelo qual foi improvisada uma maca, revezando-se Garibaldi, Leggero e Bonet nas pontas. No caminho encontraram outro patriota, chamado Carlon, profundo conhecedor dos tortuosos caminhos entre os canais e pântanos da região. Também os ajudaram no revezamento da maca de Anita. Após o percurso o grupo chegou a casa de Giovanni Feletti, onde permaneceram das 10 horas da manhã até às 11:30 horas de 3 de agosto. Foram atendidos e cuidados pelas mulheres da casa, que desdobraram-se em gentilezas e atenções com Anita, dando-lhe remédios caseiros e muita atenção. Nino Bonett estava tentando levar Garibaldi em direção oeste, e Garibaldi queria prosseguir para o norte, em direção à Veneza. Bonet o tirou de perto de Anita e num compartimento contíguo da casa, disse-lhe que Veneza estava para cair em mãos dos austríacos a qualquer instantes, motivo pelo qual seria inviável dirigir-se para lá naquele momento. Além do mais, toda a costa norte, de Comachio até Veneza estava sendo vasculhada, a procura de Garibaldi. Também argumentou que já tinha providenciado uma retirada secreta, em direção oeste, para onde os austríacos não esperavam que Garibaldi buscasse refúgio. Além do mais, patriotas republicanos e mazzinistas já os aguardavam. Propôs à Garibaldi separar-se de Anita, que não resistiria aos desgastes e esforços que teriam que fazer para continuar na fuga. Concluiu que esta providência era necessária, até pela segurança da mesma, a qual ficaria em Comachio, em sua própria casa, protegida pela sua família e assistida por um médico que já fora avisado. Garibaldi ouviu as ponderações e julgou-as procedentes, mas

condicionou sua aceitação a aprovação de Anita, que gradativamente colocada a par da situação, concordou com o plano de Bonet. Sabia e tinha consciência de que sua moléstia colocava em risco não apenas a si própria, mas também a Garibaldi. Para disfarçar a dor de sua separação, antes de concordar definitivamente, fez Bonet jurar que salvaria Garibaldi. E Bonet jurou !

Ainda que subitamente, naqueles derradeiros momentos devem ter desfilado em sua memória todos os acontecimentos de sua efêmera vida, desde os primeiros momentos que passou a interessar-se pela liberdade dos oprimidos, que sofriam nas mãos de regimes despóticos como o da Regência da Monarquia Brasileira, de Oribes, do Papa e de todos os que um dia haveriam de sucumbir. Relembrou de seu pai, mãe e familiares, farrapos sociais, humanos excluídos, iguais a grande maioria dos que viu lutarem e imolarem suas vidas em terríveis guerras fratícidas, bradando pelo inegável direito de autodeterminarem-se. Sentiu que sua vida ali definhava, mas ainda deve ter tido forças suficientes para lamentar a imbecilidade dos capachos e dos servis, que deixavam instrumentalizarem-se e armarem-se para sufocar a voz dos livres, dos libertos, que embora distantes e separados em dois continentes, clamavam em uma uníssona voz pelos sonhos de fraternidade, humanidade e igualdade social, os mesmos ideais que nela haviam sido incutidos pelo querido Tio Antônio, o lageano farrapo e republicano.
Lembrou-se de seu feliz encontro com Garibaldi, suas cavalgadas e os venturosos dias quando o mundo real abriu-lhe e a fez transpor o portal da imortalidade. A venturosa união que lhe mostrou o mais legítimo casamento e o que era o verdadeiro amor. Lembrou-se dos filhos, do quanto os amava, e quanto os desejava perto. Naqueles derradeiros momentos, deve ter querido abraçá-los, beijá-los, explicar-lhes que embora tivesse sido uma mãe zelosa, tinha assumido missão ditada pela sua consciência, e que se não a ouvisse, não seria digna dos filhos orgulharem-se de sua mãe.
Em relances sua efêmera vida desfilou-lhe na mente. Mesmo assim, naqueles derradeiros instantes, Anita deve ter sentido medo pelo futuro de seus filhos, medo pelo destino incerto de seu companheiro. Em relação a si, sentia medo de morrer sozinha, mas não tinha medo de enfrentar a morte, com coragem, como a enfrentou tantas vezes nos campos das inúmeras batalhas em que a desafiou.

AS ULTIMAS HORAS DE VIDA DE ANITA

Ao que resgatou-se dos depoimentos de Garibaldi, estes foram os últimos momentos de lucidez e consciência contínua de Anita. A partir de então, passou a ter ataques e convulsões, alternando entre desfalecimentos e momentos de lucidez.

O Plano previa retirarem-se em direção oeste. Após deixarem Anita em Comachio, Garibaldi prosseguiria. Já era próximo ao meio-dia quando saíram em direção a Comachio. Anita foi instalada deitada em um carro de boi. Bonet foi na frente para fazer os preparativos da chegada. Além de Leggero, Felippo Patrignani acompanhou o casal. Após duas horas de incessante calor, em uma

marcha bastante lenta para ser mais confortável para Anita e por temerem encontrar forças inimigas, chegaram à casa Zanetto. A pequena comitiva foi recebida por Tereza de Carli. Eram 19:30 horas quando Bonet voltou a encontrá-los na Casa Zanetto. Tinha vindo com um barco, que juntamente com dois remadores atravessou sinuosos canais. Anita estava deitada em um leito, mas seu estado havia piorado consideravelmente, chegando a delirar em determinados momentos. Alí Bonet queria efetuar a separação do casal. Anita que inicialmente havia concordado em separar-se, para salvar a ambos, refluíu e nos momentos que voltava dos delírios, passou a implorar que Garibaldi não a deixasse morrer sozinha. Sensibilizado, o *condottieri* respondeu: *"Bonet você não pode imaginar quanto serviço esta mulher me prestou ! Quanto e qual ternura ela nutre por mim Eu tenho para com ela um imenso débito de reconhecimento e amor !... deixe que me siga !"* O amor e a gratidão falaram mais alto do que a própria razão e Bonet acabou também concordando, sensibilizado com a cena que testemunhou, que mais tarde seria reproduzido na obra escrita e impressa em Bolonha intitulada "O Desembarque de Garibaldi em Magnavacca".

Legerro, Garibaldi e Anita embarcaram na canoa, com dois remadores por volta das 20:30 horas e durante quase toda a noite remaram pelos canais e lagoas, em direção a sua fuga, agora infletindo em direção sul, com objetivo de confundir e despistar ainda mais os austríacos, que os julgaram percorrendo direção norte. De madrugada, em local previamente determinado por Bonet, receberam mais uma canoa e os remadores foram substituídos por outros descansados, que os aguardavam. Porém, por volta das quatro horas da manhã, os remadores descobriram a identidade dos viajantes que carregavam, e amedrontados pelas ameaças e fuzilamentos sumários que já tinham acontecido com quem colaborou com o casal Garibaldi em fuga, abandonaram Anita, Giuseppe e Leggero, a despeito dos apelos que estes formularam. Os deixaram numa cabana rústica, feitas com capins, as margem do lago por onde navegaram. A heroína foi acomodada da melhor forma possível no interior da cabana e os dois homens, sem meios e sem saber o que fazer, quedaram-se imóveis, a espera dos acontecimentos. Quatro horas depois, por volta das oito horas da manhã, foram socorridos pelos irmãos Michele e Mariano Guidi, audazes remadores e contrabandistas de peixes, enviados por Nino Bonet, que pressentindo o ocorrido, os mandou para eventual socorro. Somente a uma hora da tarde concluíram a complicada travessia das intrincadas e interligadas lagoas. Porém havia um novo problema: a charrete planejada pela *Trafila*, que os deveria estar esperando na *Chiavica Di Mezo* não estava no local indicado. Nova espera, que durou três longas e angustiantes horas. Às 17:30 horas Anita é colocada sobre uma charrete, que dirige-se para a Feitoria de Mandriole, enquanto outra a charrete, que havia-se retardado é mandada a cidade de Santo Alberto, ali próximo, para chamar o Dr. Pietro Nannini, que deveria ser conduzido à Fazenda Guiccioli, sob o pretexto de atender a grave enfermidade da proprietária do estabelecimento para onde Anita estava sendo conduzida. Nos três quilômetros faltantes, Garibaldi seguiu a charrete a pé, fazendo sombra a Anita com um guarda-chuva, protegendo-a do fustigante sol. Naquele lento trajeto, por terreno que não era estrada de carruagem, Anita balbuciou suas últimas palavras à Garibaldi. Falhou-lhe sobre os filhos. Disse-lhe que não

tinha medo, mas que sabia que seu fim estava próximo. Pediu para que Giuseppe falasse com os filhos, que gostaria de estar com eles, que os amava muito, mas que tendo prenunciado a hora derradeira, escolheu estar perto do seu homem, lutando pela mesma causa. Implorou que a justificasse perante aos filhos de como era difícil para ela ser mãe, esposa de um homem como ele e compelida pelo dever de consciência a ter que lutar por um ideal.

"NÃO, NÃO ELA NÃO ESTÁ MORTA"

Logo em seguida, momentos antes de chegar à Fattoria Guiccioli Anita não mais falou, já agonizava e uma leve espuma vertia de seus lábios, que Garibaldi insistia em limpar a todo o instante com um lenço que mantinha nas mãos. Quando chegaram finalmente ao sobrado da Fazenda, já estava presente o médico Dr. Nannini, que atendendo as súplicas de Garibaldi (- "por amor a Deus, salvai-a!"), ordenou que fosse transportada para dentro de casa. Garibaldi, Leggero, Manetti e Nannini, cada um pegou em um dos cantos do colchão onde estava deitada e a transportaram para o andar superior do casarão da Feitoria, deitando-a em uma cama de ferro de um pequeno quarto.

A resistência de Anita havia atingido os limites humanos e seu combalido corpo não havia resistido a tamanhas provações. Ao ser transportada para o interior da casa poucos minutos de vida ainda restavam-lhe. O médico, após examiná-la, resignado, sentenciou que nada mais podia ser feito, que sua vida agonizava, que estava prestes a expirar.

Em suas memórias, Garibaldi escreveu: *"Ao depor minha mulher no leito, me pareceu descobrir em seu rosto a expressão da morte. Tomei-lhe o pulso ... já não batia. Eu tinha diante de mim o cadáver da mãe de meus filhos, que eu tanto amava."*

Quando convenceu-se que o manto negro da morte havia sobreposto sua escuridão sobre as irradiantes luzes que sua companheira irradiou durante àqueles dez anos, Garibaldi não mais conteve o pranto, dobrou-se sobre a moribunda e extravasou tudo o que sentiu naquele doloroso momento. Ajoelhou-se ao lado da cama, segurou com as duas mãos a face de Anita e exclamou:
" - Não, não, ela não está morta! Não é senão um novo ataque. Muito teve que sofrer, mas ela vai ficar boa ! Não está morta ! Anita ! É impossível ! Olha para mim Anita ! Fala comigo ! Quanto eu perdi !" (95)

Anita acabara de expirar ! Eram 19:45 horas de sábado, dia 4 de agosto de 1849 .

FOTO 23: CASA ONDE ANITA FALECEU
FOTO 24: IGREJA DE MANDRIOLLE

(93)- ANITA GARIBALDI O PERFIL DE UMA HEROÍNA BRASILEIRA - WOLFGANG L. RAU - pg. 438)
(94)- ANITA GARIBALDI A MULHER DO GENERAL - ANITA GARIBALDI
(95)- ANITA GARIBALDI - O PERFIL DE UMA HEROINA BRASILEIRA - WALFANG L. RAU - pg. 468

CAPITULO XX - ANITA FALECEU. FOI SEPULTADA SETE VEZES

NO PRIMEIRO SEPULTAMENTO FOI ARRASTADA POR CORDA AMARRADA NO PESCOÇO

Garibaldi sentiu em sua alma a maior e mais triste de todas as suas derrotas, e culpou-se amargamente por não tê-la deixado entregue aos cuidados das senhoras de Cetona ou em San Marino. De nada tinha adiantado todo o esforço e o sacrifício da penosa fuga. Tinham restadas infrutíferas as dores e os temores daqueles últimos dias em fuga, que ela mesma havia imposto a sí própria e ao seu companheiro. A fatalidade e a morte venceram a ambos !

Não foi somente Garibaldi que pranteou tão lastimável e insubstituível perda. Os compatriotas italianos, os liberais uruguaios, os farrapos brasileiros e os republicanos dos dois continentes, que não puderam prantea-la no derradeiro instante de sua vida, prantearam-na depois, cujas lágrimas foram convertidas em milhares de placas e monumentos que ergueram-se nos diversos países do

Novo e do Velho Mundo.

Passados os instante iniciais do trágico acontecimento, o fiel Leggero tentou retirar Garibaldi do local, pois tinha sido informado que um destacamento austríaco andava pelas proximidades de onde encontravam-se. Garibaldi recusou-se a retirar-se do local, não queria abandonar o corpo inerte de sua amada esposa e companheira de tantas lutas. Queria dar-lhe um sepultamento digno. Fez com que os presentes e responsáveis pela Fattoria assim prometessem. Mesmo assim, permaneceu ao lado do inerte corpo de Anita, enquanto o Major Leggero a todo instante implorava para ambos retirarem-se do local, pois a presença colocava em risco não apenas a si próprio, mas também a todos da Fattoria:
"-Pela Itália, pelos teus filhos, devemos partir ..." (96)

Uma hora após a morte de Anita, derrotado e contrariado, Giuseppe Garibaldi foi retirado do local e conduzido por uma charrete para a localidade de Santo Alberto, dando prosseguimento a *Trafila*, que o levaria salvo ao exílio na América. Ao sair, porém, prometeu à sua própria consciência que um dia voltaria para buscá-la, fazendo-lhe um funeral compatível com a grandiosidade de sua coragem e dedicação. Prometeu sepultá-la novamente, ao lado de seu pai, em Nizza, promessa esta que efetivamente cumpriu após dez anos, tão logo retornou de seu longo exílio, antes de iniciar a segunda parte da guerra pela unificação da Itália.

Antes de retirar-se do local onde jazia o inerte corpo de sua companheira e amada, retirou do cadáver os sapatos, o sobrevestido, um lenço e um anel. Levou consigo apenas o anel, deixando no quarto mortuário o restante. Anita chegara em Mandriole já semi-despida para maior conforto da moribunda.
Suas roupas de reserva vinham em uma bolsa à parte. Tudo foi posteriormente confiscado pelas autoridades.

A promessa feita à Garibaldi, entrementes, não pode ser cumprida. Como justificar aos vizinhos, à polícia e aos austríacos os demorados atos religiosos sem que a identidade da morta fosse revelada ? Era necessário livrarem-se do corpo, o mais rapidamente possível, pois já tinham feito a parte essencial de suas obrigações cristãs. Agora era necessário resguardarem sua integridade física. Assim, tão logo afastou-se Garibaldi, Stefano Ravaglia ordenou a dois operários braçais da *Fattoria* o clandestino e rápido enterro de Anita. Com medo e por não terem nenhuma ligação ou relação com a morta, executaram a féretra empreitada sem a mínima consideração, de maneira dantesca e brutal, apavorados por duplo medo: o de contágio, pois ignorava-se a moléstia que matou Anita, e o das patrulhas noturnas do General Gorzkowski. Transportaram o cadáver, displicentemente jogado sobre um carro de duas rodas, até meio quilometro afastado da *Fattoria*. Como encalhou na areia o rústico veículo, completaram o percurso até o local previsto arrastando a morta pelo chão, por meio de uma corda que lhe amarraram ao pescoço! No local até hoje conhecido *Landa Pastorara*, formado por um areal coberto por vegetação rasteira, sepultaram-na em cova rasa, às pressas e escondidos pela escuridão da noite.

Poucos dias após o secreto sepultamento, uma mão feminina, já dilacerada por animais, foi descoberta pela menina Pasqua Dal Pozzo, aflorando do pasto ressequido. O fato foi informado aos pais e estes comunicaram à polícia. Rapidamente correu a notícia do achado de cadáver de "*mulher desconhecida*"...

Após a exumação cadavérica, seguiram-se as costumeiras providências oficiais: laudos policiais e do clero. A necropsia revelou a existência de feto de cerca de seis meses, sem possibilidade definir-lhe o sexo, devido ao adiantando estado de putrefação.

A ação dos desalmados coveiros, tinha produzido um ferimento profundo no pescoço de Anita, que confundiu o médico legista na posterior necropsia, fazendo-o declarar em seu primeiro laudo que tinha ocorrido "morte por estrangulamento"

Inicialmente acreditaram as autoridades locais que se tratava de um homicídio por estrangulamento, praticado contra uma mulher grávida, provavelmente da Região, motivo pelo qual foi instaurado um inquérito policial para apurar a responsabilidade criminal. Como a morte de Anita foi conhecida por diversos operários da *Fattoria Guicciolli*, poucos dias após soube-se que tratava-se do cadáver da esposa de Giuseppe Garibaldi, o que atraiu a atenção das autoridades militares austríacas que buscavam o casal.

Estes rapidamente espalharam a notícia de que a marca ao redor do pescoço de Anita havia sido provocado por Giuseppe Garibaldi, que querendo livrar-se do incômodo da presença de sua doente e grávida mulher, a havia enforcado. Para dar maior credibilidade ao boato que visava tão somente denegrir a imagem do *condottieri*, exibiram o laudo médico que afirmava ter ocorrida a morte por estrangulamento

Imediatamente prenderam o feitor Stefano Ravaglia e outras pessoas envolvidas com o triste episódio, determinadas pelos militares tedescos, pois tinha havido o descumprimento à ordem que proibia o auxílio e o socorro ao casal Garibaldi. Porém, o inquérito instaurado pela polícia local, após diversos dias, esclareceu o acontecido. Foram ouvidos o médico e as demais pessoas presentes no momento da morte de Anita, que safaram-se de uma condenação argumentando que tinham praticado um ato humanitário, dando guarida a uma doente, enferma, o fizeram sem indagar a identidade da moribunda. Foi um gesto católico, e pela prática desta caridade não poderiam ser condenados. Quanto ao fato de darem proteção a Garibaldi não lhes puderam ser imputada a pena desobediência, pois o mesmo demorou-se por pouco mais de uma hora, tendo sido retirado do local momentos após a morte da companheira.

Ao final, prevaleceram o bom senso e a justiça; veio a absolvição dos implicados. Não houve crime de estrangulamento. O cadáver de "mulher desconhecida" era o de Anita Garibaldi. Morreu grávida, de morte natural. Houve apenas ocultamento de cadáver, que naquelas circunstâncias foi encarada como sendo por razões justificáveis, assumidos pelos que

humanitariamente envolveram-se, ou acabaram sendo envolvidos pelos trágicos acontecimentos.

Sobre a doença que deu causa à morte de Anita, muitas dúvidas ainda hoje restam. O Dr. Pietro Nannini, atestou que a vitimou "*grave febre perrniciosa*" e mais adiante referiu-se a uma "*Febre terciária simples*" . Antes de chegar a Roma, tinha passado por Maremma, que havia sofrido uma invasão de anófeles, insetos que transmsitem a malária. Naqueles dias, diversos soldados foram vitimados por esta doença. A tuberculose, lesão pulmonar, congestão intestinal e tifo das montanhas foram outras *causas mortis* atribuídas por diversos estudiosos e pesquisadores. As evidências, entretanto, apontam para o impaludismo.

SEGUNDO SEPULTAMENTO DE ANITA
No dia 11 de agosto, após a autópsia, embora em adiantado estado de decomposição, o Juiz encarregado do inquérito, ainda desconhecendo a identidade do cadáver, chamou o padre Burzatti e confiou-lhe o cadáver de Anita. Estava despido e duplamente mutilado pela ação dos animais e pela ação do bisturi da necropsia. Imediatamente o padre solicitou autorização do Bispo para o enterro dos restos mortais da "mulher desconhecida" no cemitério local, localizado nos fundos da Igreja de Mandriolle. Devidamente autorizado, foram realizadas as exéquias e sepultado em cova simples, com uma cruz de madeira.

TERCEIRO SEPULTAMENTO DE ANITA
Dez anos após, ainda era grande a peregrinação que a população fazia ao cemitério para reverenciar à memória da heroína. Exaltando-se novamente os ânimos da população contra o Papa, alguns garibaldinos remanescentes, liderados por Francesco Manetti, alguns dos quais tiveram participação e colaboraram para o êxito da *trafila*, seqüestraram os restos mortais de Anita, colocando-os em uma urna, sepultando-a escondida, em lugar seguro. Tinham o receio de que a sepultura fosse violada pelos adversários da unidade italiana, para serem dispersados e impedir que seus despojos fossem usados para reacender o sentimento unitário italiano.

QUARTO SEPULTAMENTO DE ANITA
Algumas semanas após, descoberto o seqüestro indevido, o padre Francesco Burzatti envidou esforços para recuperar os restos mortais, no que logrou êxito, tendo recebido em devolução a féretra caixa, mediante a promessa de enterrá-los no interior da Igreja, ao lado do altar. A promessa foi efetivamente cumprida.

QUINTO SEPULTAMENTO DE ANITA
Em 22 de setembro de 1859, tão logo voltou de seu longo exílio, Giuseppe Garibaldi, acompanhado pelos filhos Menotti, Riciotti e Teresita, esteve em Mandriolle e novamente desenterrou os restos mortais da Heroína, fazendo-lhe um cortejo fúnebre, com o intuito de conduzi-los para serem sepultos em Nizza, junto a sua mãe, que havia falecido em 1852. No caminho, uma verdadeira consagração garibaldina em romaria cívica, passou por diversas cidades, parando-se para homenagens e exaltações diante de seus restos

mortais nas cidades de Ravena, Bolonha, Livorno, Gênova e Nizza. Com este cortejo fúnebre Garibaldi atingiu dois propósitos: pagou a promessa feita à memória de Anita no dia de seu falecimento, além de motivar e exaltar as populações por onde passou a retomarem e prosseguirem com a interrompida luta pela unidade italiana.

SEXTO SEPULTAMENTO DE ANITA
A cidade de Nizza e região foram transferidas aos domínio da França, em pagamento dos empréstimo de guerra que este País tinha feito à Itália, durante o segundo período da campanha da unificação. Sob o domínio francês, Nizza passou a ser conhecida como Nice, fazendo com que Anita ficasse sepulta em território francês. Em 1931, por solicitação do Governo de Mussolini, a França consentiu no traslado dos restos mortais para Roma. Como as obras da Praça Anita Garibaldi, no Gianículo, ainda não estavam pronto para recebê-la, foi transportada e sepultada provisoriamente para Gênova, junto ao Cemitério de Staglieno.

SETIMO SEPULTAMENTO DE ANITA
Finalmente, em 2 de junho de 1932, estando concluído o monumento erigido em sua memória no Gianículo, o Governo Italiano para lá a transportou, patrocinando e promovendo um gigantesco traslado, transformado em um dos maiores atos cívicos da história da Jovem Itália. Até a presente data seus despojos ali encontram-se.

FOTO 25: GIANÍCOLO COM MUSSOLINI

Trinta e três anos após, em 2 de junho de 1882, em uma sexta-feira, faleceu José Garibaldi, às 18:22 horas, na Ilha de Caprera - na Sardenha, Itália, com honras de herói. Ali mesmo foi sepultado!

(96)- ANITA GARIBALDI O PERFIL DE UMA HEROINA BRASILEIRA - WOLFANG L. RAU

** ***************

FOTOS COLORIDAS:

FOTO 26: PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA CATARINENSE - CARPES
FOTO 27: A FILHA ROSITA
FOTO 28: TUMULO DE GARIBALDI EM CAPRERA
FOTO 29: TRANSPORTANDO OS LANCHÕES - ZUMBLICK

FOTO 30: BATALHA NAVAL DE LAGUNA -ZUMBLICK
FOTO 31: BATALHA DE IMBITUBA - ZUMBLICK
FOTO 32: FUGA PARA O SUL - ZUMBLICK
FOTO 33: ANITA ENFERMEIRA - ZUMBLICK
FOTO 34: ANITA TENTANDO SAIR DO CERCO - ZUMBLICK
FOTO 35: ANITA A PROCURA DE GARIBALDI- ZUMBLICK
FOTO 36: FUGA DE ANITA COM SEU FILHO - ZUMBLICK
FOTO 37: ANITA E GARIBALDI PARTEM PARA O URUGUAI - CARPES

TRANSCRIÇÃO DA PETIÇÃO, PARECER DO MINISTERIO PUBLICO E SENTENÇA JUDICIAL QUE RECONHECEU A NATURALIDADE LAGUNENSE E A NACIONALIDADE BRASILEIRA DE ANITA GARIBALDI, AUTORIZANDO O REGISTRO TARDIO DE SEU NASCIMENTO

A PETIÇÃO INICIAL

O processo judicial que requereu e obteve autorização para efetivação do registro de nascimento tardio de Ana Maria de Jesus Ribeiro, , foi distribuído ao Forum de Laguna (SC) em data de 18-02-98, sendo autuado sob número 040.98.000395-4. A petição inicial continha a seguinte narrativa e fundamentação :

EXMO. SR. DR. JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DE LAGUNA – SC

***CAMARA MUNICIPAL DE LAGUNA**, pessoa jurídica de direito público que representa o Poder Legislativo Municipal da Cidade de Laguna –SC, neste ato representada por seu Presidente (docs. 01/04, anexos); **UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL,** pessoa jurídica de direito privado, estabelecida na rua José Acácio Moreira 787, em Tubarão – SC, inscrita no CGCMF sob n. 86.445.293/0001-36, com sede e foro na cidade de Tubarão, neste ato representada por seu Reitor (docs.05/07, anexos); **ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE LAGUNA**, sociedade civil, estabelecida na rua Raulino Horn, 370 – 1º andar, inscrita no CGC sob n. 83.711.895/0001-08, neste ato representada por seu presidente (docs. 08/09, anexos); **SINDICATO DO COMERCIO ATACADISTA E VAREJISTA DE LAGUNA**, sociedade civil estabelecida na rua Raulino Horn, 370 – 1º andar, nesta cidade de Laguna, inscrita no CGCMF sob n. 80.961.261/0001-07, neste ato representado por seu Presidente (docs. 10/11, anexos); **ROTARY REPUBLICA JULIANA**, sociedade civil de direito privado, estabelecida junto ao Clube Blondin, no Centro, nesta cidade de Laguna, neste ato representada por seu Presidente (doc. 12, anexo); **ROTARY CLUBE DE LAGUNA,** sociedade civil de direito privado, estabelecida na Praça Lyons Club Internacional, junto ao Laguna Praia Clube, no Mar Grosso, nesta cidade de Laguna, neste ato representada por seu Presidente (doc.13, anexo); **LIONS CLUBE DE LAGUNA** sociedade civil de direito privado, estabelecida no Centro de Laguna, junto ao Clube Blondin, nesta cidade de Laguna, inscrita no CGCMF sob n. 83.263.418/0001-19, neste ato representada por seu Presidente (docs. 14/15, anexos); **LOJA MAÇONICA REPUBLICA JULIANA,** sociedade civil, com sede na rua Voluntário Benevides, 254, nesta cidade de Laguna, neste ato representada por seu Venerável (doc. 16, anexo); **LOJA MAÇONICA TORDESILHAS No. 53**, sociedade civil de direito privado, estabelecida na área portuária do Porto de Laguna, nesta cidade de Laguna, neste ato representada por seu Venerável (doc.17, anexo); **LOJA MAÇONICA FRATERNIDADE LAGUNENSE No. 10,** sociedade civil estabelecida na rua Voluntário Benevides 254, neste ato representada por seu Venerável (doc. 18, anexo); **LOJA MAÇONICA REGENERAÇÃO LAGUNENSE,** sociedade civil estabelecida na área portuária do Porto de Laguna, neste ato representada por seu Venerável (doc. 19, anexo) e a **SUBSECÇÃO DE LAGUNA DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL**, estabelecida junto ao prédio do Fórum desta Comarca, neste ato representada por seu Presidente (docs. 20/21, anexos), vêm, respeitosamente, por seus advogados abaixo-assinados, conforme instrumentos de procurações já referidos, estabelecidos profissionalmente nesta cidade de Laguna, com o objetivo de restabelecer fato histórico, transformando-o em fato jurídico, que envolve os mais amplos interesses da comunidade catarinense e o resgate de importante capítulo da história brasileira, vêm, respeitosamente, propor a presente **justificação judicial,** sem caracter contencioso, pelos fatos e fundamentos que passam a expor:*

As AA., inicialmente, querem consignar que, por representarem a quase unanimidade dos diversos segmentos sociais que integram a comunidade lagunense, legitimam-se em solicitar a presente prestação jurisdicional, posto que o objeto deste feito é de interesse comum.

1.0.- OS FATOS:

1.1.- A história oficial de diversos países, entre os quais destacam-se a Itália, a Áustria, a França, a Suíça, o Uruguai, a Argentina e o Brasil, consigna e registra a presença de personagem épica, que por sua participação em diversas revoluções e conflitos bélicos ocorridos em países de continentes distintos no século passado, outorgaram à ANITA GARIBALDI o honroso título de "HEROINA DE DOIS MUNDOS".

1.2.- Em sua homenagem ergueram-se centenas de monumentos, nas mais diversas cidades deste Planeta, ora em louvor a bravura e coragem demonstrada durante os combates em que participou, ora como gratidão de povos pelo seu ideal de defesa e liberdade dos oprimidos, e ora por ter protagonizado o maior romance épico que a humanidade já conheceu, que lhe perpetuou o nome, juntamente com seu companheiro GIUSEPPE GARIBALDI.

1.3.- Quer seja sobre os aspectos bélicos, históricos, românticos, ou outros, um incontável número de escritores de quase todos os países do mundo, dedicaram ensaios, livros e tratados, hoje catalogados em mais de duas mil e quinhentas obras escritas e publicadas em dezenas de línguas.

1.4.- Em diversas cidades de alguns países, como por exemplo o Uruguai, a Itália, a Iugoslávia, o Brasil e outros, foram formadas "associações garibaldinas", que têm o escopo de pesquisarem e cultuarem seus feitos, memórias e ideais de liberdade e justiça.

1.5.- Pelo seu extraordinário volume, impossível seria aqui documentar todos os registros e publicações, aferindo a importância que a epopéia de ANITA GARIBALDI representa para a humanidade e principalmente para a história brasileira.

1.6.- É fato conhecido que os pesquisadores e historiadores, ao escreverem sobre os personagens de fatos épicos, o fazem iniciando pela origem familiar de seus heróis, descrevendo minuciosamente sua ancestralidade, natividade e nacionalidade.

1.7.- No caso de ANITA GARIBALDI, cujo nome de nascimento era ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, mudado que foi após seu casamento com GIUSEPPE GARIBALDI, acontecido em 26 de março de 1842, na Paróquia de S. Francisco de Assis, na cidade de Montevidéu – Uruguai (documento n. 22, anexo por fotocópia devidamente autenticada), no que pesem os esforços de renomados pesquisadores e historiadores, até a presente data não foi logrado obter o registro de seu ato de nascimento, quer seja civil, ou mesmo o registro religioso de seu batismo.

1.8.- Mundialmente conhecido e festejado como o maior biógrafo de ANITA GARIBALDI, o historiador WOLFGANG LUDWIG RAU, de nacionalidade alemã, nacionalizado brasileiro, dedicou boa parte de sua vida a pesquisar e viajar por todos os países e cidades por onde

GIUSEPPE e ANITA GARIBALDI passaram, buscando documentos e estudando os fatos que envolveram a vida desta heroína. Por seus trabalhos o Município de Laguna outorgou-lhe o título de "Cidadão Lagunense". O Governo de Santa Catarina o condecorou com a Medalha do "Mérito Anita Garibaldi". Foi ainda homenageado por instituições internacionais como a Federazione Garibaldini, com sede em Bolonha – Itália; pela Associazione Nazionale Veterani e Reduci Garibaldini, com sede em Roma – Itália; pela Fratellanza Garibaldina Emilia Romana, de Bologna – Itália; pelo International Institute of Garibaldian Studies de Sarasota – USA; Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, de Florianópolis – SC, além de diversas outras importantes entidades culturais. Recebeu títulos e medalhas, destacando-se a comenda do "Mérite Interallié", de Nice – França; comenda com o grau de "Cavaleiro da Ordine al Merito della República Italiana" em Roma – Itália; medalha do "Mérito da República de San Marino", além de diversas outras que lhe foram tributadas, tudo em reconhecimento a sua seriedade e grandiosidade dedicada ao trabalho desta sua pesquisa histórica desenvolvida.

1.9.- Como resultado deste inestimável serviço prestado durante anos, WOLFGANG LUDWIG RAU escreveu e editou sete livros, cujas capa e contracapas encontram-se aqui fotocopiados (docs. 23/75, anexos, devidamente autenticados):

- *"ANITA GARIBALDI – O PERFIL DE UMA HEROINA BRASILEIRA", obra com 526 páginas, editada em 1975, pela Editora Edeme em Florianópolis – SC;*

- *"VIDA E MORTE DE JOSE A ANITA GARIBALDI" – obra ilustrada, editada pela Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina em 1989;*

- *"A HEROÍNA ANITA GARIBALDI – UMA REVELAÇÃO FARROUPILHA EM TERRITÓRIO CATARINENSE " obra ilustrada, editada em 1986, pela Editora Elbert Indústria Gráfica Ltda., de Florianópolis – SC ;*

- *"AS SUCESSORAS DE ANITA GARIBALDI" obra ilustrada, editada em 1987 pela Editora Elbert Industria Gráfica Ltda., de Florianópolis – SC ;*

- *"ONDE NASCEU A LAGUNENSE ANITA GARIBALDI", obra ilustrada, editada em 1983 pela editora Edeme, de Florianópolis- SC ;*

- *"CRONOLOGIA DE GIUSEPPE E ANITA GARIBALDI 1807-1882" – Florianópolis, Editado pelo Conselho Estadual de Cultura – IOESC ;*

- *"ANITA GARIBALDI – RESUMO BIOGRAFICO DA HEROINA BRASILEIRA"- Florianópolis, 1989 – Editada pelo autor e impressa pela Elbert Industria Gráfica.*

1.10.- Toda pesquisa histórica e o trabalho literário desenvolvidos, transformaram WOLFANG LUDWIG RAU na maior fonte de informação para todos àqueles que buscam subsídios detalhados para escreverem e publicaram novas obras, ou àqueles que simplesmente desejam conhecer esta página da história do século passado.

1.11.- Fruto de exaustas pesquisas, o persistente autor logrou reconstituir a árvore genealógica de ANITA GARIBALDI, desde gerações anteriores até os seus descendentes de hoje, cuja cópia encontra-se anexada a estes autos (documentos n.76, anexo).

1.12.- Pela genealogia pesquisada, logrou-se conhecer que a mãe de ANITA GARIBALDI chama-se MARIA ANTONIA DE JESUS ANTUNES, nascida na cidade de Lages, neste Estado, filha do casal SALVADOR ANTUNES, natural de Sorocaba- SP e de QUITERIA MARIA DE SOUZA, natural da Ilha de S. Miguel, dos Açores- Portugal.

1.13.- Pelo lado paterno, ANITA GARIBALDI era filha de BENTO RIBEIRO DA SILVA, natural de S. José dos Pinhais – PR, que por sua vez era filho de MANOEL COLAÇO e ANGELA MARIA DA SILVA.

1.14.- BENTO RIBEIRO DA SILVA e MARIA ANTONIA DE JESUS ANTUNES casaram-se em 15 de junho de 1815, na cidade de Lages, onde nasceram seus dois primeiros filhos. Após, o casal mudou-se para a localidade de Morrinhos, onde nasceu, então, a filha ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, mais tarde conhecida como ANITA GARIBALDI. O casal teve, após, outros sete filhos. De um total de dez filhos, o escritor WOLFGANG LUDWIG RAU e todos os pesquisadores da história não lograram obter os registros de nascimento de três filhos deste casal, entre eles o de ANA MARIA DE JESUS RIBEITO, a ANITA.

1.15.- Detendo-se demoradamente sobre este assunto em sua obra "ANITA GARIBALDI – O PERFIL DE UMA HEROINA BRASILEIRA" (editada em 1975, pela Editora Lunardelli em Florianópolis – SC), na página 39, o historiador afirma (docs.36/39, anexos):

> *"Consta que ele, Bento Ribeiro da Silva, conhecido em todas as cercanias de Lages como Chico Bentão, ou simplesmente Bentão, era "um latagão corpulento e disposto", e politiqueiro. Casado com Maria Antônia de Jesus (Antunes), mais conhecida pelo nome de Maria Bento, foi morar na serra abaixo por volta de 1816, levando consigo, provavelmente, algum filho ou filha lageanos. Após várias mudanças de residência na região, a família fixou-se à margem do Rio Tubarão (Rio Seco), no Rincão de Morrinhos, minúsculo povoado a seis quilômetros da Freguesia de Tubarão. Não é impossível que , temporariamente, a família de Bentão tenha voltado com ele à Lages,*

*retornando depois à beira mar. Isto justificaria parcialmente a disparidade e a aparente falta de lógica nos registros de batizados dos filhos: uns em Lages, outros em Laguna, com datas desencontradas. Bento e Antônia, pais de Anita, casaram em Lages em 1815, e já em 1816 batizaram na Laguna a filha Felicidade ! ... ora, de qualquer forma o autor pode comprovar insofismável – e trabalhosamente! – terem havido nove irmãos de Anita Garibaldi: Felicidade, Manoela, Manoel, Sicília, Francisco, Bernardina, Antônia, João e Salvador. Os documentos comprovadores transcrevemos em sua íntegra em páginas seguintes: ... **Não havendo no Brasil, a época abrangida por este trabalho, Registro Civil como conhecemos hoje em dia**, os padres católicos, ou melhor, os vigários das paróquias, - às vezes muito grandes em extensão territorial, - tomavam a si a louvável tarefa dos registros de batizado, de casamento e de óbito. Usavam uma sistemática padronizada e uma terminologia estável. A data do batismo era anotada; a do nascimento propriamente, somente em casos esporádicos. Dada a falta de sacerdotes, às vezes o batismo era realizado muito depois de nascida a criança e até em lugares distantes pelo padre visitador.Este, possivelmente, registrasse o batismo como sido feito na sede da paróquia, mais preocupado com a perfeição religiosa do que com o rigor das circunscrições geográficas. ... No decorrer de século e meio, alguns livros de registros se perderam. A umidade, o cupim e algum descuido destruíram muitos dados preciosos: não há seqüência nos arquivos mantidos zelosamente pelas cúrias episcopais modernas, onde padres secretários, dedicados, se esforçam permanentemente para completá-los, lastimando, inclusive, que alguns livros de registros permaneçam em mãos de particulares anônimos, impossibilitando a pesquisa histórica completa ... A respeito do exato lugar de nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, - Anita, - há entre os historiadores várias divergências, divergências estas que ultimamente (1973) originaram verdadeiras polêmicas entre Laguna e Tubarão. Voz predominante é, sem dúvida, a que indica a pequena localidade de Morrinhos, a sudeste da hoje crescida cidade de Tubarão... Seguindo também outra corrente de historiadores, entre eles o respeitável lagunense Professor Rubens Ulyssea, visitamos também a localidade denominada Mirim, ao norte do sistema dos lagos de Laguna. Ali também, a cerca de meio quilômetro ao sul da Praça, indo pela estrada estadual, encontram-se duas elevações chamadas "Morrinhos"; também ali nos mostraram um "chão de casa", onde Anita, menina, morou, - dizem uns; e outros afirmam que ali nasceu. ... O saldo positivo das especulações em torno do lugar de nascimento será sempre o mesmo. Ana Maria de Jesus Ribeiro – Anita do Bentão, - **Anita Garibaldi, é natural da região dos lagos da cidade de Laguna, no Sul Catarinense.***

1.16.- A afirmação com que culmina a narrativa, dando Laguna como cidade natal de ANITA GARIBALDI, prende-se ao fato de que a época de seu nascimento, ou seja, em 1821, Tubarão, então conhecido como Poço Grande, era o quinto distrito de Laguna. Somente em 27 de maio

de 1870 é que a então Freguesia de Tubarão desmembrou-se do Município de Laguna, passando a ser considerado como Município de Tubarão. Estes fatos históricos estão registrados na página 70 do livro "HISTORIAS DE TUBARÃO – DAS ORIGENS AO SECULO XX, escrita por Amádio Vettoretti e editado pela Prefeitura Municipal de Tubarão em 1992. (docs. 77/79, xerox anexos, autenticados), onde pode-se ler no doc.79:

> *"Em 27 de maio de 1870, a Assembléia Legislativa Provincial decretou e o Presidente da Província sancionou a Lei 635,* ***que desmembrava de Laguna as freguesias de Tubarão e de Araranguá, formando um Município denominado "do Tubarão ...".*** *"*

1.17.- Portanto, mesmo que ANITA tenha nascido na localidade de Morrinhos, hoje pertencente a cidade de Tubarão, e como Tubarão, á época era distrito e estava jurisdicionada ao Município de Laguna, conclui-se que ***ANITA GARIBALDI era lagunense*** *.*

1.18.- WOLFGANG L. RAU, na sua já citada obra, na página 60 (doc. 44-a, anexo) , nos revela que foi perdido um dos livros de Registros da Paroquia de Laguna, onde poderia estar registrado o nascimento ou o batismo de ANITA GARIBALDI, pois este único livro faltante interrompe a cronologia de datas, datas estas que abrangem o seu ano de nascimento: 1821:

> *"Trabalhosamente estabelecida por nós a seqüência cronológica de Livros de Registros referente a Laguna e a Lages, certificamo-nos simultânea e finalmente uma verdade****: somente falta o livro de Laguna que abrange o período de 1820 a 1824, incluindo justamente a época do nascimento de Anita*** *e possivelmente mais algum ou alguns irmãos. ... O registro de batismo de Anita, porém, que a há anos procuramos exaustivamente, esse também em Lages não o encontramos ... "*

1.19.- Conforme aqui já referido, e historicamente conhecido, os atos nupciais de ANA DE JESUS RIBEIRO com GIUSEPPE GARIBALDI foram celebrados em Montevidéu, no Uruguai, na data de 26 de março de 1842, na Paróquia de São Francisco de Assis, conforme fotocópia de documento histórico (doc 22, anexo), firmado pelos nubentes, na presença da autoridade eclesiástica e das testemunhas da época.

1.20.- Os documentos que foram emitidos e firmados por ocasião deste matrimônio, foram objetos de outra obra de WOLFGANG L. RAU, denominado "ONDE NASCEU A LAGUNENSE ANITA GARIBALDI, obra ilustrada, editada em 1983 pela editora Edeme, de Florianópolis – SC, que ora está juntado ao feito (docs. 59/75, anexos por originais), estando assim redigido na página 8 (docs. 63-v a 65, anexos)

> *"Meu arquivo oferece a prova documental para o segundo e forte argumento, a favor de Anita Garibaldi* ***lagunense*** *: são as "ATAS ANTE-NUPCIAIS" de Garibaldi em Montevidéu, as quais descobri, manuseei, fotografei e analisei "in loco" em 1968, publicando-as, em*

*sua íntegra e em fac-símile, pela primeira vez em toda a imensa literatura histórico garibaldina existente (1975). Nestas "Atas Ante-Nupciais, José Garibaldi, desejando casar com Anita, para dar encaminhamento aos papéis junto à Paróquia de São Francisco de Assis, em 1842, e sob número 149, declarou e assinou perante a autoridade eclesiástica textualmente: "**tenho determinado tomar estado de matrimônio com Dona Ana Maria de Jesus natural de Laguna no Brasil.**" Garibaldi casou em 26 de março de 1842 com Anita **lagunense.** ... Todavia, há mais. Por ocasião do 1º Cinqüentenário da Morte de Giuseppe Garibaldi em 1932, uma Comissão Real do Governo Italiano recebeu a árdua incumbência de reunir e publicar em Edição nacional., "As Memórias , os Escritos e os Discursos Políticos e Militares de Giuseppe Garibaldi". A Comissão Real de nove membros de alto nível, sob a Presidência de Salvatore Di Marzo, e incluindo um neto de Garibaldi e Anita, o General Ezio Garibaldi, publicou em Bolonha, no decorrer de 1932 a 1937, uma respeitável obra de seis volumes, contendo 3030 páginas e centenas de ilustrações e fac-símiles de documentos e manuscritos de Garibaldi... Giuseppe Garibaldi escreveu cristalino, todo um capítulo especial dedicado à sua Anita, mãe de seus filhos, dividido em três períodos cronológicos, nele erguendo-lhe em definitivo um monumento de dignidade, amor e admiração. ... No primeiro volume, às páginas 363, lemos o que Giuseppe Garibaldi, ele próprio, no início do seu capítulo intitulado ANITA GARIBALDI, escreveu textualment**e**: "In Morrinhos (stabilimento sulla sponda sinistra del fiume Tubarão, distretto della Laguna e privincia di Santa Catterina nel Brasile) nacque l'impareggiabile donna, da onesta famiglia ... – (**Em Morrinhos, estabelecimento sobre a margem esquerda do Rio Tubarão, distrito de Laguna e Província de Santa Catarina no Brasil, nasceu a incomparável dona, de honesta família ...)"** Creio que pouco ou nada há para acrescentar ! Quem deseja desmentir Garibaldi ? Dize-lo irresponsável ou mal informado ? Ele foi um homem leal e honesto; seus Escritos tem que ser levados em consideração! "*

1.21.- WOLFGANG L. RAU, finaliza seus escritos, afirmando (doc. 65, anexo):

"Eis, pois, aqui – data venia – a minha fundamentada opinião pessoal:
ANITA GARIBALDI é filha de Laguna ! "

1.22.- Outro fato que demonstra claramente a nacionalidade e naturalidade de Anita Garibaldi, é a declaração que, juntamente com seu esposo e companheiro Giuseppe, firmaram quando, na cidade de Montevidéo, no Uruguai, em data de 23 de março de 1843, batizaram seu filho DOMINGOS, que há mais de dois anos havia nascido na cidade de Mostardas, no Brasil. Por ocasião deste batismo a Paróquia de São Francisco de Assis, em Montevidéu, Uruguai, emitiu uma Certidão de Batismo (doc.80, anexo por fotocópia autenticada), onde a certa altura narra em espanhol, que, por sua similaridade e fácil compreensão, dispensa tradução:

"... bautizó solennemente a un parvulo que le puso por nombre DOMINGO, de dos años de edad, hijo legítimo de D. José Garibaldi, natural de Itália e de Doña Ana Ribeiro, natural de Santa Catarina. ..."

1.23.- Com o historiador WOLFGANG L. RAU, fazem coro centenas de outros colegas seus, alguns estrangeiros, outros brasileiros, dentre estes catarinenses proeminentes, ainda vivos, como por exemplo o ex-desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina Dr. Norberto Ungaretti que manifestando-se sobre a naturalidade de Anita, assim sentenciou (doc. 67, anexo):

"Julgamos oportuno assinalar que, tendo sido seu berço em Tubarão, em Lages ou na Laguna, foi nesta última cidade que Anita Garibaldi nasceu para a história, tendo ali vivido os gloriosos começos da sua saga amorosa e da sua vida guerreira ... E se sabe da própria Anita Garibaldi, do seu sentimento, do seu coração, é que era lagunense, pois declarou-se nascida na Laguna quando do seu casamento com Garibaldi, em Montevidéu. Se ela não o era e assim se dizia, e porque como tal se considerava ..."

1.24.- O escritor, historiador e ex-ministro do Governo de Getúlio Vargas, LINDOLFO COLLOR, em sua obra "GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS" (4ª. edição publicada pela Fundação Paulo do Couto e Silva, de Porto Alegre, em 1989- docs.81/83, anexos), afirma a fls. 241 (doc. 82, anexo por xerox autenticado) que:

"Em Morrinhos nasceram mais três filhos do casal. ***Ana****, Salvador e Bernardo, os dois últimos falecidos em tenra idade ..."*

1.25.- IVAN BORIS e MINO MILANI, o último jornalista italiano, considerado um dos maiores historiadores e conhecedores da epopéia garibaldina, em seu livro, "ANITA GARIBALDI – VITA E MORTE DI ANA MARIA DE JESUS", (docs. 84/86, anexos por xerox autenticados), cuja obra foi publicada e impressa em italiano, em 1995 pela Camunia Editrice, de Milan – Itália (ainda não traduzido para português), assim iniciam sua obra, a página 5 (doc. 85, anexo):

"Anita Garibaldi nacque nel 1820 o nel 1821 (il suo certificato de nascita non è mai stato trovato) a Morrinhos, nel Turabào, allora appartenente al distretto di Laguna, in Brasile" (Traduzindo: Anita Garibaldi nasceu no ano de 1820 ou no ano de 1821 (sua certidão de nascimento nunca foi encontrada) em Morrinhos, Tubarão, ***distrito pertencente à Laguna, no Brasil****)*

1.26.- O estudioso tubaronense WALTER ZUMBLICK, de saudosa memória, também aprofundou-se no assunto e como fruto deste trabalho, escreveu o livro "ANINHA DO BENTÃO", editado pela Prefeitura Municipal de Tubarão (docs. 86/92, anexos por xerox autenticados), onde nas páginas 15 e 16 (docs.89/90, anexos), afirma"

"Com referência à data e local do nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, há uma afirmativa interessante, proferida pelo então deputado federal Octacílio Costa, representante do Estado de Santa Catarina na Câmara dos Deputados, em 04 de agosto de 1949, data do transcurso do primeiro centenário da morte da nossa heroína: "na localidade de Morrinhos, outrora Município de Tubarão, em 30 de agosto de 1821, nasceu Anita, etc ..."

... Outro informante, o militar e historiador General Leite de Castro, também assim garantiu quanto a data de nascimento de Ana Maria : 30/08/1821 ... Anotemos porém, este precioso parecer histórico, partido de uma autoridade incontestável, que foi o historiador José Boiteux. Publicou ele, no ano de 1912, no Rio de Janeiro e transcrita no jornal O Lápis no mesmo ano, em Tubarão, uma ligeira biografia de Ana Maria, onde em determinado trecho há a seguinte afirmativa: "natural do Lugar Morrinhos, na proximidade da hoje cidade do Tubarão, pertencente, à data do seu nascimento à comarca de Laguna, etc. "... "

1.27.- O historiador padre gaúcho JOAO LEONIR DALL'ALBA, autor de diversas obras sobre nossa história (docs. 93/94, anexos por fotocópia autenticada) engrossa o coro dos que entoam a naturalidade lagunense de Anita Garibaldi, o que também fazem e afirmam renomados historiadores nacionais, tais como SAUL ULYSSEA (docs.95/98, anexos por cópias autênticas), OSVALDO CABRAL (docs.99/103, anexos autenticados), ANSELMO AMARAL (docs.104/106, anexos), VALENTIN VALENTE (docs.104/106, anexos) GERSON BRASIL, ALFREDO VARELLA, ANDRE RIBARD, ROCHA POMBO, BAPTISTA PEREIRA, WALTER SPALDING e ELMA SANT'ANA (docs.107/109, anexos) são apenas um pequena parcela dos inúmeros historiadores brasileiros que dedicaram seu precioso tempo e concluem pela mesma naturalidade de Anita Garibaldi.

1.28.- A nível internacional, destacam-se incontáveis autores e historiadores, todos a defender a mesma linha de raciocínio, o que pode ser constatado verificando-se os escritos de ALEXANDRE DUMAS (docs.110/ 112, anexos por cópias autenticadas), HENRIQUE BOITEUX (docs. 113/114 – fotocópias autenticas), LUCIO LAMI (docs. 115/124, anexos, também por fotocópias autenticas), IVAN BORIS e MINO MILANI (docs. 125/128, anexos por cópias autenticadas), além de diversos outros renomados autores internacionais, que limitamo-nos a cita-los, tais como ANTHONY P. CAMPANELLA, ARSENE ISABELLE, IVAN BORIS, ENRICO CORADINI, GIUSEPPE GUERZONI e LUIGI PALOMBA.

2.- OS FUNDAMENTOS

2.1.- Como inseriu-se, notória figura da história universal, ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, a ANITA GARIBALDI, tem a sua naturalidade lagunense e nacionalidade brasileira reconhecida por incontável

número de historiadores, estudiosos, escritores e outro infinito número de admiradores, granjeados ao longo de um período de mais de um século.

2.2.- No entanto, como já demonstrado e provado, inexiste a transcrição de seu nascimento, quer seja por ato notarial ou mesmo religioso, que permita afirmar-se juridicamente a sua naturalidade e nacionalidade. Ou melhor, em termos jurídicos sequer podemos afirmar que ANITA GARIBALDI existiu, posto que ausente o ato jurídico que lhe daria legitimidade para ser admitida sua própria existência, o que nos leva a crer que ***estamos diante de um grande paradoxo: a historia canta em verso e prosa a maior heroína brasileira, mas, legalmente, a mesma não existiu ! ! !***

2.3.- Não há como negar a importância e a necessidade de ser praticado este ato, que a história está a exigir, quer seja para resgatar definitivamente esta secular lacuna, que muitas vezes dificultou o aprofundamento das pesquisas até então feitas e aqui demonstradas, quer seja para dar vida jurídica a esta relevante personagem histórica, cuja existência não pode ser negada.

2.4.- Por outro lado, conhecida sua genealogia, é necessário estabelecer o liame jurídico que está interrompido entre seus descendentes e ascendentes.

3.0.- O REQUERIMENTO

3.1.- Assim, comprovado o pleito, conforme já demonstrado, resta tão somente, fulcrado no art. 861, do CPC, requerem que V. Exa. aceite o presente pedido de JUSTIFICAÇÃO JUDICAL, determinando, após seu convencimento, que seja procedida a averbação, por mandado a ser expedido ao Cartório do Registro Civil desta Comarca de Laguna, onde deverá ser lavrado o assentamento de seu nascimento inserindo-se os demais dados abaixo:

> ***"ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, nascida em 30 de agosto de 1821, na cidade de Laguna - SC, filha legítima de Bento Ribeiro da Silva, natural de São José dos Pinhais – PR e de Maria Antônia De Jesus Antunes, natural de Lages -SC, sendo avós paternos Manoel Colaço e Angela Maria da Silva e avós maternos Salvador Antunes e Quitéria Maria de Souza".***

Protesta provar o alegado por todos os meios de prova em direito admitido, especialmente pela prova testemunhal, cujo rol será oportunamente oferecido a serem ouvidas em audiência de justificação, se assim V. Exa. entender necessário. Junta os documentos e dá à presente ação, para efeitos fiscais, o valor de R$500,00 (quinhentos reais).

P. Deferimento.

Laguna, 12 de fevereiro de 1998

p.p. (ass)
ADILCIO CADORIN
p.p. (ass)
MAURICIO D.M. ZANOTELLI
p.p. (ass)
VILMAR SUTIL DA ROSA

PARECER DO MINISTERIO PUBLICO

Após a tramitação inicial, o processo foi remetido ao DD. Promotor de Justiça Dr. Ruy Vladimir Soares de Souza , representante do Ministério Público, que em 18-11-1998, exarou o seguinte parecer:

"*MINISTERIO PUBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA*
Autos n. 98.000395-4
Justificação Judicial REGISTRO DE NASCIMENTO TARDIO
Requerentes CAMARA MUNICIPAL DE LAGUN/A E OUTROS.
MM. JUIZ:
Por iniciativa do ilustrado Doutor Adílcio Cadorin, combativo advogado militante nesta Comarca, expressivos segmentos sociais da comunidade, secundados pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, interpuseram a presente JUSTIFICAÇÃO JUDICIAL, sem caráter contencioso, com o propósito de ver reconhecido o nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro "Anita Garibaldi".
Para tanto, em alentado arrazoado discorrem o nascimento e morte de Ana Maria de Jesus Ribeiro Anita Garibaldi, trazendo a colação histórias de outros países em casos que guardam similitude com o presente feito, no qual

juntaram (fls. e fls.) escritos de renomados historiadores versando sobre os fatos a serem justificados onde ponteia o insigne historiad e biógrafo Wolfgang Ludwig Rau.

Em análise perfunctória, com muita propriedade o Doutor Juiz Maurício Fabiano Mortari, como impulso inicial empreendido ao feito se deteve, inicialmente, na averiguação da existência ou não dos pressupostos processuais com o fito de se convencer da ocorrência da validade das condições da ação. Velando pela regularidade do feito, sua competência se fez brotar quando da analise do juizo de admissibilidade disse que, dentre as condições da ação a legitimidade dos autores se torna inconversível, ademais lembrou também que só o interessado pelo registro poderá requerer sua efetivação com as exceções contidas no E.C.A. - por iniciativa do Ministério Público ou do Juiz. No entretanto, na mesma esteira de raciocínio disse não poder ficar alheio a excepcionalidade do pedido posto que os requerentes pretendem o suprimento judicial para resgatarem um direito de um vulto da história nacional - "Anita Garibaldi- e o pedido transcendem aos interesses da comunidade lagunense e de eventuais descendentes ou herdeiros tendo a pretensão conotações de interesses difusos em seu sentido peculiar, logo admitiu a legitimação das entidades autoras, assim bem como enxergou o interesse de agir e a possibilidade jurídica do pedido. No que pese o Ministério Público não ter tomado ciência do impulso oficial determinado 'às fis.141, letra "c"- (como sempre o cartório nos esqueceu (sic) resta-nos analisarmos o feito em sua essencialidade vez que pormenores formais restaram superados. Analisando o feito, então, constatamos o cumprimento das providências determinadas. Assim é que, entendemos, data vênia, o pleito é de ser agasalhada porquanto as argumentações trazidas a colação nos enchem de certeza de que realmente Ana Maria de Jesus Ribeiro, "Anita Garibaldi", nasceu em Laguna(SC). Examinando, minuciosamente, os documentos acostados, às fls. 36 nos deparamos com xerocópia da certidão de casamento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, "Anita Garibaldi, evento realizado no Uruguai, mais precisamente na Paróquia de San Francisco de Assis, em Montevidéu, documento este regularmente traduzido (presumivelmente as fis.169) onde na qualificação de Ana Maria de Jesus Ribeiro, "Anita Garibaldi", declarou-se natural de Laguna em Brasil (grifamos). Corroborando com esta certeza o consagrado biógrafo Wolfgang Ludwig Rau deu-se ao trabalho, criteriosíssimo, de elaborar, pelos idos de 1974 uma tábua genealógica (fis.76) onde se lê que Ana Maria de Jesus Ribeiro, "Anita Garibaldi, nasceu em nossa plaga. Mais ainda, às fis.79 encontramos xerocópia autenticada da certidão de batismo de Domingo, filho de José Garibaldi e Ana Maria de Jesus Ribeiro, "Anita Garibaldi, ela natural de Santa Catarina (grifo nosso) documento este traduzido (fis.170, presumivelmente). 0 mundialmente consagrado Alexandre Dumas em sua obra intitulada "GARIBALDI in Sud América (Dalle Memorie di G. Garibaldi)" afirma as páginas 87, que Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu em 1821 em Morrinhos na cidade de Laguna (fis.1131116), assim sendo podemos concluir, sem sombra de dúvidas, que Ana Maria de Jesus Ribeiro, "Anita Garibaldi" nasceu em Laguna, nesta Comarca, destarte é de ser reconhecido o presente pedido de Justificação Judicial para o fim a que se propõe, via de conseqüência determinando-se os registros e/ou averbações conforme os dados que constam às fls. 15.

E o parecer.

Laguna(SC) 18 de Novembro de 1998.
RUY VLADIMIR SOARES DE SOUSA
Promotor de Justiça"

SETENÇA JUDICIAL

Em 05-12-98, após os procedimentos legais, o DD Juíz de Direito da 1ª Vara Civil, Dr. Maurício Fabianno Mortari, proferiu a seguinte sentença:

"ESTADO DE SANTA CATARINA
PODER JUDICIARIO

COMARCA DE LAGUNA - la VARA
AÇÃO DE REGISTRO DE NASCIMENTO TARDIO N.040.98.000395-4
AUTOR: CAMARA MUNICI1PAL DE LAGUNA E OUTROS
Vistos, etc ...
A CÂMARA MUNICIPAL DE LAGUNA, UNIVERSIDADE -DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE LAGUNA, SINDICATO DO COMÉRCIO ATACADISTA E VAREJISTA DE LAGUNA, ROTARY REPUBLICA JULIANA., ROTARY CLUBE DE LAGUNA., LIONS, CLUBE DE LAGUNA, LOJA MAÇONICA REPUBLICA JULIANA, LOJA MAÇONICA TORDESILHAS, LOJA MAÇONICA FRATERNIDADE LAGUNENSE., LOJA MAÇONICA REGENERAÇÃO LAGUNENSE E SUBSECÇÃO DE LAGUNA DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL a qualificados na inicial e sendo entidades representativas da sociedade de Laguna e Tubarão, ingressaram com a presente Ação de Justificação Judicial, com a finalidade de proceder o registro tardio de nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, com os seguintes dados:
- Ana Maria de Jesus Ribeiro, nascida em 30 de agosto de 1821, na cidade de Laguna-SC, filha de Bento Ribeiro da Silva, natural de São José dos Pinhais - PR e de Maria Antônia de Jesus Antunes,
natural de Lages - SC, sendo avós paternos Manoel. Colaço e Angela Maria da Silva e avós matemos Salvador Antunes e Quitéria Maria de Souza.
Desfilam uma série de fatos para destacar os feitos de Anita Garibaldi, bem assim fazem uma detida retrospectiva histórica desde o seu nascimento até a sua morte,- concluindo-se de tudo que foi estudado acerca de Anita, que esta nasceu na Comarca de Laguna, mais precisamente no local denominado "Rincão dos Morrinhos', cujo território hoje está inserido na Comarca de Tubarão.
Por fim, sustentam que apesar de toda a importância que Anita Garibaldi representa para a história nacional, esta legalmente inexiste,, em face de não haver registro de seu nascimento.
Pretendem, portanto, o provimento judicial no sentido de que o registro civil seja efetuado.
A inicial veio acompanhada de farta documentação.
Pelo despacho de fis. 135/141, restou reconhecida a legitimidade dos autores, assim como a existência dos pressupostos processuais.
A íntegra do despacho foi publicado no Diário da Justiça (fis. 148) e em jornais de grande circulação (fis. 154 e 160), não tendo havido nenhum recurso contra o ato decisório.
Em vista da existência de documentos lavrados em língua estrangeira, 'nomeou-se perito oficial para proceder a tradução, o que veio a ocorrer às fis. 169/170.
Manifestando no feito, o Ministério Público não requereu nenhuma outra diligência, por entender provados os fatos noticiados pelos autores. Desse modo, em abalizado arrazoado de fis. 172/175, opinou pela procedência do pedido inicial.
Após, vieram-me os autos conclusos para decisão.
RELATADOS, PASSO A DECIDIR..
A matéria abordada no processo, prescinde da produção de outras provas, pelo que passo ao seu exame. Cumpre salientar, de inicio, que a questão relativa à legitimidade das entidades que ingressaram com o pedido já restou

analisada pelo despacho de fis. 135/141, contra o qual não se movimentou nenhum recurso.

Na oportunidade, deixei clara a especificidade do pedido, bem assim a sua natureza histórica e social, o que faz surgir o que se convencionou chamar na doutrina especializada de direitos ou interesses difusos. Tais direitos, segundo entende-se, merecem instrumentos processuais diferenciados para a sua proteção, o que vem alargando o conceito de legitimidade ad causam.

Apenas para relembrar, veja-se o que antes consignei, embasado nas lições precisas de Wílson de Souza Campos Batalha e Ada Pelegrini Grinover:

"A locução "difusos", tem um sentido peculiar: o de indistintos, indeterminados.

Os interesses difusos, - e a lição aqui é do renomado WILSON DE SOUZA CAMPOS BATALHA - "são os que interessam indiretamente a toda comunidade, como os relacionados com a proteção do meio ambiente, como os relacionados com a poluição ambiental, com a defesa da ecologia, com a defesa do patrimônio histórico (Lei 7347, de 24.7.85) e com a defesa dos consumidores (Constituição, ant 5º .XXXII) e dos investidores do mercado contra a poluição financeira (Lei n. 7913, de 7.12.89)" (Direito Processual das Coletividades e dos Grupos, Editora LTR, São Paulo, 1991, pág. 40).

Interesses coletivos, ressalte-se de outro lado, são aqueles interesses que afetam a todos os que integram a coletividade, e não apenas a alguns integrantes específicos da mesma coletividade, como sói ocorrer na hipótese in juditio, onde a figura histórica envolvida transcende aos interesses individuais de eventuais descendentes ou herdeiros.

. . .

Como se pretende o registro de nascimento de um vulto da história nacional - e até internacional, dados os feitos de Anita na Itália -, temos como possível admitir a legitimação dos autores para o fim pretendido. Demais disso, mesmo com a publicação dos editais para o conhecimento dar amplo conhecimento da existência da presente ação, temos que não houve nenhuma manifestação contrária ao pedido.

. . .

Vencida esta questão, é importante esclarecer que o art. 50, da Lei dos Registros Públicos (Lei 6015/73), impõe a obrigatoriedade de registro de todos os nascimentos ocorridos em território nacional, estabelecendo a mesma norma legal, os prazos para tanto.

Ao menos desavisado, poderia surgir o questionamento acerca da aplicabilidade da citada lei ao caso em análise, mormente se considerarmos que pelos registros históricos Anita nasceu por volta do ano de 182 1,quando inexistia tal obrigatoriedade.

No entanto, a mesma lei dá solução ao problema, quando prevê em seu art. 50, § 4º que: "É facultado aos nascidos anteriormente à obrigatoriedade do registro civil requerer, isentos de multa, a inscrição de seu nascimento.

Com muita propriedade, WALTER CENEVIVA, ao comentar a referida disposição, leciona:

"O art. 4º é disposição de caracter transitório. Há de ser raro existir quem possa alegar nascimento anterior a obrigatoriedade do registro civil, não o tendo feito anteriormente . 1º de janeiro de 1879 é a data aceita, desde o Decreto 116/39, para caracterizar o princípio da registralidade obrigatória". (Lei dos Registros Públicos Comentada, 10ª ed., Saraiva, 1995, p. 110).

Pois bem, ao que parece temos um caso raro para ser analisado, pois quando do nascimento de Anita, inexistia a obrigatoriedade do registro civil. Tanto é assim, que nenhum registro de seu nascimento foi localizado.
À época, segundo noticiado na inicial, os nascimentos eram registrados pela igreja, ato este normalmente vinculado ao sacramento do batismo. Como os registros religiosos não foram localizados na diocese local - por terem se perdido, justamente os relativos ao período de nascimento de Anita, ficou o nascimento deste vulto histórico sem nenhuma anotação.
Daí a necessidade e a possibilidade da efetivação do registro tardio de nascimento, o que vem amparado pelo art. 52, § 20 - da -Lei n. 6.015/73 que, in casu, deve ser interpretado com o já citado art. 50, § 0, do mesmo diploma legal.
Com efeito, sendo possível o registro tardio e facultando a lei que ele seja feito mesmo para aqueles nascimentos ocorridos anteriormente a 1879,- temos que o pedido também encontra conforto na norma legal, bastando agora analisar se restaram provados os fatos, no que pertine ao nascimento de Anita, em especial quanto a data e local.
Como se disse acima, não há qualquer registro seja oficial ou não, acerca do nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, mas conhecida como Anita Garibaldi. Isto ocorre, conforme salientado pelo historiador WOLFGAND L. RAU, porque o livro religioso correspondente à época de nascimento de Anita não foi encontrado, inobstante as inúmeras buscas efetuadas.
Salientou o referido historiador: "Trabalhosamente estabelecida por nós uma seqüência cronológica de Livros de Registro referente a Laguna e a Lages, certificamo-nos simultânea e finalmente uma verdade- somente falta o livro de Laguna que abrange o período de 1820 a 1824, incluindo justamente a época de nascimento de Anita e possivelmente mais alguns irmãos (...) 0 registro de batismo de Anita, porém, que há anos procuramos exaustivamente, esse também em Lages não o encontramos...." (Anita Garibaldi, Ia ed., Ed. Lunardeli, 1975, p. 60).
A partir disso, estabeleceu-se entre os historiadores uma verdadeira celeuma acerca do exato local de nascimento de Anita, como inclusive refere o historiador WOLFGAND L.- RAU em sua obra já citada, isto na página 40.
E a divergência é justamente acerca do nascimento no Município de Laguna ou Tubarão, mormente pelo fato de haver quase unanimidade entre os especialistas que o local de nascimento de Anita está circunscrito à localidade conhecida como "Morrinhos", atualmente pertencente à Comarca de Tubarão.
LINDOLFO COLLOR, sobre a questão afirma: "0 paz de Aninha, Bento Ribeiro da Silva, latagão, corpulento e disposto, a quem chamavam de Bentão em todas as cercanias de Lages, resolvera, depois de casar-se com Maria Antonia de Jesus, natural de São Paulo, experimentar a sorte nas regiões da beira-mar. Estava cansado da vida de tropeiro. Pelas alturas de 1815 fixou-se em Morrinhos, no Tubarão, com sua mulher, mais conhecida pelo nome de Maria Bento, e três filhos Manuela, Felicidade e Francisco. Este, o menor, faleceu menino ainda. Bentão, ou Chico Bento, como também o tratavam pouco prosperou na baixada. Levou sempre vida, sendo atribulada, dificultosa. Em Morrinhos nasceram mais três filhos do casal: Ana, Salvador e Bernardo, os dois últimos falecidos em tenra idade, assim. como outro varão... " (Garibaldi e a Guerra dos Farrapos, 4ª ed. - Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989, p. 241).

Na mesma esteira de pensamento, IVAN BORIS E MINO MILANI, quando afirmam: "Anita Garibaldi nacque nel 182I (il suo certífato de nascita non é mai stato trovato) a Morrinhos, nel Tubarão, alora appartenente al distretto di Laguna, in Brasile" (Anita Garibaldi- vita e morte de Ana Maria de Jesus, 1ª Ed., Camunia, p. 5).
No mesmo sentido ALEXANDRE DUMAS (Garibaldi in Sud America, 1ª ed., Mursia, p. 87), ELMA SANTA'ANA (Menotti- 0 Garibaldi Brasileiro, Mostardas, 1995, p. 18), VALENTIM VALENTE (Anita Garibaldi, 1ª ed., Soma, 1949, p. 46), OSWALDO R. CABRAL (História de Santa Catarina 3a ed., Lunardeli, p. 106) e o já mencionado WOLFGAND L. RAU (op. cit., p. 41).
Incisivo, este último autor afirma: "0 saldo positivo das especulações em torno do lugar de nascimento será sempre o mesmo. Ana Maria de Jesus Ribeiro, - a Anita do Bentão, - Anita Garibaldi é natural da região dos lagos da cidade de Laguna, no sul catarinense" (op. cit., p. 45).
E todos os autores chegam a esta conclusão, não só embasados em relatos dos antigos moradores - os quais foram sendo colhidos ao longo do tempo -, mas também em face de alguns documentos que trazem fortes indícios neste sentido.
0 principal deles é o registro de casamento de Anita com Giuseppe Garibaldi, o qual realizou-se em Montevidéu, no dia 26 de março de 1846. A cópia do assento está às fis. 36 e a sua tradução às fis. 169. De tal documento e de sua tradução para o vernáculo, destaca-se: "No dia vinte e seis de março de mil oitocentos e quarenta e dois Zenosi Rapiazer (ilegível) tenente nesta Paróquia de San Francisco de Assis em Montevideu, autorizou o matrimônio que (ilegível) contraíu por palavras do presente José Garibaldi, natural da Itália, filho legítimo de José Dióscenigo Garuibaldi e de Rosa Raimundi, com Ana Maria de Jesus, natural de Laguna em Brasil, filha legitima de Benito Ribeiro da Silva e de Maria Antonia de Jesus, havendo o paroco e vigário geral dispensados dos (ilegível) (ilegível) e praticado o demais que preve o direito " (fis. 169).
Ora, temos uma declaração feita pela própria Anita, a confirmar o seu nascimento em Laguna, o que foi efetivado por ocasião de seu casamento. Diante de tal evidência, não seria lícito supor em contrário, especialmente porque na época de seu nascimento mesmo que considerado "Morrinhos" como sendo o local -, a "Freguesia de Tubarão" pertencia a Laguna.
-0 desmembramento de Tubarão do Município de Laguna, somente veio a ocorrer no ano de 1870, após a edição da Lei 635, a qual também desmembrou de Laguna o atual município de Araranguá. Disso decorre, que a área de abrangência de Laguna era bastante extensa, na época, indo provavelmente até a fronteira com o Estado de Rio Grande do Sul, o que abrangia, seguramente, a localidade denominada "Morrinnhos".
Ora, tendo Anita nascido em território lagunense, não seria outra a situação, que não aquela espelhada no seu registro de casamento, cuja transcrição está acima. Tendo nascido em Laguna pouco importando que fora da sede do Município -, assim declarou ao contrair matrimônio com Garibaldi
E não só isso. Já nas "Atas Ante-nupciais", Garibaldi já indicava o local de nascimento de Anita, conforme relata mas uma vez WOLFGAND L. RAU. Na oportunidade, Garibaldi afirmou: ",..tenho determinado tomar estado de matrimônio com Dona Ana Maria de Jesus natural da Laguna no Brasil" (Onde Nasceu a Lagunense: Anita Garibaldi, 1' ed., edição própria, 1982, p. 9).

Veja-se, a propósito, fotografia deste documento na página 13 da obra acima referida, a qual está anexada às fls. 75 dos autos.
E Garibaldi volta a se referir ao local de nascimento de Anita, ao escrever suas memórias, oportunidade em que consignou: "Em Morrinhos, estabelecimento sobre a margem esquerda do Rio Tubarão, d~ de Laguna e Província de Santa Catarina, nasceu a incomparável dona de honesta família" (WOLFGAND L. RAU, op. cit., p. 11).
Observa-se de forma clara, que todas as evidências fáticas apontam no sentido no nascimento de Anita em Laguna, o que levou o Desembargador Norberto U. Ungaretti, a escrever:
'Julgamos oportuno assinalar que, tendo sido seu berço em Tubarão, em Lages ou na Laguna, foi nesta última cidade que Anita Garibaldi nasceu para a história, tendo aí vivido os gloriosos começos da sua saga amorosa e da sua aventurança guerreira .. E se sabe da própria Anita Garibaldi do seu sentimento, do seu coração, é que era lagunense, pois declarou-se nascida na Laguna quando do seu casamento com Garibaldi em Mantevidéu Se ela não era e assim se dizia, é porque como tal se considerava" (WOLFGAND L. RAU, op. cit., p. 15).
Tal ato me parece induvidoso, sendo evidente a ligação histórica de Anita com Laguna, mesmo porque foi aqui que veio a conhecer Garibaldi e a partir disso, iniciou sua jornada junto a ele, não só em solo brasileiro, mas também europeu.
0 Atlas Histórico Isto é - Brasil 500 Anos, registra a seguinte passagem:
"A conquista de Laguna, SC (24-17-1839) tenta romper o cerco. Garibaldi transporta por terra os lanchões Seival e Rio Pardo, sobre rodas (92 Km), driblando o bloqueio naval legalista, e sai ao mar; perde o Rio Pardo, captura outro barco e chega a Laguna, pouco antes dos 1200 homens de Davi Canabarro (1796/1867). Os farrapos rendem dois barcos de guerra, 14 mercantes e tomam a vila. Surge em SC a "República Juliana" confederada à RioGrandense e presidida pelo Padre Vicente. Ali Garibaldi conhece Ana Maria Ribeiro da Silva - Anita Garibaldi (1819-1849), sua companheira (casaram-se em 1842). 0 gen. Andréa, vencedor da Cabanagem, nomeado presidente de SC, reúne os legalistas e ataca Laguna junta com a frota do ing" F. Mariath Canabarro se retira por terra; Garibaldi rompe o cerco naval (15-11-1839) com um só barco, após perder todos os oficiais e 2/3 da tiípulação. Anita tem aí seu batismo de fogo, manejando um canhão" (Bernardo Joffily, Atlas Histórico, 1' ed., Ed. Grupo de Comunicações Três S/A, 1997, p. 62). Vê-se dos registros históricos, que Anita conheceu Garibaldi nas terras lagunenses, e daqui partiu em luta dos ideais por eles defendidos à época, dentre os quais a própria independência desta porção do Brasil, em face do Governo Central.
Tudo caminha neste sentido, sendo que os registros históricos existentes não deixam dúvidas de que Anita Garibaldi nasceu em Laguna, o que leva à conclusão de que seu registro de nascimento deve ser lavrado como sendo ela natural deste Município e Comarca.
Pensar diferente contraria a lógica e os fatos suficientemente demonstrados ao longo do caderno processual, cuja documentação é farta para demonstrar o local de nascimento de Anita, tendo chegado a hora de pacificar tal questão e lavrar de uma vez por todas seu assento de nascimento.
Não só a lei permite que isso seja feito, como também exige a história pátria

uma definição quanto ao fato, o que seguramente abrirá novos horizontes no que diz- respeito às origens deste vulto Catarinense, também conhecida como "Heroína de Dois Mundos".
Segundo ainda os documentos coligidos ao processo, cumpre afirmar que a data de nascimento de Anita remonta aos anos de 1820 ou 1821. Mais uma vez, a existência de registros escritos dificulta absoluta precisão quanto à questão.
No entanto, relatos passados de geração em geração e registrados por historiadores, apontam 30 de agosto de 1821, como sendo o data do nascimento de Anita.
Neste sentido, WALTER ZUMBLICK, ao citar dos discursos do deputado federal Octacílio Costa e do senador Ivo d'Aquino, ambos efetuados nas respectivas casas legislativas por ocasião das comemorações do centenário da morte de Anita, em 04 de agosto de 1949.
Ambos salientaram, com respaldo em informações passadas ao longo do tempo, que o nascimento de Anita se deu em 30.08.1821. 0 Senador Ivo D'Aquino, chega a referir: "Um outro informante, o militar e historiador General Leite de Castro, também assim garantiu quanto à data do nascimento de Ana Maria. 30-08-1821" (Aninha do Bentão, 1' ed., Secretaria de Educação de Tubarão, 1980, p. 16-17).
Com isso, afigura-se possível afirmar que o nascimento de Anita ocorreu nesta data, o que é mais um elemento a constar no registro de nascimento.
Os demais elementos podem ser coletados à lapidar trabalho do historiador WOLFGAND L. RAU, que elaborou criterioso estudo genealógico de Anita Garibaldi, cujo resultado está à fls. 76.
A "árvore genealógica" inicia-se no Século XVIII com a vinda da família Antunes para Sorocaba (origem da mãe de Anita) e da família de seu pai (cuja origem é desconhecida). Sabe-se apenas que Bento nasceu em São José dos Pinhais, vindo após para Lages onde casou-se com Maria Antônia, mãe de Anita, isto em 13.06.1815.
A partir do casamento de Anita com Garibaldi foram concebidos quatro filhos (Menotti, Rosita, Teresita e Riccioti) todos nascidos em Montevidéu, os quais também tiveram filhos. 0s últimos descendentes de Garibaldi e Anita de que se tem notícia residiam nos Estados Unidos, os quais nasceram entre as décadas de 50 e 60.
Consignei estes fatos, apenas para demonstrar que o trabalho de pesquisa foi criterioso, apontando com segurança os ascendentes e descendentes de Anita.
Tal realidade, seguramente possibilitará a lavratura do assento de nascimento de Anita com dado precisos, conferindo maior certeza em ato.
Portanto, após uma detida análise da inicial e de todos os documentos trazidos ao processo, bem assim dos fatos históricos em questão - que de resto encontram-se comprovados chega-se à conclusão de que o pedido deve ser julgado procedente, a fim de que se proceda o registro tardio de nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro, historicamente conhecida como ANITA GARIBALDI.
Ante o exposto, JULGO PROCEDENTE o pedido inicial, a fim de determinar o registro de nascimento de ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, nascida em 30 de agosto de 182 1, na cidade de Laguna- SC, filha de Bento Ribeiro da Silva, natural de São José dos Pinhais-PR e de Maria Antonia de Jesus Antunes, natural de Lages-SC, sendo avós paternos Manoel Colaço e Angela Maria da

Silva e avós maternos Salvador Antunes, e Quitéria Maria de Souza, o que faço embasado, no art. 50, §4º combinado com o 52, §2º, da Lei n. 6.0l5/73.
Para dar amplo conhecimento a terceiros da presente decisão, determino a publicação de editais, com prazo de 20 dias, no Diário da Justiça, em um jornal de circulação estadual e um de circulação nacional. 0 edital deverá conter a íntegra da presente sentença.
Com o trânsito em julgado, expeça-se mandado de averbação ao Cartório do Registro Civil.
Custas ex lege. Publique-se. Registre-se.Intimem-se. Laguna-SC, 05 de dezembro de 1998.
Maurício Fabiano Mortari
Juiz de Direito da 1ª Vara Civil da Comarca de Laguna"

A CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE ANITA GARIBALDI

Finalmente, em 11-05-98, após efetuadas as publicações do edital da sentença nos jornais A Tribuna Lagunense (publicado na edição de 19-03-1999, pg. 04); Diário Catarinense (publicado na edição de 15-01-1999, pg. 24); Diário da Justiça de Santa Catarina (publicado na edição de 01-01-1999, pg. 41) e Diário da Câmara dos Deputados de Brasília (publicado na edição de 16-04-1999, pg. 77), foi emitido o mandado judicial que autorizou a averbação da sentença autorizadora do registro tardio junto ao Cartório de Registro Civil da Comarca de Laguna. Ao receber a ordem judicial em solenidade no Forum local, a sociedade civil Lagunense efetuou uma grande manifestação popular, dirigindo-se em uma grande caminhada até o Cartório, para este ato instalado simbolicamente no museu denominado Casa de Anita, onde foi cumprida a ordem judicial, lavrando-se o registro tardio e extraindo-se a Certidão de nascimento abaixo transcrita:

FOTO 38: CERTIDÃO DE NASCIMENTO
FOTOS 39: DIA 11.05.99

EPÍLOGO

Embora tenha sido considerado durante muitos anos como sendo uma mulher inculta, na verdade, após retirar-se de Laguna, Anita teve inúmeras oportunidades para adquirir cultura geral, e as aproveitou muito bem. Convivendo com pessoas cultas, literatos, jornalistas, oficiais graduados, vultos e líderes da campanha farroupilha, da independência do Uruguai e da unificação italiana, Anita impôs-se por sua forte personalidade, fazendo-se respeitar por onde quer que tenha andado.

Quase analfabeta, acultuou-se com este tipo de convivência e com os conhecimentos das leituras das diversas obras que teve oportunidade de ler. Ao falecer falava português, espanhol e italiano fluentemente. Também dominou razoavelmente o francês, além do dialeto típico do Piemonte. Sua aguçada sensibilidade com os problemas sociais da época, a tornaram precursora dos sentimentos de liberdade das populações oprimidas e excluídas; Dedicou parte e colocou em risco sua própria vida em defesa da República Catarinense, da República Riograndense, da República Uruguaia e da República Romana. Foi protagonista e guerrilheira contra as tiranias, os centralimos, a favor dos oprimidos, a favor da descentralização, a favor dos direitos das mulheres. Hoje diríamos, a favor do federalismo e da paridade de oportunidades. No Brasil, antecipou-se em meio século a implantação definitiva do regime republicano. Os movimentos pela implantação do regime republicano, alimentavam as esperanças de mudanças políticas e sociais, pois exigia o democrático exercício do poder pelo voto da população. Esta perspectiva do poder ser exercido pela livre escolha dos cidadãos, era fundamental para as mudanças que pregavam o fim dos regimes autoritários, despóticos e centralizadores remanescentes. A república, era, portanto, a forma mais imediata de combater o poder discricionário dos governantes da época. Engajada integralmente neste ideal, Anita foi o único vulto feminino da história da humanidade que lutou pelo movimento republicano em quatro países diferentes de dois continentes. Deve, portanto, ser homenageada e festejada como um dos vultos mais importantes para o Movimento Republicano. A simples referência ao seu nome, mesmo depois de morta, diante de seus restos mortais, serviu para levantar o orgulho e a coragem do povo italiano, que comandados por Garibaldi, formaram novos exércitos, consolidando definitivamente a unificação da Itália; Por ser guerreira, enfrentou e venceu as barreiras e os preconceitos sociais da época, sem no entanto abdicar e perder sua feminilidade e maternidade, colocando o amor

ao seu homem, acima de sua própria vida. Em diversos momentos, como mulher insistiu na prática das emergentes teorias da revolução francesa sobre a igualdade entre homens e mulheres. Sua personalidade meiga, seu caráter de fidelidade ao seu companheiro e aos ideais de liberdade aos oprimidos, agregados à forte e extraordinária coragem com que, como guerreira, dedicou-se aos combates, não lhe impediram de tornar-se zelosa mãe e inigualável esposa. Sua vida foi de lutas, dores e sofrimentos, sem abandonar seus ideais republicanos. Mulher sensível a dor e ao sofrimento humano, em diversas ocasiões compadeceu-se de seus inimigos feridos, servindo-os como sua enfermeira. Após os combates organizava os serviços de enfermagem mais emergentes, improvisando os primeiros socorros com os meios que dispunha. Com sua consoladora presença e amparo, aliviava as dores e o sofrimento que as lutas causavam Todos estes fatores outorgam-lhe um lugar de destaque na história da humanidade, sem paralelo, superando nomes lendários, como de Julieta, Joana D'Arc, Eva Peron, Catarina da Russia, Maria Antonieta e outras. Anita Garibaldi foi, sem dúvida alguma, uma grande e incomparável expressão feminina que nossa civilização gestou.

CRONOLOGIA DE ANITA, POR CAPITULO DESTA OBRA

CRONOLOGIA DO CAPITULO I

1773 - Construção do Caminho das Tropas - de Lages a Laguna

13.06.1815 - Casamento dos pais de Anita, em Lages.

CRONOLOGIA DO CAPITULO II

04-07-1816 - Nasce Felicidade em Laguna, a irmã mais velha.

1817 / 1820 - Nasce a irmã Manoela, provavelmente em Laguna.

30-08-1821 - Nasce ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, em 30.08.1821, em Laguna.

07-12.1822 - Batizado do irmão Manoel, em Lages.

19-09-1824 - Batizado da irmã Sissília, em Lages.

? 1825 - Nasce o irmão Francisco, em Laguna.

10-10-1826 - Nasce a irmã Bernardina, em Laguna.

13-06-1828 - Nasce a irmã Antônia, em Laguna.

25-04-1831 - Nasce o irmão João, em Laguna.

26-03-1833 - Nasce o irmão Salvador, em Laguna.

11-05-1999 - Realizado o registro tardio do nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro

CRONOLOGIA DO CAPITULO III

7.4.1831 - O Imperador D. Pedro I abdicou. O Governo Imperial passou a ser dirigido por uma Regência, em virtude da menoridade de D.

Pedro II
11. 05.1831 - Casamento da irmã Felicidade, que foi morar no Rio de Janeiro
1833 / 1835 - Faleceu Bento Ribeiro da Silva, o pai de Aninha

CRONOLOGIA DO CAPITULO IV
30.08.1835 - Casamento de Aninha com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar

CRONOLOGIA DO CAPITULO V
20-09-1835 - Eclodiu a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul
12.03.1836 - Autoridades previram ataques farroupilhas. Presidente da Província Jose Mariano ordenou que de Laguna partisse tropa para impedir a invasão de Santa Catarina.
23.03.1836 - Ministro da Justiça do Império pediu explicações sobre a pólvora que Laguna fornecia clandestinamente aos Farroupilhas.
1837/1838 - Manoel Duarte de Aguiar alistou-se no Exército Imperial e abandonou a mulher Ana Maria de Jesus Ribeiro.

CRONOLOGIA DO CAPITULO VI
04-07-1807 - Garibaldi nasceu em Nizza, na Itália
21-11-1835 - Garibaldi chegou ao Brasil
05-07-1839 - Garibaldi transportou seus navios por terra
15-07-1839 - Garibaldi naufragou com o lanchão Farroupilha nas proximidades de Araranguá.
22-07-1839 - Garibaldi desembarcou e conquistou Laguna

CRONOLOGIA DO CAPITULO VII
24-07-1839 - Aninha assistiu missa de ação de graças pela vitória dos Farroupilhas, e ali viu Garibaldi pela primeira vez.
29-07-1839 - Em Laguna foi proclamada a República Catarinense.
07-08-1839 - Foi eleito Joaquim Xavier das Neves como presidente da República Catarinense, que não assumiu o cargo. Dias após assumiu o Vice, Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro.
Agosto/1839 - Na Barra, em Laguna, Anita e Garibaldi encontram-se pela primeira vez.

CRONOLOGIA DO CAPITULO VIII
23-08-1839 - Anita embarcou no navio Rio Pardo e ali passou a viver com Garibaldi.
04-11-1839 - Anita teve seu "batismo de fogo", no Porto de Imbituba, após ter participado de outros batalhas navais nas proximidades de Santos, Paranaguá e Desterro .

CRONOLOGIA DO CAPITULO IX
10-11-1839 - Contra sua vontade, Garibaldi participou do saque de Imaruí.

15-11-1839 - Derrotados na batalha naval e terminada a República Catarinense, Anita e Garibaldi abandonaram Laguna.

CRONOLOGIA DO CAPITULO X

14-12-1839 - Batalha de Santa Vitória, próximo a Lages. Anita participou na retaguarda, auxiliando como enfermeira.
18-12-1839 - Anita, Garibaldi e Teixeira Nunes entraram triunfalmente em Lages, restabelecendo a República Catarinense.
24-12-1839 - Em Lages, Anita e Garibaldi assistiram a Missa do Galo.
12-01-1840 - Em Curitibanos, durante combate, Anita foi presa.
18-03-1840 - Anita e o Exército Republicano abandonaram a província de Santa Catarina.

CRONOLOGIA DO CAPITULO XI

MAR/1840 - Anita e o Exército Republicano estacionaram em Setembrina, atual Viamão.
03-06-1840 - Anita participou da Batalha do Taquari como assistente e enfermeira, porque foi impedida por Bento Gonçalves de lutar.

CRONOLOGIA DO CAPITULO XII

16-09-1840 - Em Mostardas(RS) nasceu Menotti, o primeiro filho de Anita
25-09-1840 - Anita foi cercada e para não ser presa fugiu a cavalo, com o filho no colo, com apenas 9 dias.
23-11-1840 - Durante um combate em Setembrina, morreu Luighi Rossetti, o literato italiano, amigo e confidente de Anita.

CRONOLOGIA DO CAPITULO XIII

3.1.1841 - Anita, Garibaldi e os farrapos iniciaram a penosa e triste travessia pela "Picada do Rio das Antas"
MAR/1841 - Anita e os republicanos chegaram a S. Gabriel, no RS
28-04-1841 - Anita, Garibaldi e o filho Menotti partiram de S. Gabriel para Montevidéu. Garibaldi desligou-se do Exército Farroupilha.

CRONOLOGIA DO CAPITULO XIV

17-06-1841 - Anita, Garibaldi e o Filho Menoti chegaram a Montevidéu
26.03.1842 - Casamento de Anita com Garibaldi em Montevidéu
30.11.1843 - Nascimento da Filha Rosita
22.03.1845 - Nascimento da Filha Terezita
23.12.1845 - Morte da Filha Rosita
08.02.1846 - Anita socorreu os feridos na Batalha de Salto
24.02.1847 - Nascimento do filho Riciotti

CRONOLOGIA DO CAPITULO XV

27.12.1847 - Partida de Anita do Uruguai para a Itália

CRONOLOGIA DO CAPITULO XVI

02-03-1848 - Anita e os Filhos chegaram em Gênova - Itália
15-04-1848 - Partida de Garibaldi do Uruguai para a Itália

CRONOLOGIA DO CAPITULO XVII

21-06-1848 - Garibaldi chegou em Nizza, na Itália, onde reencontrou-se com Anita;
09-02-1849 - Foi proclamada a República Romana
26-02-1849 - Anita chegou a Rieti, viajando de diligência.
13-04-1849 - Anita regressou a Nizza
26-06-1849 - Anita burlou o cerco e entrou em Roma para lutar pela República Romana

CRONOLOGIA DO CAPITULO XVIII

31-07-1849 - Anita e Garibaldi chegaram em San Marino.

CRONOLOGIA DO CAPITULO XIX

02-07-1849 - Anita, Garibaldi e 4700 Legionários abandonaram Roma
03-07-1849 - Garibaldi, Anita e os legionários chegaram em Tívolo.
04-07-1849 - Em Monte Retondo, Garibaldi completou 42 anos
20-07-1849 - Em Monterchi e Citerna
26-07-1849 - Em San Giustino
27-07-1849 - Em Monte Luna
28-07-1849 - Em Mercatello (neste dia morreu em Portugal o ex-rei Carlo Alberto)
29-07-1849 - Em Macerata Feltria
30-07-1849 - Em Carpegna
31-07.1849 - Em San Marino. Garibaldi dissolveu a Legião Italiana. Anita, cada vez mais enferma, rejeitou permanecer para tratar-se. Garibaldi redigiu seu histórico “Manifesto”.
01-08-1849- Garibaldi e Anita partiram de San Marino, alta madrugada.
02-08-1849 - Garibaldi e Anita chegaram a Cesenatico, hoje Porto Garibaldi.
03-08-1849 - As embarcações foram atacadas. Anita foi desembarcada em Magnavacca.
04-08-1849 - 19:45 horas - Anita faleceu na Fattoria Guiccioli, Mandriole, Ravena - Itália.
02-06-1882 - 18:22 horas- Giuseppe Garibaldi faleceu na Ilha de Caprera, na Sardenha - Itália

CRONOLOGIA DO CAPITULO XX

04-08-1849 - Anita foi sepultada pela primeira vez na Landa Pastorara
11-08-1849 - Anita foi sepultada pela segunda vez no Cemiterio de Mandriolle
? - ? - 1859 - Anita foi sepultada pela terceira vez em lugar desconhecido
? - ? - 1859 - Anita foi sepultada pela quarta vez na Igreja De Mandriole
22-09-1859 - Anita foi sepultada pela quinta vez em Nizza
? - ? - 1931 - Anita foi sepultada pela sexta vez em Genova
02-06-1932 - Anita foi sepultada pela sétima vez no Monte Gianícolo, em Roma
11-05-1999- Data em que foi realizado o registro tardio de nascimento de Anita

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

1- **AMARAL Anselmo** - Garibaldi Guerreiro Da Liberdade- - Martins Livreiro - 1983
2- **BORIS Iván E Mino Milani** - Anita Garibaldi - Vita E Morte Di Ana Maria De Jesus- - Camunia Editrice - Milano, Itália - 1995
3- **BUSATO Gualdino** - Revolução Farroupilha - - Edição Do Autor
4- **CHEUICHE Alcy -** A Guerra dos Farrapos - Habitasul - Porto Alegre - 1984
5- **COLLOR Lindolfo** - Garibaldi e a Guerra dos Farrapos - Fundaçãqo Paulo Couto Silva - Porto Alegre - 1989
6- **COSTA Licurgo** - O Continente Das Lagens- Vol. 1 - Fundação Catarinense de Cultura- Florianópolis - 1982
7- **D'AMBRA Nino** - Giuseppe Garibaldi Cento Vite In Una- - A.G.Grassi Editriche - Napoli - Italia - 1982
8- **DALL'ALBA João Leonir** -Laguna Antes De 1880-Editora Lunardelli/Udesc - Florianópolis - 1976
9- **DUMAS Alejandro** - Historia Del Heroe De Ambos Mundos - Edição Em Espanhol. (Desconhecida a editora, o ano e o local da edição)
10- **DUMAS Alessandro** - Memorie Di Giuseppe Garibaldi -Casa Editriche Sonzongno - Milano - Itália - 1927
11- **DUMAS Alexandre** - Garibaldi In Sud America - - U.Mursia & C. - Milano - 1973
12- **FAGUNDES Morivalde Calvet** - A Historia Da Revolução Farroupilha - - Educs- Caxias Do Sul - 3ª Edição - 1984
13- **GARIBALDI Anita** - Anita Garibaldi A Mulher Do General - - Martins Fonte Editora - S. Paulo - 1989;
14- **GARIBALDI Erika** - Qui Sostó Garibaldi - Schena Editore - - Fasano Di Puglia - Itália - 1989
15- **GARIBALDI Giuseppe** - Memorie - Giulio Einaudi Editore - Torino - Itália - 1975
16- **GERSON Brasil** - Garibaldi E Anita - - Editora Souza - Rio De Janeiro - 1953
17- **JOHANNY Jose** - Revista Catharinense - - Tipographia Johanny - Laguna
18- **LAMI Lucio** - Garibaldi E Anita Corsari- - Mondadori Editriche - Milano - 1991
19- **LEITMAN Spencer** - Raizes Socio Econômicas Guerra Dos Farrapos - Graal -Rio Janeiro - 1979
20- **LESSA Barbosa** - A Historia Passada Em Revista - Projeto Pró-Memória Farroupilha
21- **PIAZZA Walter F.** - A Epopéia Açorico-Madeirense 1748-1756 - - Editora Lunardelli - Editora Da Ufesc - Florianópolis- 1992
22- **RAU Wolfgang Ludwig** - Anita Garibaldi - O Perfil De Uma Heroína Brasileira- - Editora Lunardelli -Florianópolis - 1975;
23- **RAU Wolfgang Ludwig** - A Heroína Anita Garibaldi - Edição Do Autor - 1986
24- **RAU Wolfang Ludwig** - As Sucessoras De Anita Garibaldi - Edição do Autor - Florianópolis - 1987
25- **RAU Wolfgang Ludwig** - Vida E Morte De Jose E Anita Garibaldi - - Edição Do Autor - Laguna - 1989

26- REVERBEL Carlos - Luiz Rossetti: O Editor Sem Rosto - L&PM - Porto Alegre - 1996

27- RUOCO Mario - Garibaldi A Caprera - - Tognoli Editore - Livorno - Itália -

28- SANT'ANA Elma - Menotti, O Garibaldi Brasileiro - Age - Porto Alegre - 1995

29- SPALDING Walter - Farrapos - 2ª Edição - Livraria Sulina - Porto Alegre

30- ULISSÉA Rubens Publicação Comemorativa Do Centenário Da Comarca De Laguna - Grafica Santa Terezinha - Porto Alegre - 1956

31- ULISSÉA Saul - Coisas Velhas - Imprensa Oficial Estado De Santa Catarina - Florianópolis -1944

32- VETTORETTI Amádio - Historia De Tubarão - Edição Do Autor e do Município de Tubarão - Tubarão - 1992

33- VALENTE Valentin - Anita Garibaldi Heroína Por Amor - Editora Soma - S. Paulo 1949

34- ZATTI Carlos - Sul - Editora Núcleo - Curitiba - 1998

35- ZUMBLICK Walter - Aninha Do Bentão - Edição Prefeitura Municipal - Tubarão - 1980

UM AGRADECIMENTO ESPECIAL
(OBS.: **Texto para colocar na ORELHA DA CAPA, ilustrado com FOTO)**

Neste últimos cento e cinoenta anos, sobre Giuseppe Garibaldi e Anita escreveu-se mais de quinze mil obras, nos mais variados idiomas, que enfocam, principalmente, a grande figura e os fatos épicos de Giuseppe Garibaldi. Até poucos anos atrás, quase nada sabia-se de Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi, cujas origens e histórias eram tenuamente lembradas em algumas destas obras. Em 1975, o autor, quando ainda residia em Caxias do Sul -RS, foi atraído à Laguna por uma notícia que informava o lançamento da primeira obra do Prof. Wolfgang Ludwig Rau. Curioso pela história, esteve em Laguna e compreendeu a magnitude de ambas obras: a de Anita e a do Prof. Rau. Desde aquele longínquo ano, o autor concientizou-se de que o aprofundamento e a pesquisa sobre o resgate da memória e dos feitos desta grande Heroína, deveriam ter como ponto de partida àquela obra, tamanha a sua amplitude e riqueza de dados, obrigando-se a reconhecer o mérito da paciente e criteriosa pesquisa que duraram décadas o Prof. Rau dedicou a este resgate histórico. Há mais de quarenta anos, sem os meios de comunicação atuais, como um desbravador, empreendeu diversas viagens e adquiriu tudo o que tinha relação com a epopéia, subsidiado com os seus próprios recursos, sem nunca ter recebido um reembolso sequer. Percorrendo todos os difíceis caminhos por onde Anita andou, de lá recuperou dados e informações preciosas, que se não os tivesse colhido, o tempo, provavelmente, somado ao descaso pelo desconhecimento, teria sepultado as informações que hoje nos possibilitam festejar este momento, fator de decisiva contribuição para erigir uma orgulhosa cidadania catarinense. Ao Prof. Wolfgang Ludwig Rau, nossa eterna gratidão!

O autor.

O AUTOR

(**OBS.: <u>texto para colocar na ORELHA DA CONTRA-CAPA</u>)**

Adílcio Cadorin é natural de Urussanga - SC, advogado militante há quase três décadas, formado pela Universidade de Caxias do Sul, onde residiu muitos anos. Como ele mesmo define-se, é um "curioso" da história do Sul Brasileiro, com maior ênfase aos episódios da história sulista que registraram nas suas lutas contra os centralismos, por maior autonomia administrativa e política, tais como a Guerra Cisplatina, Revolução Farroupilha, a República Catarinense, a Guerra do Paraguai a Revolução Federalista, a Guerra do Contestado e a epopéia da colonização sulista. Além de ter sido o principal protagonista no processo judicial que obteve o reconhecimento da nacionalidade brasileira de Ana Maria de Jesus Ribeiro - a Anita -, fundou e atualmente é o primeiro presidente da Fundação Anita Garibaldi, em Laguna (SC), e com o apoio de diversas instituições e organizações, lidera o Movimento pelo Repatriamento dos Restos Mortais da Heroína. Com este propósito já esteve diversas vezes na Itália tratando e observando os meios e formas de concretizar esta aspiração, que entende ser instrumento para resgatar o sentimento cívico catarinense e nacional .

ADILCIO CADORIN
Av. Senador Galotti, 1000 - CEP 88.790-000 - tel/fax. 048.647 0732 - LAGUNA - SC
E-MAIL: cadorin.@tro.matrix.com.br

Material fotográfico para ilustração do Livro

FOTOS PRETO & BRANCO:

FOTO 00: **BANDEIRANTE PORTUGUES - INDIO MINUANO - GAUCHO**
Legenda**: Os bandeirantes portugueses oriundos de Laguna e os indígenas foram os principais elementos que miscigenaram-se para moldar o perfil e a cultura do tipo riograndense**

FOTO 01**: MAPA DO CAMINHO DAS TROPAS**
Legenda**: Caminho percorrido pelos tropeiros conduzindo gado de Viamão(RS) para Sorocaba (SP). Provavelmente, os pais de Anita conheceram-se no Poço Grande do Rio Tubarão, onde o avo materno habitava.**

FOTO 02: **ARVORE GENEALOGICA DE ANITA**
Legenda: **Dados obtidos graças aos estudos e pesquisas do Prof. Wolfgang Ludwig Rau**

FOTO 03: **ANINHA OUVE PREGAÇõES DO TIO ANTONIO**
Legenda: **Aninha assimila os ensinamentos da pregação reepublicana do "Tio Antonio"**

FOTO 04: **PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA RIOGRANDENSE**
Legenda :

FOTO O5: **LANCEIRO NEGRO FARROUPILHA -**
Legenda : **Os lanceiros farroupilhas usavam como arma apenas a sua longa lança, que a manuseavam com inigualável habilidade**

FOTO 06: **CASA DE ANITA - IGREJA ONDE CASOU PELA 1ª VEZ - CASA ONDE MOROU**

Legenda: **Nesta casa Anita vestiu-se e foi comemorado seu primeiro casamento. Foi transformada em museu, conhecido como Casa de Anita. A outra foto mostra a igreja matriz de Santo Antonio dos Anjos de Laguna, onde Anita casou-se pela primeira vez. A terceira foto mostra a casa onde Anita morou, na rua do Rincão, em Laguna**

FOTO 07: **GARIBALDI**
Legenda: **Fotos e pinturas de diversos momentos da vida de Giuseppe Garibaldi.**

FOTO 08: **O BARCO SEIVAL**
Legenda**: Foto de uma réplica do barco Seival, com o qual Garibaldi invadiu e tomou Laguna**

FOTO 09: **MAPA DA TRAVE SSIA DO SEIVAL**
Legenda**: o Seival e o Farroupilha atravessaram matas, campos e banhados, transportados por dois carretões, puxados por cem juntas de bois.**

FOTO 10: **NAUFRÁGIO DE GARIBALDI**
Legenda**: Próximo aos Conventos, em Araranguá, o Farroupilha naufragou, morrendo quase todos seus patriotas italianos**

FOTO 11: **ROTEIRO DO SEIVAL EM LAGUNA**
Legenda**: O Seival adentrou pela Barra do Camacho, passou pela Lagoa de Santa Marta e atingiu o Rio Tubarão, surpreendendo os navios legalistas pela sua retaguarda, que fugiram.**

FOTO 12: **ATA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA CATARINENSE**
Legenda**: Documento histórico que encontra-se no Museu Anita Garibaldi, em Laguna**

FOTO 13: **BAIA DE IMBITUBA**
Legenda**: Foto recente do Porto de Imbituba. Neste local, Anita teve seu "batismo de fogo" e revelou ao mundo a sua grande coragem**

FOTO 14: **CAPÃO DA MORTANDADE - CURITIBANOS**
Legenda**: Neste local Teixeira Nunes e seus homens foram encurralados. Anita foi presa e após procurar Garibaldi dentre os mortos, fugiu. Na foto o Prof. Gualdino Busato faz palestra *in loco* sobre Anita , aos alunos do Colégio JK**

FOTO 15: **CASA DE LAGES ONDE ANITA PEDIU "POUSO"**
Legenda**: Em Lages, nesta casa, após fugir de Curitibanos, Anita escondeu-se por uma noite. Para provar que era mulher, mostrou os seis às duas senhoras que ali residiam.**

FOTO 16: **CASA ONDE ANITA MOROU EM MOTEVIDEU**
Legenda**: Neste local, hoje transformado em museu, Anita viveu diversos anos, dando a luz a três filhos.**

FOTO 17**: CERTIDÃO DE CASAMENTO NO URUGUAI**
Legenda**: A certidão de casamento de Anita com Giuseppe foi decisiva no processo que reconheceu sua naturalidade, pois nesta ocasião ela declarou-se como sendo natural de Laguna.**

FOTO 18: **OS FILHOS DE ANITA**
Legenda**: Embora depois da morte de Anita, Giuseppe Garibaldi tenha casado mais duas vezes, apenas os filhos de Anita é que deram continuidade ao seu nome. A filha Terezita teve 16 filhos. O filho Riccioti deu-lhe mais 10 netos**.

FOTO 19: **O UNICO E VERDADEIRO RETRATO DE ANITA**
Legenda**: Segundo o filho Ricciotti, este quadro, pintado por Gaetano Gallino seria o único e verdadeiro retrato de Anita. Entretanto, quando Anita faleceu, Ricciotti ainda não tinha dois anos, o que não lhe permitiria fazer tal afirmação com absoluta certeza de que eram àqueles os traços fisionômicos de sua mãe. No Museu do Rissorgimento, em Roma, existe uma pintura de Domênico Induno, que alguns oficiais garibaldinos que conviveram com Garibaldi e Anita afirmaram por escrito ser o mais parecido com seus verdadeiros traços.**

FOTO 20: **O PADRE HUGO BASSI**
Legenda**: Pregador e ativista republicano, entre o Pe. Ugo Bassi e Anita nasceu um grande respeito e admiração. Foi a ele que Anita ditou sua última carta.**

FOTO 2 1: **A BATALHA DE ROMA**
Legenda:

FOTO 22: **SAN MARINO**
Legenda:

FOTO 23**: CASA ONDE ANITA FALECEU**
Legenda:

FOTO 24: **IGREJA DE MANDRIOLLE**
Legenda**: Nos fundos da Igreja de Mandriolle Anita foi sepultada pela Segunda vez, de onde seus restos mortais foram subtraídos. Depois retornaram e foram sepultados no interior da Igreja, ao lado do altar.**

FOTO 25: **GIANíCOLO COM MUSSOLINI**
Legenda**: Foto do sétimo sepultamento de Anita, no dia 02.06.1932, quando foi inaugurado o Monumento do Gianículo, em Roma, com a presença de Mussolini**.

FOTOS COLORIDAS:

FOTO 26: **PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA CATARINENSE**
Legenda**: Pintura a óleo do pintor lagunense Cláudio Carpes, reproduzindo a cena de proclamação da República Catarinense no prédio da Câmara de Vereadores de Laguna, hoje transformada em Museu Anita Garibaldi. .**

FOTO 27: **A FILHA ROSITA**

Legenda**: Com apenas dois anos, a filha Rosita faleceu nos braços de Anita, vítima de uma incontrolável infeção da garganta, o que provocou-lhe asfixia.**

FOTO 28: **TUMULO DE GARIBALDI EM CAPRERA**
Legenda**: Giuseppe Garibaldi está sepultado na Ilha de Caprera, próxima a Ilha de Córsega. Nas tumbas ao seu lados estão os filhos que teve com seu último casamento. Na foto, o autor reverencia sua memória.**

FOTO 29: **TRANSPORTANDO OS LANCHOES DE GARIBALDI**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick, pertencente a Secretária da Fazenda de Santa Catarina.**

FOTO 30: **BATALHA NAVAL DE LAGUNA**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick, pertencente a Newton Ramos**

FOTO 3 1: **BATALHA DE IMBITUBA**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick, pertencente a Carmem Gaidzinski**

FOTO 32: **FUGA PARA O SUL**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick,**

FOTO 33: **ANITA ENFERMEIRA**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick,**

FOTO 34: **ANITA TENTANDO SAIR DO CERCO**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick,**

FOTO 35: **ANITA A PROCURA DE GARIBALDI**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick**

FOTO 36: **FUGA DE ANITA COM SEU FILHO**
Legenda**: Pintura a óleo de Willy Zumblick, de propriedade de Túlio Zumblick**

FOTO 37: **ANITA E GARIBALDI PARTEM PARA 0 URUGUAI**
Legenda**: Anita e Garibaldi despedem-se de Bento Gonçalves e partem para o Uruguai. Pintura do artística lagunense Cláudio Carpes, de propriedade da Municipalidade de Laguna**

FOTO 38: **CERTIDÃO NASCIMENTO DE ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO - A ANITA**
Legenda**: Fac-simile da certidão de nascimento, obtida pelo autor através de procedimento judicial em 11.05.99**.

FOTOS 39: **CERIMÔNIA DO REGISTRO DE NASCIMENTO DE ANITA**
Legenda**: (<u>obs.</u> : A legenda está individualizada em cada uma das fotos)**

FOTO 40**: (<u>obs.</u>: Escolher uma foto de Anita para ilustrar a contra-capa)**